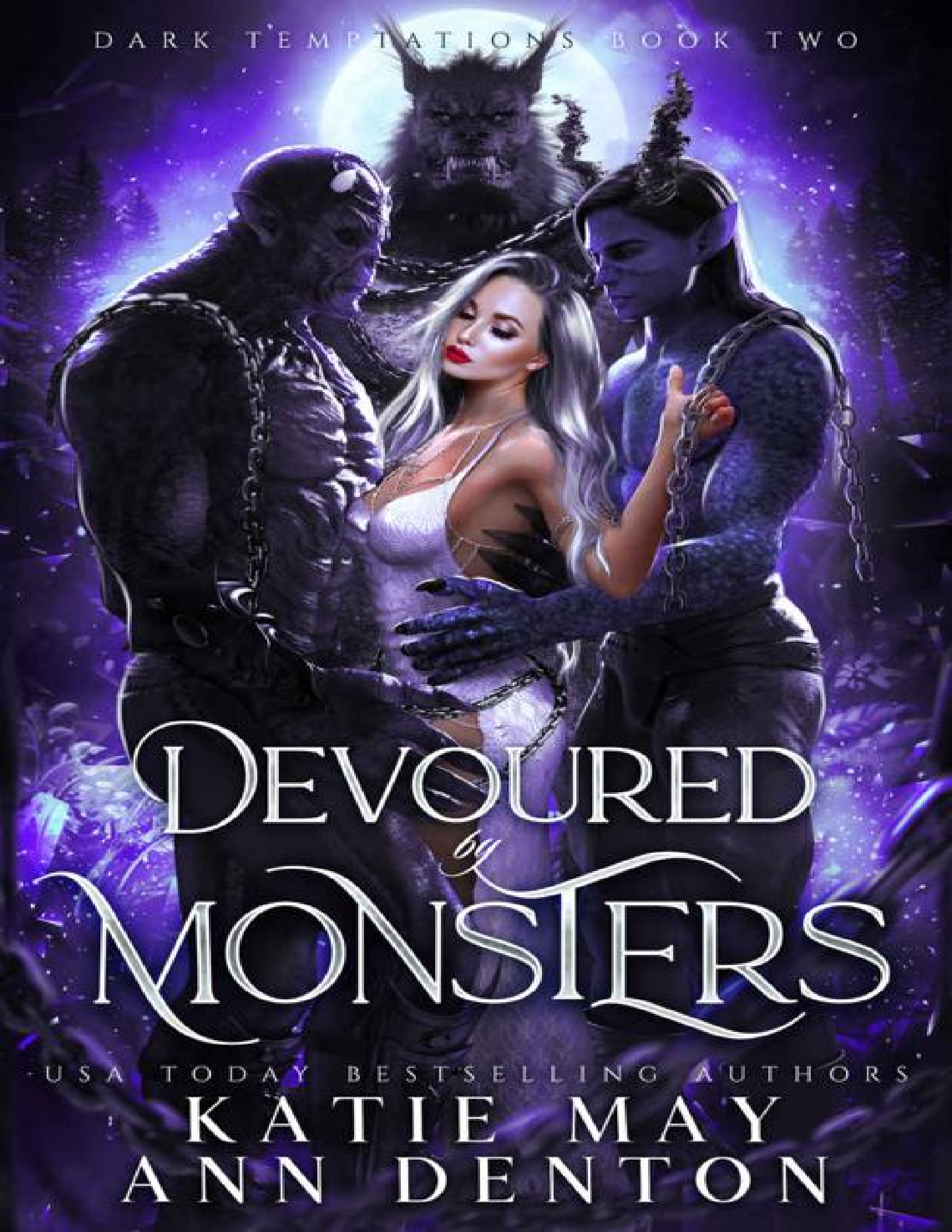


DARK TEMPTATIONS BOOK TWO



DEVoured by MONSTERS

USA TODAY BESTSELLING AUTHORS

KATIE MAY
ANN DENTON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ÍNDICE

[Sinopse](#)

[Folha de rosto](#)

[direito autoral](#)

[Dedicação](#)

[Assine nossa newsletter](#)

[Conteúdo](#)

[1. Aliana](#)

[2. O Grotesco](#)

[3. A trepadeira](#)

[4. O Homem Vazio](#)

[5. O Devorador](#)

[6. Aliana](#)

[7. Aliana](#)

[8. A trepadeira](#)

[9. O Homem Vazio](#)

[10. O Grotesco](#)

[11. Aliana](#)

[12. O Devorador](#)

[13. Aliana](#)

[14. Perseguição](#)

[15. Aliana](#)

[16. A trepadeira](#)

[17. Aliana](#)

[18. O Devorador](#)

[19. O Homem Vazio](#)

[20. Aliana](#)

[21. O Grotesco](#)

[22. O Homem Vazio](#)

[23. Aliana](#)

[24. A trepadeira](#)

[25. Aliana](#)

[26. Aliana](#)

[27. O Grotesco](#)

[Encomende o livro 3 agora!](#)

[Mais livros de Katie e Ann](#)

[Assine nossa newsletter](#)

[Agradecimentos](#)

[sobre os autores](#)

Monstros governam o mundo. E agora, eles me governam.

Depois de um atentado contra minha vida, sou salvo por um aliado improvável. Ferido, confuso e diante de emoções com as quais não sei como lidar, me agacho na casa segura de um monstro.

Mas me recuso a ficar escondido.

Com ameaças vindo de todos os ângulos, preciso aprender a confiar nos monstros que jurei odiar.

O Grotesco. O rastejante.

E então, percebo que devo salvar os monstros que me machucaram e me traíram.

O Devorador.

E infelizmente, o Homem Vazio.

Porque algo está se mexendo dentro de mim.

Algo que me diz que talvez eu não seja apenas um animal de estimação dessas feras perigosas e maliciosas.

Acho que uma parte de mim quer ser devorada pelos monstros.

Este é um romance de harém reverso com monstros protetores, possessivos e psicóticos e a mulher que todos amam. Se você gosta de seus homens um pouco perturbados e cem por cento monstruosos, de sua mulher durona e com um calor de derreter as calcinhas, então este é o livro para você. As coisas que esses monstros podem fazer com suas línguas... e garras... e chifres... e caudas...

DEVoured *by* MONSTERS

ANN DENTON
KATIE MAY

EXPRESSO PUBLISHING

Direitos autorais © 2023 Ann Denton e Katie May

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. Para obter permissão, entre em contato com o editor.

Capa de Sanja Balan em Sanja's Covers

Editora Expresso

ASIN: B0B1KNKBHT

*Para todas as mulheres que desejam poder gritar “swapsies” no quarto.
Nós temos você.*

*Além disso, essa dedicatória fará muito mais sentido depois que você ler o
que temos reservado.*



[Inscreva-se no boletim informativo de Katie May.](#)

[Junte-se ao grupo de leitores do Facebook de Katie May.](#)



**Ann
Denton**

[Inscreva-se no boletim informativo de Ann Denton](#)

[Junte-se ao grupo de leitores do Facebook de Ann Denton](#)

CONTEÚDO

1. [Aliana](#)
2. [O Grotesco](#)
3. [A trepadeira](#)
4. [O Homem Vazio](#)
5. [O Devorador](#)
6. [Aliana](#)
7. [Aliana](#)
8. [A trepadeira](#)
9. [O Homem Vazio](#)
10. [O Grotesco](#)
11. [Aliana](#)
12. [O Devorador](#)
13. [Aliana](#)
14. [Perseguição](#)
15. [Aliana](#)
16. [A trepadeira](#)
17. [Aliana](#)
18. [O Devorador](#)
19. [O Homem Vazio](#)
20. [Aliana](#)
21. [O Grotesco](#)
22. [O Homem Vazio](#)
23. [Aliana](#)
24. [A trepadeira](#)
25. [Aliana](#)
26. [Aliana](#)
27. [O Grotesco](#)

[Encomende o livro 3 agora!](#)

[Mais livros de Katie e Ann](#)

[Assine nossa newsletter](#)

[Agradecimentos](#)

[sobre os autores](#)

ALIANA



O CONHECIMENTO de que estou prestes a morrer arranca todo o fôlego dos meus lábios, roubando-o preventivamente.

Eu sempre soube que seria morto por um monstro – tendo crescido perto de Nova York depois que as línguas emergiram das sombras e devastaram o mundo humano há um século, não há mais muitos outros caminhos a seguir. Causas naturais? Que risada.

Monstros governam o Reino de Ébano e os humanos são seu alimento. Dentes estúpidos comem você, ou línguas brutais escravizam você e o transformam em marionetes antes de cortarem suas cordas.

Essa é a maneira das coisas agora.

Dada essa realidade e o fato de ser um lutador por natureza, sei que é meu destino morrer em rebelião contra esses bastardos.

Mas aqui estou eu, olhos bem fechados em um beco escuro que cheira a mijo e podridão, minhas mãos vazias – minha vassoura afiada e afiada, perdida momentos atrás – prestes a ser assassinada pela mão de um humano.

A ironia é... ele também é um monstro.

Abro os olhos quando percebo que a faca que eu esperava não cortou meu coração.

Olho para o meu suposto assassino e encontro uma de suas mãos agora segurando a outra – sua mão esquerda tentando arrancar a lâmina destinada a me matar. Um de seus olhos verde-jade está estreitado, enquanto o outro está arregalado e assustado, suas proporções esticadas de forma não natural enquanto ele literalmente entra em guerra consigo mesmo.

Chase, o humano que estava prestes a me matar, é um idiota insuportável, uma escória arrogante de homem nascido no mesmo bolsão da resistência

humana que eu era. Um loiro bonito que confiava em suas covinhas para conseguir o que queria, ele sempre foi uma pedra no meu sapato.

Mas agora? Neste exato momento, posso ter um mínimo de respeito por ele, porque ele está assumindo a língua que deslizou em seu corpo e está usando seus membros. A língua que acabou de se autodenominar meu companheiro e quer me matar para que possamos compartilhar a felicidade eterna juntos como poltergeists.

“Lute, Chase!” Eu grito, pegando a faca, mas sou rapidamente afastada.

O antebraço musculoso de Chase bate em meu nariz e me faz piscar para conter as lágrimas.

Porra. Isso dói.

Rangendo os dentes em meio à dor, penso em balançar a perna e fazer o filho da puta tropeçar, mas tenho certeza de que isso só machucaria Chase e não o Homem Vazio, o Terror que o possui.

O que posso fazer para ajudar?

Com o coração batendo forte, olho ao redor do beco em busca de armas, olhando para o corredor estreito entre dois longos edifícios que mais são esqueletos de aço do que estruturas completas. Ivy sobe nas vigas e acena atrevidamente para mim ao vento, como se as folhas tivessem plena consciência de quão inúteis são e se sentissem convencidas disso, porque isso significa que elas conseguirão viver.

Droga. Não vejo nada de útil nos alpendres de concreto quebrados que antes levavam às portas dos fundos de diferentes lojas. Também não há nada no asfalto.

A luta travada na fortaleza do Devorador atrás de nós claramente passou por aqui porque a lixeira foi jogada para o outro lado do beco perto da estrada e está de cabeça para baixo ao luar, as rodas ainda girando. Abaixo dele, um tentáculo verde esmagado exala sangue.

Nenhuma arma está à vista.

Volto-me para meu inimigo que virou amigo e meu suposto companheiro que virou inimigo. Por uma fração de segundo, a faca em sua mão gira e aponta para dentro, para o peito de Chase.

O choque me sacode como janelas balançando durante um terremoto enquanto a realidade literalmente muda sob meus pés.

Chase faria isso? O arrogante Chase se sacrificaria por mim?

Franzo a testa, mas não grito para ele parar porque não há outras armas. E com toda a honestidade, estou completamente despreparado para lutar contra um fantasma. Como você machuca um? Pelo que sei, se eu atacasse, o Homem Vazio — Em — poderia abandonar o corpo de Chase e sair voando do chão dentro de um verme da areia segundos depois. Talvez esta seja a única maneira de destruí-lo.

Então eu observo, meu coração batendo de forma irregular, enquanto o rosto de Chase se contorce e ele solta um grunhido cruel e animalesco antes de sua expressão se estabelecer no olhar cheio de luxúria que eu esperava do monstro.

Merda.

Viro-me para correr, mas ele puxa cruelmente minhas longas tranças pretas e brancas, puxando-me para trás pelos cabelos até que estou embalada contra seu peito. Um braço envolve minha cintura e nos balança de um lado para o outro, como se estivéssemos dançando, enquanto a mão com a faca a traz para traçar levemente a pele da minha garganta.

“Lindo companheiro,” Em canta, usando as cordas vocais de Chase.

Então ele me vira de volta para encará-lo. Uma fração de segundo depois, o déjà vu acontece quando ele repete o gesto anterior e balança a faca prateada brilhante sob o luar — bem no meu coração.

Sem quaisquer outros meios para lutar contra o Homem Vazio agora, desisto da ideia de proteger Chase. Eu me abaixo e bato em seu estômago, com a intenção de arrastá-lo para o chão. Mas Chase era forte como um humano, todo musculoso. Agora, possuído pelo poltergeist, sua força não é natural. Quando seus dedos envolvem minha nuca e me levantam no ar, meu coração dá um pulso.

Os pés de Chase começam a levitar, subindo do asfalto para pairar alguns centímetros acima dele, e tenho que reprimir um grito aterrorizado.

É realmente isso. Não tenho como lutar sem a gravidade para me ajudar.

Eu estou morto.

Os rostos dos meus pais flutuam na minha mente, o cabelo da minha mãe girando em torno dela como se ela estivesse flutuando, a voz suave do meu pai ecoando dentro do meu cérebro. É quase como se minha mente desligasse, consciente de que não quero lidar com essa realidade que está diante de mim, então ela está me protegendo dela.

Já participei de dezenas de lutas, a maioria delas contra monstros muito mais fortes que eu. Meu corpo nunca reagiu dessa maneira quando se trata de lutar ou fugir. Sempre fui do tipo que chuta e arranha — nunca desisto.

Não tenho certeza do que há de diferente desta vez. Será o fato de que o Homem Vazio, um verdadeiro poltergeist que atualmente habita o corpo de Chase, está me chamando de sua companheira? Será o conhecimento distorcido de que ele acredita honestamente que, ao me matar, está me salvando? Ou acabei de chegar ao fim da minha sanidade? Tem sido espalhado como chumbo grosso desde que fui capturado e leiloado para o monstro que deu o lance mais alto. Talvez seja hora de eu ceder.

Meu corpo cede pela primeira vez em anos, e a decepção inunda meu sistema logo ao lado da derrota. Terminei.

Mas isso significa que Em tem que conseguir o que quer? Devo permanecer escravo de um monstro mesmo na vida após a morte? Embora meu corpo esteja intimidado e encolhido, minha mente se rebela contra a ideia de ficar algemada por toda a eternidade.

Não acredito muito em forças místicas, mas envio um desejo fervoroso ao universo, esperando que alguma entidade o conceda: se eu for, não quero voltar.

Ele pode me obrigar? Esse Terror que habita a forma muscular de Chase pode me forçar a me tornar um fantasma?

Se eu soubesse.

"Parte de mim gostaria que não tivesse que ser assim. Mas uma parte maior de mim está tão animada por ter você só para mim, Aliana." A voz do Homem Vazio fala usando a boca de Chase, embora seus tons sejam tão diferentes quanto pele de coelho e pele de cobra.

O tom de Em desliza em meu ouvido e provoca um arrepio na minha espinha.

Respiro pela última vez em preparação, um último gole de ar, mas sinto um cheiro estranho no ar. Um cheiro úmido. Feral. Como um cachorro molhado.

Por um momento, a esperança passa pelo meu peito e eu olho para o lado. Quero desesperadamente ver o Devorador – o monstro que me escravizou e me prendeu em sua casa. O pesadelo de lobo com três metros e meio de altura é bem-vindo em comparação com o fantasma aterrorizante que enfrento.

Mas não é ele. Dev não aparece correndo na esquina do beco.

Claro que não. Ele está ocupado lutando contra os Oitos e Nove – monstros de alto nível – que atacaram sua casa e tornaram possível a tentativa do Homem Vazio de me sequestrar. Dev pode até estar morto.

Deixo de lado o quanto meu coração se contrai diante dessa possibilidade, o que é absurdo demais para ser descrito em palavras.

Em vez disso, rondo as sombras com os olhos quando avisto uma delas no chão, movendo-se rapidamente em nossa direção. Dev pode não estar aqui. Mas algo está.

Um milésimo de segundo depois, uma massa gigante de pelos voa pelo ar e atinge o lado de Chase. Ele engasga – os olhos se abrindo o máximo que podem – quando ele é derrubado. A lâmina que estava me pressionando balança para o lado, abrindo um desfiladeiro estreito na minha lateral antes de cair de suas mãos e cair no chão.

Uma pulsação aguda e brilhante faz com que manchas vermelhas brilhem nas bordas da minha visão enquanto caio no asfalto. Não tenho certeza do que é pior: a facada de fogo ou a dor pulsante e irregular nos joelhos depois de cair no chão. Tudo o que sei é que a dor eclipsa minha consciência por um momento, encapsulando-me em uma bolha pulsante de agonia.

Pisco furiosamente enquanto respiro fundo, tentando acalmar meu coração acelerado e virar a cabeça para poder compreender o que acabou de acontecer. Para que eu possa ver Chase cair no chão um metro e meio à minha esquerda e perceber que há um tigre azul-celeste gigante prendendo-o.

Fofinho.

A fera rosna para Chase, que choraminga enquanto a tigresa flexiona suas garras, cravando-as bem no meio do peito do homem.

Gostei do tigre desde o momento em que a conheci, mas agora meu carinho se transforma em algo mais parecido com amor.

“Boa garota,” eu sussurro entrecortada, sibilando enquanto minhas costelas protestam contra qualquer movimento do meu diafragma.

Porra, essas três palavras parecem ter causado a ferida novamente. Eu seguro meu corte, que está vazando grandes quantidades de sangue vermelho-escuro.

Estou tão distraído pela dor que quase não percebo quando Tesq aparece na esquina do beco.

Se ele fosse outro tipo de monstro, com poderes semelhantes aos do Creeper, talvez eu nem o tivesse notado. Como o monstro no armário, Creep é bastante hábil em se esgueirar pela noite e lançar sombras. Mas os pés grossos e de pedra de Tesq não foram feitos para sutileza. Seu corpo de gárgula é enorme e feito para intimidar, embora sua personalidade seja a mais reticente que já encontrei.

De todos os monstros que já conheci, ele é o que quase chamaria de gentil.

Ele não parece gentil, reservado ou composto agora, entretanto. Seus dentes estão à mostra sob a meia máscara que ele usa, e suas garras gigantes se fecham em punhos enquanto ele caminha em nossa direção, fazendo o chão tremer sob ele.

Não consigo distinguir toda a extensão de sua expressão por trás da máscara veneziana preta, mas a fúria que emana dele é palpável. O próprio ar fica denso com ele, tornando-o difícil de engolir.

Seus chifres brancos brilham ao luar conforme ele se aproxima.

Ele se inclina e me pega contra seu peito de pedra estriado, me esmagando contra ele. Eu derreto com seu toque duro, chocada ao descobrir que ele consegue facilmente me equilibrar com uma mão enquanto tira uma bolsa do bolso com a outra.

“Fluffy”, ele grita, e seu tigre imediatamente foge de Chase.

Tesq joga no chão a pequena bolsa de couro, que irrompe em fumaça rosa aos pés de Chase. “Esteja vinculado!”

Chase se levanta, levantando-se de forma anormal, os olhos fervendo, absolutamente lívidos. “Seu filho da puta—”

O punho de pedra de Tesq o nocauteia com um único soco.

Eu sorrio enquanto vejo suas pernas derreterem debaixo dele e sua cabeça balançar agradavelmente no chão - suspeitando que Tesq acabou de prender aquele poltergeist bastardo no corpo de um humano... fazendo exatamente o que eu não pude.

“Meu herói”, digo, apenas meio provocante, enquanto passo os braços em volta do pescoço de Tesq.

O monstro mascarado apenas me encara por um momento, como se estivesse chocado com a minha reação. Ele engole em seco e suas narinas dilatam enquanto seu aperto em mim aumenta infinitamente.

Atirar. Talvez ele esteja apenas reagindo ao cheiro do meu sangue.

Mas então ele grita, daquele seu jeito muito prolixo: “Precisamos nos esconder”.

E com isso, ele dispara para as sombras, me levando para longe da casa de Dev para o desconhecido enquanto seu tigre azul corre atrás de nós.

O GROTESCO



TÃO SUAVE, tão flexível, tão confiante.

A pequena fêmea olha para mim com olhos azuis inocentes – quase exatamente do mesmo tom do pelo radiante de Fluffy. A dor brilha nessas profundezas insondáveis, mas sufoco minha reação instintiva ao ver.

Assassinato.

Mutilar.

Destruir.

Incapacitar Em não foi suficiente. Não para mim. Quero arrancar sua cabeça dos ombros pelo que ele fez ao meu companheiro. E então quero exorcizar sua alma direto para o inferno, onde ele poderá se reunir com os outros demônios e pecadores. Imagino que ele se sentirá em casa lá.

Começo a me mover mais rápido pelos becos sinuosos, mantendo-me nas sombras escuras. Aliana faz um barulho estrangulado no fundo da garganta, e percebo que meu ritmo rápido deve ter causado seus ferimentos.

A auto-aversão guerreia com o medo em meu peito enquanto olho para seu rosto em formato de coração. Fluffy choraminga à minha esquerda e começa a bater na minha cintura, querendo ter certeza de que a mulher em meus braços está bem.

Agony franze as sobrancelhas e cria linhas proeminentes em seu rosto. Meus braços a apertam instintivamente e ela automaticamente estremece.

Eu me odeio por isso.

“Putá que pariu,” ela geme, girando para colocar as palmas das mãos sobre a ferida ao seu lado.

O sangue jorra, espesso e enjoativo, e meus olhos se fixam no ferimento. O pânico bate uma música discordante dentro da minha cabeça – vazia e claramente desafinada. Meu ritmo diminui automaticamente.

“Machucado,” eu digo. “Você está machucado pra caralho.”

Meu companheiro está ferido e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Aqui não. Não ao ar livre, onde alguém possa nos ver.

Não sei por que os Oito e Nove escolheram atacar Dev hoje, entre todos os dias — talvez a estúpida tentativa de assassinato de Em tenha algo a ver com isso —, mas sei que não podemos ficar nas ruas por muito mais tempo. Não tenho ideia de quanto tempo durará o feitiço que comprei para conter Em. E quem sabe onde Dev e Creep estão neste momento? Se ao menos Dev não fosse tão tirano...

Seu pedaço do Reino de Ébano está desmoronando agora, e aposto que é porque ele transforma todas as oportunidades de luta em uma. Os monstros sob seu controle provavelmente estão cansados dele. É por isso que seus monstros o atacaram. Meu território será muito mais seguro para ela.

E se Dev e Creep vierem procurá-la?

Não confio neles para cuidar de Aliana. Veja o que aconteceu sob o comando de Dev.

Meu trabalho.

Tem que ser meu trabalho.

O pensamento se solidifica em minha cabeça enquanto contorno um prédio que já serviu como loja de conveniência. O tempo destruiu a pintura das paredes, criando uma estranha combinação de cinza derretido e laranja brilhante. Horrível e alegre.

Assim como eu e meu companheiro.

"Onde estamos indo?" A voz de Aliana está cheia de dor – dor que ela tenta manter longe de seu rosto.

Ainda assim, suas feições não podem deixar de se transformar em uma careta e lágrimas brotam em seus olhos.

Foda-se essas lágrimas.

Eu levanto a mão para limpá-los antes de imediatamente deixá-la cair de volta ao meu lado. Muito grande. Muito nodoso. Muito... nojento.

Ela não quer que você toque nela, eu me castigo mentalmente, odiando meu corpo mais do que nunca. A textura cinza e granítica da minha pele. Minhas enormes mãos com garras. Meu rosto irregular. Os chifres enrolados saindo da minha cabeça.

Afinal, há uma razão pela qual sou chamado de Grotesco. Nem todas as lendas são verdadeiras. Você não vai literalmente desmaiar e morrer se vir meu rosto... mas minha aparência não é agradável. Nem mesmo para outros monstros. Eu não consigo nem imaginar quais pensamentos estão atualmente passando pela cabecinha bonita da minha companheira.

Amigo.

Essa palavra ainda soa tão estranha para mim. Eu nunca em um milhão de anos – e já estou aqui há muito tempo – pensei que encontraria minha companheira predestinada, mas aqui está ela. Nos meus braços. Ferido. Humano.

Um grunhido passa pelos meus lábios rachados antes que eu possa contê-lo, e um suspiro assustado escapa de Aliana. Ainda assim, ela não se afasta nem exige que eu a coloque no chão. Ela não briga comigo.

Reprimindo minha raiva crescente, enterrando-a em um cofre de aço impenetrável, concentro-me nela de uma forma que não conseguiria se ela estivesse prestando atenção em mim.

Porra, ela é linda. Tão linda que quase dói olhar diretamente para ela. Imagino que será uma sensação semelhante a ficar olhando para o sol por muito tempo, vendo os raios abrasadores queimarem suas retinas. Como pode uma criatura minúscula e inocente ser uma justaposição perfeita de vulnerabilidade frágil e força abrangente? Como seu rosto em formato de coração e suas feições inocentes podem desmentir uma mulher que eu sei ser feroz, destemida e tão teimosa?

Seus lábios são do tom mais brilhante de vermelho e contrastam muito com sua pele de porcelana. Cabelo branco entrelaçado com mechas pretas em cascata ao redor dos ombros em ondas soltas e naturais.

Meus olhos mergulham automaticamente em direção ao arco de Cupido e ao pequeno recorte diretamente acima dele. Eu quero beijar a pele ali. Esbanje-o com a atenção da minha língua. Chupe seus lábios carnudos e vermelhos—

Não! Eu rosno internamente e em voz alta, um som enfurecido que incorpora uma lasca de medo em seus olhos arregalados. Meus passos vacilam com a visão – a semente de ódio por mim mesmo dentro de mim apodrecendo – mas eu a aperto com mais força e continuo mesmo assim.

Seu idiota estúpido! Fico furioso comigo mesmo quando chego à escada íngreme que leva às linhas do metrô.

Ouvi dizer que anos atrás, antes do Reino do Ébano chegar ao poder e massacrar todos os humanos, essas ferrovias estavam cheias de humanos.

Agora, eles são apenas cascas do que já foram, assombrados por fantasmas do passado. Embora não literalmente.

Este em particular costumava ser habitado por anencéfalos – monstros de baixo escalão sem uma célula cerebral em seu nome, consumidos pelo desejo desesperado de comer carne – mas eu matei todos eles há séculos.

Sem o conhecimento dos outros monstros, é claro. Ninguém sabe sobre este lugar, apenas que a entrada é revestida com óleo de coco – uma substância que muitos monstros de nível inferior consideram desagradável. O cheiro em si é horrível para o meu nariz, mas persisto mesmo assim. O cheiro é apenas a primeira camada das defesas que coloquei em torno deste buraco subterrâneo.

Agora, as linhas de metrô são meu santuário. Ou pelo menos este é.

Contorno a plataforma de cimento, ignorando os respingos de bancos e cartazes quebrados, e pulo diretamente para os trilhos. Cascalho solto e pedrinhas rangem sob meus pés enquanto aperto Aliana com mais força, garantindo a mim e a ela que não a deixarei cair.

Eu nunca vou deixá-la cair.

O que diabos Em estava pensando?

Não é a primeira vez nos últimos minutos que quero matar o homem invencível. Fazer isso pode significar literalmente o fim da vida como a conhecemos – uma guerra cruel e selvagem entre monstros de todos os tipos e os humanos involuntários presos no meio de tudo isso – mas não me importo. Ele tentou machucar meu companheiro. *Sua* companheira.

Que desculpa ele poderia dar para justificar tal ação?

Ele realmente pensava que matá-la e, conseqüentemente, transformá-la em um fantasma como ele, a salvaria?

Essa é uma lógica fodida, até para mim.

Ainda assim, tenho que me lembrar repetidamente que ela está segura agora. Nos meus braços. Protegido.

Meu .

Deixo o pensamento possessivo de lado – o filho da puta escapou totalmente espontaneamente – e desço pelo túnel úmido e sufocante em direção a uma das salas de manutenção no meio do caminho. Quanto mais nos afastamos da entrada, mais escuro fica o túnel.

Enjoativo.

Absoluto.

Insondável.

Qualquer pesadelo poderia estar escondido nestas profundezas, e não saberíamos. Felizmente para a mulher em meus braços, não há monstro mais assustador do que aquele que a segura atualmente.

"Onde estamos indo?" Sua voz é baixa, nada mais do que um sopro sonoro, mas no silêncio ensurdecedor dos túneis abandonados do metrô, é como se ela estivesse gritando.

"Casa," eu resmungo, sem me preocupar em dar mais explicações.

Tenho mais de uma dúzia de "casas" espalhadas pela cidade... e ainda mais fora dela. Não sei por que escolhi trazê-la para este, entre todos os lugares. Não é nem o mais próximo de onde ela foi atacada.

Tudo o que sei é que Dev conseguiu me encontrar facilmente em uma de minhas outras casas. Mas este? Este está fora dos mapas há anos. Até eu às vezes esqueço que o tenho, apesar do sentimentalismo que sinto pelos objetos guardados lá dentro.

Uma pontada de ansiedade eclipsa momentaneamente minha determinação.

Eu deveria mandar essa mulher embora. Deixe que ela se defenda sozinha. Talvez até permitir que ela viaje de volta ao campo da resistência humana.

Mas não posso.

Não vai.

Recusar a.

Preciso dela.

Chegamos a uma enorme porta de aço decorada com teias de aranha perto do centro do túnel. Somente minha visão noturna aprimorada me permite vê-lo.

"Por que estamos parando?" Aliana sussurra.

Eu não respondo.

Em vez disso, mudo minha pequena companheira até que ela consiga sentar-se facilmente em um dos meus braços enormes, e então uso minha mão livre para agarrar a alça. Está enferrujado pelo tempo, a cor é mais vermelha do que prateada, mas basta um puxão com minha força primordial para que ele se abra. O som que faz é ensurdecedor. Se houvesse algum

dente nesses túneis, ele surgiria em segundos. Um tiro ricocheteando nas paredes seria menos óbvio.

Mas os túneis permanecem silenciosos – de forma quase assustadora – embora estejam repletos de tensão. Dela? Meu? Nosso?

Suponho que isso não importa.

Seguro.

Ela está segura.

Eu olho para seu rosto galante e boca sensual, sabendo que ela é incapaz de perceber minha leitura na escuridão, antes de soltar um suspiro e carregá-la para dentro. Levo apenas um segundo para encontrar o gerador que instalei há uma década. Um estranho ruído ronronante é emitido pela máquina enquanto, uma por uma, as luzes começam a piscar.

Eles assobiam e estalam e, a princípio, acho que não vão ligar. Mas leva apenas um segundo até que a sala seja iluminada por luzes brancas e cintilantes de Natal. Eles envolvem o perímetro da sala e se enrolam nas vigas baixas do teto.

“Uau,” Aliana respira enquanto eu a coloco em um dos sofás da “sala de estar” improvisada.

A dor em seu estômago foi aparentemente esquecida, eclipsada por seu espanto.

Eu me movo de um pé para o outro conscientemente, tentando ver a sala do ponto de vista dela. Dos olhos de um ser humano muito pequeno, muito inocente e muito delicado.

É como se entrássemos numa máquina do tempo e viajássemos centenas de anos no passado. O enorme espaço é uma homenagem à época em que os humanos governavam a Terra. Bandeiras de vários países decoram as paredes, cada uma delas acumulando poeira de anos de abandono. Minhas fotografias favoritas estão fixadas em um quadro próximo ao fundo da sala: o pouso na Lua em 1969, a Casa Branca quando foi construída, uma paisagem de Chicago antes de ser dizimada por uma explosão nuclear. Inferno, tenho até fotos de figuras da cultura pop como Marilyn Monroe e Abraham Lincoln.

Que pensamentos passam pela cabeça de Aliana?

Ela está pensando sobre sua história... e como monstros como eu arruinaram isso para humanos como ela?

Ela me culpa?

Mas nenhum desses pensamentos amargos sai de seus lábios carnudos. Em vez disso, ela aponta o queixo em direção a uma vitrine encostada na parede oposta e diz, trêmula: “Você tem muitas máscaras”.

Sigo a direção de seu olhar enquanto minha mão enorme e cinzenta brinca com a mão preta que esconde metade do meu rosto dela.

Adquiro uma coleção e tanto ao longo dos anos – máscaras bauta da Itália antiga, máscaras elaboradamente filigranadas de Nova Orleans, máscaras de tecido de Paris. Eles têm cores, formatos e designs diferentes, embora não me lembre da última vez que usei um em público.

Prefiro as escuras – as máscaras que lembram sombras. Escuridão. Pecado.

Optando por não responder à sua observação, corro em direção ao banheiro adjacente, pego algumas toalhas e volto.

“Você está machucada,” eu grunhi enquanto caio de joelhos diante dela.

Imediatamente alcanço a barra de sua blusa, com a intenção de tirá-la do caminho, mas paro no meio do caminho.

Ela não quer que você toque nela, seu idiota.

Porra.

Minhas mãos continuam pairando ali, sem saber o que fazer, quando ela hesitantemente agarra meus pulsos. O choque me percorre enquanto ela leva minhas mãos imóveis até a bainha de sua camisa, arrastando o material para cima no processo.

Seus olhos, encapuzados de dor como estão, ainda nunca deixam os meus enquanto ela amontoa o tecido da camisa sob os seios.

“Está tudo bem,” ela sussurra trêmula. Seus longos cílios tremulam contra suas bochechas, e uma expiração irregular e trêmula lhe escapa. “Você pode me tocar.”

Fico boquiaberto para ela, totalmente enfeitiçado por essa mulher impressionante diante de mim, e então me lembro do que eu estava tentando fazer em primeiro lugar. Baixo meu olhar para a ferida que corta sua pele pálida e me encolho com a grande quantidade de líquido vermelho pintando sua pele.

“Stitches”, murmuro, mais para mim mesmo do que para ela. “Preciso de pontos.”

Eu desvio meu olhar de sua ferida e em direção ao seu rosto doce... para ver que a inconsciência já a tomou.

Só rezo para que o sono dela seja mais tranquilo do que o pesadelo que ela vive atualmente. Um pesadelo que, infelizmente, me inclui.

Com esse pensamento em mente, coloco a toalha em sua ferida aberta e começo a meticulosa tarefa de cuidar de minha companheira.

Talvez se eu tivesse feito isso em primeiro lugar, ela não teria acabado ferida.

Uma coisa é certa: ela nunca, nunca mais, sairá da minha vista. Não tenho certeza se mereço uma companheira, mas tenho uma.

Eu morrerei por ela.

E matarei por ela se for preciso.

O CREEPER



A DOR CAUSA BOLHAS em minha pele devido a um grande corte em meu braço direito. Enquanto isso, uma flor que crescia em um dos meus chifres pende solta diante do meu olho direito.

Droga. Meus chifres – meu orgulho e alegria – provavelmente estão uma bagunça chamuscada.

Estendo a mão e arranco o pequeno botão machucado e o jogo no chão, que está cheio de partes de corpos.

Tentáculos e membros estão ao meu redor. Alguns ainda fumegam, seu sangue é tão fresco. Outros já morreram há horas, e o cheiro de repolho podre me faz apertar os lábios, mantendo a boca fechada. Os corpos dos monstros são mais pungentes que os humanos, e embora alguns monstros comam uns aos outros com facilidade... outros monstros não são do meu gosto.

Sangue?

Absolutamente.

Mas corpos crus e em decomposição? Não. Passar.

Acima de mim, o teto da casa de Dev – um museu de arte com tema de mosteiro transformado em habitat do Terror – desabou. Uma montanha de escombros se ergue entre Dev e eu, esmagando de forma útil a cobra índigo com a qual meu amigo estava lutando. Chuto a língua bifurcada da fera morta, que se desenrola como um tapete vermelho encharcado na minha frente.

"Você está vivo, filhote?" Chamo Dev com uma voz provocante enquanto tento escalar os escombros.

Ele escorrega e desliza sob meus pés, e só posso usar meu braço esquerdo para me ajudar a subir. Talvez eu precise tratar o outro braço, um pensamento que me faz desejar não ter jogado uma legião inteira de

monstros em um portal e enviá-los através do espaço para algum local desconhecido. Eu gostaria de poder descontar meu aborrecimento sobre eles da maneira que merecem.

Escaladores de classificação. Tão desagradável.

Todo mundo sempre quer ser um Dez. Ninguém quer se contentar em ser um Quatro com grande personalidade.

Fora da minha linha de visão, o Devorador rosna ao ouvir meu apelido carinhoso para ele – temperamental como sempre. Pelo menos os bastardos não morderam aquele velho filho da puta. Acho que sentiria falta dele.

Decido incentivá-lo ainda mais, só porque posso.

“Amei o que você fez com o lugar. Sempre pensei que estava um pouco escuro aqui. Mas a nova clarabóia pode ser um pouco exagerada, não acha?

Seu rosnado me faz rir. Adoro irritá-lo e é muito fácil de fazer. Mas quando chego ao topo da montanha e olho para ele, percebo que agora pode não ser o melhor momento para isso. Ele está ainda pior do que eu. Faltam manchas de seu pelo escuro, mostrando a pele escaldada e rosa brilhante. Um pedaço de sua cauda foi arrancado. E há uma linha irregular de sangue que escorre em um corte diagonal em seu rosto. Seus olhos vermelhos são a única coisa inalterada nele – eles brilham com uma ferocidade estranha e selvagem.

Minha boca se endireita em uma linha fina enquanto nós dois nos encaramos, uma conversa silenciosa passando entre nós, sua fúria se espalhando pelo ar e me contagiando.

É quase como se eu pudesse ler seus pensamentos, que gritam: *Isto não vai durar. Descobriremos quem é o responsável e faremos com que paguem – e não importa quantos inocentes morram no caminho.*

Concordo com a cabeça.

Afinal, somos monstros.

Morte e destruição estão em nossa natureza, causando estragos e aterrorizando nosso propósito.

Apenas um pequenino ser humano em todo o mundo é poupado do lado normal e cruel de nós mesmos. A garota precoce e preciosa que chamamos de nossa companheira.

“Aliana.” Dev fala o nome dela assim que começo a escanear, voltando para o quarto onde a deixei.

“Eu a coloquei lá.” Aponto com minha mão boa, e Dev anda de quatro, ainda em sua forma irregular de besta, ao redor dos blocos enquanto eu

xingo e procuro uma sombra boa o suficiente para passar por um portal em vez de descer novamente.

Não há nenhum, a não ser que eu queira enfiar a cabeça entre duas pedras e arranhar os chifres ainda mais do que estão agora. Além disso, neste momento, Dev, de três metros e meio de altura, está quase na porta. Não há razão para pressa. Ele a terá—

Um uivo atinge meus ouvidos. O tom é tão terrível quanto o grito de um ser humano partido ao meio.

Porra.

Meu pulso começa a acelerar. O uivo de Dev só pode significar uma coisa.

Algo aconteceu com Aliana.

Eu salto dos escombros para o ar, sem me importar se quebrarei meu tornozelo ao pousar (já tive ferimentos piores), desesperado para chegar até minha pequena companheira humana. Eu sibilo depois de pousar enquanto uma consciência dolorosa sobe pelos ossos das minhas pernas e acende algo feroz nos dedos dos pés. Mas deixo a sensação física de lado por uma necessidade mais urgente.

Achei que Aliana estaria segura onde a deixei ou eu nunca teria saído. Eu cometi um erro? Ela está machucada por minha causa?

Toda a dor do mundo não poderia se igualar aos desconfortáveis vermes de preocupação contorcendo-se dentro do meu estômago agora. Se algo aconteceu com meu pequeno guerreiro... eu entrarei em um portal e nunca mais sairei.

Entro no espaço onde a deixei, me aglomerando atrás de Dev, ignorando seus rosnados. Ele fica de quatro e começa a cheirar enquanto meus olhos percorrem tudo ao redor – não há sinal dela. Mas também não há sangue.

Onde ela está?

Onde está aquele machado de batalha que gosta de testar limites e jogar comigo? Uma dor aguda atinge minhas costelas enquanto imagino algum monstro engolindo-a inteira. Eu me viro, como se fosse pegá-los agora. Mas a garra de Dev envolve meu antebraço machucado, me puxando até que eu olho para ele com irritação.

"O que?"

Ele aponta um único dedo para a porta antes de sair correndo, fungando descontroladamente. Ele deve ter encontrado o cheiro dela. Corro para segui-lo, parando apenas para roubar um pedaço de teia de uma aranha

gigante. O fio sedoso é tão grosso quanto um chicote, e eu o uso como se fosse um. Se Dev descobrir o monstro que roubou nossa Aliana e o bastardo tentar fugir, vou sacudir meu pulso e pegá-los de volta com isso.

Estamos lá fora em questão de segundos, as sombras borrando todas as bordas do prédio até ficarem suaves e borradas. Logo, chegamos a um beco e quase tropeçamos em uma figura humana insignificante que está deitada imóvel no chão.

Demoro um momento para reconhecer o menino bonito, um dos novos brinquedos de Em. Mas quando estou de perto, seus cabelos dourados e olhos verdes se tornam familiares – até mesmo o olhar furioso de fúria em seu rosto parece o mesmo.

Exceto... Eu inclino minha cabeça enquanto uma enxurrada de palavrões sai da boca do humano acompanhada por um jato de saliva.

“Aquele filho da puta do Tesq! Vou transformá-lo em pó!”

Por que este humano está ameaçando um Terror? E por que Tesq e não seu dono?

O Devorador ergue uma garra peluda bem alto, pronto para varrer como uma foice a jugular do homem caído, mas eu tiro meu braço machucado e me agarro a ele.

"Espere." Eu me agacho ao lado do homem, que não rola, nem se contorce.

Nada além de seus olhos e boca são capazes de se mover.

Fascinante. Eu me pergunto se um monstro o atingiu com veneno paralisante.

Ao meu lado, Dev muda de sua forma de besta para um bastardo nu, esfarrapado e de aparência abatida. Seus brilhantes olhos vermelhos encaram o humano. "Por que você cheira como ela?"

O que?

Minha ira imediatamente volta ao lugar, a curiosidade sobre como um humano conseguiu sobreviver a essa batalha de monstros é deixada de lado.

“Seus idiotas estúpidos”, o humano sibila, mostrando os dentes, os músculos flexionando e esticando, embora ele não consiga se mover um único centímetro da rua. “Tesq me amarrou neste maldito corpo!”

Olho para Dev, tentando entender essa estranha acusação. “Tesq tem poderes vinculativos?”

Ele dá de ombros.

"Ele comprou uma poção!" Pretty Boy rosna no momento em que a estrada sob nossos pés começa a tremer. "Ele jogou em mim e roubou a garota!"

Então... Tesq está com Aliana.

Os dentes da ansiedade afrouxam o controle do meu coração. Sabendo com quem ela está, sinto imediata e inequivocamente que Aliana está segura. Tesq a comprou também – ele pode não amar os humanos, mas deu naquele leilão o mesmo que nós e nunca a destruiria.

Ela está segura. Ela está segura . Minha mente canta as palavras algumas vezes, apenas para acreditar nelas.

Uma janela se estilhaça na rua e o som chama minha atenção, fazendo minha cabeça virar. A três quarteirões de distância, o asfalto se ergue em um arco semelhante ao de um arco-íris, pedaços de rocha se espalhando pelos lados. Um verme da areia está chegando.

O humano também deve ouvir, porque seus olhos se arregalam no momento em que Dev murmura: — Uma poção?

"DEUS, DAMMIT, PICKMEUP!" As palavras do humano se juntam em um grito furioso que flutua no ar como uma flâmula.

"Porque eu faria isso?" Eu me pergunto, genuinamente curioso.

Por que me importo se esse humano preso for comido?

"Sou eu! Em!" o menino grita descontroladamente.

Dev e eu trocamos um olhar incrédulo antes que meu amigo peludo pergunte depreciativamente: "Por que Em habitaria o corpo de um humano com todos os ataques acontecendo? Por que ele quase entraria em uma briga em forma humana?"

Uma ideia de uma ideia passa por mim, uma ideia que me dá um arrepio na espinha. Mas eu não gosto disso. Não gosto de pensar por que Em poderia estar na casa de Dev. Não gosto de pensar por que ele poderia ter vestido um corpo humano atraente.

Cerro os punhos enquanto o chão treme com mais força, a fera sob o solo se aproxima, pronta para se banquetear com todos os corpos deixados para trás após essa luta. Eu não poderia me importar menos com o verme da areia.

Em está tentando se tornar a favorita de Aliana. Fazendo o que o resto de nós não consegue: tornar-se humano.

Uma pequena parte petulante de mim bate o pé e grita: "Não é justo!"

Gosto de vê-lo transar com ela... mas a versão monstruosa dele.

Não... não isso.

Se ele puder dar isso a ela... como ela vai me querer de novo?

É uma pergunta com uma resposta fácil e óbvia. Ela não vai.

Eu levanto a mão para parar Dev de onde ele está se inclinando para pegar Em. "Espere."

Dev faz uma pausa.

A terra começa a chacoalhar e os edifícios ao nosso redor gemem, as paredes já desgastadas por um século de degradação.

Tenho que abrir bem os pés para evitar cair enquanto meus quadris são empurrados em uma direção e depois em outra. "Ele tem o cheiro de Aliana nele?"

Dev assente.

"Então ele a arrastou para fora de suas paredes. Ele a trouxe aqui nesta *forma humana*" – nojo impregna meu tom – "sem qualquer proteção. E agora ela se foi."

Um uivo perfura o ar, disparando até a lua enquanto a forma bestial de Dev ressurge. Até o verme da areia para a meio metro de distância, aterrorizado com o som. Mas eu não.

Dou um sorriso cruel para Em, que está indefeso, de barriga para cima como uma barata, preso perto dos nossos pés, incapaz de se mover devido a essa poção de ligação ou o que quer que seja.

Ele pensou que iria fugir com Aliana e se tornar seu favorito? Bem, agora ele tem outra coisa vindo.

Dev pega o humano insignificante, joga-o por cima do ombro e marcha de volta para o Claustro. Corro para acompanhar suas pernas longas e peludas, mas fico fora do alcance de sua cauda, que pode realmente causar um impacto.

Seguimos um caminho familiar, e Dev dá um rosnado cruel enquanto levanta o corpo inerte de seus ombros e literalmente o joga no antigo quarto de Aliana. Ele pega as correntes do chão e as entrega para mim porque suas garras gordas são inúteis. Deslizo rapidamente as correntes pelas maçanetas das portas e tenho grande prazer em fechar o cadeado sobre elas.

Um problema é resolvido.

Agora só temos que chegar ao Tesq e convencê-lo a devolver a nossa menina.

O HOMEM VAZIO



ESSAS MALDITAS IMPUREZAS CHEIAS DE ESPINHAS!

Quando eu voltar a ser eu mesmo, eles sentirão o gosto da minha ira. Eu me contive com eles, nunca possuindo meus companheiros Terroristas depois da nossa trégua, mas agora... Agora, todas as apostas estão canceladas. Vou enfiar o rabo do Dev no próprio rabo. Vou cortar os chifres do Creeper e mergulhá-los profundamente em seus olhos, saboreando a maneira como eles estourarão e escorrerão por seu rosto. Doente-

"Porra!" Eu grito.

A patética forma humana em que estou quase vomita. Mas a poção restringe virar a cabeça desse humano insignificante, então a bile simplesmente sobe antes que eu deixe o humano estúpido tomar sua garganta novamente e engoli-la.

Ai credo.

O vômito é repelente e nunca percebi que tem um gosto amargo. Sempre saio dos corpos que possuo se exagero no álcool ou em outras substâncias, como escrotos humanos. Eu gosto de transformar as pessoas que possuo em canibais.

Ele surge novamente, esse vômito horrível.

Obtenha o controle de si mesmo! Eu ordeno o Menino Bonito.

O humano estúpido deve estar fazendo isso de propósito – há alguma ânsia de vômito que eu não conheço? Eu pensaria que minhas memórias insignificantes da minha vida humana incluiriam isso, mas, infelizmente, isso não acontece. Mal consigo me lembrar de nada sobre mim.

Pare de pensar em coisas nojentas e eu poderei parar , argumenta Pretty Boy sarcasticamente.

Ele está tentando me dar ordens? Ridículo.

Eu o empurro para dentro de sua própria mente e assumo o assento do motorista, preparada para mostrar-lhe nojento. Vou enrolar seu pau como uma concha de caracol e furá-lo com uma pena de um dos monstros de nível seis sentados na minha jaula em casa. Vou me certificar de que a ponta do pau dele esteja apontando para cima também, para que da próxima vez que esse bastardo precisar fazer xixi, ele acerte seu rosto. Eu já fiz isso antes. Com a pena vazando um veneno lento, ela cria uma urina quente, horrível e ardente.

Desta vez, o vômito sai da nossa boca como uma fonte antes de respingar de volta no nosso rosto. Sou empurrado para o lado no centro de controle bem a tempo de o humano fechar os olhos do corpo um milésimo de segundo antes de os pedaços atingirem nossas bochechas.

Isto é tudo culpa sua! ele grita, sua consciência tão enfurecida que posso realmente senti-la pulsando quente perto de mim.

Não sou eu quem controla o músculo que vomita! Eu rosno de volta, atacando sua aura.

Esse tapa parece fazê-lo tremer com a quantidade apropriada de respeito e medo, então eu me viro, forço a abertura dos olhos verde-esmeralda deste corpo e vejo se consigo persuadir algum dos membros a se mover.

Eu sacudo violentamente os músculos, mas nem um dedo mindinho se curva sob meu comando. Está congelado como se estivéssemos envoltos em gelo. Corpo humano miserável e vomitando.

Inútil!

Olho impotente para o lustre do quarto de Aliana enquanto a luz entra pelo vitral na parede oposta. Não posso arrancar os membros deste garoto e não posso sair de seu corpo. É enlouquecedor. Acho que nunca me senti tão preso desde... bem, não tenho certeza se já estive em um estrangulamento como esse antes.

Meus poderes estão estrangulados e sinto como se minha mente também estivesse sendo espremida como um limão. É terrível.

Você acha que está mal? Minha garganta queima e minha cabeça lateja, meu brinquedo humano rosna dentro da minha – nossa – cabeça.

“Foda-se sua cabeça. Espero que exploda. Se isso acontecer, então eu posso escapar,” digo em voz alta, usando seus próprios lábios, forçando-o a revirar os olhos, os únicos movimentos minúsculos que somos capazes de fazer atualmente.

“Se minha cabeça explodir, espero que você ainda esteja preso dentro do meu cadáver.” Ele arranca a boca do meu controle, o merdinha atrevido.

Como ele continua fazendo isso? Como a vontade dele é forte o suficiente para resistir a mim quando nenhum outro humano o fez antes? Ninguém jamais foi capaz de arrancar o controle enquanto eu os possuía.

Uma imagem mental flutua entre nós, brilhante e semitransparente dentro de sua cabeça. Fico mudo olhando para isso.

Aliana.

Seu cabelo com mechas brancas e pretas flui atrás dela. Aqueles lábios de cereja da bolsa dela em pensamento. Embora sua roupa seja esfarrapada - uma camiseta preta cheia de buracos e calças justas enfiadas em botas de combate - ela ainda está linda.

Posso sentir a sensação de admiração do menino emanando da imagem, suas emoções tão firmemente ligadas a ela que ele não consegue separar as duas.

Ele ama ela. Este pequeno humano patético a ama.

Em vez de sentir desdém, a curiosidade me atinge.

É isso que lhe dá o poder de revidar?

Que possibilidade interessante.

Uma reviravolta tão estranha.

No final das contas, ele amá-la é inútil, entretanto.

Quem poderia amar um humano quando poderia escolher amar um monstro?

Estou prestes a contar a ele que jornada tola ele está fazendo quando a imagem de Aliana se transforma em uma memória... uma que se desenrola na minha frente como um filme humano antiquado – do tipo que o Grotesco gosta. E estou transportado, extasiado, completamente incapaz de desviar o olhar. Eu nunca compartilhei uma visão com um humano antes, suas mentes normalmente são muito fracas para permanecerem conscientes enquanto eu uso sua pele.

Mas agora, estou arrebatado pela visão do meu companheiro.

Apesar de Aliana parecer zangada, há algo cativante nela – ou talvez seja por causa dessa raiva. Em vez de sorrir como uma presa desesperada por proteção contra monstros ou gritar de horror como uma refeição deliciosa, ela tem uma veia sombria e furiosa percorrendo-a. Isso a torna irresistível.

Na memória deste humano, ela começa a correr. Pedacos do ambiente que a cerca aparecem na memória, mas são fragmentados e esporádicos, como se

estivessem comidos por traças. Vejo árvores com buracos nos troncos, galhos que se cortam abruptamente e continuam um metro depois, um riacho que mais parece uma linha tracejada do que qualquer coisa real.

Aliana passa correndo por tudo isso, bem em nossa direção, com as mãos subindo e avançando. Aparentemente, ela deve ter empurrado esse idiota—

Meu nome é Chase! os patéticos rosnados humanos.

Eu o ignoro e prefiro observar Aliana enquanto o mundo gira em torno dela, e minha mão – nossa mão – se estende e a envolve, puxando-a para cima de nós enquanto caímos.

Instantaneamente, o ciúme ganha vida por esse garoto ter as coxas flexíveis de Aliana ao seu redor, as mãos em sua cintura esbelta - até que uma onda de luxúria permeia todo o sistema humano, e eu sou arrebatado por isso, assim como alguém seria varrido. pelo poder esmagador do oceano.

Sim, Aliana pode fazer isso com um homem – enfeitiçar. Homem ou monstro não parecem importar.

A curva suave de seu pescoço, o volume de seus lábios, o fogo em seus olhos.

O calor de seu corpo permeia a memória, o pau do garoto humano endurece enquanto uma onda de euforia nos enche. Tão bonito. Tão perto.

No momento, estou tão extasiada que nem me importo se ele a tocou no passado. Eu quero que ele se lembre de transar com ela. Quero que ele me deixe experimentar a sensação de seu pau se embainhando no calor úmido e apertado, da feliz inconsciência que vem ao entrar em uma boceta tão perfeita.

Eu não consigo meu desejo.

Algo muda na atmosfera. O ar fica mais pesado.

A versão memorizada de Aliana não abre os lábios e se inclina para um beijo. Ela não esfrega seu corpo contra o do garoto. Aqueles olhos dela se estreitam, permitindo-me apreciar o quão longos e elegantes são seus cílios pretos. Ela é uma obra de arte.

Ela é, Pretty Boy concorda.

Um fio de algo estranho me toma então, pousa em minha alma como um floco de neve, derretendo antes que eu possa vê-lo, antes que eu possa realmente identificá-lo. O coração dentro deste corpo bate mais rápido, e o rosto de Aliana falha e se transforma em um sorriso terno. Aquela sensação de antes se torna uma rajada de flocos pousando em cima de mim, uma

nevasca fria que toca dentro de mim uma corda que eu não sabia que existia.

Esse sentimento? O que é? — pergunto ao menino, sabendo que essa emoção é dele, mas tão dominada por ela que não consigo me separar.

Saudade, ele responde. Ela me odeia. Ela sempre foi tão linda. Tão incomum – com aquelas mechas brancas no cabelo. Ninguém mais tem cabelo assim. E seu olhar solene pode desnudar você até os ossos. Era enervante quando éramos jovens. Todas as crianças costumavam brincar. Ligue para a avó dela. Incluindo eu.

Meu instinto monstruoso é zombar dele, mas a emoção sopra com mais força, mais fria, carregando consigo uma tristeza gelada, o tipo de tranquilidade congelada que surge depois que a neve cobre a terra e sufoca todas as possibilidades de vida.

Ela nunca me quis, murmura Chase. Você errou ao me escolher, porque ela nunca, nem uma vez, olhou para mim do jeito que eu queria.

Uma lágrima se acumula em nosso olho direito e mancha a visão do lustre pendurado acima de nós. A emoção gelada que passa por nós congela e se transforma em uma auto-aversão mais sombria.

E eu estou lá, envolvida em cada minuto de mudança emocional com ele. Sinto todos esses sentimentos tão profundamente como se fossem meus. Algo há muito vazio nos recônditos da minha mente se agita, e eu entendo, completamente, como Chase se sente.

Desesperado.

Indigno.

Indigno.

Inamável.

Eu também me senti assim. Em algum lugar na névoa misteriosa da minha vida humana, eu me sentia exatamente da mesma maneira - porque a potência da auto-aversão e da dor honesta e crua soam verdadeiras para mim.

Presos dentro do corpo de Chase – incapazes de escapar – olhamos para a versão de Aliana que ambos desejávamos que existisse, uma versão sorridente e disposta que nos queria de volta.

E nós choramos.

O DEVORADOR



EU QUERO QUEBRAR COISAS. Crânios, edifícios, *Tesq*. Ele sabe que Aliana é minha – eu disse isso a ele quando ele tentou invadir meu covil. O fato de ele tê-la tirado de mim...

Já posso prever exatamente o que ele dirá. Ele estava tentando afastá-la da luta. Mantenha-a segura. Desculpas. Como se eu não fosse vencer.

Claro, Creep a colocou ao ar livre, onde qualquer um poderia tê-la comido. Não vi nada, exceto um cabo de vassoura próximo para protegê-la. Idiota. Ele deveria ter ficado com ela. Ela é humana e delicada e, embora finja ser feroz, é suave, muito suave. A memória de sua pele sedosa toma conta de mim e algo aperta profundamente dentro do meu peito. Um grunhido sacode minha garganta e eu cerro minhas garras, resistindo à vontade de atacar e golpeá-lo de lado.

A vontade de lutar é real, mas sei que não me levará a lugar nenhum. A adrenalina latente me deixa pronto para uivar e morder como sempre quero depois de uma briga. Nos dias anteriores a Aliana, os meus servos poderiam ter visto o peso daquela raiva. Mas agora sei que preciso me acalmar, porque tenho plena consciência de que a assusto quando libero minha parte bestial. Preciso respirar lenta e profundamente para que, quando ver minha pequena companheira novamente, sua primeira reação não seja recuar para longe de mim. Não. Quero que ela corra para meus braços.

Minha cauda balança furiosamente atrás de mim, apesar de eu tentar manter meus passos equilibrados e meus pulmões firmes. A agitação tem que escapar para algum lugar, então está claramente fluindo pela minha bunda. Mas a dor de cada passagem faz toda a parte inferior das minhas costas formigar de dor. Malditos Oitos estúpidos.

Creep parece ler meu humor e não me provoca nem pela primeira vez. E ele não faz um portal na minha frente, o que é surpreendente. Normalmente, ele faria isso. Mas o bastardo preguiçoso está usando os pés pela primeira vez, acompanhando o meu ritmo.

Ele sabe que vou matá-lo, eu percebo, e contrariando sua brincadeira habitual e seu desejo de me irritar, ele está sendo muito cuidadoso agora. Ele deve entender o quanto isso é sério e o quanto estou perto de perdê-lo, porque ele me mantém bem afastado, andando do outro lado da estrada semi-pavimentada, quase sobre os pedaços de calçada enquanto seguimos pela cidade em direção a a ponte onde Tesq finge ser algum troll em um conto de fadas humano, em vez de um dos legítimos reis dos monstros.

Enganar.

Chegamos a uma parte mais degradada da cidade, habitada por Snorbs brilhantes e esvoaçantes. Snorbs são criaturas minúsculas, aladas e prateadas. Parecem peixes, com cauda e escamas, mas suas asas os fazem vibrar como borboletas. Só que eles não são como aqueles vermes patéticos transformados em delicadas manchas coloridas. Snorbs ainda são respeitáveis e monstruosos com suas grandes presas. Eles gostam de voar até o cabelo de suas vítimas, agarrar-se a seus crânios e roer até o cérebro pegajoso e parecido com macarrão, que eles são famosos por sorver antes de sua vítima estar totalmente morta.

Eu afasto alguns dos Snorbs bobos enquanto me abaixo de um galho de árvore fino.

Olhando por cima, mal consigo ver a figura azul de Creep enquanto ele serpenteia pela floresta estreita que cresce ao longo da Madison Avenue - uma rua que originalmente cedemos aos vermes da areia como playground, porque observar os prédios altos desabando tinha sido divertido na época. Claro, perdemos muitos vermes da areia devido à passagem do vidro, então essa pode não ter sido a melhor ideia. Ainda assim, já tivemos coisas piores. E agora, todo o vidro forma areia brilhante sob meus pés, brilhando lindamente.

Seguimos em silêncio, por mais estradas, passando por Dois e Três e presas cuidando de seus afazeres diários, a notícia do grande ataque ainda não tendo chegado a esta parte da cidade. É revigorante vê-los todos se encolherem de medo de nós dois - como deveriam.

Finalmente, chegamos à ponte e à escadaria irritantemente longa que desce até ao casebre do Grotesco.

Eu suspiro.

Creep suspira também. “Ele poderia ter qualquer lugar. Ele poderia ter assumido um arranha-céu como eu fiz. Mas em vez disso... isso?

Ele expressa meus pensamentos exatos.

Embora sejamos monstros, a maioria de nós ainda aprecia as coisas boas da vida – carros, uísque, sexo. O Grotesco se entrega aos dois primeiros, mas nunca ao último. Pelo menos, não que eu saiba. Talvez seja por isso que, agora que percorremos todo esse caminho, estou me sentindo impaciente, mas não totalmente com ciúmes do fato de que a gárgula Terror tem minha companheira. Posso nem tentar matá-lo agora.

Talvez.

Possivelmente.

Torcer um de seus chifres não o faria parecer mais horrível do que já é. Talvez eu faça isso.

Eu me movo para dar um passo à frente, mas Creep estende uma garra azul com cicatrizes. “Espere”, ele ordena.

Eu inclino minha cabeça, os olhos perfurando um buraco nele, perfurando até seu núcleo, mesmo quando meu pelo se arrepia. Ele precisa ter muito cuidado agora. Extremamente. Estou tão perto de recuperar meu companheiro. Nada que ele possa ter a dizer é tão importante quanto isso.

“Ela é minha companheira também.” As palavras de Creep me atingem, explodem dentro dos meus ouvidos, me perfuram como uma bola de espinhos.

"O QUE?" Eu rugo, as narinas dilatadas, o calor subindo pelos dedos dos pés, subindo pela minha espinha e fervendo meu cérebro.

O céu ao meu redor parece escurecer e o próprio ar se comprime, roubando o oxigênio dos meus pulmões.

Não não.

Eu não vou permitir isso.

Seus olhos se arregalam quando dou um passo em sua direção, minha garra direita levantada, pronta para atacar.

“Você sabe que não posso evitar!” ele murmura, as mãos voando protetoramente à sua frente enquanto ele recua na escada estreita.

Mas eu não dou a mínima. Eu não me importo que os laços de amizade apenas aconteçam em monstros – que eles ocorram aleatoriamente sem aviso prévio. Não me importo que ele pareça sincero, que seus olhos estejam perturbados.

Ele quer reivindicar minha companheira?

MEU COMPANHEIRO?!

Eu vou matá-lo.

Vou girar a cabeça dele no pescoço até que ela se solte.

“Precisamos encontrar uma maneira de compartilhar...”

Foda-se! Movo-me para acertar seu rosto com a palma da mão enquanto solto um rosnado – e fico chocada quando ele se move com uma velocidade sem precedentes, girando e agarrando meu antebraço.

Há um solavanco repentino quando ele me puxa para um trecho de escuridão na escada de concreto, e então — *whoosh* — uma faixa gigante está apertando todo o meu corpo, apertando-o e depois esticando-o. Estrelas giram ao meu redor enquanto voo pela escuridão, formas passando enquanto a náusea toma conta de minhas entranhas, e quase vomito.

Aquele bastardo! Ele me levou para um portal com ele!

Quero encará-lo, mas meus olhos estão espremidos como uvas, e tudo o que posso fazer é mantê-los abertos. Do jeito que está, minhas bolas recuam para a parte inferior da barriga, tremendo com essa terrível série de sensações.

Justamente quando penso que estou prestes a desmaiar, outro gancho atrás do meu umbigo me puxa para trás. Encontro-me voltando à realidade, bem dentro da sala de Tesq.

Eu caio em uma caixa que parece tão apertada quanto um caixão, espetada nas costas por uma dúzia de varas e cercada na frente pelo corpo horrível de Creep – seus chifres roçando meu focinho.

Abro a boca para amaldiçoá-lo e a seu coração traidor e ladrão de companheiras, mas ele abre uma porta na nossa frente e fico cega pela luz por um momento. Ele cambaleia para frente, e eu o sigo, atordoado, tentando me orientar enquanto saio do que parece ser um armário de casacos, embora não seja mais usado para casacos. Contém milhares de pinos de madeira, cada um pendurado com uma das máscaras de Tesq.

Estamos na casa de Tesq.

Minha necessidade de matar de repente fica eclipsada pela minha necessidade de ver meu companheiro. Todo o meu corpo enrijece, ficando em alerta máximo enquanto examino o espaço viciado, quase humano, em busca do rosto doce de Aliana.

Ela não está aqui. Ele não está aqui.

“Onde diabos eles estão?” Creep vira olhos intensos, quase brilhantes, para mim.

Eu dou um tapa no bastardo, fazendo-o voar pelo espaço, derrubando uma lâmpada, até que ele caia no chão.

Como ele ousa olhar para mim como se fôssemos uma equipe?

Não somos amigos.

Não mais.

Não depois de ouvi-lo tentar reivindicar minha Aliana.

Apenas a minha necessidade de vê-la supera a necessidade de machucá-lo.

Onde Tesq a está escondendo neste casebre?

Uso o focinho e tento procurar algum cheiro... mas tudo é velho, rançoso. Fragmentos de seu perfume me atraem, mas estão desbotados – desde a primeira vez que Tesq a manteve injustamente em vez de devolvê-la.

Meu.

Meu lábio se contrai com raiva, os caninos estalando em irritação enquanto eu ando pelo espaço, procurando.

Um cheiro antigo permanece em particular no sofá. Inclinando-me, passo minha garra pelas almofadas até encontrar uma das longas e brilhantes mechas brancas de seu cabelo. Isso é tudo o que resta dela neste lugar. Tudo o que resta da minha Aliana. Eu o pego e enrolo no dedo, amarrando-o como um anel.

“Mas onde eles poderiam estar? Tesq é o mais recluso de nós quatro. Ele raramente se aventura e prefere mexer em suas pequenas coleções do que interagir com outros monstros. Embora não possa culpá-lo — as responsabilidades de um Dez são esmagadoras —, não saio por aí enfiando a cabeça na areia como ele faz. Eu vou lá e mutilo os encenqueiros para dar um bom exemplo e manter os outros monstros na linha.” Creep está falando sem parar, e eu estalo o pescoço enquanto me afasto dele e vou para o quarto de Tesq, só para garantir que não há ninguém lá dentro.

Por mais irritante que seja a voz traiçoeira de Creep, ele não está errado sobre Tesq ou sobre manter a estabilidade em nossos setores porque eu fiz exatamente a mesma coisa. Funcionou; por muito tempo, essa estratégia me manteve como o rei da montanha, embora agora pareça que a terra está se movendo sob meus pés – como se um verme da areia tivesse se enterrado no Reino do Ébano e desestabilizado tudo.

Talvez eu devesse pintar isso. Eu, numa colina, um verme da areia se contorcendo sob meus pés. Talvez eu devesse pintar uma contorção em meu coração.

Porque Aliana não está em lugar nenhum aqui, e agora não tenho ideia de onde está minha companheira.

ALIANA



DURMO INQUIETO POR... sabe-se lá por quanto tempo.

Pesadelos me consomem, redemoinhos insondáveis que me sugam, me chicoteiam e depois me cospem de volta apenas quando têm certeza de que a luta foi drenada do meu sistema.

O rosto de Chase, contorcido com determinação e algo semelhante à *obsessão*, ganha vida na minha cabeça. É tudo em que posso me concentrar, tudo que posso ver. E talvez seja isso que torna tudo ainda mais fodido.

Não havia nada remotamente malicioso no olhar verdejante de Chase — o *Homem Vazio*. Meu estômago não se enrolou como um pergaminho velho e amarelado encontrado nas profundezas de uma tumba escondida na selva. O medo não arrepiou imediatamente minha pele. Talvez se eu soubesse com certeza que o Homem Vazio tinha intenções insidiosas, eu teria me sentido diferente em relação a tudo isso, mas sei que não foi esse o caso.

À sua maneira distorcida, o fantasma estava tentando me proteger.

No entanto, de alguma forma, isso torna o monstro ainda mais culpado pelo meu ataque. Todo o incidente parece ainda mais sinistro, porque se a sua primeira inclinação como meu suposto “companheiro” é me matar, então o que isso diz sobre o futuro do nosso relacionamento?

Pesadelo após pesadelo me assalta enquanto eu me viro e me viro, enroscando-me nos lençóis puídos.

O pequeno sorriso curvando-se nos cantos dos lábios de Chase enquanto ele se lança sobre mim, a lâmina estendida.

O medo comprimindo minhas vias respiratórias ao saber que minha morte era iminente.

O fedor enjoativo e pungente de decomposição vindo de longe, onde os Oito lutaram contra Creep e Dev.

“Você é meu companheiro, querido. Você é meu e finalmente podemos ficar juntos.

Amigo.

Amigo.

Amigo.

E então o sonho muda e se distorce, e em vez dos cachos âmbar e do olhar verde penetrante de Chase, estou olhando para um rosto decididamente áspero com olhos tão vermelhos que lembram manchas de granada esculpidas e depois mergulhadas em tinta.

O Devorador.

Mãos nas minhas costas, nos meus seios, na minha bunda.

Um pau longo e grosso entrando e saindo de mim enquanto ele puxava meu cabelo.

"Amigo."

Amigo.

Amigo.

Amigo.

Um suspiro é arrancado da minha garganta quando eu me endireito, meu corpo parece estranhamente pesado. O concreto cobre minhas pálpebras, mas pisco repetidamente até conseguir me concentrar na sala mal iluminada.

As lembranças voltam para mim enquanto meus dedos instintivamente encontram um buraco no cobertor, puxando-o, rasgando-o, puxando-o.

Tesq.

O metrô.

A sala de manutenção.

Pisco atordoada por causa das luzes multicoloridas de Natal que me encaram enquanto a realidade luta para se tornar mais substancial do que os sonhos que me mantiveram em suas garras. Finalmente, a névoa dentro da minha mente parece se dissipar, e percebo que estou em uma cama de solteiro estreita enquanto procuro pelo próprio homem no quarto. O próprio *monstro* .

Ele... Ele me salvou. Não foi?

Ele parou o Homem Vazio antes que ele pudesse me matar e então me costurou.

Instintivamente coloco as mãos na barriga com um suspiro de surpresa, puxando para cima a camisa comprida emprestada. O curativo que reveste a pele parece ter sido aplicado recentemente, embora ainda esteja rosado por causa do sangue que escorre.

Porra.

Aproveito o momento para inventariar discretamente o resto do meu corpo, catalogando cada dor como costumava fazer quando fazia parte da resistência humana.

“Saiba o que dói, Aliana. Porque essa é a única maneira de consertar isso.”

As palavras do meu pai giram em minha cabeça enquanto testo meus braços e depois minhas pernas. Eles doem, mas é o tipo de dor que acompanha hematomas antigos. Nada está quebrado ou mesmo torcido. Parece que meu cérebro está colidindo repetidamente contra meu crânio, mas algumas aspirinas vão remediar isso instantaneamente.

No geral, para uma tentativa de assassinato, acho que escapei relativamente ileso.

Hesitante, puxo minha camisa para baixo e olho ao redor da sala escura, procurando por Tesq. Levo apenas um momento para encontrá-lo sentado no sofá a vários metros de distância, imóvel como um monumento acumulando poeira em uma estátua, sua forma enorme fazendo o sofá mergulhar em um formato de U raso. Ele descansa com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Ele está tão imóvel que nem tenho certeza se está respirando. Eu definitivamente não consigo ver a subida e descida constante de seu peito.

Mas então ele solta uma respiração abatida e prolongada – uma respiração misturada com tanta dor que navega pela minha corrente sanguínea como um veneno doentio – e esfrega uma mão enorme e cinzenta no rosto.

Meu coração bate ainda mais rápido no peito, soando estranhamente como uma caixa sendo batida repetidamente, enquanto questiono seus motivos.

Por que ele me salvou?

Por que ele me trouxe aqui?

Onde estão os outros?

Nunca admitirei para ninguém, nem mesmo para mim, a onda de medo que percorre meu sistema ao pensar em Dev e Creep sendo feridos ou coisa pior. Eles têm lutado contra aqueles Oitos e Noves sedentos de poder que estão desesperados para ascender na sociedade – o que você só pode fazer matando monstros com um nível de poder superior ao seu ou vários monstros com um nível de poder inferior.

Eles estão bem?

E quanto ao Homem Vazio e Chase? O que Tesq fez com eles?

Acho que não me importo muito com o primeiro, mas com o último...

Posso odiar Chase, mas não quero vê-lo *morto* .

Atravesso uma série de emoções que são tão desconfortáveis e espinhosas quanto uma floresta cheia de arbustos espinhosos, tentando afastar as cerdas irritantes e seus pequenos cortes.

Antes que eu possa fingir que tenho meus pensamentos em ordem, um focinho molhado roça minha mão. Olho para baixo e vejo Fluffy olhando para mim, seu pelo azul, preto e branco refletindo nas luzes cintilantes de Natal. Ela inclina sua cabeça enorme para o lado e sua língua fica para fora no que eu quase descreveria como um sorriso de lobo – o que é muito engraçado, considerando que Fluffy é um tigre monstruoso.

Hesitante, inclino-me para frente para passar os dedos por seu pelo macio, maravilhado com a textura estranha. À primeira vista, parece áspero e áspero, mas é surpreendentemente sedoso em meus dedos calejados, tão macio e calmante.

Fluffy fecha os olhos e solta um ronronar de satisfação, aninhando-se ainda mais em mim. Sua cabeça bate em meus joelhos, e eu suspiro automaticamente quando uma sensação de pontada rasga meu estômago e a dor explode como relâmpagos atrás de minhas pálpebras subitamente fechadas.

"Fofinho!" A voz rouca de Tesq perfura meu peito e eu congelo, me perguntando se acabei de insultar o monstro acariciando seu tigre. Ele não pareceu se importar da última vez que me sequestrou, mas ainda há muita coisa que não sei — sobre ele, sobre este mundo, sobre essas feras. "Não machuque o humano."

Fluffy solta um gemido triste, dá outra cabeçada em minha mão ainda estendida e depois volta para seu mestre. Sua cauda listrada balança preguiçosamente atrás dela e, por alguma razão ridícula, evoca imagens da cauda *de Dev* .

O calor sobe às minhas bochechas antes que eu possa impedi-lo, afastando a imagem mental antes que eu enlouqueça.

“Tesq...” murmuro enquanto franzo a testa para ele. “Onde estou exatamente?”

“Seguro”, ele responde rudemente.

Eu não deveria nem ficar surpreso com suas respostas nítidas e de uma só palavra. Parece ser o seu MO.

"O que-"

“Esfaqueado”, ele rosna ferozmente.

Não consigo ver sua expressão por trás da máscara vermelha de veludo amarrada em metade do rosto, mas sua voz é estrondosa.

"Eu trouxe você aqui."

Eu franzir a testa. “E onde fica *aqui* ?”

“Seguro”, ele repete um maldito ganho.

Cerro os dentes e tento novamente. “Seguro *onde* ?”

"Aqui."

Pelo amor de...

Meu queixo aperta, mas qualquer irritação que eu possa ter sentido é eclipsada pela minha enorme *gratidão*. Se ele não tivesse vindo naquele momento, se não tivesse parado Chase-slash-Em, se não tivesse me costurado...

Deixo cair minhas mãos mais uma vez em minha barriga sensível, e os olhos de Tesq mergulham para acompanhar o movimento. Por alguma estranha razão, tenho a sensação de que seu rosto agora está tão vazio quanto a máscara que o obscurece — trancando tudo, sem revelar nada.

Ele olha para o lado rapidamente, as luzes de Natal brilhando assustadoramente em seus chifres curtos, afiados e brancos como osso enquanto um músculo em sua mandíbula de granito se contrai, e se concentra na mesa de centro. Ele pega algo preto e o segura nas mãos.

"Por que?" ele pergunta enquanto pega o que parece ser uma chave de fenda.

Mantendo os olhos atentos à engenhoca escura em suas mãos, ele usa a ferramenta para remover uma lousa nas costas e então começa a mexer nas

engrenagens ali.

Demoro um momento para entender sua pergunta.

“Por que o Homem Vazio me atacou?” Um calafrio percorre meu corpo. Meu aperto no cobertor aumenta quase imperceptivelmente, meus dedos perdem a cor. “Ele ficava dizendo... algo ridículo.”

Meu sonho distorcido e minha realidade começam a se misturar até que não consigo diferenciar um do outro. São apenas dois fios entrelaçados, emaranhados em um nó intrincado que não consigo separar. Posso sentir o travesseiro embaixo da minha cabeça encharcado de suor, mas diante dos meus olhos quase imagino as luzes de Natal piscando, assim como Em costumava fazer no meu quarto. Meus braços ficam arrepiados e acho que posso senti-lo. Tenho que me forçar a respirar calma e lentamente.

Ele não está aqui.

"O que?" Tesq pressiona enquanto remove um pedacinho preto do objeto e o coloca sobre a mesa.

Tento espiar o que ele está segurando, mas com seu enorme corpo curvado, não consigo ver.

Eu debato em contar a ele. Ele é um monstro. Um dez. Mas ele só me salvou. Sempre se importou comigo. Brinquei de minha babá.

Quando olho para Tesq... não é como quando olho para os outros. Não vejo nenhuma ameaça. Não vejo ganância ou luxúria. É verdade que não consigo ver muita coisa devido à sua máscara, mas este homem – monstro – tenho que me lembrar do que ele é – não leva nada para si. Apenas dá. Eu acho que ele é diferente.

Lambo meus lábios antes de empurrar a confissão para fora. “Ele disse... que eu sou sua companheira, e minha morte é a única maneira de ficarmos juntos.”

Algo pegajoso e peludo fica preso na minha garganta como uma aranha respingada em calda. Tento engoli-lo, tento aspirar o ar delicioso, mas é impossível.

Tesq ficou rígido no sofá, embora ainda não desvie os olhos da minúscula caixa preta. Cada músculo tenso parece ter sido esculpido em granito, e as estrias em seus antebraços são ainda mais pronunciadas do que o normal. Mais uma vez, desejo desesperadamente poder avaliar sua reação às notícias, ver os pensamentos passando por seu rosto.

Em afirma ser minha companheira... mas isso é impossível, certo? Não sinto um vínculo de companheiro com ele, mas, novamente, não tenho

certeza se os humanos são capazes de ter um. E Dev já afirmou que eu era sua companheira.

Oh Deus.

Dev.

Rastejar.

O cobertor envolve minha cintura enquanto o pânico percorre minhas veias e se infiltra em minha corrente sanguínea.

"O que?" Tesq se endireita e finalmente me dá toda a sua atenção. Ele gira a cabeça de um lado para o outro como se estivesse procurando uma ameaça que não existe, procurando o Homem Vazio nas luzes que decoram as vigas. "O que está errado?"

"O Creeper... Dev... Eles estão bem?" Eu não deveria me importar. Eu sei disso, mas um pedaço traidor do meu coração sabe.

Eles são meus captores e proprietários, dois monstros que me roubaram de todos que conheço e amo.

Então, por que a ideia de eles morrerem faz minha cabeça girar e meu coração apertar?

Por que o pânico ferve em minhas veias?

Mais uma vez, tenho a sensação de que o rosto do Grotesco é tão ilegível quanto a máscara de pano que o cobre. O tecido é quase tão vermelho quanto os olhos de Dev.

"Você ainda se importa com eles. Mesmo depois que eles roubaram você?"

Não consigo ler a entonação de sua voz. Não é incredulidade... não de verdade. Talvez surpresa?

"Eu só... Você sabe se eles estão bem? Eles estavam lutando contra um bando de Oitos e Noves, e..."

Tesq permanece em silêncio por um minuto inteiro. Ele então abaixa o queixo pontudo em uma espécie de aceno de cabeça e gesticula em direção a Fluffy. O tigre pisa entre suas pernas abertas e olha para ele. Nenhuma palavra é trocada, mas depois de um momento, o tigre acena com a cabeça uma vez, de uma forma que quase me lembra um servo fazendo uma reverência ao seu rei antes de atravessar a sala com patas enormes. Ela cutuca a porta com o nariz, abre-a e, com um olhar em minha direção, corre para fora.

"O que...?" Eu respiro.

Tesq volta o olhar para o objeto em suas mãos, efetivamente me dispensando. “Ela vai verificar”, ele responde simplesmente.

"Verificar?" Eu papagaio. "Como você...? Voce *falou* com ela? Com sua mente?

Estou olhando para ele como uma idiota, mas nem me importo. Isso é algo que ele pode fazer? Falar com animais? Falar com o Fofó?

Tesq resmunga algo evasivamente, mas não confirma nem nega minha suposição. Monstro estúpido e rabugento.

Mas não posso repudiar o alívio que enche meu coração com a perspectiva de saber o que aconteceu com Dev e Creep. Ambos são monstros incrivelmente poderosos por si só - dois dos quatro monstros mais poderosos que já vagaram pela Terra - mas juntos? Imagino que sejam imparáveis. Eu sei no fundo do meu coração que eles estão bem, mas até que eu possa ver com meus próprios olhos—

Não. Você não vai por aí, Aliana. Você não deveria se importar com o que acontece com eles. Não depois do que fizeram com você.

Limpo a garganta e tento me concentrar em alguma coisa, qualquer outra coisa.

“Obrigada”, decido finalmente, e não sei por que estou necessariamente agradecendo a ele.

Salvando minha vida? Verificando Dev e Creep? Cuidando de mim?

Sussurros falados na calada da noite afirmam que ele é o mais assustador dos Quatro Terrores, mas não posso deixar de pensar que há uma gentileza em Tesq que não vejo nos outros monstros. Claro, ele é assustador como todos os monstros são, com pele cinza que parece esculpida em rocha sólida e chifres afiados. Ele é mais gárgula do que homem, mais fera do que humano, mas não tem a aparência selvagem de Dev ou a beleza élfica de Creep. Mas há uma suavidade na maneira como ele se comporta e interage não só comigo, mas também com Fluffy. Ele está quase macio. Como se ele pensasse que somos preciosos.

Tesq se vira bruscamente, aparentemente irritado com minha gratidão, e volta sua atenção para a pequena caixa preta em suas mãos. Enquanto ele tenta parafusar o painel novamente, vejo que é um toca-fitas.

"Com fome?" Tesq pergunta abruptamente. Ele olha para a cozinha improvisada à minha frente, na pequena sala. “Humanos... precisam de comida, certo?” Ele então olha para minha barriga ainda sangrando e uma carranca toca seus lábios. “Para cura?”

Lembro-me da “refeição” que ele me deu na última vez que me salvou, e meu estômago despenca direto de um penhasco.

“Errr... não, obrigado”, eu digo, o que é a verdade.

Mesmo se eu estivesse morrendo de fome, não tenho certeza se meu estômago aguentaria algo muito pesado – especialmente do tipo Tesq. Pareço ser um recipiente de nervos rebeldes e energia estática.

Os lábios escuros de Tesq franzem a testa com a minha resposta, mas ele não discute enquanto abre o toca-fitas, coloca uma fita e fecha-a novamente. Ele aperta um botão no topo da máquina.

De repente, uma música suave e metálica enche o ar, a voz comovente de um homem ao mesmo tempo desconhecido e dolorosamente familiar.

Desconhecido, porque tenho certeza de que nunca ouvi essa música em particular antes.

Familiar, porque meu pai tinha um toca-discos que guardava em um quarto à prova de som no esconderijo onde ficamos quando eu era criança. De vez em quando, ele tocava um disco e me girava pelo pequeno espaço, nós dois rindo loucamente.

A carranca no rosto de Tesq se transforma em um sorriso hesitante. Seus dedos enormes batem no joelho trêmulo enquanto a música toca.

E, por incrível que pareça, enquanto observo o monstro aterrorizante balançar a cabeça ao ritmo da batida comovente, minha memória se distorce, tornando-se modernizada. Em vez de meu pai dançar comigo pela sala, é o Grotesco, suas mãos enormes nas minhas costas e sua máscara escura escondendo a maior parte de seu rosto de vista.

Essa imagem inesperada – e o sentimento que ela evoca – é mais assustadora do que qualquer coisa que já suportei.

ALIANA



É DIFÍCIL DETERMINAR A passagem do tempo na escuridão da sala de manutenção. Podem ter se passado horas desde que fui trazido aqui pela primeira vez... ou podem ter se passado dias. Não acho que seja a última opção, mas quando meu estômago começa a roncar incessantemente, fico pensando.

Com certeza já se passou mais de uma hora desde que acordei e falei com o monstro mal-humorado e rabugento. Mas agora, o silêncio caiu sobre nós dois como uma colcha de tecido intrincado, e é ao mesmo tempo pesado e desconfortável contra a minha pele. Hesitante, enrolo os dedos na bainha da minha camiseta, torcendo o tecido enquanto olho para Tesq.

Ele ainda está sentado no sofá, com a máscara firmemente colocada, mas se afastou do toca-fitas e agora está mexendo no rádio. Só sei que é um rádio porque perguntei a ele, mas seria impossível ter certeza com as peças espalhadas pela mesa de madeira desgastada diante dele.

Limpo a garganta para chamar sua atenção e, com grande relutância, ele desvia o olhar de seu mais novo projeto favorito e se concentra em mim.

“Há quanto tempo estou aqui? Você sabe... quando eu estava inconsciente. E potencialmente sangrando até a morte, mas não expresso esse pensamento em voz alta.

O Grim Reaper parecia tão perto então, sua mão gelada e insidiosa onde ela prendeu minha garganta.

Talvez o Homem Vazio estivesse mais perto de me matar do que eu inicialmente suspeitava.

Tesq se afasta com um grunhido, como se minha pergunta o incomodasse.

“Algumas horas”, ele admite depois de um momento.

Algumas horas.

Portanto, não dias.

"Oh." Minha garganta parece áspera e áspera, e de repente me dou conta de como estou realmente com sede.

À medida que esse pensamento começa a se solidificar, meu estômago se aperta dolorosamente, as dores da fome me atormentam. Há uma hora, a ideia de comida me dava vontade de vomitar, mas agora, a ideia de *não* comer me deixa doente.

Esponaneamente, minha mente evoca imagens de Zeelof, o estranho monstro abelha que conheci na casa de Dev. Como ele está se saindo depois dessa batalha? Eu vi aquele monstro carregando o braço listrado na boca, mas isso significa que ele está morto? Seu tipo de monstro morre facilmente? Como está Fília?

A mais estranha sensação distorcida toma conta de mim ao pensar neles – aquela linha precária entre o medo pelo que aconteceu com eles e o pavor pelo que *não* aconteceu com eles. A parte de mim que foi vendida e escondida, arrancada de tudo e de todos que ela conhece, anseia pela morte deles, mas um pequeno fragmento da minha alma privada teme que eles tenham sido prejudicados na batalha. Ambos foram gentis comigo à sua maneira e, em um mundo cheio de trevas, a luz que me ofereceram foi mais perceptível do que nunca.

Talvez eu precise parar de ouvir a palavra “monstro” e assumir automaticamente o “mal”.

Os monstros que assassinaram meus pais eram maus.

Os monstros que destruíram o mundo há muitos anos eram maus.

O Homem Vazio é mau.

Mas o Grotesco? O rastejador? Até o Devorador?

Talvez... Talvez esses monstros não sejam inerentemente ruins, assim como eu não sou naturalmente bom. Talvez haja alguma parte deles que ainda possa ser salva, assim como há partes de mim implorando para entrar na escuridão enjoativa.

Meu estômago ronca, o barulho é embaraçosamente alto, e a cabeça do Grotesco vira na minha direção.

“Com fome”, ele observa, já se levantando antes que eu possa protestar ou chamá-lo de volta.

Posso estar com fome, mas não pelas refeições que ele prepara. A primeira vez que tentou me alimentar, ofereceu-me um prato de frango cru. Na segunda vez, foi uma criação de sua própria autoria: pão amanhecido coberto com manteiga de amendoim e guarnecido com cenouras picadas.

Tesq se move em direção à cozinha improvisada – uma única pia, uma minigeladeira, um micro-ondas e uma prateleira cheia de latas – e estremeço quase imperceptivelmente quando ele pega o que parece ser um recipiente de couve de Bruxelas e depois um rotulado de rabanetes.

Não.

Um suspiro de dor me escapa quando chuto as pernas para o lado da cama de solteiro onde estava deitada e as coloco no chão. Tesq se vira tão rapidamente que acidentalmente deixa cair a lata de couve de Bruxelas. Ele rola alguns metros antes de bater contra a parede e permanecer lá.

"Ficar!" ele rosna para mim enquanto arranca a tampa dos rabanetes.

Sim... rasga. Não há abridores de latas. Sem guias. Ele simplesmente usa suas unhas afiadas e retorcidas para puxá-lo de volta.

"Eu não estou comendo rabanetes crus e couve de Bruxelas," eu bufo revirando os olhos enquanto tropeço em direção à cozinha.

Sua mão captura meu braço na tentativa de me firmar, e o calor migra de onde ele me toca, fluindo pelo meu corpo como os jatos de uma sauna. Ele me solta com a mesma rapidez, murmurando algo incoerente baixinho, e se vira para a prateleira de latas. Quando não consegue encontrar nada que pareça satisfazê-lo, ele abre a geladeira.

Imediatamente, o fedor de leite mofado e carne em decomposição me assalta. Faço uma careta e levanto a camisa para cobrir a boca e o nariz.

Tesq, aparentemente alheio ao meu desgosto, pega uma tigela e uma colher. Ele então coloca a lata de rabanetes na tigela e completa com leite grosso e descolorido. Ele coloca a colher dentro da tigela e a entrega para mim.

"Cereal", diz ele, já voltando para o sofá.

"Não é cereal", respondo automaticamente. "Morte."

Isso chama sua atenção. "Morte?"

"Sério, Tesq, você nunca esteve perto de um humano antes? Ou alguém que precisa comer comida normal?" Não sei por que me sinto tão confortável em provocá-lo, só que estou. Não há um pinga de medo dentro de mim quando eu dou a ele um rápido sorriso para mostrar que estou brincando.

Com a máscara no lugar, é impossível ler sua expressão, mas juro que vejo a pele ao redor das bordas externas da máscara enrugar levemente.

Ele se aproxima um passo hesitante enquanto examino as latas alinhadas na prateleira, em busca de algo comestível. Meu olhar pousa em uma lata de canja de galinha e macarrão, e eu sorrio satisfeita, puxando-a para baixo.

“Você tem um abridor de latas?” — pergunto, balançando a lata na frente do rosto de Tesq.

Ele franze a testa, resmunga uma resposta e depois tira a lata das minhas mãos estendidas antes que eu possa reagir. Com um rápido golpe da unha no metal, ele abre a lata e a devolve.

“Obrigado”, eu cantei, pegando uma tigela limpa do balcão - e dando um amplo espaço para o nojento “cereal” que ainda me provocava em seu lugar no balcão. Em seguida, coloco o pedaço de macarrão e frango dentro dele. “Água?”

Tesq parece confuso, mas ele se aproxima do meu corpo para pegar uma pequena garrafa de plástico que eu não tinha notado antes. Seu corpo involuntariamente roça o meu – seu peito duro moldado às minhas costas – e arrepios percorrem minha pele instintivamente, mas definitivamente não são de medo.

De todos os monstros do planeta, Tesq não me assusta. Nem um pouco. Quando esses arrepios são seguidos por uma sensação de cócegas que desce pela parte de trás da minha espinha, eu interiormente estalo comigo mesmo.

Que porra é essa?

Eu castigo minha estranha reação à sua proximidade e limpo a garganta para reorientar minha atenção.

“Precisamos colocar água na sopa para fazer o caldo”, explico enquanto Tesq se afasta apressadamente de mim.

Seu rosto de alguma forma parece ainda mais agourento e sombrio nas sombras da sala, um feito que não achei possível. Ele cruza os braços enormes e protuberantes sobre o peito com outro grunhido sem palavras. Meus olhos traidores percorrem os músculos grossos de seus antebraços, toda aquela força agrupada e enrolada. Mas ele está recuando, quase como se esse monstro gigante estivesse com medo de mim.

Não. Essa é uma ideia ridícula.

“Eu costumava fazer canja de galinha caseira o tempo todo em casa”, começo em tom de conversa, sem saber por que estou contando isso a ele.

Tudo que sei é que não consigo parar.

“Nós mesmos criávamos as galinhas e cultivávamos os vegetais em um campo nos fundos. Usei cenouras frescas picadas e aipo na minha receita. Às vezes, eu fazia o macarrão com o trigo que cultivamos e transformamos em farinha, mas na maioria das vezes, eu usava uma caixa que havíamos roubado durante uma invasão a um moinho de farinha administrado pelos

monstros. Meus pais adoravam minha sopa de macarrão com frango e costumavam se gabar de minhas habilidades culinárias para todo o acampamento. Não demorou muito até que todos me implorassem para torná-los meu prato exclusivo. Mas... eu não queria ser a cozinheira do acampamento. Eu não queria trabalhar como escravo na cozinha enquanto homens e mulheres arriscavam suas vidas reunindo os suprimentos que eu usaria. Então... parei de cozinhar. Parei de cozinhar e optei por fazer incursões. E essa foi a última vez que comi canja de galinha e macarrão.”

Meu corpo parece... estranho depois da minha confissão, como se eu tivesse passado horas batendo em uma árvore alta até que o ninho de vespas pendurado em seu galho se desalojou e caiu na minha cabeça. Por que acabei de contar essa história a Tesq? O que poderia ter me levado a compartilhar isso?

Instintivamente coço minha barriga enfaixada, meus dedos prendem a camisa escura que a esconde, e uma mão áspera captura meu pulso antes mesmo que eu consiga respirar.

“Não”, Tesq resmunga brevemente, seus olhos passando do meu rosto para minha barriga e depois voltando para cima. “Você vai piorar as coisas.”

“Cinco palavras inteiras,” eu brinco. Sua mão em volta do meu pulso deveria parecer um torno de ferro encharcado de fogo, mas isso não acontece. Na verdade não. A queimadura é quase prazerosa. “Isso é um recorde pessoal para você?”

Ele me lança um olhar seco, mas juro que seus lábios se contraem em um sorriso. Com a mesma rapidez, eles se comprimem em uma linha fina, e ele me solta mais uma vez, embora as pontas dos dedos dele raspem lenta e suavemente meu pulso por um milésimo de segundo antes de desaparecerem.

Seus olhos estão fixos em meu rosto enquanto coloco a sopa no microondas.

Depois de um minuto inteiro, descubro que não aguento mais. Seu olhar está fazendo meu coração pular como um pombo bicando migalhas.

“Pare com isso.”

"Parar o que?" Ele franze a testa.

"Pare... de me encarar desse jeito."

"Como o que?"

"Assim!" Balanço um dedo na cara dele e juro que vejo diversão iluminar seus olhos. “Como se eu fosse algum tipo de experimento científico

fascinante que você mal pode esperar para dissecar. É... enervante.

Essa faísca divertida nunca desaparece enquanto seus lábios se contraem.
“Enervante.”

“De volta às respostas de uma palavra, pelo que vejo.” Eu bufo e me concentro novamente no micro-ondas, onde minha sopa gira e gira e gira...

“Não é um experimento científico.” A voz áspera de Tesq desvia minha atenção da tela de vidro para seu rosto. Aquele sorriso – aquele que eu jurei ter imaginado – permanece estampado em seus lábios, uma sugestão provisória, fugaz e minúscula de algo que eu quero ver mais. “Quatro.”

Huh?

“Quatro?” Eu pisco para ele.

“Quatro palavras,” ele explica, e levo um longo momento para perceber que ele está me provocando.

Um sorriso meu floresce em meu rosto enquanto me viro e apoio meu quadril contra o pequeno balcão que segura o micro-ondas. “Foi difícil para você dizer? Você precisa de água agora para ajudar com sua garganta seca? Quatro palavras inteiras... estou orgulhoso de você.”

Aquele pequeno sorriso dele nunca vacila, nunca desaparece, enquanto mantenho meu olhar atento em seu rosto. Parece que o ar fica mais quente ao nosso redor, e as luzes cintilantes atrás dele ficam embaçadas quanto mais eu olho para ele. Não tenho certeza do que está acontecendo comigo, mas diferentemente de quando fui capturado e enfrentei Dev pela primeira vez, não há medo ou ressentimento. Apenas uma curiosidade gentil.

Tesq... Há algo nele que me atrai, me captura, me mantém como refém. É de uma forma completamente diferente do Devourer ou mesmo do Creep. O charme de Tesq é sutil - uma armadilha escondida sob uma folhagem densa no meio de uma floresta, apenas esperando que um cervo desavisado salte e se enrosque nela - mas está lá mesmo assim.

Sedutor.

Perigoso.

Mortal.

“Não é verdade, é?” — deixo escapar, enquanto um boato sussurrado surge em minhas memórias, tão vívido e áspero quanto na noite em que foi falado. *Deus, o que você está fazendo, Aliana?* Mas continuo falando, apesar de minha voz interior me avisar para parar. “Aquele olhar em seus olhos pode matar humanos e monstros?”

Vejo quase imediatamente que disse a coisa errada. Esse sorriso – aquele sorriso esquivo e raro que envia raios de sol através da minha corrente sanguínea – desaparece quase instantaneamente. Onde antes pensei ter visto suavidade, agora não há nada além de linhas duras olhando para mim.

Frio, implacável e quase cruel.

Porra. Porra. Porra.

Tento pensar em como consertar isso, como voltar atrás, como fazer com que aquele sorriso tímido reapareça em seu rosto, mas tanto meu cérebro quanto minha boca falham. Tudo o que posso fazer é olhar para ele como uma imbecil enquanto o micro-ondas atrás de mim começa a apitar, sinalizando que minha comida terminou de cozinhar.

Tesq passa por mim, com os ombros rígidos, e pega a tigela fumegante de sopa do micro-ondas. Nem sequer queima suas mãos parecidas com asfalto, embora eu saiba que provavelmente deixaria bolhas em um ser humano normal.

Observo confusa enquanto ele se move em direção à mesa de cabeceira ao lado da cama de solteiro e coloca a sopa na mesa.

A compreensão se instala e eu juro que algo leve e arejado borbulha em meu estômago, me animando.

Ele colocou a sopa lá... para que eu não me queimasse acidentalmente tentando movê-la sozinha.

Por que ele faria isso?

O que isso significa?

Por que ele ainda parece tão chateado com minha pergunta espontânea?

Deus, eu sou um idiota. Devo ter atingido um nervo. E percebo, com um sobressalto, que Tesq é gentil e nada ameaçador porque, por trás de seu exterior misterioso e literalmente resistente ao toque, ele é sensível. Ele pode ser capaz de transformar sua pele em pedra, mas não é feito disso completamente.

Eu gostaria de poder retirar o que disse, enfiá-lo na boca e depois costurar os lábios, mas a questão está aí agora, permeando o ar de uma forma que parece quase tóxica.

“Preciso encontrar Fluffy”, ele grunhe enquanto se dirige para a porta da sala de manutenção. Sua mão se fecha na maçaneta, mas ele não sai naquele momento. Por um momento, ele simplesmente fica ali parado, a cabeça ligeiramente inclinada, os músculos das costas contraídos, os ombros

ondulando de tensão. E então ele diz, com uma voz de granito: “Alguém morreu antes por olhar para mim”.

Não consigo esconder meu suspiro.

E com isso, ele abre a porta e sai da sala.

O CREEPER



DEV ESTÁ SENDO UM IDIOTA COMPLETO - E não em um trio, divertido, ajudando você provocando sua bunda. Do jeito disquete, decepcionantemente pequeno e fedorento.

Fomos a três esconderijos normais de Tesq e não tivemos sorte em nenhum deles.

Vazio. Não há aromas para Dev captar. Nenhuma pista que eu possa identificar. Cada local está tão vazio e sem vida quanto um cemitério. Estivemos em um salão de cabeleireiro destruído, onde sei com certeza que Tesq gosta de pegar frascos velhos de condicionador e esfregá-los em seus braços duros como se fosse uma loção, quase como se quisesse mudar seu corpo monstruosamente duro e extremamente benéfico. pele rochosa.

Quando entramos, não há nada mais emocionante do que o arco-íris de esmaltes endurecidos em exibição. Quando partimos, esse arco-íris foi quebrado. Dev arrancou-o da parede e jogou-o nas antigas estações de lavagem de cabelo. Quem quer que entre aqui em seguida terá o prazer de pisar em estilhaços de cores vivas.

O segundo local demorei mais para pensar, já que Tesq é um recluso rude e mal-humorado. Mas, finalmente, trotamos por entre as árvores até uma antiga casa de penhores – um daqueles lugares que vendiam bugigangas para humanos em dificuldades. Tesq parece ter um certo fascínio por seus itens, embora evite contato - monstro ou humano.

A campainha da porta ainda toca irritantemente quando eu a abro e entramos na loja velha e feia. As sombras do lugar são deliciosas, escuras e assustadoras – do tipo que adoro, mas vêm acompanhadas de um monte de poeira que me faz espirrar.

Parece que não vem ninguém aqui há algum tempo. Droga.

O Devorador imediatamente volta para fora, quebrando o vidro da porta enquanto a fecha atrás de si.

Espero um segundo, mordendo o lábio e dando uma segunda olhada no lugar, na esperança de ter perdido alguma pista. Passo os olhos por algumas vitrines de vidro, evitando rapidamente um conjunto de facas que me lembra meu pai e o sangue de monstro ácido que ele usou quando eu era jovem para estragar minha pele. Viro-me para a tela principal e olho para ela. O conteúdo varia de revólveres a joias.

Se eles não estiverem aqui... Talvez quando eu *encontrar* minha companheira, eu possa dar a ela algo que as mulheres apreciam. Quebro o vidro e roubo algumas coisas antes de voltar para fora.

Em seguida, tentamos uma fábrica de conservas. Porém, a maior parte do mundo humano tornou-se desnecessária e já não produzimos coisas como roupas – elas tinham tantos excessos antes que não estamos nem perto de acabar. Mas comida? Isso ainda requer algum trabalho. Ainda existem fazendas no norte do estado e um moinho de farinha aqui. Uma padaria ou duas. Fábricas de conservas para legumes e frutas. Afinal, os monstros precisam alimentar seus animais de estimação.

Todos os trabalhadores ficam em silêncio e imóveis como pedra quando entramos no armazém gigante. O cheiro de atum permeia até as paredes metálicas enquanto os trabalhadores cortam o peixe e as máquinas o estampam em lindos quadradinhos. Todos aqueles olhos olham silenciosamente para nós enquanto caminhamos pelos corredores de máquinas até uma escada de metal no outro lado. Nossos passos ressoam contra o metal, soando ainda mais altos que os das máquinas.

Um gerente sai do escritório escondido em uma saliência no segundo andar. Seu único olho se arregala quando abrimos a porta, e ele não consegue esconder seu pequeno suspiro enquanto se levanta para nos cumprimentar. Embora a fábrica esteja no território de Tesq, quando falamos com o desajeitado e cheio de tentáculos Três, ele parece sem noção.

“O-o Grotesco, senhor? Não, ele nunca esteve aqui antes. Não desde que me tornei gerente, de qualquer maneira. Há três anos. A resposta dos Três é pontuada por uma série de piscadas nervosas, e dois de seus tentáculos verdes e venosos estão claramente se contorcendo nas costas.

O Devorador levanta um braço e rosna, como se quisesse estripar os Três exatamente onde está, mas coloco minha mão em seu braço para detê-lo e levá-lo de volta para fora. Meu estômago está afundando, assim como o sol da tarde.

Já se passaram horas. Tesq não nos contatou. E não tenho ideia de onde os dois possam estar. Estou oficialmente sem ideias.

Meu? Estou preocupado. Há um verme da areia em miniatura abrindo um buraco no interior do meu peito agora porque meu companheiro parece ter

desaparecido da face da Terra. Mas estou avançando e mantendo esperança – porque é isso que você faz.

Desenvolvedor? Ele está fazendo birra pelo fato de ainda não termos encontrado Aliana. Qualquer racionalidade voou pela janela e ele é todo rosnado e garras. Ele não sai de sua forma de monstro de três metros e meio há horas e, enquanto caminhamos pela estrada para longe da fábrica de conservas, sempre que algo lançável está ao nosso alcance, você pode apostar que ele o está agarrando e jogando como um Frisbee. Postes de luz caídos, placas de rodovias, carrinhos de cachorro-quente abandonados – todos eles giram pelo céu e batem em qualquer árvore ou prédio que esteja mais próximo.

Ele atraiu muitos curiosos dessa maneira, embora tenha decapitado a maioria deles. Monstros surgiram de tampas de bueiros abertas, caíram de arranha-céus em weblines. E, bem, a curiosidade matou o gato, mas também o monstro.

Na primeira vez, isso me fez rir, mas depois da vigésima vez, fiquei irritado. Assassinato é algo que se deve saborear e não desperdiçar.

Ele também não desgasta. Sua fúria só parece aumentar a cada passo que damos, aqueles olhos vermelhos dele transformando-se de brasas brilhantes em raios laser.

A tensão é tão espessa e pútrida quanto o cabelo que cobre a bunda de um Yeti. E estou farto disso.

“Você está me levando em uma caçada!” ele rugiu, voltando essa raiva para mim.

Ele não fez isso.

Quem diabos ele pensa que é?

O desafio cresce em meu peito como um maçarico. “Ah, estou, né?! Bem, por que você não escolhe o próximo local para onde iremos? Huh? Oh, espere, você não tem ideia do que escolher, não é? Porque você é um idiota tão temperamental que não tem amigos. Não preste atenção em mais ninguém. Não tenho a menor ideia de onde Tesq pode ir!

Nesse momento, um cordeiro solitário vagueia pelas árvores – um cordeiro que claramente se afastou do rebanho. Ouço um grito alto quando a pequena criatura é apanhada e lançada no ar como uma nuvem de tempestade – bem na minha cabeça.

Filho da puta.

A raiva me dá ainda mais coordenação do que o normal, e eu pulo, agarrando o cordeiro no ar com as duas mãos antes de acabar e enviar a criaturinha de volta para aquele bastardo, suas perninhas se debatendo descontroladamente.

Jogue um cordeiro em mim.

Por favor.

“Você terá que fazer melhor do que isso!” Eu grito.

Dev pega o cordeiro e está prestes a jogá-lo de volta em mim, mas eu já peguei um hidrante. Arrancando o tubo de metal do chão, jogo-o bem em seu peito, o vibrador peludo e crescido.

Ele deixa cair o cordeiro, que sai balindo e se esquiva de lado do hidrante.

"Apenas saia!" ele brada. "Eu mesmo continuarei procurando por ela!"

que diabos isso significa? Ele diz isso como se eu fosse algum tipo de obstáculo em vez de ser a pessoa que tem ideias para cada lugar que visitamos. Ele deu agachamento.

"Ela também pertence a mim, você sabe!" Acabo explodindo, porque onde ele sai?

“NÃO, ELA NÃO FAZ!” O uivo de Dev ecoa pelas ruas abandonadas.

Um segundo depois, a parte de trás da minha cabeça bate em uma parede de tijolos, e a garra enorme e peluda de Dev está enrolada em meu pescoço, suas unhas afiadas cravando em minha pele. Minha pele parece lascada e a dor ondula por toda a minha coluna enquanto ele me levanta lentamente, de modo que fico pendurada vários centímetros acima do chão.

O fluxo de ar para meus pulmões se contrai dolorosamente e minha cabeça começa a cair como um balão meio inflado. Droga, isso dói.

E o fato de Dev estar me tratando assim? Depois que salvei a bunda dele na própria casa?

Ele realmente é um bastardo egoísta. Ele não merece eu ou ela.

Quase acabo gritando isso, dizendo que ele não a merece. Mas não o faço porque sei que essas palavras seriam uma espingarda na minha boca. Dizê-las desencadeará em Dev uma resposta forjada a partir de seus piores medos – medos que reconheço porque tenho os mesmos.

Nós somos maus. E Aliana não é. Só mancharemos a alma dela. Ela merece ser libertada, mas somos todos egoístas demais para deixá-la ir.

Somos bastardos por isso. Fodidos egoístas que merecem ter nossas gargantas cortadas em vez de ter mais um segundo de sua beleza.

Quando chegar a hora, se chegar, direi isso a Dev. E direi a ele que ele é o pior de todos nós porque prendeu Aliana e sufocou sua luz. Só farei isso se descobirmos que ela está morta, porque então estarei acabado. Perdido. Essas palavras serão muito poderosas e dolorosas para Dev resistir, e ele violará o tratado – me ataque. Mate-me em um ataque de raiva. Mas não vou me importar então. Vou acabar com minha miséria e me reunirei com meu pequeno guerreiro.

Mas ainda não.

Como vou guardar essas palavras por mais um tempo, forneço a Dev uma explicação diferente para minha raiva atual. Eu já disse a ele que sou companheiro dela. Mas ele claramente não está levando essa afirmação a sério. Ele não quer reconhecer isso. Bem, ele pode tentar ignorar isso o quanto quiser, por enquanto. Mas há uma realidade que toda a comunidade de monstros viu cair. Uma realidade que ele não pode simplesmente ignorar.

“Todos nós fizemos lances por ela. Todos nós vencemos.” Odeio como minha voz é fina, lembrando o som oco que um canudo faz depois que a bebida acaba e o copo fica vazio.

Mesmo aquele desafio mais moderado meu faz Dev se arrepiar, os cabelos de seu pescoço se arrepiando enquanto ele ruge na minha cara.

Eu esperava que encontrássemos Aliana, que celebrássemos com uma orgia - ele transando com ela pela frente, eu reivindicando sua bunda linda, a pequena megera se contorcendo e xingando entre nós - no início, porque a tínhamos deixado. em perigo e depois porque a fizemos enlouquecer de luxúria.

Mas, aparentemente, Dev não vai deixar isso acontecer.

Ele realmente quer ser tão ganancioso com Aliana?

Ele quer ir para lá?

Arruinar nossa amizade por causa dela?

Multar.

Nós podemos fazer isso.

Levanto um dos meus punhos marcados pelo ácido e dou um soco na garganta dele. De novo. De novo. Ele cambaleia para trás e seu aperto afrouxa. Minhas próprias garras arranham sua mão em meu pescoço, cavando até sentir sangue e seu aperto se soltar.

Instantaneamente, saio voando pela rua com pés velozes, virando para a porta aberta e sombria mais próxima. Estou prestes a sair dele e continuar minha busca por conta própria.

Mas então vejo um brilho de pelo azul do outro lado da rua. Então, em vez de voltar para a casa de Dev para procurar pistas novamente, eu saio da pequena loja em que estou no momento em que o focinho selvagem de Dev entra pela porta.

Nada é mais satisfatório do que mostrá-lo enquanto um gancho invisível puxa minha barriga, e o tempo e o espaço envolvem sombras ao meu redor, me arrancando daquele bastardo.

Eu rio quando saio do portal a apenas dez metros de onde ele está, de costas para mim, sem saber.

Idiota.

Eu olho para ele por um segundo antes de virar uma expressão muito mais suave para o tigre azul parado na minha frente.

"Ora, olá, linda."

Ela ronrona, como se entendesse inglês. Mesmo que não o faça, o tom de admiração é bastante universal.

Mantenho minha voz suave e suave enquanto pergunto: "Você veio me procurar, princesa? Você poderia me levar ao Tesq?"

Com um balançar de sua cauda azul listrada, e o que acho que pode ser um pequeno ronronar, o tigre se vira e se afasta.

Eu a sigo, deixando Dev para trás sem um pinga de arrependimento.

O HOMEM VAZIO



HOJE É UMA MERDA.

Não, não é apenas uma merda. Ele sorve, engole e cospe também.

A raiva queima um caminho de fogo em minhas veias enquanto abro as portas do canil que reivindico como meu.

O agente paralisante que Tesq — *o maldito Tesq* — administrou passou há cerca de uma hora, e eu consegui sair do complexo estúpido do Devorador, mas isso não muda o fato de que ainda estou preso.

Preso no corpo de Pretty Boy.

Preso como um maldito humano.

Preso longe da minha companheira, sem ideia de como encontrá-la, como salvá-la, como...

Desculpar-se? A voz seca de Chase retruca na minha cabeça, vibrando com uma raiva mal reprimida.

“Quieto, seu imbecil,” sibilo em voz alta enquanto desço o caminho ladeado por gaiolas em ambos os lados.

Monstros e humanos me encaram com olhos arregalados e adoradores enquanto eu rondo pelo meu zoológico, mas ignoro todos eles. Por alguma razão, pular em qualquer um de seus corpos não me agrada nem um pouco. Não que eu pudesse, mesmo que quisesse. Por alguma razão desconhecida, talvez um efeito colateral daquela poção idiota que ele jogou em mim, não posso simplesmente sair da pele deste humano.

Parece que Chase e eu ficaremos presos um ao outro no futuro próximo.

Bom, Chase fica inexpressivo.

Meus lábios se curvam em um sorriso. “Você não gosta de ter poder, pequeno Chasey?” Eu provoco. “Você não gosta de saber que é o monstro

mais assustador de uma sala?”

Abro a porta da área que reivindiquei como meu quarto ao longo dos anos, embora na verdade não precise dormir, não quando estou em meu estado poltergeist.

Serei o primeiro a admitir que este quarto em particular foi usado para... propósitos nefastos, para ser franco. Presas e monstros me implorarão para entrar em seus corpos, possuí-los, consumi-los... e então fodê-los crus. Ou peça a um dos meus animais de estimação monstruosos para fodê-los crus. Não consigo nem contar quantas vezes me sentei nesta cama em particular, num corpo que não me pertence, e brinquei comigo mesmo. Há até uma câmera montada na parede para que eu possa registrar todas as minhas atividades ilícitas – tanto para eu assistir mais tarde quanto para a pessoa que eu possuo se masturbar.

Macho, fêmea, monstro... Não me importava a forma que eu assumisse, apenas que isso pudesse me oferecer prazer. Eu gostava de ser mulher e de brincar com meu clitóris, mas também adorava ser homem e ter meu pau chupado. Sério, você deveria me chamar de pau para toda obra. Suponho que terei que entrar em contato com alguns dos meus melhores ternos de carne em preparação para o momento em que finalmente recuperarei minha doce Aliana.

Embora a ideia de qualquer outra mão sobre ela...

Mãos que não me pertencem...

A raiva cega me atinge como um furacão, quase dolorosa em sua intensidade.

Mesmo assim, a fome corre pelo meu sangue com a perspectiva de finalmente ter Aliana, de reivindicá-la como minha. Quero ver suas pupilas dilatarem de desejo, como fizeram quando a fodi com aquela garrafa de vinho. Quero passar os dedos por seus cabelos pretos e brancos enquanto ela se esparrama na cama, com o corpo nu e brilhando de suor. Quero ouvi-la gemer meu nome enquanto eu bato em sua boceta apertada e a possuo de uma maneira que só um monstro é capaz.

Mas quero que o corpo que a toca seja *meu*. Não é uma marionete que eu controlo. Não algum fanger ou monstro de baixa potência com tesão por estar possuído.

Chase, graças a Deus, não comenta meus pensamentos perturbados, embora eu possa sentir seu descontentamento através do vínculo que nos conecta. Parece que Pretty Boy não gosta da ideia de ninguém, inclusive eu, tocando sua doce e pequena Aliana.

Isso só me faz querer fazer mais.

O que você está fazendo? Sua voz ecoa pela minha cabeça enquanto eu me movo ao redor da cama e vou em direção ao armário.

Sem qualquer alarde ou dramatismo, abro as portas deslizantes.

A exalação chocada de surpresa de Chase me faz lutar contra um sorriso enquanto prossigo os itens que mantenho em mãos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Que porra é essa? O quarto vermelho de Christian Grey? ele late enquanto observa os chicotes meticulosamente alinhados na parede, os chicotes pendurados em um suporte perto do teto, os rolos de corda e as vendas perfeitamente posicionados na prateleira mais distante.

“Quem diabos é Christian Grey?” Pergunto em voz alta enquanto corro meus dedos sobre uma raquete preta.

A diversão sombria escorre pelo vínculo mental.

Ex-namorado de Aliana, Chase responde.

Essas palavras me atravessam como espinhos. Uma mistura de raiva e ciúme prende meus pés no lugar.

"O que?" Eu lati.

Oh sim. Eles faziam um monte de coisas pervertidas no quarto — ou... bem... o que ele acreditava ser pervertido. Pessoalmente, acho que foi bastante inofensivo em comparação com o que é popular agora. Pás, vendas, penas. Ele até a ensinou a pintar. Você sabia que existem mais de cinquenta tons de cinza?

Pontos escuros salpicam minha visão e depois se quebram ao meu redor como madeira flutuante se quebrando contra rochas enormes e irregulares. Meu corpo começa a tremer enquanto pura eletricidade corre através de mim.

“Isso é... Christian Grey ainda está vivo?” Mal consigo falar com os dentes cerrados.

Mais uma vez, a diversão passa pelo vínculo. O que diabos está deixando Pretty Boy tão feliz?

Vivo no coração de Aliana, ele responde.

Um rugido se liberta da minha garganta. Antes que eu perceba o que estou fazendo, antes que meu cérebro possa acompanhar minhas ações, estou arrancando toda a prateleira do meu armário e jogando-a no chão. Achei

que conhecia o ciúme, mas mesmo ver Aliana com os outros Terrores não provocou em mim uma reação tão visceral. Mas ouvir sobre seu ex-amante – esse maldito Christian Grey – me fez ver vermelho.

Eu gostava mais dele do que do outro ex dela, continua Chase. *Edward Cullen.*

“Ele parece um idiota pretensioso!” Eu sibilo.

Ele era um pouco perseguidor, para ser completamente honesto. Ele gostava de vê-la dormir...

“EU GOSTO DE ASSISTIR ELA DORMIR!” Eu rugo.

Meu Deus, estou começando a parecer com Dev. Essa maldita mulher está me deixando comprovadamente louco.

Chase não responde, mas posso dizer que ele está me estudando como um falcão. Quero atacar o campo de resistência humana mais próximo e torturar todos os seus homens até encontrar esses homens. Christian Grey e Edward Cullen pagarão com suas vidas por tocarem no que é meu.

Respiro fundo e me acalmo, tentando me centrar, e quando sinto que finalmente tenho algum mínimo de controle, falo. “Não importa.” Minhas palavras soam como folhas secas e quebradiças flutuando em um recipiente vazio. “Quando eu estiver com Aliana, ela esquecerá tudo sobre seus antigos amantes.”

E como você acha que isso vai funcionar? Chase pergunta.

Ele não parece mais estar à beira da risada. Algo sombrio e insidioso envolve cada palavra que ele diz.

“Quando ela for um fantasma como eu...”

Você está brincando, certo? ele exige incrédulo. Você está seriamente apostando todo o seu relacionamento com Aliana no fato de ela se transformar em um poltergeist depois de ser assassinada?

“Não é completamente irracional.” Tento ignorar o estímulo incessante em minha cabeça – essa sensação estranha e desconhecida que parece muito com culpa. Arrependimento. “Humanos que são assassinados têm uma grande chance de retornar como fantasmas—”

E se Aliana não o fizer? A fúria de Chase bate em meu crânio, quase palpável. Juro que posso abrir a boca e sentir o gosto. *Se ela simplesmente permanecer morta?*

“Ela não vai,” eu descarto, embora não possa deixar de me perguntar...

Não. Não, eu não vou lá. Me recuso a sequer pensar no que significaria se Aliana não se transformasse em um fantasma após sua morte. Ela se tornaria uma só, e então nós dois poderíamos ficar juntos, livres das expectativas da sociedade ou das minhas próprias limitações físicas. Ela seria minha – segura, protegida e amada.

Você nem acredita nisso, não é? Chase pergunta maliciosamente.

Cale-se. Desta vez, falo em meus pensamentos. Acho que não conseguiria falar em voz alta, mesmo que quisesse.

Eu me abaixo para pegar um rolo de corda.

Você é realmente um idiota tão egoísta que mataria a mulher que acredita ser sua companheira só para que os outros Terrors não possam tê-la?
Chase pressiona, sua voz quase derretida com fúria acumulada.

Cale a boca! Eu rugo na minha cabeça.

A corda escorrega dos meus dedos e cai no chão, perto dos meus pés, mas não me abaixo para pegá-la de volta. Permaneço de pé, com os punhos cerrados, as unhas cravadas nas palmas, a cabeça baixa, os ombros tensos, os músculos das costas ondulando.

“Eu fiz o que tinha que fazer para protegê-la”, finalmente sussurro. Continuo o resto do meu apelo mentalmente. *Se ela for como eu, os outros monstros não poderão machucá-la. Eles não podem usá-la contra mim. Ela será poderosa, imparável—*

E morto, Chase termina com raiva. *Ela estará morta... exatamente o que você afirma estar tentando evitar ao 'protegê-la'. Ela estará morta e odiará você para sempre.*

"Basta disso." Não quero ouvir mais nada do que ele tem a dizer.

Porra, o que Tesq fez comigo quando lançou aquele feitiço na minha cabeça? Assim que puder deixar o corpo de Chase, eu o farei. E então matarei Pretty Boy pela inconveniência que ele me causou... e por me fazer duvidar da minha decisão.

O que você está fazendo? Chase exige enquanto eu pego a corda pela segunda vez.

“Ora, vamos caçar monstros, meu querido amigo,” eu murmuro enquanto enrolo a corda em volta do pescoço como um lenço. “Encontraremos todo e qualquer monstro leal a Tesq e pediremos *educadamente* informações sobre seu paradeiro.”

Pego uma das lâminas que guardo no armário. Este... Este não foi feito para o prazer. É muito longo, muito afiado, muito grande.

Mas um monstro precisa se proteger, e não há outro momento em que ele esteja mais vulnerável do que quando está profundamente enfiado em uma mulher gritando.

“Vamos resgatar minha garota”, digo enquanto bato a porta do armário. Um sorriso malicioso surge em meus lábios. “E vou fazer o Grotesco pagar por acreditar que pode roubá-la de mim, para começar.”

O GROTESCO



ESTOU NA BEIRA DE UM TÚNEL, exatamente onde os vagões do metrô costumavam sair do subsolo e viajar acima da terra durante parte de sua jornada. Olhando para as estrelas – as presas espalhadas de monstros do passado rosnando no céu – e respirando fundo o ar fresco, tento reprimir a miséria que gira em minha barriga.

Eu não estou preparado para isso.

O pequeno humano, brincando, apontou como eu poderia tê-la matado facilmente e sem saber com a refeição que fiz. E foi aí que eu estava tentando ser gentil. Na verdade, foi quase um milagre eu ainda não ter quebrado seus ossos delicados com minhas mãos ásperas.

Eu deveria ficar longe dela porque se minhas refeições ou mãos não funcionarem, meu rosto certamente o fará.

A repulsa brota e se transforma em pedaços grossos de auto-aversão que se alinham na minha garganta e tornam difícil engolir.

Quantas vezes eu quis acabar com isso?

Simplesmente deixar de existir?

O desejo nunca foi tão potente como agora, com a sua presença brilhante perto o suficiente para ser tocada e, ainda assim, impossível de alcançar.

Cerro o punho e bato-o contra o arco curvo do túnel, o som ecoando atrás de mim no vazio, um vazio que reflete meu próprio núcleo oco.

Acho que nunca me senti tão só.

Algo roça minha coxa, me assustando, e olho para baixo para ver Fluffy esfregando o rosto em minhas calças escuras, ronronando. Estendo a mão e passo os dedos pelo seu pelo, coçando-a atrás das orelhas.

“Você sempre sabe.” Não tenho certeza se estou aliviado por existir uma criatura no universo que se preocupa tanto comigo ou irritado, porque sem

ela seria mais fácil deixar tudo para trás.

“Bem, não vou discutir com você sobre eu ser onisciente”, uma voz masculina ecoa no abismo escuro do túnel atrás de mim. “Mas, só para ficar claro, o que é que eu sei?”

O Creeper sai das sombras atrás do meu tigre, com um sorriso arrogante em seu rosto azul.

Eu nem tenho vontade de dar um soco naquele olhar em seus lábios – isso é o quão melancólico eu sou. Então eu simplesmente resmungo e me afasto dele, repreendendo levemente Fluffy.

“Eu disse para você ver como eles estão, não trazê-los aqui,” eu reclamo, passando meus dedos por seu pelo sedoso, azul e preto.

“Ah, silêncio. Ela é uma boa gatinha, não é? Creep usa uma voz de bebê e se agacha para esfregar as bochechas de Fluffy.

Ela o morde – bem no nariz.

Uma risada relutante explode em meu peito quando ele agarra seu rosto, levantando-se rápido demais e batendo seus chifres de alce na borda curva da abertura do túnel. Sangue escorre entre seus dedos enquanto ele olha para Fluffy.

“Boa menina,” eu digo a ela.

Mas – típica gata – ela também está chateada comigo por repreendê-la. Ela se afasta da minha mão, o rabo erguido arrogantemente no ar enquanto volta pelo túnel para longe de nós, as sombras engolfando seu traseiro.

Tenho noventa e nove por cento de certeza de que Aliana se tornou a nova pessoa favorita de Fluffy. Se fosse qualquer outra pessoa, isso me enfureceria - fui eu quem encontrou Fluffy quando era um gatinho, cuidei dela até que ela ficasse saudável e dei-lhe um lar - mas uma pequena muda se desenrola em meu peito ao pensar em minhas duas garotas favoritas ficando tão perto.

Eca.

Duas garotas favoritas.

Que porra Aliana está fazendo comigo para que eu tenha todos esses pensamentos sombrios e piegas?

Suspiro e me viro para segui-la, porque tenho certeza de que Aliana precisa de cuidados – ou suas feridas precisam ser examinadas ou ela precisa de comida ou água, ou alguma outra coisa humana que eu desconheço. E não

adianta fingir que ela não está aqui. Creep não é bobo. Ele não vai simplesmente ir embora só porque eu quero.

Ótimo.

Precisarei procurar um esconderijo novo e desconhecido depois disso.

Como previsto, ele se vira e me segue na escuridão, sugando o próprio sangue dos dedos enquanto caminhamos.

“Dev?” Eu questiono, me perguntando se os outros Dez ainda estão vivos.

Enquanto isso, eu me pergunto: Creep está aqui para tirar Aliana de mim? Colocá-la de volta na cela?

Tento não reconhecer o modo como minha garganta se aperta e minha visão se estreita com a perspectiva de que ela vá embora. Ela está comigo há pouco tempo, mas a ideia de sua ausência já pulsa como uma ferida aberta.

Creep dá um bufo zombeteiro em resposta à minha pergunta. “Por favor, não fale comigo sobre aquele bastardo. Ele está sendo um idiota que pensa que tem o único direito sobre Aliana.

Há sarcasmo no tom de Creep que eu nunca tinha ouvido antes. O outro monstro é tipicamente tão jovial quanto eu reticente. Mas, aparentemente, o Devorador o atingiu em cheio.

Isso me faz pensar.

Dev reivindicou Aliana como sua companheira.

Creep também a reivindicou?

Eu sei que o Homem Vazio fez isso quando tentou matá-la... isso faz de nós quatro seus companheiros? Os quatro reis do Reino de Ébano?

Um arrepio percorre meu corpo e fico feliz que a escuridão total o esconda. Porque se o que suspeito for verdade, então os Oitos e Noves não precisarão atacar para nos destruir. Nós nos despedaçaremos por causa da doce escrava humana.

Porra.

“Belo lugar que você tem aqui. Adorei como você decorou, embora eu ache que isso é um pouco mais no estilo de Em.” O tom indiferente de Creep quando abro a porta da sala de mecânica me diz que o outro monstro não tem ideia do que estou pensando.

Ignoro seu pequeno comentário sobre as luzes de Natal.

Provavelmente estou errado. Paranóico. Creep provavelmente não tem ideia de que Aliana é sua companheira—

"Pequeno guerreiro!" ele exclama assim que avista Aliana empoleirada na beira da cama de solteiro, debruçada sobre a mesa de cabeceira, tomando o último pedaço de sopa.

Ela se assusta com as palavras dele e derrama um pouco do líquido quente sobre si mesma, sibilando como resultado.

Imediatamente dou um passo à frente para ver se ela precisa de ajuda. Ela está vestindo uma camiseta preta gigante minha – ela deve ter se trocado enquanto eu estava fora – e meus olhos acidentalmente mergulham na pele exposta acima de seus joelhos por um milésimo de segundo antes de forçar meu olhar para longe, porque sei que ela não iria me querer. olhando.

"OK?" Eu pergunto.

“Estamos de volta às discussões monossílabas?” ela me pergunta, aqueles olhos dela penetrando através da minha máscara.

Há algo incomum em seu tom – não consigo dizer se ela está zombando de mim ou se está realmente decepcionada comigo. Estou surpreso que ela queira que eu fale depois da minha última confissão.

Olho rapidamente para o seu lindo rosto, tentando interpretar o que sua expressão significa, e ela mantém meu olhar firme.

"Com licença. Eu estou bem aqui. Eu sobrevivi àquele ataque de monstro depois de colocar você fora de perigo. Obrigado por perguntar. Creep balança a mão no ar e se inclina para frente.

Ele claramente não suporta qualquer tensão que tenha se acumulado no ar entre Aliana e eu – ele sempre quis ser o centro das atenções, o lindo monstro.

Estou surpreso que ela ainda não tenha olhado para ele. Mas aqueles olhos, aquelas piscinas pensativas de azul oceânico, ainda me fazem nadar em suas profundezas.

Ela está pensando no que eu disse a ela?

Ela está congelada de horror agora?

Exceto que sua expressão não é nem aterrorizada nem plácida. É... doloroso, talvez? Ou triste?

Eu gostaria de ser um leitor de mentes. Eu gostaria de poder comprar uma poção para poder entrar em seus pensamentos e saber com certeza o que ela

está pensando. Mas a bruxa que me vendeu a poção defensiva para congelar meus inimigos não tem tal coisa à venda. Até a magia tem seus limites.

“Ok, agora estou começando a me sentir como uma terceira roda. E embora às vezes eu esteja bem com isso, o voyeur em mim não está conseguindo nada com essa competição de olhares.” Creep tagarela ao meu lado, mas ele é como uma abelha, um mosquito, simplesmente uma distração quando Aliana está me olhando assim.

“..A menos que... devamos transformar isso em um jogo?” o outro Dez propõe.

Aliana o ignora, então eu faço o mesmo. Ela não se move, e eu também não. Sinto um puxão dentro do meu peito me impelindo em direção a ela – uma força forte e magnética contra a qual tenho que lutar. Tenho que me lembrar que eu iria machucá-la. Tenho que me lembrar que, de todos os monstros, sou o pior.

“O primeiro a piscar tem que perder uma peça de roupa!” Creep declara, agarrando uma cadeira e arrastando-a para que fique diretamente entre nós, e então ele se joga nela. Seu olhar oscila entre nós, aparentemente se declarando o árbitro.

O canto da boca de Aliana se contrai apesar de seu esforço para manter o rosto sério, e sua alegria dispara como uma flecha, direto em meu próprio peito, fazendo-o jorrar calor.

Isso é um jogo?

Estamos jogando?

Suas sobancelhas se arqueiam em desafio, e acho que talvez estejamos jogando um jogo. Não tenho certeza absoluta — não jogo há décadas —, mas meus dedos dos pés começam a se curvar de alegria quando percebo que pode ser uma possibilidade. Meu coração ganha asas e vibra dentro do meu peito.

“Você tem alguma coisa por baixo dessa camisa, pequeno guerreiro? Eu realmente espero que não, porque aposto que você perderá para o homem gárgula aqui.”

A ideia de que Aliana possa ter que revelar seus seios leva meus olhos até seu peito.

“Ele piscou!” ela declara, seu braço voando para frente, apontando diretamente para mim.

Meus olhos voltam para os dela com culpa, mas não me preocupo em corrigi-la porque minha respiração ficou muito superficial, e estou me

sentindo tonto e... não acho que vencer este jogo teria sido muito difícil. boa ideia para mim.

Na verdade, brincar com ela parece uma proposta muito perigosa.

“Tire a camisa, Tesq”, ordena Creep.

Eu olho para ele, mas então Aliana acrescenta sem fôlego: — Sim, não seja um péssimo perdedor.

Eu arranco minha camisa sobre meu torso grosso, então tento não notar como minha pele se arrepia e arrepios surgem em minha carne quando Aliana morde o lábio inferior com a visão. Ela está mordendo um grito? Provavelmente. Não pode ser... atração. Pode?

Eu esqueço como respirar.

“Agora, esse tipo de olhar é o que eu gosto.” Creep ri, antes de Aliana se virar e dar um tapa nele.

"Cala a boca. Você e seus jogos. Ela sibila, agarrando a dor de estômago, e Creep imediatamente se aproxima, passando um braço em volta dela, como se tocá-la fosse tão fácil quanto respirar para ele.

Eles começam a brigar de brincadeira enquanto ela tenta afastá-lo e insiste que está bem, e eu me sinto constrangida e então, eventualmente, esquecida.

Devo ter imaginado que havia atração em seus olhos.

Pensamento positivo da minha parte — foi só isso. Tudo o que será. Essa verdade melancólica se aninha em meu cérebro, e eu me afasto deles, indo até um canto e pegando uma caixa de madeira para tentar ocupar meu tempo.

Fico sozinha pelo resto da noite, virando as costas para eles e tentando inutilmente não notar como a cama de solteiro range sempre que um deles se move. Tento não ouvir a discussão sussurrada ou o que parece ser uma briga de tapas divertida seguida pela risada doce dela entrelaçada com a risada baixa dele, suas risadas se harmonizando.

Abro a caixa e vasculho minha coleção de relógios de corda, girando os botões, deixando os minúsculos cliques satisfatórios preencherem meus ouvidos, concentrando-me neles em vez do romance brotando nas minhas costas.

Ela vai embora com ele.

Ela deveria. Ele a faz feliz. Os pensamentos parecem uma lima de metal sendo arrastada pelos meus dentes, raspando-os pouco a pouco, as vibrações reverberando dolorosamente por todo o meu crânio.

Sento-me, imóvel como uma pedra, submerso na dor, incapaz de me mover com o passar do tempo. Finalmente, depois que Aliana apaga a luz ao lado da cama e só restam as luzes cintilantes de Natal, meus membros se soltam. Uma vez que sua respiração se estabiliza, eu me viro, capaz de encarar a realidade, por mais feia e indesejada que seja.

Creep reclina-se na cama, encostado na cabeceira da cama, a cabeça de Aliana apoiada em seu peito, a mão acariciando suavemente seus cachos pretos e brancos. Ele está tocando ela.

Tocando nela.

Deus, eu quero matá-lo.

Não. Eu quero *ser* ele, o que é ainda pior.

"Eu irei embora." Apenas duas palavras, mas elas dizem tudo: não vou lutar. Você pode ficar com este lugar. Mantenha-a segura aqui.

Viro-me e dou um passo, mas fico imóvel novamente quando a voz de Creep perfura meus ouvidos. "Ou você poderia ficar."

Eu giro lentamente para olhar para ele, a descrença franzindo minha testa. "Por que?"

"Ela gosta de você, você sabe." Ele olha para Aliana com um pequeno sorriso.

"Eu não sou... simpático."

Creep olha para mim e sorri, os olhos do monstro azul vagando pelo meu rosto. "Bem. Tenho algumas ideias sobre como podemos mudar isso."



QUANDO ALIANA ACORDA, empurro um prato trêmulo para ela.

Ontem à noite, enquanto ela dormia, vasculhei a cidade em busca de animais. Fluffy e eu finalmente conseguimos encontrar uma ninhada de galinhas selvagens, e ela farejou seu poleiro.

Cinco ovos fritos formam uma flor no prato à minha frente.

Nunca me senti mais nervoso ou mais tolo do que neste exato segundo. Mas Creep sabe mais sobre o que os humanos gostam de comer do que eu – seu pai mantinha um zoológico inteiro de humanos. Ovos fritos frescos estão no topo da lista.

Claro, tenho uma galinha sem cabeça pendurada em um cano atrás de mim, caso ele esteja errado e Aliana odeie os ovos. Manter Fluffy longe da carcaça tem sido um desafio – o tigre e eu nunca estivemos tão em desacordo; ela normalmente consegue o que quer.

Hoje nao.

“Os humanos gostam quando você os alimenta logo de cara”, Creep me assegurou ontem à noite, antes de me mandar caçar pequenas criaturas que são tão irritantemente impossíveis de capturar quanto moscas.

É melhor que ele esteja certo.

Aliana semicerra os olhos e franze o rosto, afastando-se do prato.

Olho acusadoramente para Creep, que se moveu para baixo da cama ontem à noite, em vez de para cima dela.

“Velhos hábitos são difíceis de morrer”, disse-me o monstro debaixo da cama.

Ele olha de volta agora, afastando uma ponta do lençol dela, confusão franzindo sua testa.

Aliana geme: “Só um minuto. Deixe-me acordar.

Puxo o prato e tento não encarar seu corpo enquanto ela se estica debaixo do lençol. Posso ver seus quadris flexionados, suas panturrilhas deslizando sob as cobertas.

Abaixo o prato para cobrir a protuberância que começa a se formar.

Minha companheira boceja e depois se levanta antes de me agradecer com um sorriso. “Tesq... você fez ovos para mim?”

"Sim." Seguro o prato com incerteza, pois empurrá-lo de volta para ela revelaria minha situação atual.

“Sempre com respostas de uma palavra. Onde você conseguiu ovos? Isso não estava na geladeira. Ela pega o prato, seus dedos roçando os meus enquanto ela o pega de mim.

Uma emoção percorre meu sistema, e meu interior parece o cenário das luzes de Natal quando aperto um botão para fazê-las piscar como um carro de corrida, uma após a outra. “Eu cacei ovos ontem à noite.”

Seus lindos olhos piscam para mim. "Você fez?"

Eu concordo.

Quando ela sorri suavemente, tenho certeza de que meus pés adquiriram a mesma consistência daqueles ovos: macios e derretidos.

Ignoro a maneira como a garra de Creep se projeta e envolve meu tornozelo, apertando-o com força antes que ele me faça um sinal de positivo. Se eu olhar para ele, vou querer perguntar por quê. Por que ele está me ajudando? Por que ele faria isso? Ele pode facilmente capturar a atenção dela, pode roubá-la. Por que ele compartilharia?

Eu não quero saber por quê. Não quero saber que preço ele tentará cobrar por esse favor. Seja o que for, eu pago.

Meus olhos se fixam em Aliana e no modo como ela cruza as pernas na cama, coloca meu prato em seu colo e come a comida que fiz para ela. E o sol nasce dentro de mim.



NO DIA SEGUINTE, debatemos se deveríamos ou não partir, mas o estômago de Aliana ainda está dolorido, sua careta fica evidente sempre que ela dá mais do que alguns passos.

"Ainda não." Não quero ser rude, mas ela não está em condições de ir a lugar nenhum ainda.

Minhas palavras me rendem um olhar furioso e tento ignorar a maneira como a raiva dela me dá um soco no estômago.

“Estou ficando louco e, embora Dev ainda esteja vivo, não o encontramos, e você não acha que ficar em um lugar é uma maneira infalível de um certo homem-fantasma psicopata nos encontrar?” Aliana vomita motivo após motivo pelo qual deveríamos ir embora.

Mas ela não conhece as ruas ou como é lá fora agora. Mesmo que Fluffy e eu tenhamos conseguido seus ovos, não contei a ela como tive que lutar contra um Nove sedento de poder durante minha busca. Eu não contei a ela que um verme da areia desonesto tentou me engolir ontem à noite quando repeti o procedimento para que ela pudesse acordar com comida novamente.

Está um caos lá fora agora.

Ela não está em condições de lidar com isso.

“Eu quero ir embora”, declara Aliana, enfrentando Creep e eu, que está sentado no sofá ao meu lado.

"Pequeno guerreiro." Creep se levanta e sua mão vai para o ombro dela.

Ela dá de ombros, mas com menos sarcasmo cada vez que ele a toca, e embora ela revire os olhos, posso ver algo mais por trás de seu aborrecimento.

"Sabe o que? Parece que precisamos de um jogo para ocupar nosso tempo", diz Creep, antes de entrar na sombra e desaparecer da existência.

Aliana dá um gemido frustrado, passando as mãos por suas tranças pretas e brancas antes de começar a andar pelo nosso pequeno espaço, que se tornou um pouco maduro com o cheiro de um humano, dois monstros e um tigre que o habitam constantemente.

"Não gosto de ficar preso, Tesq."

"Eu não sou-"

"Eu sei que você não está!" ela estala. "Eu sei que você não está tentando me prender. Mas é assim que parece. Eu me sinto preso!" ela exclama enquanto para e fica na minha frente, seu rosto em formato de coração levantado melancolicamente enquanto sua fúria se dissolve em algo vulnerável. "Não gosto de me sentir preso."

"Eu também estou preso," eu digo suavemente.

"Sim eu sei." Ela se vira, levando minhas palavras ao pé da letra enquanto se joga de volta na cama.

Mas ela não sabe que quero dizer que estou preso por ela. Enjaulado por essa necessidade de estar perto dela que piora a cada hora.

Eu a deixei ir antes.

Agora?

Alguém teria que quebrar meus ossos.

"Estamos presos aqui, juntos, neste quartinho sem nada para fazer..." Sua lamentação é interrompida por um estalo alto.

Creep reaparece em uma sombra escura logo atrás dela. "Nada a fazer a não ser jogar um jogo de bebida!" ele declara, segurando uma garrafa de uísque.

Aliana se vira na cama para encará-lo, e eu olho descaradamente para o modo como minha camisa preta subiu em suas coxas e está amassada bem perto da curva de sua bunda.

O Creeper se aproxima e pisca para ela, dizendo misteriosamente: "Não é uma garrafa de vinho, mas se você decidir que quer jogar um tipo diferente de jogo..."

Ela obviamente o acha ofensivo, porque ela sai da cama e pega uma bola de beisebol autografada de uma das minhas prateleiras em menos de um segundo. Minha companheira solta um grunhido de fúria enquanto atira a arma na cabeça dele.

Creep se abaixa, mas ainda bate em seus chifres e cai de cabeça. Isso só o faz rir ainda mais.

“Cara!” Ela grita.

“Eu tenho um hoje, você sabe.” Ele se agarra obscenamente e pisca. “Caso uma garrafa de uísque não seja do seu agrado.”

Ela aperta uma mão na frente dela, como se mal resistisse a estrangulá-lo, antes de se virar para mim. Por que ela fica tão ofendida com uma garrafa de vinho? O que está acontecendo entre eles? Seus olhares dizem que estão discutindo muito mais do que álcool, mas não consigo entender o quê. Um pequeno riacho de ciúmes flui através de mim pelo fato de que eles claramente têm algum tipo de piada interna.

Mas saio dos meus pensamentos quando Aliana pergunta: “Tesq. Você já bateu no Creep?”

Inclino a cabeça, me perguntando por que ela perguntaria.

“Você tem, não é?” Ela sorri quando Creep faz beicinho. “Me fale sobre isso. Por favor.”

“Ei, agora...” Creep tenta interromper, mas ela fala por cima dele.

“Ele sangrou? Você o fez chorar? Meu doce e suave companheiro quase parece sedento de sangue agora.

Às vezes, esqueço que há um lado feroz nela — provavelmente porque ela é tão pequena e delicada que parece impossível conceber que ela se torne violenta, embora eu já tenha visto isso.

Creep arranca a tampa do uísque e dá um longo gole. “Ok, que tal isso? Hora da história com uma reviravolta. Tesq vai contar exatamente como ele me espancou, mas... para cada dez palavras que ele fala, você tem que beber.

Aliana joga a cabeça para trás, expondo os ossos e a bela cavidade de seu pescoço enquanto ri. “Negócio.”

Creep entrega a garrafa a ela e ela a aceita de boa vontade.

E algo toma conta de mim. A alegria em seu rosto. A maneira como seus olhos estão brilhando. A maneira como até Creep sorri para mim de

maneira amigável e encorajadora. Sinto uma espécie de bobagem dançando em meu peito.

Limpo a garganta e digo: — Bem, era uma vez, há muito, muito tempo...

"Dez! Bebida!" Creep declara.

E minha Aliana começa a rir de menina antes de declarar: "Quer saber? Eu nem estou irritado. Vale a pena." Ela toma um gole da garrafa de uísque e se encolhe com a queimadura antes de sorrir para mim. "Vá em frente, Tesq. Conte-me a história mais detalhada e prolixa que puder.

Então eu faço.



NO NOSSO QUINTO dia juntos na sala do mecânico, acordo no sofá com torcicolo. Creep rasteja para fora da cama de Aliana, seus chifres raspando na parte de baixo do colchão e deslocando-o para que o braço dela caia do colchão em direção ao chão.

Nunca desperdiçando uma oportunidade, ele se inclina para beijar a parte interna do cotovelo dela antes de jogar a cabeça para trás. "Ah, uau. Hum, Aliana, querida, você fede."

Seus olhos, que estavam no meio da abertura, imediatamente se estreitaram em fendas. "Com licença!"

"Olha, eu cheiraria igualmente mal, mas o portal tende a arrancar isso de você. Aqui, posso levá-lo para um passeio rápido..."

"NÃO!" Grito tão alto que minha voz ecoa pela pequena câmara.

Todos os olhos se voltam para mim em estado de choque. Até a cabeça de Fluffy se levanta do canto onde ela está deitada, mastigando um peixinho recheado que comprei para ela.

"Ela está machucada", explico a Creep com um gesto em direção à cintura de Aliana. "Sem portais."

"Oh, ele consegue quatro palavras. Ontem, mal consegui dois", Aliana resmunga baixinho, porque depois da minha história, ela pensou que eu me transformaria em um palhaço prolixo.

Mas esse foi um momento de leviandade. E depois de décadas de silêncio, não estou acostumado a expressar todos os pensamentos em voz alta.

Creep termina de rastejar para fora da cama e olha entre nós. “Estou sentindo alguma tensão. Mas também, na verdade, estou feliz que você esteja ferido, pequeno guerreiro.”

"Com licença?" A irritação de Aliana comigo evolui para um olhar mortal para Creep. Sua boca em forma de arco de Cupido se desenha em um círculo pequeno e apertado enquanto ela tenta encará-lo.

Se ao menos essa técnica funcionasse. Quase abro a boca e digo a ela que não adianta. Há anos que tento fazer com que os monstros me deixem em paz. Mas paro, porque as próximas palavras de Creep me deixam em estado de choque.

“Estou feliz que você esteja ferido porque nós podemos cuidar de você. E hoje vamos dar um banho de esponja em você”, declara.

“Como diabos você é! Eu posso fazer isso sozinho!” Aliana protesta veementemente, levantando-se imediatamente.

Mas o movimento rápido faz com que ela agarre a ferida ainda cicatrizando em seu estômago, e essa é a sua ruína.

Mais rápido do que consigo piscar, Creep foi até ela, pegou-a em seus braços corpulentos e sentou-se na cama com ela no colo, apertando estrategicamente as pernas dela por baixo das dele e envolvendo-a em um abraço de urso por trás. o que efetivamente prende as mãos ao lado do corpo.

Isso não impede Aliana de resistir a ele. “Filho da puta! Me deixar ir!”

“Ah, sim, aí mesmo, querido. Simples assim”, ele geme maliciosamente.

Aliana congela instantaneamente em seu colo, embora eu possa sentir a furiosa indignação saindo dela como uma névoa espessa e venenosa. Uma mecha de cabelo caiu sobre seu olho direito, e sinto vontade de penteá-la para trás, então, é claro, coloco as mãos atrás das costas.

“Deixe-a ir”, digo a Creep.

"Por que você me pediu para fazer isso, quando estou prestes a pedir que você lave ela?" O sorriso conhedor de Creep por cima do ombro de Aliana me diz que os outros Dez podem ver o quanto essa pequena mulher humana me afeta. É por isso que evito monstros. “Você pode imaginar isso? Deslizando esta camisa para que você possa lavar as pernas dela? Arrastando o pano no pescoço? Esses seios lindos...

"Rastejar!" ela sibila.

Ele para. Mas ela não fica gritando. E não sei por que, mas não consigo me mover.

Eu devo ir.

Eu deveria ir embora.

Meus pés parecem pregados no chão.

Eu desvio meus olhos para lá também, o rosto queimando de vergonha, já antecipando o olhar de desgosto que Aliana terá em seu rosto quando eu olhar para ela. Não tenho coragem de ousar tentar.

“Acho que vejo um pano perto da pia. Vá pegá-lo. Molhe e passe um pouquinho daquele sabonete líquido.” A voz de Creep é o único som na sala.

Acho que Aliana pode estar prendendo a respiração; seus pequenos bufos normais não estão soando.

Ela espera asfixiar antes que eu possa tocá-la? Provavelmente.

Ainda assim, não consigo parar meus membros enquanto me viro e sigo as ordens de Creep, embora a auto-aversão faça minha nuca arrepiar.

Sim, já toquei sua pele antes. Sim, cuidei de suas feridas. Mas isso... Isso está cuidando *dela*. Essa é uma tentação em um nível totalmente novo, que me queima. A tensão que vem crescendo dentro de mim nesses últimos dias com ela aqui, essa obsessão por ela, essa necessidade de realmente ser sua companheira... É irresistível.

Eu deveria falar e dizer não a ele.

Parece que alguém derramou um saco inteiro de cascalho na minha garganta.

Vá embora, digo a mim mesmo. Saia agora. Ela vai te odiar por isso.

Não tanto quanto eu já me odeio. Mas ainda...

“É só um banho, pequeno guerreiro.” O tom suave de Creep chega até mim enquanto ele sussurra para Aliana, provavelmente tentando acalmar seu terror. “Seus amigos vão cuidar de você.”

Companheiros! Eu me viro, o pano em minha mão fazendo espuma voar, para encontrar seus olhos.

Seu sorriso me diz que ele sabe. Ele conhece meu segredo. E ele acabou de revelar o dele também.

Em seu colo, percebo que Aliana estava tensionando seu corpo, arqueando as costas em um esforço para se separar dele. Mas com as palavras dele, ela afunda novamente e se senta sobre as pernas dele, com os olhos azuis parecendo atordoados.

Ela me encara, como se esperasse que eu confirmasse a afirmação de Creep.

E não posso negar.

Alguma parte profunda e enraizada de mim não me deixa contradizê-lo, nem me afastar, nem desistir dela. É a mesma parte de mim que agarra esse trapo mole como se fosse uma tábua de salvação. De frente para ela, sou incapaz de me conter.

"Sim." A palavra sai suavemente dos meus lábios e, de repente, a verdade – e minha maior vulnerabilidade – está lá fora.

O silêncio resultante corta minha garganta, marca uma linha profunda em minha barriga. Dói mais do que qualquer ferimento que já recebi.

“O que... O que significa ‘companheiro’? Quer dizer, eu sei o que dizem sobre monstros terem companheiros, mas nunca ouvi falar de um ser humano acasalado com um monstro. E eu sei o que Dev me disse... Ela solta um suspiro. “Apenas... explique-me, por favor,” Aliana finalmente diz com um tom trêmulo.

Creep responde primeiro.

“Isso significa que pertencemos um ao outro”, diz ele, com toda a confiança de um monstro que fascina e tenta outros monstros e humanos.

Eu o odeio.

Eu cerro os dentes enquanto ela pondera sua resposta, sua expressão é um mistério. Não sei dizer o que ela pensa sobre esta notícia. E eu quero desesperadamente arrancar as respostas da garganta dela.

Eu não.

Eu não mereço respostas.

Ou um companheiro.

Justamente quando penso que Aliana vai gritar e berrar para que a soltemos, ela vira aqueles olhos azuis ardentes para mim. “Tesq? O que companheiro significa para você? E não há respostas de uma palavra.”

Pressiono os lábios e fecho os olhos, sentindo a intensidade da minha pulsação e do meu coração batendo nas minhas costelas. Procuro as

palavras certas para descrever o que nossa conexão significa para mim, para explicar o inexplicável. Finalmente, decido alguns. Mais de um.

Eu sussurro suavemente: “Adoração e devoção”.

Hesitante, encontro o olhar de Aliana e algo imediatamente muda na sala. O ar fica mais quente ou a energia aumenta e as luzes ficam mais brilhantes. Ou talvez eu simplesmente pare de respirar.

Devo ter parado de respirar. Devo estar morto e desaparecido, porque o impossível acontece.

Aliana me dá um leve sorriso. Seus olhos suavizam e ela morde o lábio antes de perguntar baixinho: "Tesq, você poderia me lavar?"

Piscar.

Piscar.

Piscar.

Uma cutucada na minha perna me faz perceber que posso ter ficado catatônico por um momento. Fiquei tão assustado com o pedido dela que esqueci de me mover, e minha natureza gárgula simplesmente deslizou pela minha mente como um escudo, me congelando no lugar, protegendo-me da intensidade da minha própria reação.

Fluffy empurra a cabeça contra minha perna mais uma vez, esperando até que eu me abaixe e dê um tapinha nela, deixando-a saber que estou mais uma vez alerta e acordado. Satisfeito, o felino trota de volta para seu canto.

Limpo a garganta, mas não consigo falar.

Eu desvio meu olhar de Aliana para o Creeper e de volta para minha companheira mais uma vez.

Isso não pode estar acontecendo.

“Não se atreva a duvidar disso e arruinar tudo para nós,” Creep me chama enquanto se aconchega em Aliana.

“Achei que estava com um cheiro horrível”, diz ela ironicamente.

“Hmmm... você faz. Horrendo. Eu sou apenas uma alma muito corajosa,” ele murmura, seus lábios deslizando contra a pele do pescoço dela, murmurando.

“Solte minhas mãos para que eu possa bater em você”, ela rosna, mas suas palavras contêm mais aborrecimento do que raiva.

“Ah, sim, eu vou. Faremos isso mais tarde. Você pode bater na minha bunda o quanto quiser...”

"Isso não foi o que eu quis dizer-"

“Mas acho que Tesq precisa primeiro de uma reviravolta. Já tocamos antes e tenho certeza de que ele não. Sempre.” Creep se afasta de sua garganta com um olhar obsceno apontando diretamente para mim. “Tesq, venha lavar os pés dela.”

Espero que Aliana proteste. Para me dizer para entregar o pano a ela. Para empurrar Creep e rosnar.

Não espero que ela levante o pé do chão, fazendo com que minha camisa que ela está vestindo deslize para cima e revele mais alguns centímetros deliciosos de sua coxa.

Oh.

OH.

Oh.

Minha respiração vem rápida e meu peito parece como se um bando de pássaros estivesse subindo, um milhão de asas batendo dentro de minhas costelas enquanto eu caio de joelhos, minha pele dura batendo contra o chão de concreto.

Desse ângulo, ainda mais pernas preciosas de Aliana são reveladas, embora eu tome cuidado para não olhar muito para cima. Só de saber que estou tão perto e que ela quer que eu a toque, é o *desejo* que faz toda a diferença.

Não consigo me lembrar de uma época na última década, talvez até no século passado, em que alguém além de Fluffy quisesse que eu os tocasse.

Meus dedos tremem enquanto alcanço lentamente os ossos delicados de seu pé. Eu trago o pano para o lado, mas o mantenho imóvel enquanto deixo meus dedos traçarem sua pele macia e sedosa.

Ela solta um pequeno suspiro, e eu deslizo meu olhar para cima para ver seus lábios entreabertos e sua respiração superficial enquanto ela olha de volta para mim. Minha alma brilha e brilha enquanto o mundo vira de cabeça para baixo – os pólos magnéticos se inverteram, a escuridão agora brilha e um humano conquistou um monstro.

ALIANA



DEUS, O QUE ESTÁ ACONTECENDO comigo?

Sim, eu me sinto atraído por monstros, apesar dos meus melhores esforços, mas isso... Isso é diferente. O que estou sentindo agora não é insanidade momentânea ou impulsividade – porque Tesq não é nenhuma dessas coisas. Ele não me provoca ou me enfurece para transar com ele, então de onde vem esse desejo zumbindo em minhas veias? Por que meu coração está galopando descontroladamente dentro da caixa torácica?

Ele não é confiante ou selvagem como os outros Terrores. Tesq é terno, carinhoso e um pouco sem noção.

Mas quando ele olha para mim do jeito que está agora, a admiração fica clara nas bordas suaves de suas bochechas por baixo da máscara, na forma como sua mandíbula se abre ligeiramente, nas respirações superficiais que ele faz enquanto desliza suavemente um pano sobre o arco de sua cabeça. meu pé... me sinto valorizado.

As luzes brilham e a sala sombria parece nos envolver, envolvendo as bordas da minha visão até que só consigo focar em seu rosto. Seus chifres curtos e cor de osso. Seu queixo quadrado e cinza. A maneira como os enormes músculos de seus ombros se unem para que seus dedos enormes possam segurar com cuidado o trapo que não é tão grande quanto a palma de sua mão. Como ele é tão gentil comigo.

Acho que posso estar caindo em... algo mais que luxúria.

Posso ter caído de um penhasco e me espremido através de um portal para outra dimensão – uma em que meu peito palpita levemente ao toque de um monstro grande e desajeitado.

Tesq cuidou de mim desde o momento em que o conheci. Ele cuidou de minha saúde mais de uma vez, nunca pedindo nada em troca. Ele é tão *altruísta* .

Essa palavra voa pelo meu sistema e imediatamente traz à tona a lembrança de colher framboesas com minha mãe em um dia quente de verão. Eu não poderia ter mais de sete anos. Lembro-me vividamente de me virar para ela com a boca manchada de vermelho e perguntar, a contragosto, por que tínhamos que guardar algumas frutas para papai. Eu queria comer todos eles, até o último.

“Porque o amor verdadeiro é altruísta”, ela me disse, antes de bagunçar meu cabelo.

O verdadeiro amor é altruísta.

Não.

Não, não é essa palavra.

Não estou pronto para essa palavra.

Não posso associar essa palavra a alguém não humano. Com uma língua.

Não. Devo estar séptico, ou a ferida em meu estômago deve estar envenenada...

Mesmo assim, minha respiração falha quando o pano quente desliza ao longo do meu tornozelo, deixando uma marca quente e úmida que apenas reflete a linha molhada que está começando a se formar entre as minhas coxas. Tesq me tocando envia um brilho elétrico pela minha espinha e faz minha cabeça girar.

Não é amor... É apenas outro tipo de luxúria. Um toque mais suave e suave do que jamais senti antes – faz meu peito parecer delicado e leve, enquanto um calor familiar envolve minha região inferior. Uma passada do pano, depois duas, e uma pulsação começa perto do meu clitóris, sincronizada em conjunto com o movimento das mãos enormes de Tesq.

Algo está errado comigo.

Eu não deveria me sentir assim.

Os lábios de Creep agarram meu pescoço logo acima da minha pulsação acelerada, como se ele pudesse sentir as corredeiras selvagens correndo em minhas veias e quisesse encorajá-las a fluir ainda mais rápido. Ele suga minha pele suavemente em sua boca, sua língua bifurcada passando sugestivamente sobre minha pele, e calor e calafrios envolvem meu corpo simultaneamente. Tento sair de seu colo, mas ele me segura perto e aumenta seus cuidados.

“Creep,” eu gemo, mas não tenho certeza se estou reclamando ou pedindo mais do monstro.

Há dias ele observa Tesq e eu, arbitrando nossas interações — aliviando o clima sempre que o silêncio fica muito sombrio. Ele fez Tesq falar mais do que eu jamais conseguiria e até ajudou o monstro de pedra a abrir um ou dois sorrisos.

Devagar e de forma constante, ele está aliviando a tensão entre nós, derrubando nossas barreiras, criando uma sensação de camaradagem entre nós três com joguinhos estúpidos como aquela hora em que ele exigiu que falássemos apenas em uma canção. Ou a vez em que ele desafiou todos nós a colocar as mãos na boca de Fluffy e depois teve seus dedos mastigados, fazendo com que ele declarasse guerra ao tigre e atirasse nela com armas de dedo diariamente - mantendo um registro de quem vence cada batalha. Sempre que ela chega perto de Tesq, ele se ajoelha como um cachorro e se esfrega nas pernas de Tesq, competindo com ela por tapinhas na cabeça. Ele às vezes percebe quando ela está indo em direção ao travesseiro e corre para que ela se deite primeiro. O tiro sai pela culatra quando ela cai bem no rosto dele.

Eu juro, ele está determinado a irritar aquele tigre e tentar criar rivalidade com qualquer coisa que possa imaginar. Para nossa diversão, é claro — e concordamos em contar a pontuação. Fluffy está ganhando de noventa a trinta e cinco.

Creep iluminou o espaço, fez com que parecesse menos pequeno e apertado, fez com que nossas interações parecessem menos tensas e mais suaves. E agora, como se ele fosse um leitor de mentes que pudesse perceber que meus pensamentos estavam se voltando para uma direção negativa, ele está aqui novamente usando seus dedos hábeis, me excitando, como se minha luxúria estivesse ligada a um botão que pode ser aumentado para explodir. mais alto que meu bom senso.

Ele pode estar certo.

Os dentes de Creep cravam um pouco em meu pescoço, de uma forma que me mostra o quão facilmente ele poderia cortar minhas veias com suas presas, como ele segura minha vida em suas mãos. Mas ele só pressiona com força suficiente para me mostrar o que ele poderia fazer... apenas o suficiente para trazer à tona uma ponta de medo que de alguma forma fortalece minha luxúria dez vezes.

A necessidade irrompe e minhas costas arqueiam instintivamente.

Creep interrompe o beijo para deslizar os lábios até meu ouvido e sussurrar calorosamente: — Isso mesmo, pequeno guerreiro, nós vamos cuidar de você. Vamos esfregar cada centímetro quadrado de você.”

Abro a boca, mas nenhuma resposta inteligente sai. Especialmente depois das próximas palavras de Creep.

“Massageie as panturrilhas dela”, ele diz ao outro Terror.

Quem poderia argumentar com isso? Quem iria querer?

Deixei as duas mãos enormes e quentes de pedra de Tesq deslizarem para cima e para baixo em minhas pernas, a pretensão da toalha quase esquecida. Ele fica ocioso contra minhas pernas enquanto seus dedos acariciam para cima e para baixo. Meus músculos gritam de prazer doloroso enquanto ele resolve cada nó e torção que já tive em minhas pernas.

Uma espécie de felicidade vertiginosa toma conta da minha cabeça e se mistura tortuosamente aos beijos de Creep. Lábios macios em meu pescoço, mãos fortes massageando minhas pernas...

Já ouvi a palavra mimado, mas acho que nunca a experimentei antes.

Estou prestes a adormecer, imaginando que estou flutuando, minha mente brilhando... quando a mão de Creep se aproxima e belisca meu mamilo. Com uma pequena pitada, meu prazer dá uma volta acentuada de noventa graus, do relaxamento para a luxúria. De repente, todas aquelas terminações nervosas que estavam espalhadas preguiçosamente tornam-se espalhadas desenfreadamente.

Oh sim.

Creep começa a puxar o pequeno broto endurecido em um ritmo regular que faz minha carne saltar contra sua mão. O movimento chama alguma parte estúpida de mim, ativa o lado primitivo do meu cérebro. Sua língua bifurcada deslizando sobre meu pescoço em movimentos quentes e úmidos apenas promove minha descida do racional para o estúpido.

Inconscientemente, abro um pouco as coxas, meu corpo me incentivando. Tesq inspira profundamente em resposta. Seus dedos interrompem seus deliciosos cuidados enquanto ele se recosta, longe de mim.

Decepção e vergonha inundam meu rosto quando o encontro olhando para mim. Por trás da máscara que ele usa, seus cílios são invisíveis porque seus olhos se arregalaram ao máximo — quase como se ele estivesse com medo.

Não. Espere.

Minha mão sobe e sai, alcançando-o. Não quero que ele tenha medo de mim.

Maldito Creep e sua safada—

“Tesq,” eu choramingo.

Mas o monstro debaixo da cama está determinado a manter o controle deste momento e de nós. A mão livre de Creep surge e se entrelaça com meus

dedos, puxando suavemente minha mão estendida de volta para meu colo enquanto sua outra mão continua brincando obscenamente comigo na frente de seu amigo.

“Lave os joelhos dela, Tesq,” Creep ordena ríspidamente enquanto move nossas mãos unidas para o ápice das minhas coxas.

As costas de sua mão pressionam contra mim, atraindo o olhar de Tesq enquanto Creep começa a esfregar continuamente meu monte para cima e para baixo.

Eu não consigo resistir. Não com a intensidade saindo de Tesq em ondas. Não quando vejo sua língua se mover sutilmente para molhar seus lábios. O monstro grande e corpulento gosta disso. Ele gosta de me observar. De alguma forma, Creep sabia que o silencioso Terror iria gostar.

Parece que uma lufada de ar sobe pela minha espinha quando percebo que gosto de Tesq assistir.

Olho para baixo ao longo de seu corpo apenas para ver uma enorme protuberância meio escondida pela mão que segura o pano – tão grande que minha garganta seca.

“Tesq – eu disse *lavar*,” Creep ordena enquanto força nossas mãos unidas mais entre minhas coxas, forçando-me a me espalhar mais e esticar o tecido ao máximo.

Embora ele me esfregue através da camiseta, é quase mais sensual assim... a expectativa aumentando, a pressão crescente que sinto com a satisfação aparecendo fora de alcance.

Todos os nossos olhares caem nas costas da mão de Creep enquanto ele esfrega lenta e sadicamente para cima e para baixo na minha abertura, arrastando a camisa de Tesq a cada vez, a bainha subindo lentamente para trás.

Breve. Tesq estará olhando para mim em breve.

Eu deveria sentir o frio no ar. Eu deveria me sentir envergonhado por dois monstros parecerem estar me compartilhando, mas não consigo pensar em nada além de arrancar a porra da máscara do rosto de Tesq para poder vê-lo. Quero ver seus olhos escurecendo enquanto suas pupilas se dilatam e seus olhos negros parecem ficar ainda mais escuros – quero forçá-lo a ser tão vulnerável quanto me sinto agora. Na tela.

Mas isso seria cruel.

Se há um monstro no universo que não merece crueldade, é ele.

Tesq lentamente devolve o pano aos meus joelhos, mas toma cuidado para não tocar sua pele na minha, apenas para arrastar o pano macio, agora frio, sobre mim. Sempre no controle. Diferente de mim. Estou tão fora de controle agora que posso gritar.

A fricção nas costas da mão de Creep se intensificou até que o prazer parece uma marca em brasa a poucos centímetros de beijar meu clitóris. Essa intensidade é contrastada pelo frio do trapo, que deixa um rastro de arrepios e saudade. Quero os dedos quentes de Tesq novamente. Quero aquela massagem profunda que me leve à loucura enquanto Creep me leva à loucura.

Uma rápida imagem mental dos dois me fodendo ao mesmo tempo passa pela minha cabeça, e eu inclino minha cabeça mais para trás contra Creep, incapaz de conter um gemido ofegante.

Creep o elogia suavemente, como se soubesse que Tesq é arisco. “Bom monstro. Ela gosta disso. Vá mais alto.

O trapo sobe um quarto de polegada, mal me tocando, embora eu possa ouvir a respiração irregular de Tesq agora, sentir o fantasma de sua respiração em meus joelhos. Seus dedos tremem sob a toalha, e ela treme contra minha pele.

Uma parte de mim se pergunta quanto tempo faz a gárgula tímida. Sua hesitação me faz pensar que já faz muito tempo.

Deus, quero pressionar minhas pernas contra suas mãos, mas me preocupo se eu me mover, ele simplesmente recuará novamente. Ou pior, vire-se e vá embora.

Prendo a respiração enquanto o pano sobe um pouquinho mais, removendo uma mancha de sujeira.

“Suba um pouco mais”, insiste Creep, e Tesq move lentamente o pano em pequenos círculos até a metade de minhas coxas, e me sinto preparado a ponto de sentir dor.

Eu quase poderia gozar sozinho com a antecipação. Meus quadris começam a se mover sob o toque de Creep, a sensação de sua dureza contra minha bunda é ao mesmo tempo revigorante e irritante porque quero mais.

"Por favor." A palavra escapa dos meus lábios e me pego implorando, a tensão me envolvendo tão forte que não consigo suportar.

“Aliana, você pode ser uma boa menina?” Creep pergunta enquanto desvincula nossas mãos.

Eu não respondo rápido o suficiente. Estou muito decepcionada por ele ter parado de se esfregar em mim, então, quando seus dedos caem na barra da camiseta preta e a puxam para cima, levo um segundo para processar o que aconteceu, para perceber que eu Estou sentado no colo de Creep, com os pés bem abertos e — com a camisa puxada até o umbigo e sem calcinha por baixo — estou em exibição.

Tesq congela, seu foco claramente em meu sexo, seus lábios entreabertos no que parece ser uma fascinação extasiada, embora eu não possa ter certeza com aquela máscara frustrante cobrindo metade de seu rosto.

Deus, eu quero tirar essa máscara.

“Aliana,” Creep sussurra, seus lábios pressionados contra minha orelha. “Coloque as mãos nos ombros de Tesq.”

Quase roboticamente, minhas palmas se levantam por conta própria. Fixando-me nos músculos quentes, duros e estriados ali, não posso deixar de apertar levemente tanto de luxúria quanto de frustração. Tesq enrijece sob meu toque, mas não se afasta, seu olhar ainda congelado em meu núcleo, que só parece ficar mais fundido sob sua atenção.

A boca de Creep murmura em meu ouvido: — Você vai vir buscar Tesq, não é? Você vai mostrar a ele o quanto você gosta dele, não é?

Seus dedos dançam ao redor da minha abertura, e então ele os coloca de cada lado e me separa. Uma necessidade intensa e latejante me preenche, e meu sangue surge como uma maré quente, subindo, ameaçando me lavar.

Tesq inspira profundamente e seu olhar voa do meu sexo escancarado até os meus olhos, como se quisesse verificar se eu quero isso.

Meus dedos cavam seus ombros, minhas unhas esculpindo pequenas meias-luas em sua pele. O desespero tira as palavras da minha garganta.

"Eu quero..."

As garras de Creep deslizam para cima e para baixo em ambos os lados da minha abertura e roubam meu fôlego por um momento.

“Eu quero gozar para você,” eu choramingo.

As garras de Creep se retraem. Eles deslizam para longe da minha pele antes que ele mergulhe um único dedo dentro de mim e geme: — Ah, ela está molhada, Tesq. Tão molhada para você.

Ele puxa o dedo de volta e o usa para circundar meu clitóris, lubrificando-o. Sinto-me tão inchado quanto um rio depois de uma tempestade agora. Surgindo. Caótico. Fiação.

Minha respiração acelera, e a respiração de Tesq muda, combinando a minha com a rápida expansão e contração de suas costelas. As sombras profundas de seus olhos observam meu rosto por baixo de sua máscara, e embora não sejam suas mãos me tocando, seu olhar por si só faz algo igualmente intenso. Ele cai sobre mim como uma onda e não consigo respirar.

Eu preciso dele. Eu quero ele.

Eu quero que ele me toque.

Olho para suas mãos e vejo o pano preso em uma delas, mas ele está tremendo.

É preciso tudo dentro de mim para engolir o apelo.

Ele não está pronto. Ele não pode. Ele já está sobrecarregado. Eu me dissuado de pedir o que realmente desejo.

Da próxima vez, digo a mim mesmo. Próxima vez.

E então eu o imagino me xingando com força enquanto a língua bifurcada de Creep provoca minha bunda. Sim, quero que haja uma próxima vez, para não correr o risco de assustá-lo. Deixei Tesq ficar exatamente onde está, mas não consigo resistir a uma pequena ordem.

“Cuidado com minha boceta”, digo a ele, corando quando seu rosto se abaixa para ver Creep me trabalhando.

Os dedos do outro monstro deslizam de volta para baixo e me abrem novamente para que Tesq veja o quão encharcada estou. Estou pingando.

Um momento depois, Creep desliza aqueles dois dedos dentro de mim. Tesq os observa deslizar para dentro de mim com um suspiro áspero que considero gratificante. O malvado monstro azul corta seus dedos por um segundo, me fazendo contorcer em seu colo contra seu próprio pau endurecido antes de começar a me foder com eles. Então o toque molhado de sua palma contra minha boceta é o único som na sala.

Manchas vermelhas começam a dançar atrás dos meus olhos, e minhas mãos deslizam sobre os ombros de Tesq, para os lados de seus enormes bíceps e subindo novamente para seu pescoço grosso, incapaz de ficar parada enquanto uma necessidade violenta e imprudente enche minhas veias, borbulhando e sibilando.

Creep mostra o quão mais rápido seu pulso monstruoso pode se mover do que um pulso humano – me fodendo tão rapidamente que seu braço fica embaçado, enrolando aqueles dedos dentro de mim. Uma sensação intensa aumenta, o prazer acena enquanto ele aumenta a fricção, a tensão

aumentando muito parecida com a tensão na minha besta logo antes de eu atirar.

Um som em algum lugar entre um gemido e um suspiro enche a sala enquanto o cheiro do meu sexo permeia o ar, e não tenho certeza de onde vem o som. Poderia ser Tesq, cujas mãos estão cerradas em punhos cerrados e ele está esfregando suas coxas enormes. Poderia ser Creep, que está transando descaradamente com seu pau duro na dobra entre as nádegas da minha bunda. Poderia até ser eu, mas estou tão mal mentalmente que nem consigo perceber. Estou prestes a explodir em um milhão de pedaços.

Os dedos de Creep em meu seio retomam o movimento e torcem meu mamilo, acrescentando uma gloriosa dose de dor à minha euforia. Meus dedos dos pés cravam no tapete e quase fico de pé enquanto gozo com mais intensidade do que nunca, esguichando enquanto despenco - tremendo - através das estrelas.

Caio no colo de Creep, desossada, minhas mãos escorregando dos ombros de Tesq – meus músculos totalmente incapazes de qualquer coisa agora. Creep imediatamente faz uma pausa, os dedos ainda dentro de mim, esperando pacientemente até que minha boceta pare de apertar em torno dele antes de remover seus dedos encharcados.

“Isso foi muito bom, Aliana,” o monstro azul sussurra em meu ouvido e arranca um pequeno e atordoado sorriso de meus lábios. “Agora, deixe Tesq terminar de lavar você enquanto eu uso essa mão encharcada para me masturbar.”

Estico os braços frouxamente e sou imediatamente agarrado pela enorme gárgula, pressionado contra o peito de Tesq tão perto que posso ouvir as batidas rápidas de seu coração. Uma sensação suave que vai além do meu atual estado de fraqueza toma conta de mim porque me sinto segura e protegida nos braços de Tesq. Eu me aninho nele, meu cérebro atordoado esquecendo o quão nervoso meu monstro solene fica.

"Meu." A palavra escapa dos meus lábios assim que o pensamento se instala em meu cérebro.

Meu Monstro. Tesq é meu monstro.

Posso estar imaginando isso no meu estado de embriaguez de orgasmo, mas acho que seus dedos se enrolam um pouco mais apertados em volta de mim enquanto ele me carrega de volta para o sofá e afunda nele comigo em seus braços. Eu me agarro a ele, relaxando apenas quando suas mãos grandes empurram a barra da sua camisa para cima. Então eu levanto meus braços agradavelmente e deixo ele me despir.

Ele engole tão alto que posso ouvi-lo, e dou-lhe um sorriso suave, que ele não retribui enquanto se fortalece com uma respiração afiada e então - quase profissionalmente - começa a limpar a enorme bagunça em minhas pernas.

Enquanto isso, um som constante de pancada chama minha atenção, e minha cabeça vira de lado para ver Creep sentado na cama de solteiro, com as calças em volta dos tornozelos. Seu pau grosso azul-marinho está em sua mão e, ao contrário de um pau humano, o exterior de toda a superfície parece estriado, como se ele tivesse um padrão de veias salientes ao seu redor, estrias que vão direto para cima e para baixo. A cabeça é grossa e bulbosa e... Está inchando e encolhendo a cada passada da mão. A cabeça infla de esperma, quase como se fosse um balão.

Pisco, extasiada com a visão enquanto Creep trabalha, notando mais uma coisa sobre esse pau monstruoso, que deve ter pelo menos 23 centímetros de comprimento – a coisa toda se curva como uma lua crescente.

Nunca tive a sua pila dentro de mim, mas apesar de ter acabado de ter um orgasmo massivo, a minha rata dá um pulso de desejo. Qual seria a sensação desse pau? Parece que foi montado apenas para o prazer feminino. Imagino a cabeça dele pulsando bem contra o meu ponto G e, de repente, me sinto um pouco enganada.

Deus, por que Creep simplesmente não me fodeu?

A resposta está bem na minha cara, no entanto. A expressão de Creep enquanto observa Tesq me tocar é absolutamente selvagem. O monstro do armário e debaixo da cama gosta de olhar. Ele gosta de assistir. Ele quer se divertir vendo Tesq quebrar.

Eu também poderia querer isso, decido, quando finalmente arrasto meu olhar do pau impressionante de Creep e volto para os olhos ardentes de Tesq.

A expressão da gárgula é feroz e violenta, mas não tenho medo dele – sei que é apenas porque ele está mantendo sua luxúria sob controle.

“Limpe os seios dela”, ordena Creep enquanto sua mão desliza de forma constante e segura sobre seu pênis, o polegar deslizando pela ponta saliente e depois de volta para baixo com o resto de seus dedos.

Tesq obedece, e suas mãos e a ponta do pano fazem meus mamilos ficarem duros. Meu corpo claramente antecipa uma segunda rodada para essa felicidade, minha abertura ficando cada vez mais escorregadia. Levanto a mão e envolvo o pescoço de Tesq, os dedos tocando sua coluna enquanto me movo em seu colo, deslizando para mais perto até sentir a pressão forte de seu pau inchado contra a parte externa da minha coxa.

Ao contrário do pau de Creep, que parece flexível, o de Tesq parece tão duro quanto o resto dele. E duas vezes mais quente, o calor escaldante tão intenso que me pergunto se ele já queimou as calças antes. Deslizo minha perna para cima e para baixo, tentando e não conseguindo ser sutil.

Tesq congela, então eu paro. Demais? Levanto as sobrancelhas e envio a pergunta com a minha expressão.

“Aliana.” A voz de Creep ecoa nas paredes de metal enquanto ele golpeia mais rapidamente, tirando nós dois do momento estranho. “Jogue um jogo comigo.”

“O que?” — pergunto, virando-me para ele atordoada enquanto o trapo de Tesq retorna ao meu corpo e desliza pelo meu torso.

“Se eu conseguir bater em vocês dois com meu esperma, prometa que vai limpar Tesq.” A mão de Creep começa a se sacudir espasticamente quando a cabeça de seu pau começa a inchar e inchar, a cabeça crescendo para o dobro do tamanho anterior, praticamente do tamanho de uma bola de tênis.

Putá merda.

“Sim”, respondo imediatamente, hipnotizada pela visão dele.

Não estou realmente pensando nas consequências. Ele está do outro lado da sala, a pelo menos dois metros de distância. Não há chance—

“Limpe-o com sua língua,” Creep geme, agarrando-se pela base e sacudindo os quadris enquanto um enorme jato de esperma branco puro dispara no ar.

Ele voa em um arco perfeito, tão grande e grosso quanto massa de panqueca. Tudo o que posso fazer é olhar perplexo antes que ele caia, espalhando Tesq e eu pelo meio.

Minhas sobrancelhas se erguem de surpresa quando o líquido quente e pegajoso, que cheira um pouco parecido com caramelo, escorre pelo meu estômago, cobrindo completamente o pano na mão de Tesq e tornando-o inútil.

O grande monstro de pedra parece congelado em estado de choque. Seus olhos não piscam por trás da máscara quando olho para ele.

Ele não se move mesmo quando eu lentamente me solto de seu aperto e deslizo para os meus pés, nua e coberta de porra.

Ele não se move até eu sussurrar: — Preciso. Eu prometi.”

E quando me inclino para seu abdômen perfeitamente esculpido, deixando minha língua deslizar sobre a superfície dura de sua pele, o olhar de Tesq

finalmente cai para o meu. Ele dá um gemido baixo e resmungante, tão alto que as paredes de metal da sala de mecânica tremem.

E então, eu lambo meu monstro.

O DEVORADOR



OLHO para meu rosto através das linhas irregulares da vitrine quebrada. Porra, eu mal me reconheço, embora não estude meu reflexo com frequência.

Eu não gosto do que vejo.

É verdade que não sou um filho da puta emo e deprimido como Tesq, com sua propensão para máscaras sofisticadas e cavernas de esgoto para se esconder do resto do mundo, mas posso admitir que há uma parte de mim que anseia por ser mais... humana .

Mais digno de uma mulher como Aliana.

Um rosnado distorce ainda mais meu rosto e levanto uma pata enorme e peluda para bater no vidro. Ele se quebra em milhares de pedaços quase imediatamente, e os pequenos fragmentos voam em todas as direções. Alguns deles ficam incrustados na minha pele, mas mal sinto a dor. Inferno, eu quase não sinto nada agora.

Todo o meu corpo ainda está cheio de hematomas e cortes da luta com aqueles Noves e Oitos há quase uma semana, mas estou entorpecido.

Tão entorpecido.

A raiva rugue dentro de mim com a memória daqueles filhos da puta invadindo minha maldita casa. Machucando meu maldito povo. Ameaçando minha maldita companheira – embora eles ainda não percebam o significado de Aliana para mim. Eles acreditam que ela nada mais é do que uma escrava humana, e é assim que tem que ser.

Eu odeio o quão idiota fui por ter dito a palavra “companheiro” em voz alta no leilão. Só tenho que torcer para que eles considerem minha declaração como divagações de um louco.

Ninguém pode saber o quão preciosa ela é, ou seu destino saberá – nem consigo pensar nisso.

Aliana...

Mesmo agora, posso fechar os olhos e ver seu rosto perfeito contorcido de prazer, seus cílios longos e sombras duras contra as maçãs do rosto acentuadas, seu cabelo branco com mechas pretas, seu corpo longo e flexível. Sua boceta envolveu meu pau como se tivesse sido feito especificamente para mim – e somente para mim.

Eu não dou a mínima para o que Creep disse antes. Ele não é seu companheiro. Eu sou. Só me fodendo.

Possessividade feroz e algo semelhante ao ciúme me invadem. É esta última emoção que mais me surpreende. Nunca fui um amante excessivamente ciumento antes, mas posso admitir que com Aliana ela me transforma em uma fera delirante. Ela me deixa tão louco, tão furioso, e não posso deixar de querer ela mais por causa disso.

Onde está você, bebê?

Até agora, procurei em todos os edifícios do território de Tesq, na minha forma normal, não na minha fera de três metros e meio, já que não quero assustar Aliana se a encontrar. Se o filho da puta descobrisse que eu estava aqui sem avisar, provavelmente declararia guerra contra mim, mas isso não importa. Nada importa exceto levar minha companheira de volta ao lugar a que ela pertence.

Nos meus braços.

Na minha cama.

Espetado no meu pau.

Ou talvez eu coloque sua bunda malcomportada sobre meu joelho e espanque-a até que ela fique vermelha e em carne viva. Ela deveria ficar onde estava, e o que aquela mulher irritante fez? Corra direto para os braços do inimigo.

Se Tesq a machucasse...

Eu rugo novamente e bato meu punho na parede mais próxima – o gesso estala e amassa sob a força do meu soco, espiralando para fora como uma teia de aranha demente. A dor reverbera pelo meu braço, exacerbando os ferimentos que ainda estão cicatrizando da luta em minha casa.

eu sou uma bagunça.

Qualquer pessoa com olhos pode ver isso.

Se eu fosse um monstro são, passaria alguns dias descansando, curando, limpando minhas feridas, me enfaixando, envolvendo meu tornozelo

torcido... mas não estou são. Sou uma fera determinada a devastar minha companheira.

Devore-a.

Oh, querida, pequena Aliana. Você não quer saber como é ser devorado por esse monstro em particular?

Primeiro, só preciso encontrá-la.

Todo o resto pode ser descoberto com o tempo – por que ela não sente o vínculo de acasalamento tão intensamente quanto eu, se é que sente. Por que Creep afirma ser seu companheiro também, aquele maldito filho da puta. Por que ela não se preocupou em me avisar que ainda está viva, porra.

Com tempo.

Com tempo.

Repito essas duas palavras como um mantra enquanto navego por uma cidade que foi praticamente reduzida a escombros. As lojas foram consumidas por ervas daninhas longas e finas que parecem crescer nas próprias tábuas do piso. A maioria das janelas já foi quebrada em algum momento e as que sobraram estão rachadas e cobertas de sujeira. O mofo e a hera trabalham em conjunto para desfigurar uma cidade que já foi bela – eles sobem pelas laterais dos edifícios em uma combinação horrível de verde, branco e azul.

Meu tornozelo lateja a cada passo, e um rastro de gotas vermelhas cai de um corte doloroso em meu braço depois que um caco de vidro escorrega dele.

Como tudo deu errado?

Como minha vida chegou a isso?

Como-

Num piscar de olhos, algo envolve meu tornozelo direito e me puxa. Estou muito perdido em minha própria cabeça, muito preocupado com Aliana, muito consumido pelos meus ferimentos, para notar o monstro até que ele me pegue e eu caia para frente. Meus joelhos batem no chão e a dor sobe por toda a minha espinha.

Porra!

Olho para a enorme língua rosada e viscosa que se enrola em meu pé como um maldito laço.

Deus... porra... caramba.

“Sério, Mishika?” Eu rosno bruscamente, chutando meu pé livre na língua que protege meu tornozelo enquanto giro de bunda para encontrar três línguas familiares pairando sobre mim e olhando para baixo. A raiva faz com que os limites da minha visão fiquem vermelhos enquanto eu os repreendo. “O que? Você acha que não pode me enfrentar sozinho? Você tem que fazer com que seus malditos animais de estimação me segurem?”

Eu olho fixamente para o monstro de pele roxa com dois chifres saindo do topo de sua cabeça e um moicano azul brilhante com uma mandíbula que se desequilibra como uma cobra. A baba escorre de seus lábios abertos e brancos e pastosos – é sua língua de três metros e meio que está me restringindo.

Mishika tira uma mecha de cabelo rosa do rosto – a cor do chiclete é exatamente do mesmo tom de sua pele.

“Honestamente, Dev, eu esperava mais de você.” Ela *estala* a língua e dá um passo mais perto de mim. “Para permitir que três monstros se aproximem de você enquanto você não percebe?” Ela balança a cabeça tristemente. “Você está ficando fraco, meu amante.”

Amante?

Esse monstro está delirando.

Mishika é um Nove cabeça-dura com cabelo rosa brilhante, quatro braços e dois pares de seios. E ela também está completamente obcecada por mim há anos, esperando que seja ela quem descongelará meu coração gelado. Desbloqueie a alma do meu artista.

Porra, amordace-me.

Eu não a vi em minha casa durante o ataque, mas sei, sem sombra de dúvida, que a vadia e seus malditos lacaios fizeram parte disso. Eles querem tomar o poder que os Dez possuem – e como só existem quatro Dez, isso significa ir atrás dos Quatro Terrores.

Meu. O Homem Vazio. O Grotesco. O rastejante.

Meus olhos começam a brilhar ao perceber que eles vieram atrás de mim primeiro – pensaram que eu era o elo mais fraco. Eu vou mostrar a eles. Minhas narinas se dilatam enquanto meus lábios sobem, revelando minhas presas.

Os lábios de Mishika se afastam de seus dentes, revelando duas fileiras de incisivos afiados enquanto ela rosna de volta para mim. Uma vez eu a vi arrancar a cabeça de um homem com uma mordida, sem sequer vacilar. Tudo o que sei é que não quero chegar ao outro lado daqueles malditos dentes.

Então vou precisar jogar outra pessoa em sua bunda desesperada e faminta.

Meu olhar percorre os outros dois monstros com ela. Reconheço Mohawk como alguém que frequentemente anda perto de Mishika, tentando ganhar um pouquinho de poder apenas por estar perto dela. Não tenho ideia de qual seja o nome dele, mas isso é completamente irrelevante para mim. Eu não dou a mínima para nenhum dos nomes deles. A única razão pela qual conheço Mishika é porque a maldita garota está me perseguindo há anos.

O terceiro homem é familiar e levo um segundo para saber de onde o conheço.

Maldita Geova Barton. Um Cinco.

A porra de um Cinco.

Seu corpo cinza e bulboso é ainda mais feio do que eu me lembro quando ele veio à minha casa anos atrás e implorou para que eu o acolhesse. Aparentemente, ele estava sendo alvo de alguns dos monstros mais poderosos. Mas eu perguntei sobre ele, e quando ouvi que tipo de... atividades ele gostava de fazer com suas escravas humanas, eu disse a ele para ir se foder. Posso não ter sido um santo antes de Aliana cruzar meu caminho, mas até eu tinha limites.

E Geova cruzou todos eles.

Duas barbatanas longas e estriadas se expandem em suas costas, tão cinzentas quanto o resto de sua pele. O cabelo roxo emoldura um rosto de gato, completo com bigodes, olhos âmbar e nariz castanho escuro.

Mishika realmente acha que pode me enfrentar com um Cinco e um Sete? Posso estar ferido e distraído, mas não sou fraco.

“Qual é o seu plano aqui, Mishika?” Eu mudo meu olhar de monstro em monstro, tentando decidir como vou sair dessa bagunça. “Mesmo com vocês três, vocês estão em desvantagem. Não me faça ter que matar você.

Na verdade, nada me agradaria mais do que matá-la, matar todos eles, mas há algumas dores de cabeça no mundo dos monstros com as quais simplesmente não estou com vontade de lidar. Não, o que preciso fazer agora é dar o fora daqui, encontrar Aliana e depois foder minha companheira até que ela veja estrelas.

Mishika dá uma risadinha alegre e salta para frente, seus braços em forma de tentáculos se curvando para fora e se estendendo para envolver meus bíceps protuberantes, dois de cada lado. Ela me força a ficar de pé até que eu fique suspenso no ar – seus braços anormalmente longos em volta dos meus e meu tornozelo ainda preso pela maldita língua do Sete.

A vontade de usar minhas garras para cortá-los e rasgá-los em pedaços, roer seus crânios até que seus cérebros saiam como o centro macio de um bombom, cresce dentro de minhas entranhas. Mas eu luto contra meus instintos. Preciso saber o que eles querem... e com quem estão trabalhando.

“Parece-me, meu querido amante”, ela ronrona, dando um passo mais perto, seus olhos me devorando avidamente, “que é você quem está todo amarrado.”

Como que para enfatizar seu ponto de vista, ela aplica uma leve pressão em meus braços até que ouço um osso quebrando e um calor incandescente ondula por meu cérebro, fazendo minha visão vacilar.

Putá merda.

Não deixo a dor aparecer no meu rosto. Mantenho minhas feições perfeitamente plácidas, compartimentando o que faço melhor.

“Oh, Mishika...” eu rosno. “Você realmente não deveria ter feito isso.”

Algo toma conta de mim então. Não sei de que outra forma explicar, apenas que a fera que vive dentro de mim, o monstro que se infiltra logo abaixo da minha pele, assume completamente o controle.

Meu pelo brota, cobrindo meu corpo completamente, e sinto meu corpo crescer, crescer, crescer, crescer. Meus lábios se torcem e distorcem até que agora são o focinho de um lobo.

Uma fera.

Um maldito predador indomável.

Um Terror.

Eu rugo tão alto que o cabelo rosa chiclete de Mishika voa para longe de seu rosto em uma torrente de vento. O terror sangra em seus olhos antes presunçosos, e seus lábios se juntam com um som audível de tinido.

“Dev...” ela choraminga com medo verdadeiro e genuíno.

E eu supero esse medo, como, saboreio, devoro, porra. Conquistei esse medo – e continuarei a conquistá-lo. Afinal, há uma razão pela qual sou um Terror, e não é porque mostro misericórdia.

Torço meus braços para trás até que minhas enormes patas sejam capazes de agarrar seus tentáculos, ignorando a onda de dor do meu braço quebrado. Quando tenho um aperto firme, torço-os o mais forte que posso e *puxo* .

Mishika solta um som agudo e agudo enquanto eu arranco seus quatro braços de seu corpo e os jogo fora. O cheiro de sangue floresce no ar

enquanto quatro lindas feridas pingam abertamente de seu torso. Minha boca fica com água.

“Que porra é essa?” Mohawk murmura de medo, mas ainda não terminei com este pequeno grupo.

Acho que nunca serei.

Agora que os tentáculos nojentos de Mishika não estão mais me restringindo, sou capaz de me abaixar e agarrar a língua que ainda está em volta dos meus tornozelos. Eu não hesito, nem sequer penso, enquanto uso minhas unhas afiadas para cortá-lo tão limpo quanto faria com uma corda.

Mas não paro por aí.

Não, esses monstros merecem minha ira, e mais um pouco.

Com um grunhido de raiva pura e desenfreada, uso a língua do monstro para arrastar o filho da puta moicano em minha direção, puxando-o cada vez mais para perto enquanto seus pés tentam encontrar apoio no chão, sem sucesso, e seus braços giram no ar. Posso ver o terror puro e desimpedido em seus olhos, sentir o cheiro da urina que mancha a frente de suas calças.

Mas ele não conhece o verdadeiro medo.

Ainda não.

Quando ele está perto o suficiente para eu agarrar seu rosto, eu faço isso, segurando a parte inferior de sua mandíbula com uma mão e o topo de seus lábios com a outra. Enquanto seus olhos se arregalam de choque, eu puxo para baixo e para cima simultaneamente até que seu rosto comece a rasgar.

Primeiro, a pele nas bordas de sua mandíbula se abre, o sangue vazando em sua boca e sufocando-o quando seus maxilares se tornam visíveis. Então, rasgo uma linha direto de suas bochechas até as orelhas. Todo o seu rosto se divide em dois, desmoronando como se estivesse em uma dobradiça.

Alcançando seu rosto quebrado, retiro o que sobrou de sua longa língua, que se enrolou atrás dos dentes e atualmente está manchada de sangue – toda enrolada, parece um pirulito sangrento. Eu o corto com minha garra, coloco-o na boca e mastigo.

Hummm . Já faz muito tempo desde que provei carne.

Deixo seu corpo cair no chão e engulo enquanto procuro na rua minha próxima vítima.

Mishika está chorando no chão, seus braços nada além de tocos, mas Geova está firme, com os dentes à mostra e as garras levantadas.

Fodidamente patético.

Abaixo minha cabeça como um touro atacando e corro em direção a ele. Sinto algo cortante em meu peito quando o derrubo no chão, mas mal percebo. É mais um... aborrecimento do que qualquer outra coisa. Estou muito perdido na minha raiva, na minha dor, na porra da minha raiva para me preocupar com merdas como a dor.

Agarro um punhado do cabelo roxo e ralo de Geova e bato seu rosto no concreto. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Quatro vezes.

Vinte e seis vezes.

Quando termino com ele, sua cabeça não passa de fragmentos de crânio, cérebros respingados e sangue. Estou praticamente encharcado nos três.

Um grunhido sai da minha garganta enquanto eu giro, procurando por Mishika no chão. Vou acabar com a vadia aqui e agora — talvez a morte dela sirva de lição para os outros Oitos e Noves.

Ninguém, e quero dizer *ninguém*, vai atrás dos Quatro Terrores e vive para contar a história.

Mas quando examino a rua, descubro que ela se foi. Tudo o que resta é um rastro rosa de sangue. Eu rosno com a descoberta, minhas narinas dilatadas enquanto sinto o cheiro persistente daquela cadela monstruosa.

Uma parte de mim pensa em ir atrás dela, mas rastrear Mishika significa que não serei capaz de encontrar minha doce companheira. E Aliana sempre vem em primeiro lugar.

Esperançosamente, os ferimentos de Mishika ainda serão capazes de enviar a mensagem de que não se deve mexer com o Devorador.

Começo a me mover na direção oposta da boceta rosa quando sinto que começo a balançar precariamente.

Que porra é essa?

Olho para baixo, alarmada, e vejo que minha camisa foi rasgada e enormes marcas de garras irregulares marcam meu peito peludo. Pus amarelo escorre de cada ferida.

Quando, hesitantemente, levo um dedo até o líquido estranho, estremeço automaticamente.

Tóxico.

Os malditos Cinco tinham veneno em suas malditas garras.

A dor me faz cair de joelhos no meio da rua deserta. Eu me inclino para frente, ofegante, com a cabeça baixa e o estômago embrulhado.

Porra. Porra.

Porra!

Manchas escuras surgem na minha visão e tudo que consigo pensar é...

Sinto muito, Aliana. Eu não consegui encontrar você.

A inconsciência me reivindica como uma cortina se fechando, sinalizando o fim.

ALIANA



ESTENDO os braços de cada lado do corpo enquanto me equilibro na pequena saliência, a apenas trinta centímetros do chão.

Mas, pela maneira como Tesq e Creep estão olhando para mim, você poderia pensar que eu estava a trinta metros de altura, prestes a pular sem pára-quedas ou cinto de segurança.

“Cuidado”, Tesq praticamente rosna.

Sua mão paira sobre meu braço como se ele estivesse a segundos de me agarrar caso eu caísse.

Você lambe meio litro de porra monstruosa do peito de uma gárgula e, de repente, ele pensa que tem o direito de rosnar para você por qualquer coisa. Deus. Mas se eu atacar ele como estou ansioso, ele pode recuar. E eu não quero isso. Creep e eu fizemos um progresso real com Tesq e não preciso dele.

Então, em vez de responder com palavras, pulo do estacionamento ao ouvir seu grito de consternação e caio bem na frente dele. Enquanto ele parece estar tentando recuperar o controle da frequência cardíaca, eu simplesmente sorrio arrogantemente.

Estamos lá fora, perto do rio, no meio da tarde, com o sol brilhando sobre nós. Um pequeno bosque à nossa esquerda está cheio de pássaros cantando, e não vimos um único monstro além dos dois pairando sobre mim como mães galinhas.

Deus, como as coisas mudaram. Parece que os monstros e eu estamos em algum tipo de trégua, um meio-termo onde podemos não nos odiar tanto.

Ou mesmo.

O olhar fervendo nos olhos de Tesq por baixo da máscara, o calor acumulado escondido atrás de uma nuvem tempestuosa de

descontentamento, faz tudo dentro da minha barriga derreter em uma poça abafada.

“Essa garota vai ser a nossa morte, eu vou te dizer.” Creep balança a cabeça, mas posso ver o início de um sorriso relutante aparecendo em seus lábios.

Tenho que admitir, o Creeper parece adorável carregando uma mochila rosa brilhante no ombro, a bolsa já pesada pelas poucas latas que conseguimos recolher nas lojas abandonadas que visitamos.

Os monstros se ofereceram para me levar para algumas das fábricas que eles possuem, mas eu não poderia roubar escravos humanos. O que seus mestres monstros diriam ou fariam com eles se seu inventário caísse? É muito melhor reduzir esses Terrores um ou dois pontos. E se Creep parecer um pouquinho fofo ao fazer isso, melhor ainda.

Quando ele me vê olhando para ele, Creep pisca, seus olhos azul-escuros penetrantes e oniscientes, mas com um toque de malícia que me atrai. — Você sabe que eu mesmo poderia ter pegado esses suprimentos para você, certo? Você não precisava vir junto.

"Realmente?" Dou-lhe uma olhada pouco impressionada antes de me virar para Tesq, que também parece totalmente deslocado com sua bolsa de bolinhas. Ambos insistiram que poderiam carregar as malas para mim, e quem sou eu para impedi-los? A última coisa que quero é ser cercado por latas pesadas e outros suprimentos médicos que conseguimos reunir. “Vocês acham que conseguirão suprimentos suficientes para me manter vivo por mais de um dia?”

Tesq e Creep trocam olhares inquietos.

“Hum...” Tesq desajeitadamente passa a mão nodosa sobre sua cabeça grisalha e careca.

Creep apenas me oferece um sorriso minúsculo, embora tímido. “Talvez eu nunca tenha tido um animal de estimação humano antes...”

Eu limpo minha garganta incisivamente e o lanço com um olhar furioso. Ele levanta as mãos defensivamente e tenta retratar sua declaração anterior.

“Quero dizer...” ele corrige, estremeando. “Quero dizer que posso não ter estado perto de muitos humanos antes, mas acredito que sou capaz de cuidar de você. Porque você é diferente. Especial. E eu realmente me importo...”

Eu me afasto dos dois e continuo marchando em frente, porque se eu deixar, Creep vai cavar para si mesmo uma cova inteira cheia de palavras e então se agachar dentro dela, alheio ao que sua boca está fazendo.

Às vezes, aquele monstro...

Tenho que me lembrar que a língua bifurcada dele também tem seus benefícios.

O sol está brilhante no céu, mas o ar está surpreendentemente fresco. Posso ouvir o vento soprando contra o vidro e a pedra de uma cidade desgastada por feras selvagens e pelo clima. É apenas uma carcaça do que já foi, um cemitério de engenhosidade humana há muito tempo.

Uma memória.

Às vezes, juro que consigo ver o oceano à distância – um abismo azul insondável com pontas brancas. Eu me pergunto se as praias ainda estão como nas fotos que vi...

Ou a areia acabou de se transformar em outra vala comum?

“Deveria ter ficado para trás”, Tesq resmunga como um completo e totalmente rabugento.

É hora de sacar as grandes armas.

Viro-me com as mãos nos quadris e lanço um olhar incandescente primeiro para Tesq e depois para Creep.

“Então você sabe o que é um absorvente interno e como conseguir um para mim?” Eu pergunto enquanto os dois monstros piscam para mim em confusão. “Que tal um absorvente ou absorvente higiênico?”

“É isso que os humanos usam para limpar o rosto depois de comer?” Creep sussurra para Tesq em voz baixa.

O Grotesco simplesmente encolhe os ombros.

Quero dar um tapa na cara. “Está prestes a chegar a minha hora.”

“Tempo?” Tesq me olha da cabeça aos pés, totalmente confuso.

“Vou começar a sangrar.”

“Lar.” Tesq imediatamente avança e dá um passo para me pegar, mas eu deslizo de lado pelo asfalto, fugindo dele.

“Não, assim não. Não machucou o sangramento. Vou ficar menstruada”, esclareço.

Ambos os monstros param de se mover e Tesq pisca sem entender para mim.

Franzo o rosto com desgosto e descrença porque deveria estar matando monstros, e não explicando ciclos menstruais para eles. Mas esta é a realidade confusa e mutilada em que vivo – na verdade, sinto um pouco de pena dos dois, especialmente de Tesq, que parece ainda mais perdido do que os homens humanos.

“Eu vou sangrar. Lá em baixo.” Faço um gesto vagamente.

“Não!” Tesq fala bruscamente, como se pudesse proibir minha menstruação.

“Não vai me machucar. É um sinal de que não estou grávida. Obrigada, porra”, esclareço.

“Sua boceta vai ter sangue?” Tesq pergunta.

Os olhos de Creep brilham como os de um cachorrinho.

Belisco a ponta do nariz porque realmente não achei que o conceito fosse tão difícil de entender. Perdi todo o senso de realidade naquele túnel? Estou me apaixonando por idiotas?

“Vou beber todo o sangue”, diz Creep, acrescentando peso à minha preocupação. “Não há necessidade de guardanapo ou toalha ou o que quer que você esteja procurando. Eu vou beber.

Sua expressão é solene e, ao mesmo tempo, alarmantemente ansiosa.

“Não. Você não vai. Essa coisa dura vários dias. Eu levanto a mão para pausar sua linha de pensamento.

“Perfeito. Você pode simplesmente sentar na minha cara. Será como oral... só que melhor.

O alarme percorre meu corpo com a expressão levemente maníaca nos olhos de Creep. Não quero acreditar que ele esteja falando sério, mas acho que está mesmo.

Viro-me rapidamente para poder me afastar deles e toco o ferimento em meu estômago, provocando um suspiro agudo.

“O que?” Tesq está ao meu lado em um instante, a enorme palma da mão cobrindo meu ombro.

“Estou bem”, digo a ele. “Além disso,” – eu levanto a camisa que peguei emprestada de Tesq esta manhã e aponto para minha barriga enfaixada para mostrar o fato de que está completamente bem – “Já estou começando a melhorar. Quase não dói mais.

Para enfatizar meu argumento, bato levemente na ferida enfaixada. Os dois caras dão um passo automático à frente, como se quisessem me impedir de

me machucar.

Idiotas superprotetores.

“Ainda deveria ter ficado em casa”, murmura Tesq, mas não parece tão confiante quanto antes.

Creep inclina a cabeça para o lado, seus chifres refletindo os raios dourados do sol. Seus olhos brilham com algo que não consigo ler – algo inegavelmente perigoso. Malvado. Um tipo de beleza fria, como a superfície cristalina da geada.

Ele lança um olhar de soslaio para Tesq ainda carrancudo antes de se concentrar novamente em mim.

“Eu te desafio a me deixar carregá-lo e fugir de Tesq o mais rápido que puder”, Creep deixa escapar abruptamente.

A mandíbula de Tesq trava com força, mesmo quando ele se vira para olhar para a floresta, uma criatura divina incrédula. "O que?"

Confie em Creep para causar problemas, mesmo em uma parte da cidade desprovida de monstros.

Um sorriso malicioso distorce suas feições. Um sorriso que está começando a se tornar irresistível.

"Multar-"

Antes mesmo que o acordo possa sair da minha boca, Creep está correndo para frente, me puxando para seus braços e saindo correndo o mais rápido que pode.

Tesq solta um rugido de raiva pura e desenfreada atrás de nós e, um segundo depois, seus passos batem no asfalto.

“Ele vai matar você”, eu canto para Creep enquanto ele contorna uma esquina, desaparecendo em um beco sombrio.

Percebo que ele faz questão de não agravar acidentalmente meus ferimentos. Ele é gentil comigo, embora não tão gentil quanto Tesq foi quando me trouxe de volta à sala de manutenção. Os dois monstros são diferentes nesse aspecto.

Tesq me trata como se eu fosse um pedaço de vidro – uma xícara de porcelana fina, preciosa e inestimável – que ele teme que se quebre se aplicar a menor pressão.

Enquanto isso, Creep me vê como uma mulher delicada... mas que ele pode empurrar, insultar e moldar. Ele não me vê como fraco. Na verdade. Ele

sabe o quanto lutei por tudo na minha vida. Ele pode querer ficar na minha frente no caso de um ataque, mas não acho que ele o fará, não quando sabe que posso me proteger perfeitamente.

"RASTEJAR!" Tesq grita a plenos pulmões.

A cera quente parece deslizar pelo meu corpo com o som, a sensação é surpreendentemente agradável. Evoca lembranças do dia anterior...

De suas mãos em volta dos meus tornozelos...

"Sim. Você está definitivamente morto. Em um momento de atrevimento inesperado, mostro a língua para ele.

Os olhos de Creep se arregalam e algo indecifrável passa por aqueles brilhantes orbes azul-escuros, algo que não consigo nomear. Quando pisco, a emoção desaparece, substituída pela sua habitual brincadeira perversa.

"Não se ele não puder me pegar." Ele corre em direção a um espaço sombrio entre duas enormes lixeiras abandonadas... e então uma sensação familiar de puxão, que senti pela primeira vez semanas atrás, me bombardeia.

É como se houvesse um enorme rolo de corda amarrado em volta da minha barriga, e essa corda estivesse sendo esticada. O vômito queima um caminho de fogo na minha garganta. Minha consciência fica fragmentada e não consigo respirar devido ao aperto na garganta. É uma sensação de queda, de mergulho no poço de um elevador, de queda livre do mais alto arranha-céu.

Com a mesma rapidez, a dor diminui e, em vez de ficarmos parados no beco sombrio, estamos de volta onde estávamos quando saímos inicialmente de Tesq. Posso ver as costas enormes e largas do outro monstro enquanto ele procura por nós na rua, desaparecendo no beco de onde acabamos de sair.

"Isso é batota!" Eu brinco de brincadeira, batendo no peito de Creep.

Creep praticamente uiva de tanto rir. Se esse barulho não fizer Tesq voltar correndo até nós, não tenho ideia do que fará.

"Tudo é justo no amor e na guerra, meus queridos." Ele pontua o apelido com um beijo desagradável na minha testa.

Eu bati em seus braços em um apelo mudo para me colocar no chão, mesmo quando um desejo estranho e desconhecido pulsa em meu sangue.

Ele faz isso no momento em que uma figura familiar e corpulenta se aproxima de nós.

Bem... em Creep, mais especificamente.

Tesq parece ter crescido em altura e volume nos poucos minutos que estivemos separados. Seu corpo de granito praticamente vibra de raiva, com essa fúria primordial e elementar, enquanto ele aponta um dedo trêmulo para o rosto de Creep.

“Nunca faça isso de novo”, ele avisa com sua voz rouca.

O sorriso no rosto de Creep desaparece quase imediatamente. "Era só uma piada. Você sabe tão bem quanto eu que ela estava perfeitamente segura. Afinal, estamos em seu território. Creep estende a mão para abranger os arranha-céus degradados, ônibus e carros abandonados e plantas submersas em seu próprio lixo cheio de insetos. “Ninguém ousaria atacar nós dois aqui. Não depois da surra que demos aos Oitos e Noves na casa de Dev.

O olhar de Tesq não vacila, nem mesmo vacila. A fúria crua e masculina irradia dele em ondas quase palpáveis. “Ainda não gosto.”

Creep franze a testa e, a princípio, acho que ele vai discutir mais uma vez. No entanto, ele me surpreende muito quando balança a cabeça uma vez e diz: “Você está certo. Dois Terrors protegendo Aliana é melhor do que apenas um. Eu não confio nesses outros monstros. Podemos tê-los impedido antes, mas tenho a sensação de que isso é apenas o começo.”

Ele examina a estrada com cautela, como se tivesse acabado de se lembrar de onde estamos e do que aconteceu algumas noites antes.

Mas por mim? Esta é uma segunda natureza.

Estou sempre em alerta, olhando por cima do ombro, estudando o que me rodeia, planejando uma forma de escapar, uma forma de atacar, uma forma de sobreviver. Foi assim que fui construído em um mundo brutal e implacável com os humanos.

Os Terrors nunca tiveram que passar por um dia em que temessem cada passo à distância e cada sombra produzida pelas árvores balançantes. Eles não podem saber o que é conhecer o verdadeiro medo, não quando estão no topo da cadeia alimentar.

“Mas Creep está certo,” eu interrompo, fazendo com que os dois homens se virem para mim. “Não há ninguém por perto. Havia um dente que vi há cerca de um quilômetro e meio, mas ele estava preocupado demais com uma pilha de lixo para prestar atenção em nós. Mas não vi mais ninguém.” Levanto uma sobrancelha para Tesq. “Isso é normal?”

Seus lábios se contraem em uma linha perfeitamente reta. “Não”, ele responde após um tenso momento de silêncio. “Não é.”

Creep levanta a cabeça para o céu e usa a mão como viseira improvisada para afastar o sol. “Devíamos ir. Quero voltar antes que o sol sequer pense em começar a se mover para trás do horizonte.”

Tesq não precisa ser informado duas vezes. Depois de me dar uma rápida olhada, como se estivesse se certificando de que estou bem, ele se move para liderar nosso grupo desorganizado, seus olhos vasculhando cada fenda secreta, cada canto sombrio, cada janela quebrada e porta aberta.

Creep permanece ao meu lado conversando incessantemente, mas não posso deixar de sentir que ele não está sendo sincero. Há muita tensão em seus ombros e as linhas ao redor dos olhos se aprofundaram significativamente.

Pensei que eles me levariam para casa imediatamente, mas paramos em algumas lojas ao longo do caminho, onde consigo comprar comida normal em uma casa que parece abandonada recentemente (não há mais couve de Bruxelas ou brócolis em decomposição para essa garota) também. como algumas roupas para vestir e roupas íntimas.

Real. Maldito. Roupas de baixo. Praticamente choro lágrimas de alegria enquanto carrego a mochila de Tesq com todas as calcinhas rendadas que consigo colocar.

Estou enganado ou as bochechas do grandalhão ficam rosadas enquanto ele olha incisivamente para a parede acima da minha cabeça?

Quando chegamos à farmácia, fico surpreso ao ver que ela está repleta de suprimentos – tantos suprimentos que poderíamos manter o acampamento humano funcionando por mais de um ano. Parece que não foi tocado desde a queda da civilização, há meio século. Uma nova camada de poeira cobre cada centímetro disponível, e nenhuma pegada estraga a superfície cinza.

Suponho que faz sentido. Afinal, esta farmácia está localizada no centro do Reino de Ébano. Nenhum humano seria estúpido o suficiente para se aventurar tão longe.

Não é humano, claro... exceto eu.

Carregamos suprimentos médicos e tenho uma conversa embaraçosa com Tesq sobre a diferença entre absorventes internos, protetores diários, absorventes e absorventes higiênicos. No final, eu juro que nós dois estamos corando em um vermelho brilhante. Creep está fazendo beicinho como um lunático por não ficar simplesmente sentado na boca dele por quase uma semana seguida. Mas Tesq pega outra mochila da prateleira e a estoca com todas as marcas que eu poderia desejar.

Só quando saímos do prédio, com vidros quebrados estilhaçando sob nossos sapatos, é que ouvimos.

Um gemido.

Tesq coloca a mão no meu ombro instantaneamente, me parando no meio do caminho. Creep levanta um único dedo no ar e inclina a cabeça para o lado.

E então...

Outro gemido, repleto de agonia e dor. É um som frio e quebradiço, como pingentes de gelo quebrando.

“Você acha que alguém está ferido?” Eu sussurro, de repente desejando ter uma arma comigo.

Infelizmente, o esconderijo secreto de Tesq não tinha nada que eu pudesse considerar usar como arma, a menos que um monstro quisesse ser espancado até a morte com um êmbolo. Creep e Tesq me garantiram que, se alguma coisa acontecesse, eles poderiam me proteger, mas eu também quero poder me proteger.

E eles, eu acho, um tanto relutantemente.

Instintivamente, mergulho e pego um pedaço de vidro do chão. É um pedaço grande o suficiente para que eu possa causar bons danos se conseguir cortar uma artéria.

Tesq olha para o pedaço de vidro em minhas mãos com uma expressão ilegível, mas Creep simplesmente balança a cabeça em agradecimento, já se virando para estudar a rua. Ele aponta para um beco, onde posso ver uma sugestão de... *algo* espreitando na esquina.

Ele começa a se mover naquela direção automaticamente, e Tesq hesita, lançando seu olhar entre mim, Creep e a ameaça desconhecida. A indecisão guerreira em sua expressão, visível mesmo com a máscara ocultando metade de seu olhar. Sua mandíbula praticamente vibra com isso.

Decido poupá-lo do trabalho de encontrar uma solução e simplesmente passo por ele, seguindo Creep. Ele murmura algo baixinho, baixo demais para eu ouvir, antes de se mover para ficar ao meu lado, um escudo quente e forte. Ele permanece alerta e vigilante, sempre à espreita, enquanto seu olhar escuro varre as sombras que passam.

Quando chegamos, Creep está agachado ao lado de uma figura... ou o que sobrou dele, pelo menos. Torço o nariz automaticamente diante do estado de sua cabeça esmagada.

“Que porra aconteceu aqui?” Levanto a mão para cobrir o rosto enquanto o fedor pútrido da morte e da decadência me bombardeia.

“Alguém ficou muito zangado e decidiu quebrar a cabeça como uma abóbora”, diz Creep cientificamente.

Reviro os olhos.

“Olhe para este aqui.” Tesq se afastou um pouco de nós dois e está chutando um segundo monstro.

O rosto deste parece ter sido... mordaçado... rasgado em dois. E isso é...?

“Isso é um braço?” Olho para o apêndice longo e rosado com grande apreensão.

Alguns monstros são nojentos.

“Parece que sim.” Creep bate um dedo no queixo contemplativamente. “Juro que conheço esses dois monstros, mas com seus rostos tão... embelezados, estou tendo problemas para nomeá-los. Deveríamos-”

O gemido de antes — o ruído baixo e agonizante que deixa cada fio de cabelo da minha nuca em alerta — soa novamente.

Creep e eu trocamos um olhar e, como um só, marchamos em frente. Tesq pragueja e me segue relutantemente, embora eu possa dizer que ele está a segundos de me agarrar e fugir se sentir o menor perigo.

Felizmente para ele, não há perigo.

Apenas... terror.

Terror como nunca senti antes.

Terror que agita a alma.

Terror que destrói minhas entranhas como mil bombas detonando ao mesmo tempo.

Apenas uma palavra pode sair dos meus lábios enquanto olho para a última figura no chão, uma figura coberta de pêlo preto e deitada tão imóvel que temo que ele possa estar morto.

“Dev?”

PERSEGUIR



QUEM IMAGINARIA que compartilhar um corpo com um monstro psicopata lhe causaria uma dor de cabeça terrível?

Tento ignorar sua conversa incessante e interminável enquanto serpenteamos pela rua como se não tivéssemos a menor preocupação no mundo. Como se não estivéssemos virtualmente indefesos com esse idiota liderando o show.

O Homem Vazio age como se não percebesse o quão frágil seu novo corpo realmente é. *Meu* maldito corpo. Ele gira a faca nas mãos com uma negligência que sugere que ele não a usa com frequência. Acho que o desgraçado está tentando assobiar, mas o barulho parece pregos arranhando um quadro-negro. Se eu estivesse no controle do nosso corpo, definitivamente colocaria as mãos nos ouvidos para abafar aquele som horrível.

Você é um idiota? Eu estalo quando descubro que não aguento mais.

O Homem Vazio para no meio da rua, ladeado em ambos os lados por grandes e imponentes arranha-céus desprovidos de qualquer janela. As barras de metal que compõem as molduras parecem estar emaranhadas umas nas outras de uma forma que estranhamente me lembra galhos retorcidos de uma árvore antiga. Eu meio que me pergunto como os edifícios conseguiram permanecer no alto depois de todos esses anos. A maioria deles parece como se a menor rajada de vento pudesse derrubá-los completamente, sujando a calçada com gesso e cimento.

"Que porra você está reclamando?" — rosna o Homem Vazio.

É sempre uma sensação estranha ouvir minha voz... mas saiba que não sou eu quem está falando. De alguma forma, o Homem Vazio torce minhas cordas vocais até criar algo sinistro, algo desconhecido e não natural. Ele tem o menor sotaque que eu nunca tive, embora não consiga identificar o que é.

Você está ao ar livre, onde qualquer um pode nos ver, eu sibilo, me perguntando como minha vida chegou a esse ponto. Eu realmente tive que ficar preso ao monstro mais idiota, egocêntrico e egoísta que já existiu no planeta?

Suponho que esta seja minha penitência por ter sido um idiota durante toda a minha vida.

“Estamos finnnne”, o Homem Vazio fala preguiçosamente enquanto continua andando pelo caminho. Ele balança indolentemente a lâmina para frente e para trás, para frente e para trás. “Eu sou um Terror, pelo amor de Deus.”

Um terror preso dentro do corpo de um humano, com limitações humanas, lembro-lhe com zombaria. Sério, como pode um homem – errr, monstro – ser tão estúpido? Ele caiu de cabeça no monstro muitas vezes?

“Eu posso ouvir seus pensamentos, você sabe”, o Homem Vazio retruca. Seus lábios se curvam em uma carranca. “E se você quer saber, não sei se alguma vez fui... derrubado na minha cabecinha de monstro. Talvez eu fosse um humano, e é por isso que sou um monstro tão perturbado agora. Quem diabos sabe?”

Ele *estala* a língua de uma forma que parece quase zombeteira antes de começar a cantar.

Juro que ele está tentando ser o mais irritante possível de propósito. Sobre o que diabos ele está cantando agora? Algo sobre... bundas de freira e nádegas agitadas? Eu juro que ele está apenas inventando merda neste momento.

Você realmente é louco, não é? Eu questiono.

“O que é loucura?” o Homem Vazio pondera. “Quero dizer, de verdade. O que constitui são versus insanos? Existe algum tipo de balança que precisa ser inclinada para um lado ou para outro? Existe alguma ação que solidifica a chamada insanidade ou falta de sanidade de uma pessoa - ou de um monstro? Existe realmente uma diferença neste ponto?”

Eu nem sei por que me incomodo com você.

“Porque sou deliciosamente engraçado e charmoso?” ele sugere com uma voz cheia de diversão perversa.

Eu o ignoro. Às vezes, com o Homem Vazio, esse é o melhor curso de ação — o *único* curso de ação, como descobri nos últimos dias, enquanto era forçada a compartilhar meu corpo com ele. Ele ainda não pode ou não quer ir embora. Ele adora uma audiência, e se eu me recusar a lhe dar uma, ele se acalmará.

Talvez.

Esperançosamente.

Provavelmente.

“Sabe, eu me pergunto se você também é são”, reflete o Homem Vazio.

Não posso deixar de pensar que ele está tentando provocar uma reação minha, então faço questão de permanecer em silêncio. É difícil acalmar meus pensamentos, mas de alguma forma consigo.

“Afinal, você não parece muito assustado em se amarrar ao monstro mais assustador que já existiu no planeta.”

Com isso, não posso deixar de bufar interiormente.

Monstro mais assustador?

Puh-por favor.

O Homem Vazio nem está entre os meus vinte primeiros.

Posso dizer que ele ouve esse pensamento desenfreado porque suas mãos de repente se fecham em punhos.

“Você acha que eu não vou te matar, Garotinho?” Sua voz é um ronronar decadente – uma ameaça e uma promessa de violência, tudo em um só.

“Você acha que não vou rasgar seu corpo membro por membro assim que a oportunidade se apresentar?”

Acho que sim, confesso com toda a arrogância que realmente não sinto.

Mas ei... finja até conseguir e todo aquele jazz. O Homem Vazio parece pelo menos me respeitar quando não estou me encolhendo a seus pés ou implorando para lambar seu cu invisível.

Eu simplesmente não me importo mais com o que você faz comigo.

A tensão satura o ar entre nós, espesso o suficiente para ser cortado por uma lâmina.

“Por causa de Aliana,” ele diz suavemente.

A emoção queima e estala em sua voz, como um incêndio a segundos de ficar fora de controle e devorar uma floresta inteira. Posso dizer que ele está tentando ler meus pensamentos, mas eu guardo essa merda com mais força do que o idiota de uma freira. Eu já revelei muito quando compartilhei aquela lembrança dela com ele. Ele não merece isso. Ele não *a merece*.

Vamos acabar logo com essa estúpida missão de vingança, eu sibilo.

Ele claramente é péssimo em vingança. Ele está me arrastando de uma ponta a outra da cidade de Nova York, procurando pelos outros Terrores, sem conseguir encontrá-los. Acho que ele está muito acostumado a voar para todos os lados, e o fato de minhas pernas ficarem cansadas e o vidro cortar meus pés e eu ter que comer e cagar... e todas aquelas coisas mundanas... Ele ficou perplexo com cada uma delas - especialmente limpar - e então nosso ritmo tem sido mais lento que o de um caracol.

Mas o Homem Vazio não se move imediatamente, apesar do meu golpe. Ele permanece parado no meio da rua, a lua parecendo uma pérola de valor inestimável aninhada em uma caixa preta aveludada. Ilumina os altos aglomerados de vidro que corroem as laterais dos arranha-céus e devoram os carros há muito abandonados.

“Você sabe que eu não a teria machucado se pensasse que havia outra maneira”, diz ele depois de um longo momento de silêncio. “Ter ela se tornando como eu... É a única maneira que consegui pensar para mantê-la segura.”

Você ao menos sabe o quão delirante você parece?

“Talvez para você”, ele diz, e posso dizer que isso é tudo.

Ele nunca admitirá que está errado e nunca poderei dizer que ele está certo. O que ele fez foi absolutamente sádico, e ele sabe disso.

Vendo Aliana no chão...

Sangrando pelas feridas em seu estômago...

Seus olhos arregalados e cheios de medo...

O esmagamento do vidro à distância faz com que a realidade se reafirme.

Você ouviu isso? Eu pergunto imediatamente, cortando qualquer coisa estúpida que o Homem Vazio estava dizendo.

“Minha voz deliciosa para cantar?” ele pergunta.

Cale a boca por um segundo, eu sibilo.

E lá está ele de novo – um estalo audível.

Alguém está aqui conosco, digo, e então paro. Rachadura. Rachadura. Rachadura. *Várias pessoas.*

Os cabelos da minha nuca se arrepiam por conta própria.

O Homem Vazio franze a testa e examina a escuridão, embora seu olhar nunca fixe nada por mais de um segundo. Ele faz minha mão voltar para

coçar meu pescoço, sem entender os arrepios de advertência. Ele não é como eu, que cresci temendo as sombras e tudo o que elas têm a oferecer. Ele não sabe que alguma coisa – literalmente qualquer coisa – pode estar escondida atrás dos cantos mais escuros, apenas esperando para atacar.

Dois para a direita. Dois para a esquerda.

Como diabos você sabe? Desta vez, o Homem Vazio fala na minha cabeça.

Arame farpado parece enrolar-se em meu peito e o pânico bate como uma caixa em minha cabeça.

Porra. Porra. Porra!

Estamos cercados, digo seriamente ao Homem Vazio.

Seus olhos continuam a examinar a escuridão ao seu redor, sua frustração aumenta quando ele não vê nada imediatamente.

Você sabe como combatê-los?

Eu sou o maldito Homem Vazio, seu humano idiota. Claro que eu faço. Arrogância e escárnio pingam em seu tom, me fazendo querer revirar meus olhos inexistentes.

Inexistente porque ele não entrega as rédeas, embora saiba tudo sobre meu corpo.

Você não pode simplesmente sair do meu corpo quando isso se tornar inconveniente para você desta vez, eu respondo. *Então vou perguntar de novo... você sabe lutar como um maldito humano?*

Ele hesita, as sobrancelhas franzidas, e o silêncio resultante é resposta suficiente.

Não, o Homem Vazio não sabe lutar como humano. Imagino que ele nunca tenha precisado levantar a mão. Assim que as coisas ficam difíceis para ele, ele simplesmente salta para fora do corpo que habita e controla outra coisa – ou outra *pessoa*. Talvez até o monstro que o está atacando.

Mas agora ele está preso, assim como eu – nós dois somos virtualmente prisioneiros confinados em um traje de carne, sem esperança de escapar.

Você precisa me dar o controle, instruo o Homem Vazio com urgência. *Para que eu possa combatê-los.*

“Porra, não!” ele deixa escapar em voz alta. A incredulidade transparece em sua voz. “Você está maluco?”

Você quer morrer, seu idiota arrogante?

Envio-lhe visão após visão de todos os monstros que matei ao longo do meu tempo na resistência humana – os dentes e as línguas que matei sem sequer suar a camisa. Sou boa — a melhor, na verdade — e acho que só Aliana rivaliza comigo nesse aspecto.

Se quisermos alguma chance de sair desta situação relativamente ileso - e acredite em mim, eu amo demais a porra do meu corpo para vê-lo danificado por causa desse idiota - o Homem Vazio vai ter que desistir de um pouco de sua força de ferro. ao controle.

Ainda assim, posso senti-lo hesitando, seus olhos examinando a escuridão mais uma vez. Procurando. Procurando. Procurando.

Seu olhar se fixa em uma cauda de ouro derretido antes que o monstro desapareça atrás de um prédio alto e escuro.

"Tudo bem! Porra! Multar!" — rosna o Homem Vazio, suas feições se retorcendo em pura e desenfreada raiva.

Um terremoto parece percorrer o centro do meu ser quando sou empurrado sem cerimônia para o banco do motorista. Lentamente, gradualmente, gradualmente, sou capaz de recuperar o controle do meu corpo. Primeiro minhas mãos, que eu balanço de um lado para outro, testando o peso da lâmina em meu punho. Depois minhas pernas, que tremem instáveis como se eu fosse a maldita Pequena Sereia aprendendo a andar pela primeira vez. E então minha cabeça, que giro de um lado para o outro, concentrando-me no que me rodeia.

Rachadura. Rachadura. Rachadura.

O som de vidro quebrando soa à minha direita, e eu me viro naquela direção bem a tempo de ver uma grande figura com asas de morcego correndo de um prédio para outro.

Você tem um plano, Garoto Bonito? o Homem Vazio zomba na minha cabeça.

“Parece que eu tenho um plano, seu noz peludo?” Eu estalo.

Ele faz uma pausa.

Peludo. Noz. Nardo? ele repete lentamente, quase como se achasse que me ouviu errado.

“Eu disse o que disse e não me arrependo.” Eu giro a lâmina habilmente e a mantenho pronta, agachando-me para poder atacar a qualquer momento. Meu olhar vai e volta, vai e volta, vai e volta, esperando...

Quatro figuras saem ao mesmo tempo, quase como se tivessem ensaiado.

Provavelmente sim, reflete o Homem Vazio em minha cabeça. Ele então evoca visões dos quatro filhos da puta que nos cercam no palco com um diretor gritando: “VOCÊ PRECISA OLHAR MAIS SIGNIFICADO! Tente de novo! De volta ao um!

Eu bufo antes que eu possa me conter. Seu diálogo interno *realmente* não está ajudando minha concentração.

O monstro à minha esquerda é aquele com cauda dourada. Quase parece ser a cauda de um dragão – se os dragões realmente existirem, é claro. É longo, ligeiramente enrolado, escamoso e coberto de pontas afiadas. O resto do corpo do monstro, no entanto, é uma pelagem verde e desalinhada que me lembra da única vez em que vomitei no tapete depois de me servirem peixe estragado no acampamento humano. Orelhas enormes e caídas — orelhas de elefante, acho que tardiamente — pendem de cada lado da cabeça.

Seus lábios se afastam dos dentes serrilhados enquanto ele me oferece algo que pode ser um sorriso. “Ouvi dizer que o Homem Vazio estava preso no corpo de um humano.”

Onde diabos ele ouviu isso? Aqueles idiotas estúpidos que vieram atrás de Dev devem ter espiões por toda parte.

O idiota ainda está falando, e eu me concentro nele no momento em que ele diz: — Eu queria ver por mim mesmo se isso é verdade. Você está falando consigo mesmo... ou está falando com o pequeno humano cujo corpo você possui?”

Percebo que o monstro tem um ceceio, quase como se sua língua fosse grande demais para sua boca. Isso faz com que suas palavras soem quase como as de uma cobra.

“Um lindo humano...” outra voz murmura.

Este pertence à criatura alada que mencionei anteriormente. Não consigo dizer se é homem ou mulher, mas seu corpo está coberto por uma gosma indecifrável que quase parece luminescente ao luar.

Você conhece esses idiotas? Pergunto ao Homem Vazio, voltando minha atenção para os dois últimos monstros.

Gêmeos, percebo um tanto distantemente. Ambos têm o mesmo cabelo ruivo brilhante, pele roxa e mãos palmadas.

Parece que eu os reconheço? Ele zomba. *Acredite ou não, não tenho muitos amigos na comunidade de monstros.*

Você não diz...

Acho que eles estão um pouco intimidados por mim. Ele faz uma pausa e acrescenta: *Provavelmente porque eu os mato regularmente.*

Isso bastaria.

Eca. Isso é chato. Você não pode simplesmente acabar com isso para que eu possa voltar a caçar e matar Tesq? O Homem Vazio quase parece petulante.

Eu giro a lâmina novamente enquanto debato qual monstro destruir primeiro. Os gêmeos... Os gêmeos nada mais são do que músculos contratados. Posso perceber pela maneira como seus olhos se movem de um lado para o outro, ansiosos, como se não tivessem certeza do que está acontecendo aqui ou de como deveriam reagir. A fera alada definitivamente poderia ser um problema, mas o monstro da cauda dourada... Ele é o chefe. Ele praticamente irradia poder.

Como se pudesse ouvir a direção dos meus pensamentos, o monstro horrível dá um passo mais perto.

“Você vai lutar contra todos nós, Homem Vazio? Preso no corpo humano como você está? Ele solta uma risada alegre que soa como pedras caindo na encosta de um penhasco.

E assim que eu mato Tesq, vou pegar Aliana e torná-la minha, continua o Homem Vazio na minha cabeça, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Mas suas palavras me fazem parar.

O Homem Vazio certamente não mataria mais Aliana... mataria? Sem uma ameaça iminente? Ou ele faria isso apenas para mantê-la para si?

Meu estômago se revira como um carro esmagado sob o pé de um gigante enquanto suas palavras sinistras se repetem na minha cabeça, girando e girando como um carrossel dos tempos anteriores.

Não posso deixá-lo chegar até Aliana.

Não posso.

Algo semelhante a uma resolução se instala em minhas entranhas.

Que porra você está fazendo, Garoto Bonito? O Homem Vazio percebe minha mudança de comportamento quase que instantaneamente.

Ou talvez ele apenas tenha percebido a direção dos meus pensamentos. A raiva escurece seu tom a um tom que nunca ouvi antes, que ressoa através de mim como uma explosão de eletricidade.

Lentamente, abaixo a lâmina para o meu lado... e depois a deixo cair no chão.

QUE PORRA VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

O Homem Vazio luta para recuperar o controle, mas permaneço firme. É preciso toda a força de vontade que possuo para não deixá-lo assumir o controle, para permanecer consciente enquanto ele empurra minha mente, me golpeando com um enorme punho metafórico. Minha cabeça lateja e meu coração dispara enquanto ele de alguma forma consegue apertar o órgão com força. Minhas pálpebras se contraem enquanto luto para manter a consciência.

O monstro verde e peludo inclina a cabeça para o lado com curiosidade. “O Homem Vazio está... declarando derrota?”

VOU ARRANCAR SUA CABEÇA DOS OMBROS! EU VOU ASSASSINAR VOCÊ! o Homem Vazio assola minha cabeça.

Estou fazendo isso por Aliana, digo a ele com firmeza.

Algo dentro de mim muda naquele momento. Não tenho certeza se realmente entendi o amor antes. Quão altruísta e exaustiva essa emoção pode realmente ser.

Mas com Aliana...

Eu a amo mais do que amo a mim mesmo.

E eu entrarei de bom grado na barriga de quatro monstros diferentes se isso significar mantê-la segura. Não confio nas intenções do Homem Vazio para com ela. Pelo que sei, ele vai matá-la assim que colocar os olhos nela novamente.

Não posso permitir que isso aconteça, porra.

Eu não vou.

Você vai se arrepender disso, o Homem Vazio sibila na minha cabeça.

É tudo o que ele tem tempo de dizer antes que os quatro monstros desçam sobre nós em uma enxurrada de presas e garras.

ALIANA



LEVANTAR A FORMA INCONSCIENTE DE DEV do chão faz com que meus dois monstros trabalhem juntos – e mesmo quando eles o têm esticado entre eles, a cabeça gigante do homem-lobo cai quase no chão, seu focinho a poucos centímetros de raspar nas rochas.

Tesq segura Dev pelos ombros, enquanto Creep junta seus pés. Nenhum dos monstros deixa cair a sacola de suprimentos que carrega para mim, então eles ficam sobrecarregados até o fim.

“Podemos sair daqui?” Pergunto a Creep esperançosamente enquanto meu olhar se volta ao redor.

Há alguns arbustos baixos à esquerda e uma escada de incêndio quebrada na lateral de um prédio, mutilada e retorcida como uma medula espinhal exposta.

Prendo a respiração e tento ampliar meus sentidos, para ver se consigo captar alguma coisa. Embora eu não ouça nada ainda, meu coração já está batendo rapidamente em antecipação – meu treinamento de caçador está começando – e todo o prazer alegre de provocar meus monstros evaporou.

Agora temos uma parte lesada. E estamos cercados por cadáveres. Monstros comedores de carniça não podem estar longe.

“Não. Eu não acho que posso levar vocês três de uma vez.” As flores roxas nos chifres de Creep balançam enquanto ele balança a cabeça.

“Você poderia simplesmente levar Dev...”

Sou interrompida por um alto, simultâneo e enfático “Não” de ambos.

Filhos da puta.

“Não vamos deixar você vulnerável, pequeno guerreiro”, diz Creep com uma voz suave que de alguma forma consegue fazer meus joelhos derreterem e me enfurecer ao mesmo tempo.

Deus, ele merece um soco na boca.

Cerro os punhos ao lado do corpo, mas não os levanto para encontrar seu queixo, porque digo a mim mesma para guardar a luta para quando uma ameaça real aparecer. “Consegui me manter vivo por quase duas décadas, você sabe. É um insulto que vocês dois pensem que não posso continuar fazendo isso.”

Creep abre a boca para discutir, mas para minha surpresa, é Tesq quem fala. Meus olhos se voltam para o monstro parado atrás de mim, cujo olhar me aquece, embora eu não consiga ver sua expressão sob a máscara na luz forte da tarde.

Seu tom baixo e resmungante passa como o sol sobre meus ombros e faz meu coração bater mais rápido. “Isso foi antes de encontrarmos você. Agora, estamos honrados e obrigados a protegê-lo.”

Duas frases inteiras!? Duas frases inteiras, gloriosas, possessivas, mas submissas?!

Porra.

Porra.

O calor se acumula entre minhas coxas enquanto suas palavras se repetem dentro do meu crânio. De todos os lugares para uma declaração como essa, ele faz isso abertamente, onde somos alvos fáceis? Quando os braços de Tesq estão cheios de outro monstro e eu não consigo pular direto neles?

Deus, ambos são idiotas.

Cerro os dentes e me viro para não olhar para ele. Se eu encontrar o olhar da gargula, posso fazer algo tolo que justifique todas as suas preocupações sobre a minha segurança.

E minha boceta impulsiva não vai me dominar agora.

Em vez disso, invadi os cadáveres para ver que tipo de arma consigo encontrar. A pequena arma enfiada na minha cintura - um presente atencioso que Creep me deu antes de nos aventurarmos hoje, que ele aparentemente estava escondendo e guardando para o momento violento e perfeito - é boa para me distanciar de um monstro, mas não vai demorar. um fora. Se houver algo mais forte disponível, eu preciso.

Melancólico, penso na minha besta. Ao contrário das balas, os ferrolhos são reutilizáveis, por isso se tornou minha arma preferida ao longo dos anos. Mas já passou há muito tempo. Terei que esperar encontrar algo que possa usar, mesmo que as chances sejam mínimas.

A maioria dos monstros não carrega armas semelhantes às humanas, já que seus corpos vêm equipados com apêndices horríveis que lhes permitem atacar, mas alguns têm vantagens e desvantagens - especialmente se tiverem menos potência.

Ajoelhando-me ao lado do monstro cujo rosto foi rasgado em dois, tento não engasgar com o cheiro pútrido. Obedientemente, passo as mãos pelos bolsos de sua calça e arranco uma grande e volumosa bolsa de couro.

Interessante. Esse é novo.

Abro os cordões para espiar dentro e vejo uma coleção de joias enormes – diamantes, rubis, esmeraldas. Estou prestes a ranger os dentes de decepção e jogar fora toda a coleção inútil, quando uma das pedras começa a brilhar.

Ah, ah.

Não tenho ideia do que diabos são essas coisas, mas me vejo enfiando a bolsa no bolso enquanto me levanto. Felizmente, elas não são granadas ativadas por monstros ou algo assim. Se estiverem, estarei morto antes que eu perceba. Rápido e fácil – menos doloroso do que a maioria das mortes induzidas por monstros.

Olho de volta para os dois homens esperando por mim pacientemente e sinto um lampejo de alguma emoção que não consigo identificar. Pela primeira vez em muito tempo, acho que posso ficar triste por partir. Posso realmente me arrepender de ter morrido.

Porra. Estou ficando sentimental novamente. Esses monstros estão me transformando em um tolo de olhos moles, de coração mole e de buceta quente.

“Vamos dar o fora daqui,” eu digo rigidamente, compensando enquanto tento comprimir as emoções que me assolam, enrolando-as e guardando-as.

Tiro minha arma do coldre e desligo a trava de segurança. Então examino os telhados irregulares, proporcionando cobertura com minha arma enquanto eles caminham pela estrada aberta.

Percebo os olhos de Creep revirando para minha proteção, mas ele sabiamente não diz nada – caso contrário, eu ficaria tentado a desperdiçar uma bala na bunda dele.

Minha apreensão parece justificada quando leva menos de cinco minutos para um bando de dentes nos encontrar. Criaturas altas e desajeitadas, parecidas com avestruzes, com seis cabeças, cada uma oscilando em seu pescoço solitário enquanto correm. As cabeças lembram flores feias em uma videira ao vento. Nenhuma das cabeças tem olhos.

Esses dentes – que meu povo chama de mordedores – têm apenas bicos afiados em suas muitas faces. Eles não podem ver, mas seu olfato é aguçado. Suponho que a cena pútrida atrás de nós os tenha aproximado. Rapidamente, faço uma contagem de pernas, em vez de uma contagem de cabeças, para descobrir com quantas criaturas estou lidando.

Quatorze. Quatorze pares de pernas. E minha arma só comporta nove cartuchos.

Merda.

Eu pisquei meus olhos de um lado para o outro, procurando abrigo. Mas o prédio à nossa direita é um quartel de bombeiros desabado – as paredes desabaram bem em cima de um dos caminhões vermelhos, esmagando-o atrás do banco da frente. À direita está uma enorme parede de blocos de concreto. Deve ter pelo menos trinta metros de altura. Não há nenhuma escada ou meio de saída visível ali; a parede continua intacta por pelo menos trinta metros.

Porra. Estamos presos bem no caminho desses bastardos.

Bem, não há nada a fazer senão lutar. Talvez atirar em alguns deles cause caos suficiente para que os outros fujam.

Amplio minha postura e dou um passo à frente com o pé esquerdo, mirando o cano da arma.

“Eu cuido disso,” eu grito para os monstros. “Só não fique no caminho das minhas balas.”

Aperto o gatilho no momento em que um *baque alto* soa bem atrás de mim, e uma enorme garra azul se fecha sobre meu ombro, me puxando de lado em direção à parede alta. Creep me puxa para uma sombra cinzenta e opaca bem ao lado dos tijolos.

"NÃO!" Protesto, virando a cabeça para ver Tesq passar na frente da forma deitada de Dev enquanto os dentes galopantes os alcançam — pouco antes de Creep e eu desaparecermos.



VOLTAMOS à realidade na sala de máquinas do metrô e caio de joelhos perto do sofá gasto, com arfante. Portalar aquela época foi muito pior do que qualquer outra vez. Parecia que alguém trançou meus intestinos.

A garra de Creep chega às minhas costas, mas eu o afasto furiosamente, virando a cabeça para encará-lo enquanto aperto meu estômago embrulhado

e minha cabeça gira.

“Você está...” Seus olhos são de pura preocupação quando ele agarra seu ombro, como se me agarrasse e torcesse seu braço, mas eu rosno por causa de suas palavras.

"Volte!" Eu ordeno.

"Mas eu-"

“Volte e pegue eles, Creep!”

“Quase não havia sombras”, ele rebate, esfregando a mão na testa, preocupado. “Não sei se posso—”

“Você pode e você vai!” Eu grito com uma voz que não é a minha.

Algo selvagem e desequilibrado dentro de mim está se contorcendo, sibilando, gritando, sabendo que Dev e Tesq são vulneráveis.

Estou além do racional agora – não tenho certeza se o portal mexeu com meu cérebro e também com meu estômago, mas não consigo pensar logicamente. Se eu fosse capaz de me acalmar, lembraria a mim mesmo que Tesq é um Dez e esses são apenas dentes, nem mesmo línguas. Eu diria a mim mesmo que um Dev inconsciente não seria um fardo para minha grande gárgula de pedra... que não havia nenhuma maneira de Tesq deixar Dev para trás, não depois de eu insistir que o levássemos conosco.

Mas nenhum desses argumentos funcionaria contra a fênix ardente batendo contra minhas costelas, incendiando-me por dentro e fazendo cada centímetro do meu corpo pulsar com uma necessidade ardente. A necessidade de vê-los, tocá-los e segurá-los. Para beijá-los suavemente e garantir que estão bem.

Deslizo de bruços no chão enquanto a fênix cai de repente – no meio do vôo – e o desespero toma conta de mim, como um corvo de asas escuras lançando sombras em meus pensamentos. Minha bochecha pressiona o concreto frio enquanto pensamentos ridículos, confusos e dominados pela ansiedade, passam pela minha mente – ambos monstros mortos, olhando fixamente para o céu azul, assim como o corpo na rua. Meu peito aperta e não consigo respirar, pois o pânico me deixa em espiral.

Uma lágrima escorre do meu olho.

Atrás de mim, ouço Creep murmurar: “Porra. Não chore. Vou tentar. Vou tentar”, antes de entrar na sombra e desaparecer.

Não levanto a cabeça para vê-lo partir. Não posso. Estou muito envolvido dentro da minha própria cabeça, envolto em emoções que não me deixam

libertar-me.

O medo quase me esmaga, e tenho que respirar lenta e trêmula através da minha traqueia estreitada.

Mas por que? Por que estou sentindo as coisas tão fortemente? E por algo tão estúpido como alguns dentes? E por que minha preocupação oscila entre Tesq e Dev? O primeiro monstro tem sido nada menos que um santo para mim, enquanto o último... eu deveria odiá-lo. Eu não deveria sentir tanto medo com a ideia de nunca mais vê-lo, quando, poucos dias atrás, tudo que eu queria fazer era escapar dele.

Dev me trancou, lembro a mim mesma enquanto o frio do chão de cimento penetra em minhas calças e chega até minhas canelas. Mas minha mente traz à tona a pintura em seu estúdio, o cheiro de terebintina e sua confissão de que ele se sentia preso, não eu.

Não. Não. Foda-se esses sentimentos.

Tento não reconhecer o quanto meu peito aperta quando penso em como Dev está magoado, mas isso se mostra impossível, pois a saudade pulsa através de mim. De alguma forma, ele abriu um espaço dentro de mim.

Cubro os olhos e reprimo um grito. Um grito para mim mesmo, para o universo, para Dev.

Não quero me sentir assim por ele, mas sinto.

"Foda-me", eu sussurro, olhando para os pés do sofá que Fluffy claramente roeu, me perguntando se Creep os encontrou, se ele está bem...

Esse pensamento desencadeia outra onda de apreensão que faz minhas unhas subirem até os dentes.

Acabei de enviar Creep para sofrer o mesmo destino?

Outra lágrima escapa dos meus olhos.

E então descubro que não consigo parar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto – lágrimas quentes e dolorosas, cheias de medo antecipado, mas também de vergonha... porque acabei de perceber que estou sozinha, com a oportunidade perfeita para fugir... para escapar.

Mas eu nem tento.

Porque a vida sem meus monstros de repente parece muito sombria para sequer ser considerada. De alguma forma, os últimos dias me distorceram: não odeio mais todos os monstros com todas as fibras do meu ser.

Não, agora, parece que existem alguns monstros sem os quais acho que não posso viver.

O CREEPER



O SOL ESTAVA TÃO FORTE que não havia sombras perto do local da rua onde saí com Aliana.

Enquanto tento retornar a ele, empurrando e rasgando o vazio, ele me nega como se fosse feito de borracha à prova de garras. Eu salto para longe do local de emergência pretendido e caio de ponta-cabeça no abismo por um momento antes de me reagrupar, de mau humor.

Tenho que surgir em uma clareira coberta de árvores a trinta metros de distância e depois seguir em direção à estrada onde vi Tesq e Dev pela última vez.

“Maldito sol,” resmungo enquanto empurro através da vegetação rasteira que arranha minha cintura e empurro para o lado vinhas tão grossas e densas quanto o crânio estúpido de Dev. Eu tiro o céu, como se o universo se importasse, mas me sinto extremamente ferrado agora.

Eu salvei Aliana. *Salvei ela* . Consegui realizar o portal quando as sombras eram apenas um tom mais escuro de cinza! E eu recebo um agradecimento? Eu recebo os olhos lunares que ela sempre lança para Tesq?

Não, ela gritou comigo como se eu tivesse feito algo errado. Gritei e depois chorei.

Aquela lágrima me queimou mais do que qualquer quantidade de ácido que meu pai já usou na minha pele. Foi uma coisa horrível, terrível e dolorosa.

Nunca mais quero vê-la chorar.

Operação No Tears, é isso que é, digo a mim mesmo severamente, tentando transformar isso em um jogo. Mas meu esforço é insuficiente quando me ocorre o significado do soluço.

Ela os ama. Ela pode não ser capaz de dizer isso. Meu pequeno guerreiro é todo sarcasmo e atrevimento. Ela não é uma daquelas mulheres que sorri. Eu amo sua coragem e sua disposição de ficar cara a cara comigo quando

eu a desafio... mas então vê-la ficar mole com aqueles outros monstros enquanto ela grita comigo? Preocupar-se com eles e depois me colocar em perigo? Bem, esses estúpidos pássaros com cabeça hexagonal podem não ser mais perigosos do que mosquitos para mim ou para os outros Terrores, mas ela claramente não sabia disso. E ela basicamente me empurrou porta afora para ir buscá-los.

O ciúme pinta um traço escuro e feio em meu coração.

Não vou deixar esses filhos da puta morrerem — ela nunca me perdoaria —, mas assim que voltarmos, vou me certificar de que minha garota esteja me dando aqueles olhos grandes de corça. *Meu* .

Eu cerro minhas presas enquanto me aproximo da cena. E pisco – por um segundo, ao longe, acho que vejo o impossível. Um monstro morto. Um eu me matei. Mas não, é apenas um truque de luz. Outra piscada e tudo o que pensei ter visto desapareceu. A luta à minha frente se torna meu foco principal enquanto me livro dos efeitos do portal – que deve ter abalado meu cérebro ao passar por ele duas vezes seguidas.

Tesq está praticamente coberto de cabeças hexagonais feias e estúpidas, que o bicam selvagemmente com bicos laranja brilhante. Seu braço enorme segura um pássaro desengonçado pelo pescoço enquanto sua multidão de cabeças balança e tenta esculpir sua pele dura como pedra. Posso ver marcas em seus braços, onde seus bicos se chocaram contra a camada rochosa que o cobre. Ele não vai escapar disso sem parecer um pouco mais feio.

Uma satisfação cruel borbulha na minha barriga.

Um rosnado baixo emana dele como um trovão enquanto ele agarra a cabeça hexagonal pelo pescoço e a lança na estrada. A fera grasna enquanto voa pelo ar, suas asas inúteis e vestigiais batendo antes de pousar definitivamente em uma de suas cabeças com um estalo nauseante. Ele salta de volta, todas as outras cabeças grasnando e gritando, enquanto a única cabeça morta cai – um balão estourado no meio de um monte inteiro.

“Junte-se à festa”, ele grita, e percebo que ele me viu.

“Isso foi... uma piada?” Eu questiono enquanto ele soca repetidamente uma cabeça hexagonal.

As habilidades sociais da Tesq estão crescendo rapidamente. Quase esqueço o quanto me ressinto dele por um momento.

Ele simplesmente levanta uma sobrancelha dura em minha direção enquanto avanço em direção à multidão de pássaros. Arranco a perna de um deles que está ameaçando abrir um buraco no peito de Dev. Ele está

pendurado de cabeça para baixo na minha mão, todas as seis cabeças voltadas para mim.

“Se alguém consegue quebrar seu coração, é Aliana,” digo ao pássaro estúpido antes de quebrar sua perna tão facilmente como se fosse a perna de uma cadeira. Eu sorrio com a foto satisfatória.

Tesq se inclina para frente e pega uma nova cabeça hexagonal. Ele usa suas enormes mandíbulas para prender o pescoço da fera. Ele ignora suas cabeças agitadas e morde diretamente a carne, desenluvando a pele e arrastando-a até a clavícula.

Considero elogiá-lo por essa técnica, mas decido irritá-lo. “Cuidado, ou direi a Aliana que você está beijando outros monstros.”

O rugido selvagem que irrompe de sua boca manchada de sangue faz pássaros – pássaros normais, não monstruosos – voarem das árvores ao longe, assustados e assustados.

Eu rio quando ele levanta o joelho para esmagar o peito do cabeça hexagonal, provavelmente quebrando cada costela que ele tem. A coisa cai mole a seus pés.

Eu jogo de lado a cabeça hexagonal que acabei de transformar em um gimp e pego outro, mergulhando na sombra opaca que Tesq lança, abrindo um portal e enfiando uma cabeça hexagonal barulhenta nele até a barriga. Sua metade superior desaparece de vista enquanto a metade inferior se sacode espasmodicamente antes de soltar uma merda líquida de pássaro que Tesq quase entra.

"Droga. Foi perdido." Estalo os dedos em arrependimento quando um som estranho e bufante emerge do outro monstro.

A alegria ondula através de mim. “Isso foi uma risada?” Foda-se, eu não consigo nem odiar esse cara.

Tesq não responde, mas um sorriso se estende por seu rosto, suas maçãs do rosto fazendo sua máscara subir para que eu possa ver as cavidades de suas narinas.

Acabei de fazer o Terror mais recluso rir.

Um pouco do meu ciúme diminui quando abraço essa experiência única, esse lado meu que só Tesq parece trazer à tona. Eu costumava pensar que Dev era meu melhor amigo, mas o bastardo peludo é tão preocupado em vencer que não consegue simplesmente aproveitar o jogo.

Tesq... é uma história diferente. Ele quase me faz acreditar que monstros podem ser bons... uma crença que pensei ter sido mutilada, comida e

excretada há muito tempo. Agora, estou incerto. É uma maneira deliciosa de estar incerto, então eu aceito o vínculo monstruoso que temos.

Bato palmas antes de esfregá-las. “Um ponto para cada cabeça que você mata, mas você tem que matar cada cabeça do pássaro de uma maneira diferente.”

Tesq acena com a cabeça antes de estender a mão e agarrar o rosto de uma cabeça hexagonal. Ele aperta até que o miolo escorra como uma massa rosada nas pontas dos dedos.

“Droga. Eu gostei daquilo. Mas e quanto a isso? Eu me agacho e salto no ar o mais alto que posso antes de pousar nas costas de uma cabeça hexagonal. Envolver meus braços em volta de seu pescoço e grito como um cowboy enquanto as cabeças giram e tentam me atacar.

Leva-se uma cotovelada na orelha que a faz desmaiar. Outro coloca duas garras nos globos oculares. Duas cabeças são esmagadas uma contra a outra. As patas do pássaro cederam depois que ataquei quatro cabeças, então tenho o prazer de pisar em uma e chutar a última como se fosse uma bola de futebol.

"Huh? Huh? Como foi isso?" Eu levanto minhas mãos, convidando elogios.

"Isso foi *fofo* ." A resposta de Tesq é tão chocante que meu queixo literalmente cai.

"Seu falador de merda!" Eu digo, jogando para ele um pedaço de penas ensanguentadas presas na minha mão, mas o sorriso no meu rosto é tão grande que não consigo nem fingir escondê-lo.

Acho que não me divertia tanto há anos.

Tesq me dá um sorriso torto antes de se virar e dizer: “Agora observe e aprenda”.

Aquele filho da puta.

Eu rio até vê-lo fechar o punho e socar todas as seis cabeças de uma fera seguidas. *Boom-boom-boom-boom-boom-boom*. Buracos se abrem no meio de seus crânios como janelas, até que ele retrai o braço e sacode pedaços de ossos e massa cerebral. É quando os topos desabam.

Droga. Isso é impressionante, mas consigo fazer uma expressão desdenhosa e dizer: “Contra as regras. Desqualificação.”

“Foda-se as regras.”

“Oh, eu sempre sigo regras de merda. Essas regras são as melhores.” Eu distorço suas palavras com um sorriso atrevido.

Como esperado, a referência suja o faz ficar vermelho brilhante. Não tenho certeza se Tesq já fez sexo... o que faz com que qualquer pequeno e persistente fio de ressentimento se desenrole.

“Eu quero odiar você”, diz ele, balançando a cabeça, praticamente repetindo meus próprios pensamentos de antes.

“Mas você não pode,” eu canto com um sorriso. “O mesmo, Tesq. Mesmo.”

Imaginando que ele tem os últimos feitiços sob controle, desisto da luta – por mais divertido que seja – porque Aliana está em casa preocupada, e é melhor eu trazer um de seus companheiros de volta para ela antes que ela enlouqueça.

“Nosso companheiro me enviou para buscar vocês dois”, digo a ele. “Ela está preocupada.”

“Sobre isso?” Tesq zomba. Ele levanta a palma da mão e para uma cabeça hexagonal pela testa enquanto ela se lança sobre ele.

O pássaro estúpido grasna indignado e bate as asas, afastando-se dele antes de voltar direto para sua mão.

Dou de ombros. “Talvez sejam hormônios. Quero dizer, ela falou sobre sangramento. Talvez isso a tenha deixado irracional ou algo assim.

“Traga-o de volta. Pare com a preocupação dela. Tesq me dá um aceno de cabeça.

Eu me afasto dele e vou em direção a Dev, balançando a cabeça e suspirando enquanto olho para o bruto peludo.

“Você tem sorte que ela quer você,” digo a ele enquanto passo um braço por baixo de suas costas e envolvo seu braço em volta de mim.

Porra, ele é pesado. E alto, tão alto que seus joelhos se arrastam pela estrada enquanto eu o puxo em direção às árvores, em busca de uma sombra de tamanho decente.

Tenho que arrastar o filho da puta pelo menos seis metros para dentro da vegetação rasteira antes de poder nos levar de volta à sala de mecânica.

Assim que as luzes cintilantes aparecem na nossa frente, deixo Dev cair sem nenhuma cerimônia, deixando seu peso cair no chão. Meu ombro, que eu ajustei antes, lateja.

“Rastejar!” Um conjunto de braços pequenos e quentes voa ao meu redor sem aviso enquanto Aliana se atira em mim.

Quando ela me envolve em um abraço e se aproxima, descubro que não consigo respirar. E não é porque ela está tirando o ar dos meus pulmões.

É porque ela está sussurrando: “Porra, você está sangrando. Você está bem?” e seus dedos estão subindo e descendo pelo meu torso, absorvendo o sangue da cabeça hexagonal na minha camisa.

Seus lindos olhos estão brilhando com o tipo de ternura que eu nunca soube que precisava. Há uma suavidade e preocupação neles que supera até mesmo os olhares gentis que ela sempre dá a Tesq, porque há uma necessidade pura e crua ressaltando tudo. Há uma sensação de desespero fluindo dela – como se meu bem-estar fosse essencial para o dela. Faz-me sentir frágil e forte, estar preocupado desta forma, ser tão importante para alguém.

Acho que nunca tive isso.

Olho para baixo e encontro seus olhos, cruzando meus dedos suavemente sobre seus dedos frenéticos, retardando seu toque.

“Não é meu sangue”, eu a tranquilizo.

"Oh." Ela para, mas nossos olhos ainda se encontram enquanto as emoções se estendem entre nós, ondulando e se retorcendo como lindas fitas.

Eu quero existir neste momento para sempre.

Eu sempre quero ver esse calor vazando de seus olhos.

Nunca me senti tão alegre.

Dev se mexe no chão, uma tosse rouca quebrando o olhar de Aliana. Ela se vira para olhar para ele e eu dou um passo para trás.

“Vou buscar Tesq.”

Sua mão se estende e trava na minha, apertando. "Obrigado."

Duas pequenas palavras. Isso é o suficiente para curvar meus lábios e me fazer pular na fenda entre os mundos.

ALIANA



EU ME INCLINO SOBRE O DEVORADOR, tentando virá-lo suavemente de costas. Mas ele é tão grande e pesado que ser gentil se torna impossível, então eu apenas empurro seu ombro com força até conseguir fazer seu torso girar levemente para que ele pelo menos fique apoiado de lado e não de rosto.

Então, grunhindo, me inclino e uso o peso do meu corpo para empurrá-lo o melhor que posso. Suas costas batem no sofá, deslizando-o vários centímetros para trás e revelando tufo de pêlo azul fofo que se acumularam embaixo. Eu afasto esses tufo enquanto monto nele para abaixá-lo o resto do caminho, esticando minhas costas e tentando não esmagar meus dedos no processo.

Quando termino e levanto as mãos para segurar seu rosto, estou ofegante devido ao esforço.

Seus olhos estão fechados e seus cílios parecem impossivelmente longos, quase femininos, um nítido contraste com seus caninos perversos, que se projetam acima dos lábios e com a saliência afiada de seu focinho. Era uma vez — semanas atrás — eu teria achado a visão dele horrível, mas agora meu estômago só murcha de preocupação.

“Dev?” Eu pergunto suavemente. Esperançosamente.

Ele geme levemente, mas seus olhos permanecem fechados.

O que aconteceu com ele?

Eu não o vejo desde o ataque ao seu museu que virou mansão, mas certamente ele ainda não está ferido por causa disso? Já se passaram dias. Seu rosto está listrado com cortes cicatrizados, seu pelo está chamuscado em vários pontos, o sangue está encharcando o pelo em seu peito, e há uma mancha de pelo ao redor de ambos os tornozelos – como se ele tivesse se queimado por uma corda – mas não consigo discernir o que é. poderia tê-lo machucado o suficiente para deixá-lo inconsciente. Pelo menos não nesta forma coberta de pelos.

Viajo meu olhar por seu corpo, procurando.

Por favor, não seja uma lesão interna. Por favor, não seja interno...

Tive que segurar as mãos de mais rebeldes do que posso contar, esperando com eles que suas almas escapassem de seus corpos, incapaz de fazer mais nada para ajudá-los além de garantir que não morressem sozinhos.

Eu não posso fazer isso com ele.

Eu não vou.

“Acorde, seu idiota mandão,” eu grito asperamente, puxando um pedaço de pelo de seu peito, na esperança de machucá-lo e trazê-lo à consciência.

Qualquer coisa. Sinto qualquer coisa, menos o fio da faca do desespero, deslizando sob minha pele, me dizendo que posso ser tarde demais.

Tarde demais para quê?

Dizer a ele que eu não merecia ser preso?

Dizer a ele que ele é um grande idiota e que um momento suave juntos não apaga tudo o mais que ele fez?

Preciso contar a ele todas essas coisas... mas ele precisa abrir os olhos.

“Levante-se para que eu possa gritar com você”, reclamo, liberando meu aperto.

Ele suspira, mas seus olhos não abrem.

Considero isso um bom sinal, porque ele não parece estar com dor. Sem saber o que mais fazer para acordá-lo, subo para o lado dele, sentando-me no chão ao lado dele, em vez de ficar de pé com uma perna de cada lado de seu torso.

Sentando-me, examino seu rosto e me pergunto por que ele está tão machucado. Isso me faz pensar por que alguém atacou sua casa. Quero dizer, por natureza, os monstros são violentos. E pelo que descobri sobre seus níveis de poder, eles precisam subir de nível por meio da violência.

Isso deveria me fazer estremecer enquanto agarro o braço de Dev para tomar seu pulso – sabendo que ele teve que fazer coisas terríveis para se tornar um Terror – mas isso não acontece. Eu simplesmente fico com calor atrás das orelhas enquanto imagino outro conjunto de monstros tomando seu lugar.

Monstros que não me chamariam de companhia.

Quem pode fazer coisas indizíveis e depravadas comigo.

Eu costumava acreditar que todos os monstros eram assim... mas já foi provado que estou errado. Eles são violentos, sim. Assim como todos com quem cresci na resistência. Qualquer um que passe dos sete anos de idade é um assassino frio.

Mas os monstros operam com um sistema de valores que é... diferente. Não é? Eles traem e machucam uns aos outros - mas isso não é exclusivo o suficiente para os monstros para que essa resposta conte. Procuro outro. Eles escravizam os humanos... mas nós tratamos os animais dessa forma. Nós os roubamos de suas famílias e pedimos que nos ajudem a caçar ou nos dêem carinho...

Deus, eu nem sei o que estou pensando. Esse portal realmente deve ter distorcido minha cabeça se ainda estou tendo problemas para distinguir entre humanos e monstros.

Deixo de lado meus próprios pensamentos e me concentro no pulso de Dev. É lento e constante, então pelo menos há isso.

“Por que outros monstros estão atacando você?” Eu pergunto à sua forma propensa. “E como eles entraram?”

Eu tentei escapar dele várias vezes e, embora não fosse impossível, era difícil. Uma pessoa escapando não era o mesmo que um contingente inteiro de monstros entrando.

Suas defesas deveriam ter caído. A fumaça mágica teria que ser eliminada.

“Alguém trabalhou muito para tentar matar você”, digo suavemente enquanto coloco seu pulso de volta ao lado de seu corpo. “Eu deveria estar agradecendo a eles.”

Mas, em vez disso, estou cheio de uma necessidade ácida de machucá-los em troca.

Estou apenas tentando decifrar - com meu conhecimento mínimo deste reino de monstros - quem pode vir atrás de Dev quando Tesq e Creep voltarem à sala.

Obrigado porra!

Meus hormônios saltam para cima e para baixo como criancinhas selvagens e selvagens enquanto eu me levanto e corro para meus monstros, onde eles ficam lado a lado em uma sombra escura perto da cama de Fluffy. Nada jamais pareceu tão bom quanto vê-los.

Abraço Tesq primeiro, passando suavemente os dedos por sua coluna, mantendo os braços soltos para não assustá-lo, mas mostrando que me importo. Tenho cuidado para não encostar meu rosto em seu peito manchado de sangue, embora sinta que ele encharca minha própria camisa.

Percebo as marcas em seu pulso e imediatamente o levanto para examinar. “Aqueles pássaros machucaram você?”

“Eles eram brincadeira de criança.”

Inclino a cabeça enquanto meu olhar viaja até seu rosto por trás da máscara. “Jogar? Isso significa que você se divertiu?”

Seu sorriso resultante brilha mais que o sol. “Com Creep. Brincar mata.

Rastejar. Claro que ele transformou isso em um jogo. Aquele homem... Ele não leva nada a sério. E eu meio que adoro isso nele.

Solto as mãos de Tesq e me viro para Creep, andando até ficarmos peito a peito e depois envolvendo meus braços firmemente em torno dele, toda a contenção cuidadosa que mostrei enquanto tocava em Tesq desapareceu. Seus braços se fecham em volta das minhas costas e ele me puxa para perto, inclinando-se e pressionando o rosto contra meu cabelo.

Eu o acaricio e sussurro: — Obrigada.

Creep, sendo o pervertido que é, desliza a mão para baixo para apertar minha bunda. “Parece que alguém precisa de banho de novo.”

“Meu?!” Eu o empurro, afastando-me. “Vocês dois são piores...”

“Sim. Ela parece... suja.

As palavras de Tesq giram minha cabeça e meus olhos se arregalam em choque quando me viro para encará-lo. Juro por tudo que é sagrado que vejo um sorriso malicioso no rosto daquela gárgula.

“Você trocou de cérebro quando fez o portal?” Eu brinco, embora eu realmente não pense isso.

Se tivessem feito isso, Creep teria ficado quieto e definitivamente não teria me espancado – não que eu esteja reclamando.

“Não é cérebro, pequeno guerreiro. Algo mais.” Creep agarra minha mão e a leva rapidamente até sua virilha, que está saliente.

Ele arrasta meus dedos para cima e para baixo ao longo dele... mas não parece o que eu esperava. Não há cristas inchadas ou cabeça bulbosa - características que definitivamente estiveram no topo da minha mente e

podem ter aparecido em um ou dois sonhos sujos desde que ele me respingou com seu esperma.

Em vez do membro de Creep, duas espirais retorcidas parecem pressionar minha palma.

"O que?" Eu respiro, mal conseguindo falar.

Creep move os quadris sugestivamente, deixando o pau sob minha mão ganhar fricção.

"Espere. O que?" A voz de Tesq é um estrondo baixo ao fundo, como um trovão distante.

"O que você me diz, Aliana? Eu sei que você está desejando o pau de Tesq..." Ele levanta as sobrancelhas, deixando a decisão para mim.

Minha respiração fica presa e minha consciência muda da intensa gratidão que senti pelo retorno deles para outra coisa. Engulo em seco enquanto olho para os olhos dançantes de Creep enquanto sua mão deliberadamente muda para as calças e as desliza para baixo.

Uma tesão violenta é revelada, mas - como disse Creep - não é o pau *dele*. Há uma protuberância de pedra que lembra um chifre de unicórnio – se os chifres fossem pretos e cinza e as espirais se movessem, girando quase como uma broca sob o aperto da garra naval de Creep. Uma base larga leva a uma ponta estreita onde um pouco de pré-sêmen já está vazando. E é de um roxo profundo, como suco de amora.

Não consigo desviar o olhar.

"Aliana, você sabe como isso é bom? Só posso imaginar como sua bucetinha apertada vai apertar esse pau.

Meu queixo fica aberto enquanto Creep espalha o pré-goço, deixando a cabeça roxa. Tenho que resistir à vontade de lambe os lábios e mantenho o rosto estóico, caso tudo isso seja constrangedor, Tesq.

Viro-me para o mais doce e tímido de todos os monstros e pergunto suavemente: "Tesq?"

Só uso o nome dele, mas estou tentando ver se ele está bem, se quer que isso acabe, se está com vergonha.

Ele lentamente se vira da mão de Creep em seu pau para me encarar. Sua boca abre e fecha várias vezes, mas nenhum som sai.

Ele está rasgado? Ele quer que algo aconteça? Ele está nervoso demais para dizer? Recebo essa vibração dele... a sensação de que posso precisar assumir a liderança aqui.

“Tire essas roupas nojentas”, ordeno, arrancando minha própria camisa e jogando-a no chão.

Como acabamos de comprar roupas íntimas novas neste último ataque, estou sem sutiã e atualmente em comando, então tirar a camisa me deixa completamente exposta.

“Porra, sim!” Creep diz atrás de mim.

“Você cala a boca e fica nu também. Todos nós precisamos nos limpar.

“Mas podemos estar sujos enquanto fazemos isso, certo—”

“Rastejar!” Eu o interrompi.

Estou tocando isso de ouvido, esperando que outra sessão de lavagem ajude a relaxar Tesq, mas também o deixe no clima usando algo familiar.

Talvez... Talvez. Espero poder convencê-lo, porque as emoções que me perturbaram durante toda a tarde de repente se misturam com um propósito. Toda a ansiedade e medo e esses apegos estranhos - eu poderia expulsar todos eles se pudesse ter apenas um orgasmo bom e longo.

Quando a gárgula rasga sua própria camisa coberta de sangue ao meio e deixa cair os pedaços no chão, meus mamilos se contraem e rezo para que ele realmente se recupere.

Rasgar a camisa é um bom sinal, certo?

Ele abaixa as calças, que ficam presas na enorme e protuberante cabeça da ereção de Creep. Ele tem que enfiar a mão lá embaixo para abaixar o cóis porque a parte de cima está inchada e fica do tamanho de uma bola de tênis. O pau azul parece muito carnudo e a textura não combina com os planos estriados de músculo que compõem a forma de Tesq.

“Seu pau é estranho”, ele diz a Creep, olhando para ele.

“Meu pau é incrível”, retruca Creep instantaneamente.

Eu pressiono meus lábios em diversão enquanto mexo meus quadris para tirar minhas próprias calças. “Esta deve ser a experiência mais bizarra de todas.”

“Na verdade, não é. Uma vez, acabei com uma boceta em vez de uma orelha...”

“Rastejar!” Tanto Tesq quanto eu o interrompemos, e meu nariz enruga de desgosto quando uma imagem mental invade minha cabeça.

“Desculpe. Assassino do humor. Aqui. Olhar. Ataque de distração sem camisa.” Ele tira a camisa antes de puxar o resto das calças para baixo.

Conforme ele se inclina para frente, algo acontece com o pau de Tesq. As duas espirais se desenrolam e se separam, separando-se como duas cobras.

“Putá merda! Eu quebrei seu pau! A voz de Creep salta e falha em pânico.

Mas Tesq apenas solta uma risada baixa e rouca que faz meus mamilos automaticamente ficarem tensos.

“Não está quebrado. Permite dupla penetração.”

O olhar de Creep dispara para o meu, o desespero claramente gravado em suas feições enquanto dois paus desembaraçados – um cinza e um preto – ficam de pé lado a lado. O pau cinza é um pouco mais curto e estreito que o preto, embora pensar em ambos me faça coisas estranhas. Isso faz meu estômago esquentar, mas também me faz mexer os pés nervosamente.

Dupla penetração.

Creep imediatamente implora: “Por favor, Aliana. Por favor. Eu farei qualquer coisa. *Qualquer coisa* .”

De repente, estou muito mais apreensivo com todo esse processo do que há apenas um segundo. A ideia de um pau enrolado girando dentro da minha boceta, girando e atingindo minhas paredes internas... Claro que sim. Mas isso?

Demorando, volto-me para Tesq, que me estuda estoicamente. “É o seu pau.”

“É sua bunda.”

Touché. Droga.

Mas então a cabeça de Tesq abaixa e posso vê-lo olhando meu corpo. Seus dentes descem para morder o lábio inferior. Quando dou um passo em direção a ele, sua respiração falha e ele rapidamente volta para a pequena cozinha no canto.

“Rag”, ele murmura, e se vira para o pequeno armário acima da pia, remexendo nele e pegando um pano de prato, que ele prontamente segura debaixo da torneira.

Um Creep muito nu se aproxima de mim e envolve seu antebraço em meu peito, me puxando contra ele. Seus lábios deslizam sobre meu cabelo e ele diz: — Eu prometo que vou fazer você se sentir incrível, meu querido companheiro.

Quero dizer algo irônico — está na ponta dos meus lábios —, mas então Tesq se vira com uma toalha encharcada na mão e a arrasta pelo torso musculoso. As palavras me faltam enquanto vejo gotas de água escorrendo

pelas fendas de seu abdômen, pelos músculos duros ali. Minha língua se lembra da sensação deles combinada com o sabor doce do esperma de Creep.

Minha respiração fica mais superficial enquanto Tesq se lava lentamente. Estou dividida entre o desejo de aproveitar o show e a vontade de ir até lá e arrancar o pano de suas mãos para que eu mesma possa esfregá-lo.

“Você é tão gostoso,” murmuro.

Tesq congela. Ele começa a balançar a cabeça, o que me enfurece.

Eu me solto do aperto de Creep, dou um passo à frente e retiro com força o pano dos dedos flácidos da gárgula. “Estou falando sério”, digo a ele.

E então fico na ponta dos pés para poder deslizar o pano molhado pelo pescoço dele, pela protuberância deliciosa do bíceps, pela curva do antebraço. Repito o gesto do outro lado, apertando levemente seus músculos enquanto ando.

“Você é quente e doce e me faz sentir seguro.” Lavo delicadamente seu abdômen, capaz de sentir as batidas rápidas de seu coração quando estendo a palma da mão e esfrego o pano em seu mamilo endurecido.

Creep se aproxima lentamente atrás de mim e, pela primeira vez, fica em silêncio. Ele simplesmente pressiona minhas costas, me tocando enquanto toco o monstro que sinto um desejo ardente de reivindicar.

Tesq treme sob meu toque, mas não se afasta. Ele não me pede para parar. Então continuo, gentilmente, lavando todo o seu corpo - exceto *aquela* área - cuidando dele do jeito que ele cuidou de mim, tentando expressar com o toque a emoção que ele não aceita em palavras.

Quando termino, levanto sua mão e dou um beijo suave em sua palma. “Obrigado,” eu sussurro.

Então me viro, imprensada entre ele e Creep, minha pele nua deslizando contra os torsos de ambos. Dou as costas a Tesq e enfrento meu lindo monstro azul, o homem bobo e irreverente que é responsável por quebrar a barreira rude de Tesq e permitir que ele seja vulnerável comigo.

Meus olhos e coração suavizam quando olho para ele. “Você também é maravilhoso”, digo a ele, “embora eu tenha certeza de que você já sabe disso”.

A boca de Creep se contrai no lado esquerdo enquanto ele sorri para mim. “Eu gostaria de ouvir sobre isso em detalhes.”

Eu ri. “Claro que você poderia. Mas por que você não enxagua o pano enquanto eu conto?”

Ele pega o pano dos meus dedos e usa isso como desculpa para descer e capturar meus lábios com os dele. Seu beijo é suave e gentil, suas presas mordiscando meu lábio inferior de brincadeira. Eu rio enquanto tento me afastar, e ele corre atrás da minha boca.

Dou-lhe mais um beijo de boca fechada antes de empurrar seu peito. “Você é insaciável.”

“Você é irresistível.”

Uma sensação quente e borbulhante, como champanhe efervescente, corre pelas minhas veias, e eu tenho um sorriso pelo menos tão ridículo quanto o que Creep está me dando enquanto torce o pano e o enxagua sem olhar.

Sua expressão se torna expectante, e percebo que ele quer que eu cumpra a promessa de elogiá-lo. Quase faço uma piada sobre como ele é vaidoso, mas então percebo um brilho em seus olhos, que parece vulnerável e carente por trás de tudo.

“Seus chifres são magníficos.” Começo com coisas fáceis e insignificantes. “E eu amo suas tatuagens. Suas presas quando você sorri.

Creep toca cada um dos itens com uma expressão suave.

“Você é engraçado”, digo a ele, afirmando o óbvio. “Mas não dessa forma que faça as outras pessoas se sentirem estúpidas. Você é engraçado de uma forma que torna toda a sala cada vez mais iluminada. Isso torna impossível não... — engulo o nó na garganta — “não gostar de você. Bastante.”

Solto um suspiro e tenho que impedir que meus joelhos tremam. Fico quase tão nervoso quanto Tesq depois de dizer tudo isso porque está bem claro qual é a palavra que pulei, aquela que quase saiu da minha boca. Nunca disse essa palavra a um homem antes. E lá fui eu, quase dizendo isso para um monstro.

Não. Não é um monstro.

Meu companheiro.

Seja lá o que esses homens acreditem, estou começando a achar que é verdade. Que existe algum tipo de conexão entre nós, algo intangível que nos une, nos fazendo encaixar nesta unidade perfeita. De que outra forma dois Terrores poderiam se tornar não apenas amigos, mas também protetores e parceiros voluntários de um humano?

Minha garganta seca quando Creep desliga a água e vem em minha direção. O olhar dele é tão intenso que quase sinto necessidade de abaixar a cabeça. Quase, mas não exatamente.

Ele entrega o pano com cuidado e eu o pego dele, lambendo os lábios.

Luto para encontrar as palavras por um momento porque elas parecem inadequadas. Insignificante. "Onde você quer que eu me lave primeiro?"

"Você sabe onde."

Minhas bochechas começam a doer de tanto levantar para sorrir. "Se eu lavar lá primeiro, nada mais ficará limpo."

"Eu estou bem com isso."

Balanço a cabeça e levanto o pano, arrastando-o suavemente pela lateral do rosto de Creep, tomando cuidado para não molhar seu longo cabelo azul. Lavo os respingos de sangue das tatuagens tribais que decoram suas bochechas e meu olhar cai para seus lábios.

Não vou conseguir lavar tudo de jeito nenhum. Meu corpo está cheio de expectativa. Posso sentir as coxas duras de Tesq nas minhas costas e até mesmo o que pode ser o limite de sua dureza.

O pau do Creep – ou aquele atualmente preso a ele, mesmo que não seja o dele – está orgulhosamente se projetando na minha barriga. Seus olhos estão brilhando de uma forma que é ao mesmo tempo quente e terna, e foda-se se esse não é o olhar mais arrebatador que eu já vi.

Minhas coxas pressionam juntas enquanto um inferno varre minha barriga.

Eu arrasto o pano até os piores respingos no peito de Creep, limpando-os. Mas quando chego à trilha de pelos na parte inferior de sua barriga, paro. O pano fica mole em meus dedos e finalmente cai no chão.

"Tesq," eu respiro, enquanto olho para os paus, que se enrolaram novamente em um redemoinho de dureza pulsante. "Posso?"

"Toque meu pau, Aliana." O tom áspero de Tesq é acompanhado por seus dedos duros e grossos em meus quadris, me empurrando um passo mais perto de Creep.

"Não me solte," eu imploro.

Não sei até que ponto minha gárgula vai participar — até que ponto ele quer participar. Se ele puder. Mas eu quero ele envolvido. Tanto ou tão pouco quanto ele quiser. Quero seu corpo contra o meu. Quero que ele tenha o máximo de prazer possível com isso.

“Eu não vou.” Sua resposta é dura, e seus dedos cravam-se nos ossos do meu quadril, me assegurando de que ele está aqui.

Estendo a mão e lentamente envolvo a dureza de Creep, acariciando para cima e para baixo. A textura é estranha, mas com a lubrificação roxa vazando da ponta, consigo subir e descer suavemente com bastante rapidez. E quando torço meu pulso, Creep dá um suspiro e estremece, seus quadris balançando para frente e para trás.

“Ah, Aliana.” Sua mão se fecha sobre a minha e me obriga a parar. “Deixe-me fazer você se sentir bem. E então... vamos levar esse bebê para passear.”

Ele pisca – o monstro cafona – antes de sua cabeça abaixar e suas presas suavemente prenderem meu mamilo. Ele não morde, mas puxa, enviando uma faísca pela minha espinha, uma faísca que explode em uma chuva de pequenos fogos de artifício enquanto ele continua puxando.

Agarro seus chifres, esmagando algumas das pequenas flores que crescem neles, enquanto sua outra mão passa suavemente entre a parte interna das minhas coxas, me provocando. Abri minhas pernas de boa vontade, a carícia de sua pele semelhante a uma casca de árvore fazendo minhas terminações nervosas arrepiarem de consciência.

A língua bifurcada de Creep começa a sair entre seus dentes e lambe meu mamilo enquanto seus dentes o mantêm cativo. A sensação arqueia meu pescoço, fazendo minha cabeça rolar para trás até atingir o peito de Tesq.

"Sim. Deus, sim, — eu sussurro enquanto as garras de Creep se retraem e seus dedos traçam lentamente uma espiral ao redor da minha fenda, ficando menor e mais perto da minha abertura a cada passagem pelos meus cachos.

A batida constante do coração de Tesq soa em meu ouvido quando Creep finalmente me toca lá embaixo. Estou tão encharcada que sua garra desliza facilmente sobre minha costura, separando-a. Meus quadris se projetam para frente, implorando para que ele toque naquele pequeno feixe de nervos e me irrite. Acenda-me em chamas. Faça-me brilhar.

“Abra ela. Deixe-me ver.” O pedido de Tesq é tão inesperado quanto quente.

Porra. Sim.

Eu preparo minhas pernas quando Creep usa dois dedos para separar minhas dobras para que Tesq possa se inclinar sobre meu ombro e olhar diretamente para a parte mais íntima de mim. Saber que ele está olhando faz meu coração disparar, o sangue correr em minhas veias, minhas bochechas esquentarem.

Eu olho para ele enquanto ele olha para mim, meus olhos tentando ver através das sombras projetadas por sua máscara neste ângulo, imaginando sua expressão por baixo. Sua respiração superficial me diz que seus olhos provavelmente estão dilatados. Seus dedos em meus quadris cavam mais fundo, cada ponta de dedo como uma marca contra minha pele, me fazendo queimar de necessidade.

“Tão molhado”, comenta a gárgula.

É tudo demais e ainda assim não é suficiente. Eu preciso de mais.

— Eu disse que queria seu pau — retruco, ofegante quando os dedos de Creep traçam para cima e para baixo ao longo de minhas dobras sensíveis.

Fico tonto quando a necessidade começa a dominar todo o resto, e meu aperto nos chifres de Creep fica mais forte enquanto tento puxar sua boca ainda mais para perto do meu peito.

“Chupe,” eu ordeno ao monstro de aparência fada.

Ele obedece, liberando os dentes e selando os lábios em volta do meu mamilo, aquela língua bifurcada sacudindo deliciosamente. Ele rapidamente segue isso com um dedo pressionado suavemente contra meu clitóris, apenas segurando ali, aumentando a sensação com pressão, mas sem me dar muita fricção.

O prazer está a apenas alguns milímetros de distância. Dentro do alcance. Eu circulo meus quadris e imediatamente começo a tremer quando um raio percorre meu corpo para trás. Não consigo controlar o impulso, e Creep assume o controle, esfregando rapidamente, forçando a sensação a fluir para cima até meu coração vibrar em vez de bater, até que todo o ar seja expelido de meus pulmões em um único gemido.

Eu me inclino contra Tesq, seu corpo segurando o meu enquanto Creep passa de acariciar para puxar meu clitóris, prolongando meu orgasmo, tornando-o duas vezes mais intenso, deixando-o beirando a dor. A sensação me domina, me atinge e me quebra até que meus membros parecem cera derretida.

As mãos de Tesq precisam envolver minha cintura para me manter de pé quando minhas pernas fraquejam. Mas Creep não cede até eu passar a mão na minha frente e tentar afastar seus dedos.

"Não. Não mais."

"Não mais? Estamos apenas começando", o sorriso de Creep é uma combinação de sedução e maldade – monstruoso, assim como ele.

E eu amo isso.

Ele dá um beijo rápido em meus lábios antes de empurrar seus quadris para frente e deixar o pau de Tesq deslizar para cima e para baixo ao longo da minha costura.

“Tensione seu quadril direito.” O peito de Tesq vibra a cada palavra e me pergunto do que ele está falando.

Preciso tensionar o quadril?

Mas então, de repente, o pau deslizando pelas minhas dobras molhadas – mas ainda não dentro de mim – começa a girar.

Porra.

Eu aperto os chifres de Creep, apertando com toda a minha força enquanto as cristas rodopiantes de seu pau emprestado batem contra minha carne macia em um ritmo constante. É quase como o movimento provocador de um dedo, mas intensificado, capaz de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, em vez de provocar e depois abandonar cada nervo individual.

Apesar de ter acabado de descer de um orgasmo massivo, os meus pés começam a parecer que estão a levantar-se do chão, como se eu estivesse a flutuar. Eu flutuo cada vez mais alto, olhando para baixo para observar o membro grosso e giratório que está fazendo isso comigo.

É difícil acreditar no que estou vendo, que um galo possa realmente girar assim.

“Está ficando apertado...” Creep bufa entre os dentes cerrados, no momento em que começo a me perguntar como isso deve ser para ele.

“Tensione o quadril esquerdo e deixe o direito relaxar”, diz Tesq.

Creep muda seu peso e a rotação inverte, como uma mola se desenrolando. Desta vez, seu pau gira duas vezes mais rápido do que pressiona minha costura, como se toda aquela energia estivesse armazenada e precisasse se desenrolar. Seu pau basicamente vibra contra mim na direção oposta, cada pequeno baque vibrando através da minha pele e enviando prazer deslizando para fora como raios de sol explodindo através de um prisma.

"Porra!" Meus joelhos dobram e perco o controle dos chifres de Creep, meu corpo inteiro se transforma em magma derretido, meus ossos incapazes de suportar o calor e a pressão.

Somente as mãos ásperas dos meus dois monstros me impedem de deslizar para o chão enquanto eu corco e grito e gemo descontroladamente.

Depois que me acalmei, Creep dá uma pequena risada. “Você ainda nem me teve dentro de você.”

Tudo o que posso fazer é piscar inconscientemente para ele, olhando fixamente enquanto ele se alinha e pressiona lentamente para dentro. Ele desliza facilmente porque a cabeça é bastante estreita, mas quando ele pressiona, posso sentir o alongamento. Ele desliza lentamente para dentro e para fora, deixando-me apreciar a característica espiral desse pau de uma maneira totalmente nova.

“Você é tão apertada, Aliana. Tão apertado e requintado.

Pequenos suspiros escapam dos meus lábios, mas eles são tudo que sou capaz de fazer quando ele começa a empurrar em um ritmo constante. Eventualmente, seus quadris começam a bater contra os meus com cada movimento enquanto ele entra dentro de mim.

É aí que Tesq dá outra dica. "Aperte suas nádegas."

Creep me dá um sorriso travesso enquanto faz exatamente isso.

Algo bate forte contra meu ponto G e meu corpo estremece como se estivesse eletrificado.

Creep faz isso de novo. "Seus seios saltam quando eu faço isso."

"Que. O que é aquilo?" Eu pergunto, incapaz de dizer o que está acontecendo dentro do meu próprio corpo.

"Separação. Faz com que ele bata nas suas paredes." O tom de Tesq é firme, como se ele não estivesse afetado, mas seus dedos começam a massagear pequenos círculos em meus quadris – um gesto que interpreto como seu interesse.

Claro, o pau pressionado contra minha coluna – o pau de Creep no corpo de Tesq – está vazando grandes quantidades de pré-goço, então isso é outra dica sobre seu interesse.

Tento arquear as costas para esfregar minha bunda contra ele, mas Creep escolhe esse momento para pressionar seu eixo em mim novamente e começar a empurrar rapidamente, apertando sua bunda e, portanto, batendo no meu ponto G todas as vezes.

Sua expressão é feroz enquanto ele envolve meu corpo impiedosamente com um prazer perverso. "Eu vou fazer você esguichar."

Preso entre eles, não há nada que eu possa fazer a não ser tentar respirar, já que a intensidade das sensações quase corresponde à intensidade das emoções que passam pela minha mente. O desejo cintilando em minha barriga é igual à confiança feliz que ganha vida nos recônditos de meus pensamentos. Confio nesses monstros para me dar prazer, me proteger, cuidar de mim.

A constatação derrete um pouco do aço endurecido que usei para proteger meu coração todos esses anos, a fachada de durão indiferente atrás da qual me escondi. Tive que ser duro durante toda a minha vida para sobreviver, mas agora... vejo que há outra maneira de ser. Pelo menos com esses dois. Esses monstros que arrancam risos e ternura de mim, apesar de meus melhores esforços para permanecer fechado.

Creep aumenta o ritmo e, atrás de mim, Tesq respira fundo de forma irregular e irregular. Ao mesmo tempo, a pressão aumenta – para deixar ir, para dar tudo a eles. Meu batimento cardíaco sobe e desce como uma mão tocando as teclas de um piano. Alto, baixo e alto novamente, em uma nota longa e borrada. Uma represa se rompe dentro da minha cabeça no momento em que meu corpo se despedaça. Fico tensa na ponta dos pés quando estouro, encharcando o pau de Creep.

“Boa garota,” meu monstro fae elogio, pausando seus esforços enquanto eu afundo, mole.

Ele me levanta, apoia meu rosto em seu peito e me segura enquanto meus olhos se fecham.

“Eu sei... ainda não terminamos,” eu sussurro, mas minha voz está fina e fraca depois de tudo – tudo que eles viram e tudo que não viram.

Os dedos de Creep afastam meu cabelo úmido do pescoço coberto de suor enquanto ele diz: — Ainda não terminamos, mas esperamos o tempo que você precisar, querida.

Tenho certeza de que ele não está falando apenas de orgasmos.

Se o prazer não tivesse apenas me deixado com os joelhos fracos, essa frase definitivamente teria feito.

O DEVORADOR



MINHAS PÁLPEBRAS PARECEM que foram supercoladas. Eu levanto uma garra para acertá-los e limpar o sono. Meu braço está quase tão pesado quanto um saco de cimento.

O que está acontecendo? Porra, onde estou? Não reconheço a superfície irregular em que estou deitado. Definitivamente não é a cama de dossel do meu museu, com seu enorme dossel vermelho e coleção de travesseiros fofos.

A briga na rua volta para mim rapidamente e a adrenalina dispara em meu sistema.

Eu abro meus olhos e imediatamente, luzes bruxuleantes aparecem na minha linha de visão. Pisco, pensando que estou vendo estrelas, até perceber que estou olhando para um fio de luzes de Natal. Eu meio que pensei que essas coisas estavam obsoletas nos anos que se seguiram ao colapso da civilização humana. Só conheço um monstro que os usa.

Esta é a casa da Em?

Franzo a testa e tento virar a cabeça, mas está latejando como se alguém tivesse golpeado com uma marreta.

Um pequeno ruído perfura meus tímpanos e faz meus ouvidos ficarem atentos. Pode ter sido uma voz feminina. Soou... estou ouvindo de novo, um gemido solitário e doloroso. Parece a Aliana!

Imediatamente, meu corpo enrijece desde o crânio até os dedos dos pés. Mas é muito pesado. Eu não consigo levantá-lo. Eu não consigo me mover. É preciso um esforço considerável até mesmo para manter os olhos abertos. Certa vez, enfiei o rosto de um monstro desobediente no concreto – imagino que ele experimentou uma sensação semelhante à que estou sentindo agora.

Seja qual for o veneno que Mishika e seus amigos me deram, pesa em minhas veias. Meu corpo parece feito de chumbo. Até o esforço de virar a

cabeça é quase demais, mas forço-a para o lado, empurrando com toda a força de vontade.

Se esta é a casa do Em, tenho que encontrar uma maneira de impedi-lo de encontrar Aliana antes que eu...

Assim que viro a cabeça, congelo, totalmente chocada.

Percebo que não estou no abrigo de animais de Vazio, mas em algum tipo de casebre subterrâneo sem janelas e com apenas uma porta. As paredes são de cimento ou metal; Eu realmente não posso dizer pela minha posição atual no chão frio. E tudo isso cheira a pobreza.

Mas, embora os meus sentidos reúnam toda essa informação tangencial num instante, não é isso que me congela. É o fato de que minha companheira está presa entre dois outros Terrores – nua. E eles também estão nus. Tocando nela. As mãos de Tesq estão se movendo de onde estavam em sua cintura para cavar em seus quadris. Enquanto isso, Creep leva duas de suas garras até a boca dela e traça uma linha suave na costura dos lábios dela enquanto sorri.

“Prove você mesmo, querida”, diz ele.

Inspiro e fico muito consciente do fato de que toda esta caverna cheira a sexo. Como seu próprio perfume almiscarado.

Que merda!

ESSES BASTARDOS!

Ciúme como nunca senti antes flechas através de mim. A isso se junta uma raiva quase incandescente que se espalha vermelha pelos cantos da minha visão.

Tento abrir a boca para rosnar, mas minha língua está uma bagunça encharcada dentro da boca e não se move. Tudo o que posso fazer é ficar deitado no lugar e olhar enquanto Creep se inclina para frente e captura a exuberante boca vermelha de Aliana em um beijo.

Esse é meu companheiro.

A boca dela pertence a mim.

A indignação explode dentro de mim, e aquela inveja de antes explode como um ovo, uma cobra de olhos escuros deslizando para fora dele e descendo pela minha espinha. A próxima é Fury.

Aquele bastardo! Creep escapou após nossa busca e encontrou Aliana pessoalmente, mas não a trouxe de volta para mim?! Ele está tentando mantê-la para si... quando ela é minha!

E então minha raiva se derrama sobre ela. O que diabos ela está fazendo aqui com eles? Por que ela não veio imediatamente me encontrar?

Eu disse a ela que ela era minha companheira.

Fizemos amor.

O medo de que os laços de casal possam ser unilaterais retorna novamente, desta vez com pressa, um dilúvio que me inunda.

Uma garota humana pode não sentir lealdade?

Ela não consegue sentir aquele puxão doloroso do vínculo de companheiro? A necessidade corporal absoluta de garantir que um companheiro esteja seguro e protegido e bem cuidado?

Não posso curvar os lábios, mas se pudesse, eu o faria, porque ela está sendo bem cuidada. Por aqueles filhos da puta. Não posso acreditar que os Terroristas arriscariam a nossa aliança por uma rapariga humana.

A garota humana mais linda do mundo inteiro — com aqueles cabelos negros e brancos caindo pelas costas, aquela pele macia e sedosa, aquelas curvas suaves — que a mão de Creep está traçando lentamente.

Ele segura seu seio, a carne macia mal preenchendo sua palma. Fico chocado com a lembrança de como eram seus seios em minhas mãos, pequenos, mas carnudos, os mamilos endurecidos como pequenos rubis. Um pulso quente desliza pela minha espinha até meu pau.

O resto do meu corpo pode não se contorcer, mas meu pau certamente sim.

Principalmente quando Aliana solta um gemido de prazer.

Ela gosta de beijá-lo?

Mais do que ela gostava de me beijar?

A raiva quente dentro de mim se torna inundada por algo amargo com a perspectiva de que isso possa ser verdade. Ela certamente está entusiasmada o suficiente para beijar Creep – posso ver a língua dela se enroscando na dele enquanto eles se beijam de maneira lasciva e desleixada – ambos ansiosos demais. Suas mãos se erguem para mergulhar em seus longos cabelos azuis, os dedos arrastando-os, torcendo-os, puxando cada vez mais forte até que um gemido irrompe de sua garganta.

Tento me lembrar se ela me agarrou daquele jeito, mas minha reflexão é interrompida quando Aliana levanta uma perna longa e pálida e a envolve na cintura de Creep, usando-a para puxá-lo para mais perto. A linha de sua perna, a curva de sua panturrilha, a protuberância de sua bunda...

Esqueço o ciúme quando a vontade de desenhá-la assim toma conta. Quero desenhar minha Aliana sendo uma megera – tendo prazer nela.

Quero desenhar a forma como o pescoço dela se curva quando ela interrompe o beijo e inclina o rosto para o teto enquanto Creep agarra seu pescoço.

Quero desenhar a maneira como a mandíbula de Tesq se aperta enquanto ele olha para ela agora, a maneira como seus dedos fazem covinhas em sua pele enquanto ele exerce uma quantidade ridícula de autocontrole com ela aberta daquele jeito. Não sei como ele não se envolve. Como ele não está ligado?

Mas então Aliana tira a mão do cabelo de Creep e a estende para trás. Não consigo ver exatamente o que ela faz, mas todo o corpo de Tesq enrijece como se ele tivesse sido atingido por um raio.

“Não se atreva a se mover”, ela ordena com aquela adorável voz irritada que ela acha que exerce algum tipo de autoridade intimidadora.

Ela percebe que parece uma gatinha? Suponho que seja uma representação precisa da minha Aliana – ela é uma gata raivosa e sibilante que só virá até você quando estiver de acordo com seu humor. Se você tentar contê-la, tentar prendê-la, ela luta e se agarra com tudo que tem.

Tesq fica imóvel como uma estátua, e eu me pergunto o que ela fez... até que ela começa a se esfregar na cintura de Creep, com a coxa ainda pendurada no alto dos quadris dele. Ela usa o corpo de Creep para buscar seu próprio prazer e, enquanto ela se move, avisto o pau de Tesq enfiado entre suas nádegas. Ele não está fodendo a bunda dela. É apenas a fricção daqueles dois globos pálidos e carnudos subindo e descendo em cada lado do seu pênis.

Droga.

Meu próprio pau lateja de saudade. O que eu não daria para ser ele agora. Ou rastejante. Ou deitar-se debaixo dos trê e observar a forma como a boceta de Aliana provavelmente está pulsando agora, seus cachos ficando molhados, seu clitóris inchando. Eu estenderia a mão e a agarraria—

"Tesq... eu quero seu pau na minha bunda." O tom ofegante de Aliana preenche a sala no momento em que um som úmido chega aos meus ouvidos.

Os dedos de Creep estão dentro dela? Ou...

As bordas da minha visão ficam vermelhas quando vejo seus quadris balançando para frente e para trás. Ele está *transando* com ela.

Assim que eu puder, vou arrancar seu pau de seu corpo, esfolá-lo e então alimentá-lo com o que resta do saco mole de músculo.

“Por favor, Tesq, por favor. Estou pronta”, implora Aliana.

Minha raiva é momentaneamente eclipsada pela luxúria que mancha sua voz. O que eu não daria para que ela falasse comigo naquele tom ofegante...

“Você não está molhado o suficiente”, ele afirma.

“Não está molhado o suficiente! Eu esguichei! Em cima de mim. Abaixese e toque minhas coxas...” Ela agarra a mão dele e a força para a parte de seu corpo indicada, arrastando-a para cima.

Eu gostaria que fosse minha mão tocando nela. Porra.

“Porra, se você vai fazer isso, segure minhas bolas”, grita Creep.

Os outros dois retraem as mãos imediatamente.

“Não, você não pode vir ainda”, Aliana diz ao Terror de pele azul. “Não até que aquele pau se parta e eu sinta isso em todos os lugares.”

Creep range os dentes e uma linha em seu pescoço pulsa. “Não sei quanto tempo mais poderei...”

“Tesq!” Aliana implora novamente, virando aqueles olhos azuis líquidos para cima, olhando por cima do ombro para a gárgula corpulenta.

Ele solta os quadris dela e dá um único passo para trás, liberando seu pau da fenda da bunda dela.

Ele tem um pau azul?

“Não!” Aliana começa a protestar enquanto a mão dele vai até seu pênis, acariciando-o rapidamente até que a cabeça inche e fique do tamanho de uma bola de tênis.

Ele solta um rosnado rouco e esperma sai de seu pau. Mas não uma quantidade normal de esperma. Parece água de uma mangueira. Toda a maldita bagunça se espalha por toda a bunda de Aliana, cobrindo-a, escorrendo por ela.

Minhas bolas apertam dolorosamente, tão perto da borda.

Porra.

Algum dia, vou pintar exatamente essa cena. A minha mente memoriza os detalhes, as sombras debaixo do seu rabo, o lento deslizamento do esperma, a expressão de olhos arregalados no seu rosto.

Tesq dá um passo à frente, sua mão indo para a bunda de Aliana e pegando um pouco do esperma na ponta dos dedos. Não consigo ver exatamente o que ele está fazendo, mas quando Aliana engasga, eu sei.

Ele está pressionando suavemente aquele esperma no rabo dela, lubrificando-a.

O calor ferve meu cérebro, e eu ando na ponta dos pés à beira da ejaculação, oscilando bem no limite. Quero desesperadamente acariciar meu pau, aliviar essa dor crescente, proporcionar-me alguma aparência de alívio. Foda-se aquele monstro de cabelo rosa e aquele maldito veneno que seus capangas usaram.

“Agora”, diz Tesq, afastando-se de Aliana, me dando uma boa visão de seu pequeno botão de rosa esticado enquanto Creep sai dela.

Meu queixo cai quando o pau de Creep se separa em duas partes e, de repente, não estou apenas com ciúmes por ele estar transando com ela. Estou com ciúmes porque ele consegue sentir os dois buracos ao mesmo tempo. O deslizamento suave de uma boceta, o aperto do colo do útero e o calor proibido e apertado de sua bunda - tudo ao mesmo tempo.

Precum escorre da ponta do meu pau.

Quase sinto falta dele entrando nela devido ao brilho que a luxúria coloca em minha visão. Mas Creep puxou-a para a cama de solteiro, deitando-se em cima dela. Ela subiu em cima dele, montando nele e usando as mãos para alinhá-lo. Então ela afunda lentamente nos dois paus ao mesmo tempo.

Inferno.

Posso imaginar como é isso. A pressão extraordinária, a visão de seus seios balançando enquanto ela salta - ele terá dificuldade para durar mais de cinco bombeadas.

Aliana dá um adorável gemido abafado enquanto gira no pau de Creep.

Tesq grita algo que me confunde. “A coisa moderna ainda funciona quando eles estão separados.”

“Entendi”, retorna Creep.

Qual é a coisa do quadril?

De repente, porém, Aliana está gemendo como uma estrela pornô, como uma presa.

“Foda-se, sim, foda-se, sim, foda-se, sim”, ela começa a cantar em um sussurro.

“Eu vou”, Creep avisa.

"Faça isso. Porra! Porra! FAÇA ISSO!" Aliana fica tensa, suas mãos voando para o peito de Creep e coçando seus peitorais enquanto ela balança descontroladamente, jogando a cabeça de um lado para o outro.

Merda. A visão dela gozando desequilibrada, dominada e dominada pelo desejo, faz minhas bolas apertarem e fogo líquido jorrar em minhas veias até que eu goze dentro de minhas calças arruinadas.

Os quadris de Creep se levantam e ele a golpeia com algumas estocadas fortes antes de grunhir sua própria liberação. Ela cai sobre ele, ofegante, enquanto estende a mão cegamente para Tesq.

A gárgula gentilmente se aproxima e entrelaça os dedos com os dela, olhando para ela enquanto ela se recupera. Não consigo ler a expressão em seu rosto, mas há uma suavidade em seu sorriso que nunca vi antes.

Isso faz com que meus arrepios aumentem imediatamente.

Mas então, seus olhos mascarados se voltam para mim e ele anuncia: “Acho que Dev está acordado”.

Merda.

Meu peito imediatamente aperta como se eu tivesse sido pego fazendo algo errado, espionando-os, quando a realidade é que eles são os que estão transando com meu companheiro.

Seria estranho se eu fechasse rapidamente os olhos e fingisse que ainda estou dormindo? Talvez eu pudesse roncar para aumentar o efeito...

Porra, não. Eu me recuso a me esconder quando acabo de ser traído pelo meu companheiro e pelos supostos amigos. Bem, amigo e conhecido. Não há nenhuma maneira de eu considerar o gigantesco pedaço de pedra um amigo.

Um grunhido desconfortável surge naturalmente dos meus lábios, porque me sinto encurralado. Não consigo me mover e não posso confiar neles.

A cabeça de Aliana surge do peito de Creep, seus olhos encontrando os meus. Suas bochechas escurecem para um tom profundo de rosa, e eu me pergunto se ela está envergonhada com o que aconteceu e como ela me traiu ou se ela está apenas envergonhada por eu ter visto.

Eu odeio o fato de que misturado com meu ciúme e raiva está... luxúria. Tanta luxúria que estou me afogando nela.

Tesq gentilmente a ajuda a se levantar, e eu vejo os dois paus flácidos de Creep caírem do corpo dela, caindo na parte inferior da barriga. Um

esperma escuro, quase roxo, vaza entre suas coxas antes que Tesq a pegue em seus braços.

“Lave de novo”, ele grunhe, levando-a para longe de mim e até a pia.

Que porra é essa? Não sou sequer uma prioridade aqui?

Eles não sabem que há um maldito veneno correndo em minhas veias? Na verdade, eles podem não saber disso. Se ao menos minha boca estúpida se abrisse.

Uma sensação de queimação percorre meu braço enquanto tento movê-lo e, hesitante, consigo mexer as pontas dos dedos. Foda-se minha vida com um poste enferrujado.

Posso ao menos invejar Aliana por alguns novos protetores se estou às portas da morte?

Sim.

O predador em mim pode.

Não sou do tipo que compartilha – nunca fui. Eu não consegui ser um Terror e me tornar um rei dos monstros sendo suave e doce.

Aliana é minha.

E vou encontrar uma maneira de... recuperá-la... droga, penso enquanto minhas pálpebras se fecham por vontade própria e o mundo inteiro desaparece.

O HOMEM VAZIO



"ESPERO VOCÊ GOSTA de cagar em baldes enferrujados pelo resto da vida — falo sarcasticamente enquanto tento me sentir confortável na placa de pedra bastante *desconfortável* que eles chamam de colchão. “Você gosta do cheiro de *cocô* ? Você?”

Chase, previsivelmente, me ignora, mas posso dizer que Pretty Boy ainda está presente, um mosquito irritante que zumbe na minha cabeça. Não importa quantas vezes eu o afaste e grite “xô”, o maldito idiota permanece.

Bem, tecnicamente... *eu* permaneço. O feitiço que Tesq colocou em mim ainda me mantém preso dentro dos limites do corpo de Chase. Mas ehh. Ele realmente não precisava do corpo de qualquer maneira. Quero dizer, para que servia, exceto para foder barato e matar monstros? Sou um capitão muito melhor deste navio do que o Pretty Boy jamais poderia ser.

Olho desanimado ao redor da minha cela pela segunda vez, esperando descobrir algo que perdi durante as outras trezentas vezes em que estudei minha prisão. Parece ter mais de dois metros em todas as direções, criando um quadrado de cimento perfeito. Há apenas uma janela reforçada com barras de aço, com cerca de metade do tamanho da minha cabeça. Através dele, posso ver que o céu está escurecendo, a mancha do crepúsculo se espalhando pelo azul. O vento lá fora sopra contra o vidro e a pedra, e o som uivante é quase ensurdecedor. Um colchão irregular está encostado em uma parede, tão cheio de lágrimas e manchas que me pergunto se ele passou por uma orgia, um assassinato e depois uma orgia de assassinatos.

Mas considerando o fato de que este não é o meu corpo, não estou muito preocupado com doenças sexualmente transmissíveis. Chase merece até a última gota de sífilis que este maldito colchão pode lhe causar.

E não me fale sobre o balde de merda...

Juro que o cheiro pungente de urina de semanas anteriores e fezes com crostas ataca constantemente meus sentidos. Você pensaria que eu me acostumaria com o cheiro, mas ele permanece tão constante quanto o de Chase — uma boa analogia, suponho.

Chase é o equivalente a uma merda velha e nojenta.

A raiva me atinge como espinhos quando penso em como acabamos nessa situação.

Se Chase apenas tivesse lutado...

Se eu não tivesse confiado estupidamente no bastardo para nos levar para um lugar seguro...

Se ele não estivesse tão entusiasmado em nunca me deixar chegar perto de Aliana...

— Vou matar você assim que estiver livre desse traje de carne podre — prometo a Chase, minha voz como o fio afiado de uma lâmina. Espinhos espinhosos parecem enrolar-se em meu peito enquanto minha raiva aumenta. “Como você ousa me manter longe do meu companheiro? Como você se atreve?”

Não vou deixar você machucá-la, Chase responde suavemente.

É um leve sussurro de som, uma lufada de ar filtrada através de um recipiente oco.

“Eu nunca vou machucá-la,” eu rosno. “Ela é minha companheira!”

Você tentou matá-la.

“Para salvar a existência dela!” Quantas vezes mais preciso repetir isso? Juro que as palavras se recusam a penetrar na cabeça dura de Chase. Eles simplesmente ricocheteiam inofensivamente, como uma bola de basquete sendo atirada contra uma parede de tijolos.

Suponho que respeito Chase, até certo ponto. Há um tipo profundo de pureza na maneira como ele a ama – incondicional e irrevogavelmente.

Mas porra.

Eu tive que ser pego no meio da briga de seus amantes?

Especialmente quando meu único crime é cuidar de Aliana também?

Claro, meus métodos podem ser... pouco convencionais, mas não sou mau. Tudo o que fiz foi pensando nos melhores interesses dela. É uma lógica simples, na verdade.

Qual é a melhor maneira de salvar a vida de sua companheira predestinada de monstros cruéis e cruéis que pretendem devorá-la?

Faça dela um monstro ainda maior, alguém que possa se proteger.

Mas eu juro que há um laço apertando meu pescoço, e Chase é o chão prestes a cair debaixo de mim.

Não vou ter essa discussão com você de novo, Chase bufa, irritado.

A raiva crepita e queima no centro do meu peito como um fogo fora de controle. É como se houvesse uma faca cravada logo abaixo das minhas costelas, e cada vez que respiro, ela se crava um pouco mais fundo.

“Eu simplesmente amei como você nos meteu nessa bagunça, e então você dobrou o rabo e correu a segunda merda para o ventilador,” eu digo, principalmente porque eu quero – não, eu *preciso que* Chase continue falando comigo.

Sua raiva alimenta minha própria raiva, e tenho a sensação de que cultivar essa raiva é a única maneira de sairmos vivos dessa tempestade de merda.

Embora eu suponha que não me importo muito. Afinal, não é *o meu* corpo que vai chutar a lata, por assim dizer. Sou um maldito fantasma. Não há nada que qualquer um desses filhos da puta possa fazer para acabar comigo.

Mas Chase?

Sim, Pretty Boy é tão dolorosamente mortal que é quase irritante. Uma pequena faca em seu coração... e puf. Ele deixa de existir. Não demorará muito até que seu corpo comece a se decompor e a se encher de vermes. Imagino que ele não será tão bonito então.

E pode apostar que não vou ficar fuçando em busca da alma dele para preservá-la do jeito que planejei fazer com a de Aliana...

O rangido de uma porta se abrindo em algum lugar distante interrompe qualquer resposta espirituosa e tão inteligente que Chase iria dar. Tento manter minha expressão perfeitamente plácida, adotando uma atitude *de não dar a mínima*, enquanto o som abafado de passos ecoa pelo longo corredor em frente à minha cela de prisão.

Um segundo depois, um monstro desconhecido me observa.

"Bem, bem, bem... você não é absolutamente horrível?" Eu falo lentamente, esticando os braços acima da cabeça e bocejando de forma desagradável.

Este “monstro” - se é que você pode chamá-lo assim - tem uma forma distintamente humanóide. No entanto, todo o seu corpo está coberto de sangue espesso, vermelho e xaroposo que parece escorrer ao seu redor como água da chuva, criando poças de sangue em seu rastro.

E eu só sei que é um homem pela pequena protuberância em sua região inferior... também coberta de sangue.

“Pelo menos vista algumas roupas, cara”, continuo, lançando-lhe um sorriso de merda. “Os monstros de baixo poder não têm nenhuma aparência de modéstia?”

Chase solta um suspiro irritado. *Você tem que antagonizar os monstros que nos mantêm cativos?*

Não estaríamos nesta situação se um certo alguém não tivesse decidido cair de barriga e chorar por sua mãe.

Definitivamente não foi isso que aconteceu.

Estou tomando liberdades criativas em minha autobiografia, retruco enquanto as enormes barras de metal se abrem em dobradiças que rangem.

O monstro de sangue – que chamarei carinhosamente de B-Man – alcança meu braço e o aperta. Eu faço uma careta automaticamente com a sensação de sangue na minha pele nua, mas não permito que meu desgosto apareça em meu rosto. Muito.

“Ahh. Alguém está se sentindo brincalhão,” eu provoco enquanto ele me coloca de pé.

Ele é forte para um monstro de baixo escalão – muito mais forte do que esta patética forma humana. Ele praticamente me arrasta atrás dele como uma maldita boneca de pano.

É irritante.

Precisarei matá-lo assim que estiver livre do corpo de Chasey Boy só para acariciar meu ego ferido.

Somos conduzidos por um labirinto de corredores que dão voltas e reviravoltas com tanta frequência que quase fico tonto. A água pinga dos canos que revestem o teto, molhando o chão de terra. Parece que estamos em algum tipo de... sistema de túneis. Sistema de esgoto? Foda-se se eu sei. Nunca presto muita atenção aos “sistemas” do mundo.

Chase permanece em silêncio na minha cabeça, mas posso dizer que ele está examinando tudo com aquela intensidade astuta e inabalável dele. Para escapar, talvez?

Pretty Boy finalmente caiu em si?

Entramos em uma sala tão dilapidada e desolada quanto o resto dos túneis. Piso de cimento, paredes de cimento e – você adivinhou – teto de cimento. Uma única cadeira fica no centro da sala com cordas e correntes espalhadas ao redor dela.

“Ahh. Isso parece aconchegante”, eu canto. “Esta é a sua sala de tortura?”

B-Man não responde. Ele simplesmente empurra meus ombros e sou forçada a entrar mais na sala. Quando estou bem na frente da cadeira de madeira frágil, ele me empurra para baixo e então começa a tarefa meticulosamente chata de prender meus tornozelos e pulsos às pernas e braços.

“Não... não é sala de tortura”, penso. “Masmorra do sexo?”

Pelo amor de Deus, cale a boca, Chase sibila.

“Não me diga que você nunca esteve em uma masmorra sexual antes?” — pergunto a Chase em voz alta.

Ele rosna algo evasivamente, mas não responde.

Bastante rude, se você me perguntar.

Assim que estou preso à cadeira, B-Man sai sem olhar para trás, deixando um rastro de sangue atrás de si. Eu amo sangue tanto quanto qualquer pessoa, especialmente em masmorras sexuais, mas o sangue dele?

Ai credo.

Pela minha periferia, juro que posso ver uma marca de mão ensanguentada manchando minha pele bronzeada.

Não sei quanto tempo fico ali, olhando para o nada, sem fazer nada, sem pensar em nada, quando a porta se abre pela segunda vez e o monstro dourado de antes entra. Sua cauda pontiaguda, semelhante a um dragão, balança contra o chão enquanto ele anda. Só que desta vez noto que ele tem chifres. Eles foram cortados e raspados, mas os tocos ainda estão lá, visíveis acima dos cachos loiros de seu cabelo.

Atrás dele está um monstro rosa bastante familiar – eu reconheceria a cadela ofegante em qualquer lugar. Mishika praticamente implorou pelo meu pau anos atrás, e quando eu disse não, ela passou para Dev.

Prostituta malvada e sedenta de poder.

Você disse não para alguém? Chase pergunta incrédulo.

Acredite ou não, Pretty Boy, eu tenho padrões.

Chase bufa – obviamente não acreditando em uma palavra do que acabei de dizer – e eu mentalmente mostro o dedo para ele.

Goldie Locks me lança um sorriso zombeteiro e avança para dentro da sala. “Nunca pensei que veria o dia em que capturaríamos o grande e poderoso Homem Vazio.”

Sua voz praticamente transborda de desdém. Se eu me importasse com a opinião dele sobre mim, posso ter magoado os sentimentos. Do jeito que está, eu só quero assassinar ele, sua família e a família de sua família.

“Você sabe como isso vai acontecer, certo?” Eu pergunto preguiçosamente, lançando-lhes um sorriso doce e açucarado. “Vou me libertar do corpo do Pretty Boy e matar cada um de vocês. Então, por que não vamos direto ao ponto – sem trocadilhos – e fazemos com que vocês se esfaqueiem no cérebro para me pouparem o trabalho?”

Goldie Locks joga a cabeça para trás em uma risada arrogante, embora eu perceba que Mishika parece mais moderada, seu rosto rosado quase pálido na penumbra. Agora que estou olhando para ela de perto, vejo que ela parece... diferente. Eu simplesmente não consigo definir o que é.

“Esse seria o caso, sim”, concorda Goldie Locks, cruzando as mãos nodosas atrás das costas, “se você algum dia fosse capaz de deixar o corpo de seu hospedeiro”.

“Eu não gosto de enigmas, meu amigo.” Eu sorrio brilhantemente. “Por que você simplesmente não fala claramente?”

Você adora enigmas, Chase retruca.

Calma, você.

Goldie Locks enfia a mão nos bolsos e balança um pequeno frasco na frente do meu rosto. O líquido azul brilha na fraca iluminação artificial.

Franzo a testa. “Que porra é essa?”

“Esse, meu amigo, é o feitiço que o Grotesco usou para mantê-lo preso no corpo deste humano patético, para começar.” Seus lábios se afastam dos dentes em algo que você pode chamar de sorriso.

Talvez. Seus dentes são um pouco afiados demais para serem confortáveis, as pontas serrilhadas e um tom amarelo ictérico.

Arrepios de desconforto na minha espinha.

“Onde diabos você conseguiu isso?” De repente, não consigo falar devido ao aperto na garganta. É como se o ar estivesse cheio de lâminas de barbear e cada vez que inspiro, engulo um punhado.

“Isso importa?” Goldie Locks inclina a cabeça para o lado enquanto me estuda com curiosidade. “É realmente triste como um monstro tão poderoso pode ser derrubado por uma simples fraqueza. Você pode imaginar? Ficar preso neste corpo até o fim dos tempos? Conhecer a dor como você nunca

experimentou antes? Para eventualmente viver em um corpo que nada mais é do que ossos?”

O pânico bate em meu peito como uma caixa. “Você vai ficar sem essa maldita poção um dia, e quando isso acontecer, eu estarei lá. Esperando. Pronto para arrancar a porra do seu baço.

Luto contra as cordas que me prendem, mas elas apenas roçam minha pele avermelhada, fazendo com que a dor desça pelos meus braços.

Porra. Porra. Porra.

Os lábios do monstro dourado flertam com um sorriso malicioso enquanto ele dá mais um passo à frente. Juro que ele cheira a enxofre, a ovos podres misturados com a merda daquele maldito balde enferrujado.

“Não se preocupe com isso”, ele diz levemente. “Mas diga-me, Homem Vazio, qual é o seu limite para a dor?”

“Pergunte à sua mãe”, provoco infantilmente. “Ela adora me sufocar enquanto eu fodo ela com meu pau grande...”

Sua palma serpenteia e me acerta na lateral da cabeça. Não sei se chamaria isso de tapa de vadia, mas...

Ah, não, Chase interrompe. É definitivamente uma bofetada.

Sangue se forma em minha boca e não me preocupo em virar a cabeça antes de cuspi-lo. Algumas gotas caem no peito de Goldie Locks, mas ele não levanta a mão para enxugá-las.

“Os outros Terrores nunca deixarão isso acontecer. Eles virão atrás de você e arrancarão a porra da sua cabeça”, aviso quando a porta se abre novamente e B-Man retorna.

Ele entra em uma enorme mesa de metal. As armas que estão em cima dela destacam-se nitidamente na iluminação da sala.

Goldie Locks sorri. É um sorriso sinistro, que me faz sentir um arrepio na espinha. A temperatura parece cair algumas centenas de graus, a geada permeando todas as superfícies.

"Bom." Seu hálito rançoso acaricia meu rosto, me fazendo empalidecer. “Isso é exatamente o que espero.”

ALIANA



Os PRÓXIMOS dias nos encontram em uma rotina surpreendentemente reconfortante.

Acorde com o café da manhã servido por Creep - aprendi da maneira mais difícil que Tesq não deve, em hipótese alguma, entrar na cozinha para cozinhar nada além de ovos.

Cuide das feridas rabugentas e rosnantes de Dev.

Jogue algum tipo de jogo com Creep e Tesq enquanto Dev assiste, com os olhos semicerrados e os lábios afastados dos dentes em uma aparência de rosnado.

E então adormeço em um dos braços do meu monstro.

Exceto Dev.

Ainda não tenho certeza se estou pronto para essa etapa. Esse salto.

Mesmo agora, enquanto me ajoelho no chão ao lado de Dev, que atualmente está fazendo a cama de solteiro afundar precariamente, e limpo o sangue seco de seu peito e estômago grandes e musculosos, não consigo deixar de lembrar a maneira como ele agiu após o leilão. . A maneira como ele me escondeu, me trancou, me tratou como um bem que ele poderia trocar e descartar. Não sei se ele ainda me vê assim e não tenho coragem de perguntar. Como eu formularia tal pergunta?

Ei, Devorador, você ainda me considera um escravo e um brinquedo para brincar?

Sim. Essa conversa definitivamente *não* acontecerá.

Meu pulso acelera com antecipação inquieta enquanto passo o pano por seu abdômen tenso, meus dedos roçando os contornos suaves de sua pele.

“Mmmm, isso é bom. Suas mãos estão tão frias”, ele murmura.

“Tenho certeza de que é só a água”, digo. “Não temos água quente.”

Na verdade, embora Tesq de alguma forma tenha conseguido abrir uma torneira aqui, ela só produz frio. Sempre que ele me dá um banho de esponja ou enche baldes e os traz para mim para que eu possa lavar o cabelo, acabo tremendo depois. Claro, Creep toma isso como uma desculpa para se aconchegar, mas é realmente desagradável enquanto estou esfregando o couro cabeludo.

O Devorador ou está febril, então minhas mãos estão bem, ou ele está tentando encontrar um assunto neutro para discutir, para não acabarmos nos irritando. De novo. Como sempre, sempre fazemos. Não parece importar que ele esteja fraco agora, ou que eu tenha todo o poder pela primeira vez desde que nos conhecemos, mas continuamos batendo cabeça como duas cabras se enfrentando na encosta de uma montanha.

Ele ainda não é capaz de andar, mas encolheu de sua forma bestial e voltou ao estado semi-humano. Você poderia pensar que o Devorador seria peludo em sua forma quase humana, mas isso não poderia estar mais longe da verdade. Cada centímetro dele é pura perfeição masculina: mármore cinzelado, linhas duras e ângulos agudos, pele esticada e esticada sobre músculos grossos. Ele tem algumas tatuagens que eu nunca tinha notado antes – talvez porque na única vez que estivemos fisicamente juntos tudo tenha sido muito frenético. Há linhas escuras e coloridas que descem por seu peito como trepadeiras formando um pilar.

Ele olha para mim através de cílios tão escuros que me pergunto se ele os cobriu com carvão. A imagem do enorme, rude e aterrorizante Devorador se maquiando me faz reprimir um sorriso malicioso. Mas aquele sorriso hesitante e fugaz morre de forma rápida e dolorosa quando mais pus amarelo começa a escorrer da ferida.

Porra. Ainda não deveria estar fazendo isso.

Creep, sentado no sofá do outro lado da sala, me franze a testa diante de qualquer expressão que vê em meu rosto. Provavelmente pânico estúpido.

"Isso é ruim?" Dev fala com voz rouca, sua voz repleta de sono e dor.

“Bem...” Mordo meu lábio inferior com força suficiente para tirar sangue. “Definitivamente não é melhor.”

Dev tenta olhar para seu corpo enorme, seus chifres se projetando em minha direção enquanto sua cabeça se inclina, uma carranca aparecendo em seus lábios.

“Aquele maldito monstro tinha veneno nas garras”, lamenta ele, as palavras se transformando em um grunhido de raiva.

“Ele vai ficar bem, pequeno guerreiro,” Creep me garante, embora eu não possa deixar de notar que seu rosto parece anormalmente pálido, as estrias tatuadas e os pontos em suas maçãs do rosto se destacando nitidamente. “Ele é um Terror, e os Terrores são difíceis.”

"Ele tem razão." Dev parece irritado, mas se é porque estou preocupada com ele desnecessariamente ou porque Creep é quem está me tranquilizando, permanece um mistério. “O veneno não pode me matar. Só vai demorar um pouco mais para cicatrizar do que uma ferida normal demoraria.”

“O que significa que você está vulnerável”, aponto.

Seus lábios se achatam e a irritação ganha vida em seus olhos vermelho-escuros. "Não."

Monstro estúpido e irritante.

Optando por não discutir — porque, falando sério, quando discutir com Dev funcionou para mim? —, limpo o ferimento cuidadosamente antes de começar a aplicar novos curativos. Não tenho certeza se o que estou fazendo o está ajudando de alguma forma, mas isso me faz sentir melhor, me faz sentir como se estivesse realmente fazendo a diferença.

E, surpreendentemente, Dev não protesta. Ele simplesmente me observa com um olhar penetrante, quase como se guardasse meu rosto na memória, acariciando minha pele apenas com o olhar. O fogo sobe pela minha espinha, embora eu não permita que ele aqueça minhas bochechas. Eu me recuso, me recuso absolutamente, a corar na frente dele, apesar de saber que ele me viu fodendo meus monstros outro dia.

Não tenho vergonha disso e não devo nada a ele. Na verdade, ele *me deve* um pedido de desculpas. Monstro estúpido, teimoso, vulnerável e que não admite.

“Mesmo quando você está com raiva de mim, você ainda é linda.” Suas palavras suaves e roucas me pegam de surpresa.

Na verdade, deixo cair o curativo que estou segurando, o tecido branco flutuando no chão. De repente, é impossível respirar perto das lâminas que obstruem minha garganta e cortam minha pele.

“Não estou com raiva de você”, digo automaticamente.

Não sei por que me preocupo em mentir. Parece algo que devo fazer, dizer, quase como uma condolência.

Um sorriso irônico passa pelo rosto de Dev antes que ele o sufoque. “Você não é um mentiroso muito bom.”

“Sou uma mentirosa incrível”, retruco.

Creep solta uma risada, mas felizmente permanece em silêncio. Caso contrário, posso ficar tentado a ir até lá e bater na cabeça dele.

“Você sempre torce o nariz quando mente”, Dev me diz, uma de suas mãos trêmulas apontando para meu nariz.

"Eu não!"

“Você está fazendo isso agora, pequeno guerreiro,” Creep interrompe com um sorriso.

Lanço-lhe um olhar gelado, mas ele simplesmente mostra a língua bifurcada para mim de uma forma quase obscena. Monstro estúpido, sexy e irritante.

Resmungando, me inclino para pegar o curativo que deixei cair. “Quando Tesq vai voltar?”

Minha gárgula saiu uma hora antes para pegar mais suprimentos médicos para Dev. Protestei por ele ter ido sozinho, mas ele insistiu que ficaria bem com Fluffy como companhia. A tigresa azul me lançou um olhar de reprovação, como se estivesse chateada comigo por duvidar de sua capacidade de cuidar do homem que parecia uma pedra.

“Pare de se preocupar,” Dev bufa como o gigante rabugento que ele é.

Algo semelhante ao ciúme passa por seu rosto antes que ele rapidamente o esconda atrás de uma máscara impassível. Essa emoção em particular tem se mostrado cada vez mais ao meu redor e dos outros caras, especialmente depois...

Minha pele esquenta e meu coração palpita com a lembrança do que nós três fizemos outro dia. Não repetimos a performance, mas minha pele ainda arde apenas com a lembrança de seus lábios em mim, do pau de Tesq batendo em minha boceta, das mãos de Creep percorrendo minha pele, meus seios, meus mamilos. Não quero nada mais do que agarrar os dois homens e reivindicar seus corpos mais uma vez.

Mas deixar Dev ferido e assistindo... parece errado. E o que vamos fazer? Chutá-lo para dentro do túnel para que eu possa tentar convencer Creep — que agora tem seu próprio pau de volta — a me foder enquanto eu sento no colo de Tesq? O calor se infiltra em minhas entranhas e imagino que minhas bochechas estejam igualmente quentes, adquirindo um distinto rubor rosado.

Os olhos de Dev se estreitam e algo perigoso surge neles. É o mesmo ciúme de antes... misturado com possessão carnal.

“Você parece gostar bastante do homem de pedra”, ele reflete daquele seu jeito rabugento e dominador.

“E você parece gostar de ser um idiota ingrato quando aquele homem de pedra salvou sua bunda,” aponto.

Desta vez, quando aplico o curativo, é com uma bufada de raiva e aborrecimento.

Dev nem sequer recua.

"Por que ele faria isso?" ele grunhe, embora eu possa ouvir a sinceridade em sua pergunta.

“Por que ele não faria isso?” Eu contra-ataco.

“O amor pode fazer homens e monstros fazerem coisas malucas”, canta Creep, com um brilho perverso acendendo em seus olhos.

Quando me viro para encará-lo — horrivelmente desconfortável com o uso da palavra com L —, ele simplesmente me oferece um sorriso despreocupado.

Dev rosna bruscamente. Seu rosto está sombrio, como se nuvens de tempestade tivessem passado por sua expressão. “Ele não a ama. Ele mal a conhece!

Aquele sentimento crescente de afeto que senti por ele? Perdido.

É oficial: o Devorador é um grande idiota.

“Você é um idiota. Você sabe disso?” Eu bufo.

“Eu sei que tenho um grande problema”, ele brinca.

Aparentemente, o travesso monstro azul está contagiando a fera gigante.

Não sei se gosto disso.

Eu sorrio coquete de uma forma que sei que irá enfurecê-lo. “Já vi maior.”

Mentira total.

Dev está abrigando uma píton nas calças. Juro que aquela coisa veio de algum planeta alienígena distante.

Abruptamente, ele agarra minha nuca, seus dedos enormes se enroscando nos fios brancos e pretos, e puxa meu rosto para baixo até que meus lábios estejam a um fio de cabelo dos dele. Posso sentir o gosto dele na minha língua, apesar da distância entre nós.

"Tudo o que você disser, *cara* ." Sua ênfase na última palavra não passou despercebida por mim. Meu coração traidor salta trinta centímetros no ar, ganhando asas e esvoaçando como um pássaro inquieto. Eu odeio que o idiota me afete tanto quanto ele.

"Ahh. Vamos fazer um trio agora com Dev? Creep praticamente salta para cima e para baixo no sofá de excitação. "Porque eu estou no jogo. Eu sempre quis dar uma volta no pau dele.

"Você não vai chegar perto do meu pau," Dev rosna.

"Vamos", o deus das fadas praticamente choraminga. "Trocas!"

Dev é salvo de responder pela porta da sala de manutenção que se abre e cai na parede. A alça bate com tanta força no gesso que uma enorme rachadura se manifesta, formando uma teia de aranha para fora.

Eu me afasto de Dev imediatamente e me viro para Tesq, que fica destacado pela escassa iluminação que entra pelos túneis do metrô. As luzes coloridas de Natal refletem em sua máscara vermelha manchada.

Fluffy salta atrás dele, evitando os outros monstros e avançando direto para mim. Ela choraminga e se aconchega em mim, sua cabeça enorme e peluda fazendo cócegas na pele do meu queixo.

"O que há de errado, garota?" Eu sussurro, passando meus braços em volta do pescoço dela e segurando com força.

Outro grito escapa dela enquanto ela tenta fundir seu corpo com o meu. O impacto praticamente me faz cair na cama sobre Dev.

"Tesq?" Creep fica de pé e olha preocupado para o outro Terror. "O que está acontecendo?"

Tesq grunhe algo evasivamente e depois tira um pano do bolso de trás. Lentamente, quase com cautela, ele começa a desembulhar o objeto que está dentro.

"Encontrado em uma de minhas casas", ele diz rigidamente.

Meu sangue gela e o horror aperta meu coração em um torno de ferro impenetrável. Minha respiração escapa em minha respiração ofegante enquanto eu olho, apenas olho, para a coisa em sua mão enorme, aninhada contra a bandana vermelha.

Um dedo.

Um dedo humano.

A princípio, não entendo o que estou vendo.

Por que diabos Tesq está carregando um dedo? O que isto significa? Mas é só quando olho mais de perto que noto a faixa prateada que envolve a parte inferior dele.

Um anel.

Um anel familiar.

Eu suspiro de surpresa quando um bilhão de sinos de alarme começam a soar simultaneamente na minha cabeça, fazendo meus ouvidos zumbirem.

“Que porra estamos olhando?” Dev rosna.

Ele deve ter se mudado em algum momento. Ele agora está sentado atrás de mim, com o peito encostado nas minhas costas, o braço amarrado em volta da minha barriga, me segurando contra ele de forma protetora. Descubro que nem me importo que ele esteja me tocando.

Nada importa, exceto aquele maldito dedo na palma da mão de Tesq.

“Chase...” Engulo em seco e tento novamente. “Chase usou aquele anel.”

As sobrelanceiras de Creep franzem-se de preocupação. "Perseguir?" Ele se vira para Tesq. “O Homem Vazio ainda não está preso dentro de seu corpo?”

A mandíbula de Tesq range, mas ele consegue um único e rígido aceno de cabeça.

O horror me invade. Me envolve. Aperta o ar dos meus pulmões.

"Ainda?" Eu pergunto em descrença.

“Não sei quanto tempo dura o feitiço”, explica Tesq. “Mas...” Ele tira outra coisa do bolso e me entrega primeiro.

É um pedaço de papel, as palavras escritas com sangue.

O sangue restante em meu rosto é drenado. Sinto-me fisicamente doente, com náuseas revirando meu estômago.

Fábrica de carne de Jenison. Todos os três Terrores devem desaparecer ou o Homem Vazio morre.

É isso. Isso é tudo que diz.

Creep rosna com raiva pura e desenfreada. Manchas vermelhas surgem em suas bochechas, um contraste surpreendente com sua pele naturalmente azul-clara.

“Como eles ousam nos ameaçar?” ele se enfurece, suas mãos formando punhos cerrados ao lado do corpo. Ele começa a andar de um lado para o outro, inquieto, com a mandíbula cerrada, os olhos endurecidos, a boca contraída. “Eles não sabem quem somos?”

— Eles acham que iremos salvá-lo — Dev murmura um tanto sonolento atrás de mim. Sua respiração agita meu cabelo. “Eles não percebem que queremos ver o bastardo morrer.”

Dou um tapa em seu braço antes que eu possa pensar melhor.

“Não podemos deixar Chase morrer”, protesto veementemente. Quando Creep e Tesq se viram para mim, incrédulos, apresso-me em explicar. “Você pode odiá-lo – e você pode odiar o Homem Vazio – mas Chase salvou minha vida. Ele impediu Em de me matar naquele beco. Não podemos deixá-lo ser morto por minha causa.”

“Você não...” Creep começa, mas eu o interrompo.

“A única razão pela qual ele ficou preso como anfitrião do Homem Vazio foi porque Tesq estava tentando me salvar”, raciocino. Quando Tesq abre a boca como se fosse protestar, acrescento: — Estou grato por você ter feito isso, mas isso ainda não significa que Chase deva sofrer. Ele pode ser um idiota insuportável, mas não merece *isso* .”

Creep puxa o lábio inferior entre os dentes. “Eles não podem matar Em. É impossível. Ele é uma entidade que já está morta, tecnicamente.”

“Mas isso não significa que eles não vão tentar encontrar uma maneira,” Dev grita. “Tudo pode morrer... mesmo que seja a segunda morte de alguém.”

"O feitiço." Tesq cruza os braços protuberantes sobre o peito e franze a testa. “Provavelmente tenho.”

“Você está certo”, concorda Creep. “Meu palpite é que eles têm o mesmo feitiço que Tesq usou em Chase e no Homem Vazio para começar. Eles vão manter Em preso no corpo de Chase e... — Seus olhos voam em minha direção e sombra, mil pensamentos fervilhando naquelas profundezas azuis insondáveis que ele não ousa dizer em voz alta.

Porque ele acha que vou quebrar.

Porque ele teme que eu desmorone.

Porque ele não acredita que sou forte o suficiente para lidar com a notícia.

Mas sei o que ele não está dizendo: posso ouvir as palavras não ditas permeando o ar como uma toxina doentia infiltrando-se continuamente sob

minha pele.

Se Em estiver preso no corpo de Chase – um corpo humano vulnerável – então os monstros podem fazer o que quiserem com ele. Chase pode morrer... mas Em certamente não morrerá.

Porra.

O medo por ambos quase me estrangula. Eu esperava sentir uma forte reação em relação a Chase – afinal, eu o conheço há anos – mas a intensidade das minhas emoções em relação a Em me surpreende. Eu o odeio com cada fibra do meu ser, mas a ideia de ele ser torturado além da morte humana...

Isso me enche de terror e raiva.

Talvez seja só porque sou eu quem quer eliminar o bastardo sádico do mundo de uma vez por todas.

“Precisamos recuperá-los”, digo seriamente aos outros três Terrores.

A carranca de Tesq se aprofunda, uma linha profunda esculpida em seu rosto cinzento. "Armadilha."

“Definitivamente uma armadilha”, concorda Creep.

“Eu me pergunto se os monstros que levaram Em são os mesmos que foram atrás de mim?” Dev pensa. “Mishika e seu bando patético foram quem me envenenou.”

Uma onda de raiva faz meu sangue esquentar quando olho para os olhos vermelhos brilhantes de Dev, e não tenho certeza se a raiva é deles ou dele agora.

"O que você está dizendo? Que esse grupo de monstros não tem apenas uma vingança contra sua bunda peluda? Minhas palavras são duras, mas isso é apenas porque de repente ficou difícil respirar.

“Eles pediram que todos nós viéssemos”, diz Creep em tom de conversa enquanto parece refletir sobre o assunto. “Por que convidar todos os Terrores de uma vez para a sua festa de resgate? É uma maneira infalível de ser morto. A menos que seja uma armadilha.

"Nova ordem mundial." O resmungo baixo de Tesq diz o que temo.

Que eu poderia perder não apenas Em e Chase, mas todos eles. Eu me sinto encurralado... mas você sabe o que dizem sobre um animal encurralado - ele não tem escolha a não ser lutar.

“Pode ser uma maldita armadilha. Mas há uma coisa que esses monstros não planejaram quando ameaçaram vocês.” Um sorriso lento e astuto surge em meus lábios. "Meu."

O GROTESCO



EU REALMENTE NÃO SEI nada sobre esse Chase humano, exceto pelo fato de ele ser um velho conhecido de Aliana de quem ela não parece gostar muito e que ele é o atual anfitrião do Homem Vazio.

Na minha opinião, deveríamos deixar os dois filhos da puta queimarem, mas não é isso que meu querido companheiro quer.

E, aparentemente, eu sou um idiota absoluto por ela, um demônio disposto a cair a seus pés e adorar sua pira, um idiota que já está de ponta-cabeça.

Se Aliana quer que salvemos aquele idiota irritante, então é exatamente isso que faremos. Nunca me considere um cavaleiro de armadura brilhante antes, mas essa garota me faz querer ser um.

Ela me faz querer ser muitas coisas, para ser totalmente honesto.

Um pequeno sorriso surge no canto dos meus lábios antes que eu possa me conter enquanto olho para a fogueira do outro lado da sala. Atualmente, ela está envolvida em um impasse feroz com Dev, que está olhando furiosamente para ela, seu corpo de mais de dois metros de altura é ao mesmo tempo imponente e intimidador.

Não que Aliana pareça intimidada.

Há um fogo em seus olhos, um calor acumulado que endurece meu pau nas calças. O desejo envolve minhas veias como um veneno doentio – eu sei que isso inevitavelmente me matará, mas não posso deixar de dar as boas-vindas à morte se esta mulher for o ceifador que virá e arrastará minha triste desculpa de alma para o inferno.

“Você ainda está ferida,” Aliana rosna, manchas vermelhas surgindo em suas bochechas. Suas pequenas mãos se fecham em punhos. “Você não pode vir conosco enquanto estiver assim.”

“Como o inferno. Eu não vou ser deixado para trás”, ele late, avançando sobre ela.

Ela tem que esticar o pescoço para trás para olhar para ele.

"Oh sério?" Ela levanta uma sobrancelha e, em um movimento que me choca e arranca uma risada de Creep, dá um soco em Dev bem no ferimento.

O monstro gigante instantaneamente faz uma careta, seu rosto ficando sem cor. A dor atinge seu rosto antes que ele consiga esconder sua reação instintiva.

"Você é. Não. Estou indo", ela repete inflexivelmente.

Ele agarra um punhado de cabelo dela e inclina a cabeça dela ainda mais para trás, revelando a coluna lisa de seu pescoço. Meu coração bate incessantemente enquanto sou dominado pelo desejo de cravar meus dentes em sua carne cremosa de porcelana.

Marcando sua pele.

Reivindicando-a como minha.

Creep lambe os lábios lascivamente do outro lado da sala. Imagino que o processo de pensamento dele seja igual ao meu. Agora que experimentei Aliana... percebo que não é suficiente. Nunca será suficiente. Sempre continuarei a desejá-la, desejá-la, desejá-la, amá-la.

E esta violenta demonstração de raiva, esta luta pelo domínio?

São apenas preliminares monstruosas.

"Se você acha que vou deixar meu companheiro partir em uma missão perigosa sem mim, você está muito enganado," Dev rosna, mostrando os dentes para ela. Ele se inclina sobre ela até que a ponta do nariz seja capaz de tocar o dela, até que sua respiração se espalha pelos lábios entreabertos, que são de um tom de vermelho cereja que faz meu pau se contorcer. "Vou amarrar você e dar uma surra em sua bunda se você tentar me deixar."

"Experimente, idiota", ela provoca.

Os olhos de Dev brilham com o desafio, e posso ver a intenção em seus olhos. Ele não hesitaria em fazer exatamente isso se achasse que isso manteria Aliana segura... mesmo que isso significasse que ela o odiaria no final.

"Chega, crianças," Creep fala lentamente com um sorriso despreocupado. Ele desliza graciosamente para frente até ser capaz de mover seu corpo entre eles.

Dev recua imediatamente, uma carranca estragando suas feições, e Aliana mostra o dedo atrás das costas de Creep.

Creep se vira para ela no momento em que ela abaixa a mão e lhe oferece um sorriso inocente. “Aliana, Dev é um menino crescido que sabe cuidar de si mesmo. Ele é um Terror – e poderoso nisso. Precisaremos dele se tivermos alguma esperança de resgatar o seu Menino de Ouro e o Terror Sem Nome.

Aliana faz uma careta.

“E você,” Creep continua, girando em direção a Dev carrancudo. “Aliana não é feita de vidro, então pare de tratá-la como ela é. Ela vai te odiar se você continuar a sufocá-la.” Ele balança o dedo na frente do rosto de Dev de forma ameaçadora. “Não me faça te dar um tempo.”

“Você pode dar uma surra nele se quiser”, interrompe Aliana. “Eu assistirei.”

O sorriso de Creep é positivamente lascivo, praticamente exalando sexo e pecado. “Você gostaria disso, não é, pequeno guerreiro?”

Aliana bufa, mas não responde, afastando-se com uma carranca no rosto. Dev a observa recuar com uma expressão ilegível, embora seus olhos tenham ficado mais escuros, praticamente de cor granada. Eu meio que me pergunto se ele a irrita de propósito só para chamar um pouco de sua atenção. Não me surpreenderia conhecer o idiota possessivo como conheço.

Meu companheiro se senta no sofá e imediatamente começa a separar as armas que espalhamos na mesa de centro arranhada. Vejo-a segurando uma joia estranha, as luzes de Natal dançando na superfície, antes de colocá-la no bolso. Eu me pergunto se Creep deu a ela para dar sorte. Ele está sempre fazendo coisas assim. Ele deu a ela uma arma. Encontrei o anel que ele escondeu no armário. Não me surpreenderia se ele lhe desse aquela joia também.

Eu a observo por um longo momento, um nó na garganta que nunca senti antes.

Por muito tempo fiquei quieto porque não tinha nada a dizer. Monstros me entediavam, e quando isso não acontecia... eles ficavam com medo de mim. Aterrorizado com o que eu era e com o que eles pensavam que eu poderia fazer.

Mas agora descubro que literalmente não consigo falar quando estou na presença de Aliana. Ela rouba o fôlego dos meus pulmões com um olhar penetrante, as palavras dos meus lábios, os pensamentos do meu cérebro. Não me atrevo a dizer nada porque não quero parecer um idiota na frente dela.

No entanto...

No entanto, estamos entrando em uma batalha da qual talvez não possamos voltar. Eu sei inatamente que nada vai acontecer com Aliana – eu me recuso a permitir que isso aconteça – mas comigo? Para os outros? Não há garantia. Nós três nos atiraremos voluntariamente em uma granada se isso significar manter Aliana segura. De alguma forma, ela conseguiu escapar de nossas defesas como um inseto em busca de conforto nos confins de uma maçã.

Porra. Entende o que quero dizer sobre apodrecer meu cérebro? E se eu dissesse isso em voz alta para ela? Você é um inseto na minha maçã...

Não sei se posso oferecer a ela minha alma – principalmente porque não tenho certeza se os monstros possuem uma, para começar – mas se eu tivesse uma, seria a dela.

Tudo é dela.

Antes que eu perceba o que estou fazendo, estou diretamente ao lado dela, o sofá afundando enquanto me sento. Aliana se vira para me olhar surpresa, deixando cair uma adaga de volta na mesa. Uma carranca surge em seus lábios e ela se inclina para frente, uma mecha de cabelo branco e preto caindo em cascata sobre seu ombro.

Tenho que cerrar os punhos para conter o instinto de escová-lo atrás da orelha dela.

Mesmo depois do que fizemos outro dia, não tenho certeza se meu toque seria apreciado ou desejado. Ainda há uma pequena parte de mim que teme que isso não seja nada além de uma ilusão – que *ela* não seja nada além de uma ilusão. Se eu piscar, ela desaparecerá, uma miragem engolida pelo sol escaldante.

E mesmo que ela seja real... ela não sabe tudo sobre mim. Ela não sabe os pecados que cometi, embora eu esteja começando a acreditar que amá-la é o mais grave de todos.

“Ela morreu porque olhou para mim”, deixo escapar, virando o rosto para frente, incapaz de olhar para os orbes azuis brilhantes que posso sentir acariciando minha bochecha.

"O que?" Ela mantém a voz tão suave quanto a minha, um mero sussurro como água escorrendo sobre as pedras.

Arrepios percorrem minha pele com o som.

“Tinha dez anos. Monstro bebê.” Aperto a mão em punho na coxa, odiando a pele cinzenta esticada sobre os ossos grossos. Odiando as garras cutucando meus dedos. Odiando a textura áspera da minha pele, como pedras esburacadas.

“Não consigo imaginar você como um bebê monstro”, diz ela gentilmente, com um sorriso na voz.

Mas imagino que esse sorriso desaparecerá assim que eu terminar minha história.

Estou perfeitamente ciente de que Creep e Dev estão ouvindo, mas os ignoro. Esta história não é para os ouvidos deles, mas acho que não me importo se eles ouvirem.

"Humano. Fêmea. Meu amigo." Eu praticamente engasgo com a última palavra. Loretta era minha única amiga: uma menininha de oito anos com tranças loiras e dentes tortos. Meu coração bate contra minhas costelas só de lembrar dela. “A conheci em um riacho nos limites do Reino de Ébano. Ela era... doce.

Lembro-me das primeiras palavras que ela me disse, sua voz élfica como sinos de vento. Eles foram um alívio acolhedor para os constantes socos e gritos dos outros monstros.

"O que é isso no seu rosto?"

"Uma máscara."

“Por que você tem que usar uma máscara?”

Não havia nada além de inocência e curiosidade infantis em sua pergunta. Ela não olhou para mim como se eu fosse um monstro ou uma fera. Ela olhou para mim... como se eu fosse humano, como ela.

A mão de Aliana aperta minha coxa e o calor sobe pela minha perna de onde ela me toca. Meu coração começa a bater mais forte, o barulho consumindo toda a minha consciência.

“Amigos há meses. Encontramo-nos no stream quase todos os dias. Eu olho para onde a mão de Aliana me toca, sua pele lisa de alabastro contrasta fortemente com minha cor cinza. “Um dia me pediu para tirar minha máscara.”

Respirar dói. Tudo machuca.

Meu coração dói.

"O que aconteceu?" Aliana sussurra quando eu não continuo. Ela se aproxima ainda mais de mim no sofá até que sua coxa fique encostada na minha, o calor irradiando de sua carne e aquecendo a minha.

“Eu tirei”, confesso.

A amargura reveste essas quatro palavras. Amargura... e auto-aversão. Não sei se algum dia me odiei de verdade quando criança, mas aquele dia... Aquele dia mudou tudo. Passei de uma criança que acreditava que a redenção era possível a um monstro que merecia ser queimado na fogueira. Eu nem me importaria se um exército humano inteiro viesse e me matasse. Uma parte de mim acreditava – e ainda acredita – que eu merecia.

"Ela gritou. Caiu para trás. Bata a cabeça dela.

Ainda posso ver a aparência de seu corpo no fundo da ravina: seus membros torcidos em ângulos não naturais e sangue acumulando em torno de sua pequena forma devido ao ferimento em seu crânio. Seus olhos eram arregalados, cegos e cegos, um surpreendente tom de verde que me lembrava prados e florestas. Beleza e maravilha.

Morto.

Morto por minha causa.

Porque ela viu meu rosto.

Porque ela escolheu fazer amizade com um monstro.

"Oh... Tesq..." Aliana estende a mão para mim e envolve seus braços finos em volta dos meus ombros, me abraçando contra ela.

Eu me mantenho rígido, rígido, enquanto tento manter minha infinidade de emoções sob controle.

"Você precisa saber. Você precisa conhecer o monstro com quem está," eu sussurro. As palavras têm gosto de ácido subindo pela minha garganta e queimam da mesma forma.

"Não." Ela balança a cabeça, algo que sinto mais do que vejo com seu rosto pressionado contra meu ombro. "Não diga merdas assim. O que aconteceu não foi culpa sua. Você era uma criança...

"Eu sou *horrível* ", sibilo, e aquela pontada familiar de auto-aversão quase me consome.

Quando esse ódio potente irá parar de correr pela minha corrente sanguínea? Quando isso se dissipará?

"Não, você não está," ela responde. "Pare com isso! Não diga isso.

Mas eu preciso. Preciso pronunciar as palavras antes que não consiga, antes que elas fiquem presas em um cofre de aço sem chave para a fechadura.

"Posso ser horrível..." falo devagar, com cuidado, rudemente, as palavras têm um gosto estranho em minha língua. "Mas eu... me importo com você."

Eu te amo.

“Tesq...”

“Eu não deveria. Você merece o melhor. Só... só queria que você soubesse. Abaixo a cabeça, concentrando-me em qualquer coisa, menos nela. Se eu me virar para olhar para ela, vou desmoronar – o controle precário que tenho sobre minhas emoções vai desmoronar completamente.

“Tesq...” Aliana repete, mas eu a afasto de mim e pulo de pé.

Creep e Dev estão olhando para mim, com expressões graves, olhos ilegíveis, mas não presto atenção neles enquanto vou em direção ao armário embaixo da pia.

Meu coração começa a bater de ansiedade enquanto pego o presente que encontrei alguns dias antes, durante uma de minhas patrulhas de rotina pela área. Até encontrei um lacinho para colocar no topo.

Percebo que minhas mãos estão tremendo quando pego desajeitadamente a arma e a entrego a Aliana, meu coração na garganta, minha alma a seus pés, minha confiança em frangalhos.

“Ouvi dizer que você gosta de... bestas,” murmuro, abaixando a cabeça.

Não sei muito sobre armas humanas, mas encontrei essa beleza específica em uma loja de caça no Bronx que tem sido misericordiosamente evitada pela maioria dos humanos — principalmente porque fica no coração do Reino do Ébano. É elegante e preto e tem uma mira na parte superior.

“Oh...Tesq...” A voz ofegante de Aliana levanta minha cabeça.

Seus olhos azuis estão arregalados em seu rosto, alguma emoção indecifrável brilhando naquelas profundezas opacas. Eles me lembram estranhamente dois pingentes de gelo prontos para cair e me empalar.

“Preciso se proteger,” eu digo rigidamente, quase colocando a arma em suas mãos. “Vem com algumas flechas. Ter mais.” Aponto para o armário ainda aberto, onde algumas setas escuras podem ser vistas. Minha mão estúpida está quase tremendo. “Não precisa aceitar isso. Provavelmente é estúpido...”

Aliana joga a besta no sofá e ataca mim. Estou muito chocado para fazer qualquer coisa além de ficar ali como um idiota enquanto suas pernas envolvem minha cintura. Instintivamente, coloco meus braços sob sua bunda para mantê-la erguida enquanto ela pressiona seus lábios nos meus.

Meu peito se contrai enquanto uma dor profunda aumenta enquanto ela me desfaz. Meu pulso acelera, a adrenalina aumenta, e não tenho certeza do que

diabos fazer enquanto ela planta beijos provocantes e inocentes em minha boca congelada. O amor por ela se desenrola dentro de mim.

E luxúria.

Tanta luxúria que estou quase cego por isso.

Ela se afasta antes que eu tenha coragem de aprofundar o beijo. Mesmo assim, ela não se desembaraça de mim.

Seus olhos prendem os meus e eu percebo...

Esta mulher é minha salvação e minha condenação ao mesmo tempo.

Ela é o veneno em minhas veias, mas também a única coisa que pode me curar. Não consigo tirá-la do meu sistema, não consigo expurgá-la da minha corrente sanguínea, não importa o quanto eu tente.

E nem tenho certeza se quero.

“Obrigada, Tesq”, ela sussurra. “Por confiar em mim. E pelo presente.

Seu toque me torna inútil. Não posso fazer nada além de acenar com a cabeça como um idiota. Eu olho para ela descaradamente, memorizando cada faceta de suas feições, a inclinação de seu queixo, a pronúncia de suas maçãs do rosto, a curvatura de seus lábios.

Aquelas palavras de antes — aquelas três palavras mágicas — dançam na minha língua como refrigerante. Eu quero dizê-los. Estou desesperada para isso, mas o medo os mantém como reféns, prendendo-os dentro de mim.

Um dia, reunirei coragem para dizer essas palavras.

E um dia, posso ser digno de ela me dizer isso.

O HOMEM VAZIO



“NUNCA SENTI dor antes”, murmuro baixinho enquanto me fixo no meu dedo mutilado, agora nada mais do que um coto ensanguentado.

A ferida foi cauterizada, mas a carne carbonizada ainda está coberta por um líquido vermelho brilhante. Os malditos monstros se recusaram a permitir que eu lavasse o sangue da minha pele.

Cada centímetro do meu corpo nu tem algum tipo de ferida. Meu rosto está tão preto e azul que é quase irreconhecível, a pele ao redor dos meus olhos está inchada, meus lábios inchados e sangrando, meu cabelo emaranhado de sangue seco. Lacerações cobrem meu corpo – algumas são longas e profundas, as trincheiras escavadas em minha carne pelo fio cruel de uma faca. Outros são pequenos e superficiais. São provenientes de uma variedade de ferramentas e instrumentos de tortura, embora o favorito de B-Man tenda a ser sua confiável tesoura.

A dor irradia através de mim, tão potente que eu juro que minha pele parece ter sido mergulhada em gasolina e depois incendiada. Uma agonia como nunca senti antes percorre minha corrente sanguínea.

“Talvez tenha feito isso em minha vida humana, mas... não me lembro de nada disso”, continuo.

Chase permanece em silêncio por um longo momento – tão silencioso que temo que ele tenha me deixado. É completamente irracional acreditar, mas não há como negar o terror puro e irrestrito que se abate sobre mim como um maremoto com o pensamento. Eu não quero ficar sozinho. Agora não.

Como é? Persiga as perguntas após um longo momento de silêncio.

Sua voz acalma algo volátil e desesperado dentro de mim.

“Como é?” Viro-me na cama desconfortavelmente irregular e olho para os canos que cruzam o teto. Manchas de água decoram o cimento cinza, e juro que algumas delas parecem rostos — olhando para mim, perscrutando minha alma, penetrando minhas escassas e desmoronadas defesas.

B-Man e Goldie Locks parecem ter uma agenda apertada e rigorosa. Tortura pela manhã; tédio e solidão paralisante durante a tarde. Não sei qual opção é pior.

Pelo menos quando minha pele está sendo cortada e mutilada, não sou forçada a reviver cada um dos meus erros. Tenho que agradecer a Chase por isso. Na maioria das vezes, nossas memórias se fundem, entrelaçando-se umas nas outras como fios, emaranhando-se em algo novo e irreconhecível.

Cada vez que fecho os olhos, vejo o momento exato em que tentei matar Aliana.

O exato momento em que ataquei ela com minha lâmina estendida.

No exato momento em que seus olhos se arregalaram de medo e seus lábios se separaram.

No exato momento em que minha faca acertou sua barriga e o sangue começou a escorrer, manchando o tecido de sua camisa.

Não sei se esta é a maneira de Chase me retribuir pelo que aconteceu com seu corpo, mas caramba. Não aguento nem mais um momento. Mais de uma vez acordei com lágrimas escorrendo dos meus olhos e manchando o sangue nas minhas bochechas.

Sendo um fantasma, Chase responde, seu tom estranhamente moderado. *Como é?*

“Sem esforço”, respondo instantaneamente. “Fácil. Sozinho.”

A última palavra escapa sem que meus pensamentos a formem primeiro, como se estivesse criando sua própria realidade ao ser dita.

Sozinho.

Estou sozinho?

Porra... *estou* sozinho. Tão inacreditavelmente e insuportavelmente solitário.

A revelação se instala em meu peito como uma bomba se afastando e depois inevitavelmente explodindo, estilhaços, destroços e cinzas escamosas voando em todas as direções.

Você tem o mundo inteiro ao seu alcance. A voz de Chase é suave, como água correndo sobre as pedras. Você pode estar onde quiser, ser quem quiser, fazer o que quiser...

“Não é tudo o que dizem ser”, murmuro, voltando a me concentrar na protuberância que um dia foi meu dedo.

Eu poderia forçar Chase a sentar no banco do motorista, permitir que ele assumisse o controle de nosso corpo e experimentasse toda essa dor para que eu não precisasse fazer isso. Não sei por que não.

Porra, por que não faço isso?

Por que?

Por que?

Por que?

Essa única palavra chacoalha em meu cérebro como moedas soltas. Isso me assombra. Sinto como se estivesse mergulhando de cabeça no poço de um elevador, vendo o mundo passar por mim numa explosão de cores, sons e gritos agonizantes. Sei que minha morte é iminente — posso ver o chão se aproximando rapidamente — mas nem tento sobreviver à queda.

Qual é o objetivo?

Culpei Chase por nos colocar nesta situação, mas a verdade é... não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo.

O rosto lindo e aterrorizado de Aliana passa pela minha mente mais uma vez. Deus, eu queria que ela estivesse aqui comigo. Quero passar os dedos por seus cabelos longos e esvoaçantes, no mais estranho tom de branco e preto entrelaçados. Quero beijar seus lábios vermelhos brilhantes e depois traçar a curva suave de seu queixo. Quero espalhar beijos em sua garganta e ouvi-la sussurrar meu nome na calada da noite.

Eu quero ela.

Vivo, vibrante, lindo.

Deus, eu estraguei tudo.

Eu estraguei tudo.

Sim, você fez. Chase parece cansado. Derrotado. Desamparado. Praticamente posso ouvir seu suspiro pesado. *E agora podemos morrer antes que você possa consertar as coisas. Antes que eu possa consertar as coisas.*

"Você realmente a ama, hein?" Não sei por que estou fazendo uma pergunta tão idiota.

É óbvio para qualquer pessoa que tenha olhos que ele se preocupa mais com ela do que com qualquer outra pessoa no mundo. É por isso que ele voluntariamente permitiu que os monstros o levassem — para protegê-la.

De mim.

Por causa do que sou.

O que tentei fazer com ela.

“Eu costumava pensar em como era minha vida humana,” digo suavemente, me virando na cama para não ficar mais olhando para aquela maldita mancha de água. Não tenho certeza se os blocos de concreto são melhores. “Eu me perguntei se eu tinha família, amigos, amante. Eu me perguntei se eu era um bom homem. Faço uma pausa e lambo meu lábio superior. “Mas então penso em como estou predisposto à violência e à raiva agora. Como eu poderia ter sido um bom homem, uma vez, quando sou um idiota insuportável agora? Como eu poderia ter sido amado quando sou tão desagradável? Meu próprio companheiro nem me quer.”

A auto-aversão envenena cada palavra que sai dos meus lábios, permeando o ar.

Mas se pensei que Chase teria pena de mim, estava muito enganado. Então, novamente, não tenho certeza se aceitaria seu tipo de empatia. Eu prefiro quando ele me lembra o quanto eu sou um idiota.

Uma vez eu comi uma garota na barraca ao lado da de Aliana quando estávamos em uma missão juntos, Chase deixa escapar, a confissão tão inesperada que eu pisco de surpresa.

“Que porra é essa?”

Eu queria deixá-la com ciúmes. Ele parece envergonhado e um pouco envergonhado. Lembro que ela tinha uma queda enorme por esse filho da puta chamado Jared na época...

“Maldito Jared”, interrompo, fervendo.

Chase bufa. Você acertou. Mas ouvi Jared falando sobre atacar ela, então... eu queria deixá-la com ciúmes. Eu comi uma garota qualquer enquanto pensava em Aliana o tempo todo. Acho que até disse o nome dela quando cheguei.

A diversão ressoa em sua voz, e percebo meus próprios lábios se contraindo instintivamente.

"Funcionou? Aliana ficou com ciúmes?

Porra, não. Ela riu da minha cara na manhã seguinte e me disse que minha resistência precisava ser melhorada, já que enlouqueci em menos de dois minutos. Ele bufa. Mas pelo lado positivo, a garota com quem eu estava

gritava meu nome tão alto que estraguei o clima de Aliana e Jared. Ele não poderia agir enquanto seus companheiros de barraca fodiam como coelhos.

Eu sorrio apesar da dor que atravessa meu rosto, agravando alguns dos meus ferimentos.

“A propósito, o que aconteceu com Jared? Esse filho da puta ainda está por aí?”

Chase imediatamente fica sóbrio. *Ele morreu.*

"Ah Merda."

Não se sinta mal por aquela doninha. Estávamos em busca de suprimentos e fomos atacados por alguns dentes. O filho da puta tropeçou em Aliana para que os dentes se distraíssem e ele pudesse ficar em segurança. A raiva escurece seu tom em algo irreconhecível, e posso sentir minha própria fúria aumentar.

"Então o que aconteceu?"

Posso ter tropeçado acidentalmente em Jared quando corri de volta para ajudar Aliana a se levantar. E... somos mais rápidos que ele.

Eu rio alto com isso, embora não tenha certeza se o final de Jared sacia adequadamente minha sede de sangue. Não há tripas e partes de corpos desmembradas suficientes para o meu gosto. Muito provavelmente, os dentes o mataram instantaneamente e depois festejaram seu cadáver.

Que pena.

Comer o bastardo vivo, lentamente – um membro de cada vez – teria sido muito mais satisfatório.

A diversão de Chase desperta minha consciência antes de desaparecer como a chama de uma vela sendo apagada. Ele não fala por um longo momento, mas posso dizer que ele quer.

Finalmente, depois do que parece ser uma eternidade olhando sem pensar para as rachaduras na parede, ele diz: *Você ainda vai tentar matar Aliana se algum dia conseguirmos sair daqui?*

Sua pergunta é um respingo de ácido na pele já avermelhada. Meu coração bate forte dentro do peito, um barulho brutal e ensurdecido que soa como um trovão. A dor me atinge como um tambor enquanto penso em como responder à sua pergunta, como articular os pensamentos que giram em minha cabeça.

Tudo que consigo imaginar é o rosto de Aliana...

Seu rosto perfeito, lindo e aterrorizado...

Ela estava com medo – com medo de *mim* – e esse conhecimento iria me assombrar até o dia em que eu desaparecesse desta Terra, desaparecendo como fumaça ao vento.

Penso no meu corpo quebrado e machucado, no sangue escorrendo pelas minhas bochechas, minhas mãos, meus braços, meu dedo faltando, minha perna nodosa...

Aliana teria sentido pelo menos uma fração dessa dor se eu tivesse levado adiante meu plano?

Ela ficou tão assustada quanto eu quando a primeira lâmina do B-Man atingiu a pele do meu estômago?

O vômito queima minha garganta como ácido. De repente me sinto mal do estômago. Não consigo respirar, não consigo pensar, não consigo fazer nada além de respirar fundo.

E então eu sussurro: “Não. Não posso... *não vou* machucá-la. Nunca mais. Porra, eu estraguei tudo. Eu estraguei tudo. Desculpe. Eu sinto muito.”

Eu nem sei mais que porra estou dizendo. As palavras parecem estar me deixando sem pensamento consciente.

Chase fica em silêncio mais uma vez enquanto avalia a sinceridade de minhas palavras, sente o modo como meu coração bate forte, ouve a direção desamparada de meus pensamentos.

Vamos morrer sem que ela saiba o que sentimos por ela.

O veneno em suas palavras desliza profundamente em minhas veias.

Desta vez, não falo em voz alta, querendo que as palavras sejam privadas, apenas entre nós dois.

Talvez seja o que merecemos.

E pela primeira vez, Chase não tem um argumento a defender.

ALIANA



MACIO, A luz AMANTEIGADA DA MANHÃ pinga sobre as copas das árvores enquanto olhamos para a Jenison's Meat Factory. O andar inferior do prédio de tijolos - que parece ter escapado relativamente ileso da ascensão do Ebony Kingdom - nada mais é do que uma série de portas de garagem de enrolar para semi-caminhões. É basicamente um primeiro andar inteiro composto por docas de carga. O segundo andar tem janelas escuras e refletivas, por isso não podemos ver o interior. Mas, mesmo a cem metros de distância, o fedor do lugar me dá vontade de puxar minha camiseta cinza para cobrir o nariz.

Cadáveres há muito deteriorados e carne podre.

A respiração de Tesq fica nebulosa no ar quando ele se vira para olhar para mim. “Eu não gosto deste plano.”

“Muito ruim. É assim que tem que ser.” Enfio minha besta mais acima no ombro enquanto conto as janelas.

Oito pontos de entrada potenciais. Mas também oito maneiras possíveis de ser visto. É o pêndulo estúpido da vida e do destino – você não pode ter o bem sem o mal.

“Acha que eles têm dentes monitorando o local?” — pergunto enquanto verifico minha arma, garantindo que o carregador esteja carregado, o silenciador bem parafusado e a segurança desligada.

“Você está realmente adorável agora, pequeno guerreiro”, comenta Creep, deslizando os dedos para frente e para trás pelos lábios.

Ele está à minha direita, parecendo uma fada guerreira tirada diretamente de um romance de fantasia. As flores que adornam seus chifres dão-lhe uma vibração terrena e serena; a malícia brilhando em seus olhos sugere que ele é tudo menos isso.

“Você tem muita sorte de eu não ter balas sobrando agora”, retruco.

Ignoro sua risada porque agora não é hora para brincadeiras. É hora de focar.

O Devorador tem que intervir. Ele não consegue manter seu grande focinho fechado. Parando na minha frente, ele tenta me impedir de entrar no prédio. “Eu não vou deixar você—”

“Você não vai me *deixar* fazer nada. Porque você não está no comando de mim, Dev. Aproximo-me de sua bunda de monstro machista e cutuco-o no peito com a ponta da minha besta. Ele ainda está em sua forma humana, mas isso não significa nada quando ele tem mais de dois metros de músculos enormes e esculpidos. “Há anos que consigo entrar e sair desta cidade evitando monstros. E não vou mais tolerar suas besteiras tóxicas e maníacas por controle.”

Aparentemente, minha boca decidiu que vamos usar palavras duras em vez de beijos suaves para dar sorte esta manhã. Multar. Provavelmente é o melhor de qualquer maneira. Todos eles precisam estar altamente motivados para voltar para mim para beijos mais tarde, e eu preciso manter sob controle essas emoções insanas que começaram a me dominar nos últimos dias. Sinceramente, quase não me reconheço.

A culpa é da perda de sangue daquela ferida no estômago.

Febre da cabine subterrânea.

As adoráveis palhaçadas de Creep e Tesq.

Porra.

Solto um suspiro forte com o fato de que não consigo passar dois minutos sem ficar com a cabeça mole e vou para o lado de Dev. Não olho para os monstros enquanto estendo a mão. Tesq imediatamente me dá algumas luzes de Natal que ele carrega enroladas no ombro.

Eu pego, jogando-o por cima do ombro enquanto grito: “Dê-me cinco minutos. Não estrague tudo.

Sorrio quando ouço Creep dizer: — Acho que estou um pouco insultado por ela nos considerar o elo mais fraco aqui. Vamos provar que ela está errada, rapazes.

Um tapa que pode ser a palma da mão batendo no ombro de Tesq soa em seguida.

E então... Então estou muito longe para ouvir qualquer coisa além das batidas rápidas da minha própria pulsação em meus ouvidos, o farfalhar e o barulho da vegetação rasteira enquanto ando lenta e cuidadosamente em direção ao alvo com minhas botas de combate até os joelhos - botas isso

realmente cabe em mim, cortesia do nosso ataque. Mas não posso dizer o mesmo do short de couro que estou usando. Eles são mais apertados do que eu esperava, mas os guardei porque se eu precisar colocar minha arma no coldre, eles não vão deixá-la escapar.

Eu varro meus olhos de um lado para o outro e levanto minha besta, já que é a arma mais silenciosa. Se eu tiver que atacar um monstro lá fora, isso ainda me dará a chance de entrar no prédio sem ser notado.

Respiro lenta e continuamente enquanto tento manter meu pulso sob controle. Meus dedos ficam suados, mas estou acostumada com isso. A batalha da minha inteligência contra a adrenalina é muito melhor do que a batalha da minha inteligência contra as minhas emoções. Tenho perdido essa luta ultimamente.

Especialmente porque estou atualmente consumido pela preocupação com os três monstros que avançam de cabeça para a batalha. Até mesmo o homem-criança-fera crescido.

Não. Foco, Aliana.

Vejo o que estou esperando quando viro a esquina do prédio. Há uma escada de incêndio de metal, que não tocarei, já que essas coisas são tão sutis quanto um verme da areia. Eles chacoalham a cada pequeno movimento. Mas... ao lado da escada de incêndio há uma lixeira. A tampa de plástico ainda está colocada. Perfeito.

Olhando ao redor para garantir que a costa esteja limpa, vejo uma visão noturna pairando quinze metros acima do prédio.

Merda.

Imediatamente, todos os músculos das panturrilhas ao pescoço ficam tensos. A memória da minha captura bate na minha cabeça – e da morte dos meus três amigos nas mãos dessas feras – mas eu afasto isso, lembrando-me do meu treinamento. Ele está muito longe para que eu possa derrubá-lo facilmente com um único tiro, então terei que esperar que ele acabe.

Não tenho rádios para dizer aos caras para não seguirem em frente sem mim.

Porra.

Dois segundos depois, e o plano deu errado.

Lambo os lábios enquanto olho para a criatura alada, que brilha como um peridoto ao sol. O inseto verde, feio e gorducho agita uma de suas seis mãos em um sinal. De repente, o enxame aparece à distância, uma massa semelhante a uma nuvem vibrante lançando uma sombra abaixo dela.

Cerro os dentes enquanto o enxame passa por cima e espero sem respirar enquanto eles voam para o norte, mais para dentro da cidade.

Só depois que eles desaparecem de vista é que respiro longa e profundamente. “Ok, vamos fazer isso.”

Então comecei a correr, com a besta ainda pronta para atirar. Chego até a parede no momento em que meu peito parece pronto para explodir com a pressão. Parando apenas o tempo suficiente para pendurar minha besta na cabeça e no ombro que não tem as luzes de Natal, eu me puxo para a lixeira. Então olho para a parede de tijolos, flexionando os dedos enquanto traço um caminho. Inspiro uma vez antes de começar a subida livre de nove metros.

Meus braços e pés gritam comigo quando chego ao telhado e rolo no concreto. As luzes de Natal e minha besta apunhalam violentamente minhas costas. Apesar do desconforto, meus membros me incentivam a descansar. Mas não há tempo para parar. Já me atrasei muito por causa das visões noturnas estúpidas. Terei que fazer tudo duas vezes mais rápido para compensar o tempo perdido.

Meus monstros já estão lutando? Eles estão bem?

Eles pensam que são invencíveis, mas o problema do orgulho é que... ele deixa você vulnerável. O ataque à casa de Dev prova isso.

A preocupação mistura o calor em minhas veias com um calafrio enquanto atravesso o telhado plano, esquivando-me de dezenas de aparelhos de ar condicionado agora extintos que provavelmente mantinham o lugar inteiro tão frio quanto uma geladeira.

O sol nas minhas costas não melhora em nada meu humor. Isso me faz sentir paranóico e exposto. Sugerir que fizéssemos essa merda na calada da noite, mas todos os três Terrores concordaram que os monstros são muito mais ativos nessa época. Então, é madrugada.

“É melhor vocês estarem certos, filhos da puta,” eu digo enquanto vou para a lateral do prédio cheio de janelas e me inclino.

Uma saliência estreita sobressai do tijolo vermelho, indicando a primeira janela no lado oeste. Meu ponto de entrada.

Engulo o nó na garganta e tiro minha besta, depois a coloco de lado por um momento enquanto desfilio as luzes de Natal e amarro uma das pontas em um ar condicionado. A outra ponta é enrolada duas vezes em volta da minha cintura e amarrada da melhor maneira que consigo com todas aquelas luzinhas espinhosas.

“É melhor você esperar,” eu aviso o fio elétrico antes de pegar minha arma de volta.

Corro sem sair do lugar por um momento para fazer meu sangue fluir antes de colocar a besta de volta no ombro e sacar minha arma. Envolver uma mão em minha tábua de salvação.

Então eu pulo do telhado.

FODA.

Parece que meu estômago permanece no telhado enquanto o resto de mim cai em queda livre por três metros, até que a linha se aperta sob minhas costelas e fica dolorosamente apertada. A linha me leva em direção ao prédio, e tenho que esticar os pés para não bater de cara no tijolo.

As solas das minhas botas batem na parede.

Droga. Isso foi alto.

Paro por um momento para ver se monstros vão sair pela janela ou escorrer por baixo da porta do armazém abaixo de mim.

Nada acontece.

Inclinando-me para o lado, com os pés apoiados na parede e o tronco inclinado para trás, caminho até o parapeito da janela. Puxar a parte superior do corpo sem deslizar para fora da borda é um teste para meu abdômen, e minha ferida no estômago recém-curada grita dolorosamente quando eu a dobro.

O que isso quer dizer? Do tempo anterior?

Algo sobre dor por ganho?

Eu nunca soube que isso poderia ser interpretado tão literalmente.

Finalmente, estou precariamente equilibrado. Esta saliência é muito menor do que parece. Rapidamente coloco as mãos em volta dos olhos e olho para dentro da sala.

Meu trabalho é encontrar Chase, já que temos certeza de que esses filhos da puta nunca irão revelar ele e o Homem Vazio para os outros Terrores. Mas pretendo matar o maior número possível de monstros fodidos durante minha busca.

E, para minha sorte, vejo um homem-lagarto barrigudo andando pelo escritório que estou prestes a invadir. Ele está contornando algumas mesas abandonadas, segurando o que parece ser um bezerro humano maltratado e frito. Um zumbido desafinado atravessa o vidro.

Tiro minha arma da cintura no momento em que seus olhos verdes esbugalhados se voltam em minha direção.

Bam.

A janela se estilhaça, me enchendo de fragmentos de vidro enquanto o homem-lagarto cai no chão, com um pequeno buraco perfurando sua cabeça como uma terceira narina.

“Porra, sim. Ainda o tenho.” Murmuro enquanto pulo rapidamente para dentro da sala.

Coloco a arma no parapeito da janela para facilitar o acesso enquanto desamarro minhas costelas doloridas e limpo o vidro do meu corpo sobre o tapete industrial puído.

Certo de que o som de vidro quebrando atrairá alguns amigos em minha direção, rapidamente empunhei minha arma novamente e mergulhei atrás de uma velha mesa de metal.

Com certeza, dois segundos depois, um monstro lilás cujas costas estão cobertas de olhos (ele deve ser um vigia) irrompe na sala.

Dou outro tiro, mas errei, e uma rede como uma teia de aranha saiu de sua palma.

Merda!

Tenho que mergulhar para fora do meu lugar para evitar ficar preso embaixo da mesa enquanto a teia cai sobre ela, gavinhas afundando no chão e grudando nele. Em segundos, tudo endurece, parecendo tão rígido quanto plástico grosso.

Meu coração pulsa tão rápido quanto uma luz estroboscópica enquanto me encosto em outra mesa, colocando minha arma no chão e trocando-a pela minha besta. Mesmo com silenciador, a arma ainda faz mais barulho. E eu só tenho algumas balas.

“Venha, lanchezinho.” A voz do monstro é pouco mais que um silvo sussurrado, mas a malícia em seu tom é clara, e os cabelos da minha nuca se arrepiam.

“Lanche nisso!” Eu digo a ele enquanto apareço e atiro nele.

Não espero o golpe antes de me agachar, pegar minha arma e correr para pegá-la. Ouço um som satisfatório quando minha flecha o perfura, mas não sou capaz de aproveitar esse momento porque outra teia está sendo arremessada pelo ar em minha direção.

Uma mesa virada não oferece absolutamente nenhuma cobertura, e tenho que pular nela.

Ao fazer isso, a bolsa de couro enfiada em meu bolso cai, abrindo e espalhando joias pelo tapete.

Um deles brilha em laranja e imediatamente pega fogo.

Tanto o homem do globo ocular quanto eu congelamos por um milésimo de segundo – olhando fixamente.

Então eu caio para trás, pego o que parece ser uma safira do chão e a lanço nele.

A joia brilha no ar e depois se transforma em uma onda azul brilhante que atinge o teto. O monstro do globo ocular se vira e tenta correr, mas a onda o engole, engolindo-o, antes de se deformar e encolher até virar nada. Nada além de uma safira brilhando no chão.

Um sorriso desagradável e cruel se espalha pelo meu rosto.

Meu trabalho aqui ficou muito mais divertido.

O CREEPER



EMBORA ESTEJA claro lá fora, não há janelas no primeiro andar do frigorífico. A parte principal do armazém com vários cômodos é escura e cinza, pendurada com correntes e ganchos enormes. Há mesas de metal espalhadas por toda a sala, mas não acho que o cheiro metálico que permeia o ar tenha alguma coisa a ver com todos os utensílios de metal. Tenho quase certeza de que o que permanece no ar é o cheiro de sangue.

Delicioso.

Se eu tivesse pensado nisso, teria feito um lar para mim num lugar como este. Com aquele cheiro e a infinidade de dispositivos de tortura espalhados por aí... é como comer biscoitos de chocolate e torta de maçã ao mesmo tempo.

Quem nos convidou aqui tem excelente gosto.

A porta de enrolar que se abriu automaticamente assim que chegamos e subimos até o prédio agora se fecha atrás de nós com um estrondo.

Não vejo ninguém por perto enquanto olho ao redor, e isso só aumenta minha expectativa. O sangue corre em minhas veias como carros usados em uma rodovia. Sinto-me um pouco tonto, mas ainda mais consciente porque a sala está estranhamente vazia. O suspense me deixa quase tonto.

“Oh, eles querem jogar. Acho que esse aqui se chama esconde-esconde.”

Um monstro com gosto por sangue e jogos? Se eu não tivesse conhecido Aliana e ficado totalmente apaixonado por meu companheiro, eu definitivamente ficaria intrigado. Este é um monstro segundo o meu coração.

Nenhum dos outros Terrores aprecia meu senso de humor. Dev me lança um olhar incandescente enquanto Tesq simplesmente me ignora.

Um pouco de emoção passa por mim, no entanto, com a perspectiva de conseguir caçar esses idiotas que pensam que podem nos desafiar. Esses

idiotas.

Se esses monstros estão escondidos, significa que eles não têm poder suficiente para nos enfrentar de frente em uma luta. Isso significa que temos a vantagem.

Assim, apesar de tudo isto ter sido montado como uma armadilha elaborada, e de não ter dúvidas de que eles têm alguns planos deliciosamente dolorosos para nós, começo a ansiar pela violência iminente.

Devo fazer um colar com seus olhos?

Não... eu já fiz isso antes.

E os dentes são exagerados, logo depois dos testículos.

Talvez eu seja original e faça narizes...

Damos mais alguns passos e lambo os lábios enquanto folheio várias opções deliciosas.

A briga que Tesq e eu tivemos com aqueles malditos outro dia não foi suficiente. E admito que, desde que encontrei Aliana, não tenho patrulhado a minha própria secção do reino como deveria. Normalmente, eu mato pelo menos três monstros por dia, apenas para manter todos os outros em alerta. Esse é um truque que aprendi com o bastardo que me gerou. Ele nunca deixou ninguém ficar complacente, nem mesmo seu próprio filho.

“Mishika!” O grito de Dev ecoa pela sala.

O barulho é tão impressionante que fico surpreso que as correntes penduradas no teto não comecem a tremer.

Tento lembrar o nome que ele gritou, e levo um segundo para me lembrar do monstro rosa brilhante com quatro peitos.

Hmm... ela está por trás de tudo isso? Olho ao redor novamente. Ganchos de carne não parecem o estilo dela. Ela parece mais um tipo de garota ácida.

Eu estava vagamente ciente de sua obsessão por Dev, mas nunca pensei mais nisso do que um básico “não toque naquela buceta maluca com uma vara de três metros”. Sempre havia algo nela que estava errado. Todos os monstros são cruéis, mas ela tem uma aura que me lembra... meu pai.

O que há de errado comigo? Por que continuo pensando nele?

Talvez eu esteja um pouco ansioso com tudo isso. Preocupado com Aliana. Apenas um pouquinho. Ela é apenas a coisa mais importante que já aconteceu comigo. Sim é isso. A ansiedade está surgindo como uma

espinha e me fazendo lembrar de outros momentos de ansiedade, há um milhão de anos.

Essa conclusão me fez avançar, ansioso para substituir o gosto amargo em minha boca por uma boa luta à moda antiga. Não preciso me distrair pensando naquele velho bastardo hoje. Ele não consegue viver de graça na minha cabeça. Não. O que fica em replay permanente ali é a visão de Aliana fodendo descaradamente uma garrafa de vinho.

Droga.

Uma memória muito quente.

Foco. Brigando. Tarefas. Ir. Precisamos entrar e sair o mais rápido possível para encontrar nosso companheiro. Isso significa que, para nos encontrarmos com Aliana e Chase, precisamos ir para a luta. De repente, não estou ansioso, mas impaciente para acabar com isso. Eu quero terminar de arrancar as entranhas e pegar minha companheira em estilo nupcial, saltando para o pôr do sol com ela e deixando um rastro de pegadas sangrentas atrás de mim.

Ando para o lado direito da sala enorme e arranco um conjunto de portas duplas metálicas.

Bloqueado.

“É meio rude nos convidar para tomar chá e comer doces e simplesmente nos esconder”, afirmo em voz alta enquanto chacoalho as portas pesadas.

Ninguém ri. Nem mesmo eu. Foi uma piada sem graça. Estou fora do meu jogo.

Olho ao redor novamente e noto que nem todo o sangue nos ganchos pendurados no teto está seco e marrom. Alguns têm sangue fresco...

Mas onde estão os corpos? Por que se preocupar em removê-los?

Não é como se algum de nós se importasse com alguns monstros mortos. Merda, a taxa de homicídios no meu setor do Ebony Kingdom é de quarenta e dois por cento. E isso é menor do que há dois anos, quando estava perto dos sessenta. Assassinato nem é ilegal... a não ser que você mate seus pais ou seu próprio filho.

Algo sobre tudo isso não parece certo. Esta armadilha, seja ela qual for, é muito lenta. A maioria dos monstros não é conhecida pela sua paciência. Eles não são deliberados. E eles definitivamente não limpam suas novas mortes, os troféus que mostram que acabaram de subir de nível.

Então, o que está acontecendo aqui?

o que estou perdendo?

Será que aquele monstro rosa chiclete seria realmente tão tortuoso?

“Mishika parece o tipo idealizador para você?” Pergunto a Dev quando ele aparece ao meu lado.

Ele balança a cabeça peluda – ele deve ter se mexido em algum momento, provavelmente durante uma das minhas piadas ruins – antes de alcançar as portas que eu estava puxando e me empurrar para o lado. Com um único puxão, ele os arranca das dobradiças como se não passassem de pratos. Erguendo-os acima dos ombros, ele os joga sobre minha cabeça, e eles voam pelo ar e se chocam contra a parede oposta, a quinze metros de distância.

“Eu estava prestes a fazer isso”, minto.

Ele bufa.

"Cale-se. Pressa." Tesq voltou a ser brusco. Sem dúvida ele está estressado por estar separado de Aliana.

Mas ele me contou sobre os monstros que ela matou. Nosso pequeno guerreiro ficará bem. Pelo menos, tento dizer isso à minha própria ansiedade.

Se ela estivesse em perigo, eu sentiria isso. Tenho certeza. Eu também experimento esse mantra para ver o tamanho, mas meu estômago parece uma lata cheia de minhocas de pescador.

Sim.

Vamos nos apressar.

Olhando para o abismo escuro que Dev acabou de abrir, vejo o corredor acenando como a boca aberta de um gigante, nos incitando a rastejar até sua barriga e alimentá-lo.

Isso é exatamente o que vamos fazer. Vamos alimentar os egos desses filhos da puta estúpidos por um minuto para dar a Aliana a chance de resgatar seu maldito amigo humano, aquele lindo garoto de cabelos dourados. Então vamos foder tudo.

Tesq tenta dar um passo à frente, mas Dev lança um braço preto e peludo e o segura. A fera nele não suporta não ser dominante. Ele assume a liderança, avançando com cautela.

Ah. A piada é dele. Ele será o primeiro comido se for necessário.

Vagueamos na escuridão, todos os nossos sentidos em alerta máximo.

Nada.

Nada além das batidas do meu coração.

Nada além da terrível imagem mental de um daqueles monstros tocando minha Aliana.

Nada além de cimento sob meus pés e uma escuridão cega e sombria perfumada pelo cheiro de sangue.

Um *estalo repentino* faz minhas garras voarem para uma postura defensiva. Com as presas estendidas, estou pronto para pular em qualquer coisa que salte sobre nós.

Dev murmura: “Fui eu. Acho que pisei em um osso.”

Um osso?

Os frigoríficos costumavam deixar ossos por aí?

Não pensei que os humanos fossem tão desleixados.

Claro, esta planta não está ativa há muito tempo. Desde a ascensão do Reino de Ébano, não há como dizer que tipo de monstro poderia ter habitado este espaço. E conheço muitos monstros que não limpam a sujeira. Muitos mais, que realmente usam ossos como decoração.

Ou talvez... O osso está relacionado com o sangue que vi nos ganchos antes?

É um osso fresco?

Parte de mim se pergunta se esse osso foi deixado como um aviso ou um alarme para os filhos da puta que nos esperam do outro lado do túnel.

Os olhos de Dev começam a brilhar em um vermelho mais brilhante do que o normal e fornecem uma leve sensação de iluminação enquanto vagamos pela escuridão. Normalmente, adoro as sombras. Eles se sentem como tios travessos que me envolvem em abraços obscuros e sujos e me incentivam a fazer coisas indescritíveis. Mas essas sombras não parecem assim. A maioria das sombras... são oleosas. Posso passar por eles. Mas estes parecem secos e escamosos, quase como se fossem falsos... quase como se não fossem sombras reais, mas magia posando como sombras.

Porra.

Porra.

Porra.

Paro de repente no momento em que Dev tropeça em uma pilha de ossos que é tão alta quanto seus tornozelos. Eles podem estar sangrando ou pode ser o tom de seus olhos que os deixa vermelhos.

Não importa.

Eu não ligo.

Os ossos não importam.

“Que merda...”, ele começa a dizer.

“Precisamos voltar!” Eu insisto, com a voz firme.

Estou atrasado.

Assim que falo, as sombras caem como uma cortina caindo. A luz nos cega, brilhando de todos os ângulos, revelando outra sala sem janelas. A pilha de ossos no chão se estende de uma ponta à outra como um tapete macabro. Acima dos ossos há um sistema de correias transportadoras que serpenteiam pela sala como tobogãs claros e brancos.

Deve ter sido para lá que eles enviaram a carne cortada, os pequenos pedaços de músculos circulando pela sala – uma porra de um passeio de carnaval para coisas mortas e desmembradas. Brilhante. De vez em quando, as correias transportadoras são interrompidas por guilhotinas gigantes, certamente inventadas para ajudar a cortar a carne ou talvez cortar as embalagens plásticas...

Agora, é apenas uma versão mortal de rampas... sem escadas. Só que não estou mais ansioso para jogar.

Porque acho que talvez tenhamos tropeçado em algo mais do que podemos suportar...

Obrigado.

Algo bate na lateral da minha cabeça e estrelas prateadas piscam no meu campo de visão. A dor pinta meu crânio de um vermelho brilhante e latejante.

Droga.

Um braço de tronco de árvore dá um segundo golpe em minha direção, e vejo um monstro de árvore rosnando na minha cara. Ele tem cerca de três metros de altura e seu corpo é feito de casca de árvore retorcida coberta de musgo. Ambos os braços não passam de galhos, os dedos cobertos de folhas verde-esmeralda.

“Você parece um pedaço gigante de brócolis”, digo a ele, erguendo um sorriso e fazendo uma cara divertida, embora diversão seja a última coisa que sinto agora.

Esse filho da puta é apenas uma distração. Um show de cães e pôneis. Quero desesperadamente deixar meus olhos se desviarem para o lado, mas não consigo. Tenho que vencer o peão antes de poder atacar o rei.

Eu me esquivo do segundo soco do homem-árvore, seu braço rangendo e o vento soprando milímetros acima dos meus chifres quando ele não consegue parar seu golpe.

“Nunca fui fã de vegetais”, digo a ele, evitando um pouco de sombra, na esperança de atraí-lo atrás de mim.

Enquanto ele avança gritando: “Eu sou um sicômoro, seu palhaço de merda!” Arrisco uma rápida olhada ao redor do espaço.

Uma visão noturna se aproxima de Dev, e a fera agarra uma de suas asas, quebrando-a e fazendo a criatura miserável gritar.

Enquanto isso, Tesq percorre os ossos – que agora posso dizer, por suas formas alongadas e retorcidas, que são ossos de monstros, e não ossos humanos ou de animais. Um pequeno alívio, suponho. Qualquer um que machuque um animal indefeso está ainda mais fodido do que o mais perigoso dos monstros.

Agarrando um grande fêmur lascado como se fosse um porrete, ele o golpeia em um monstro circular de bolinhas, que parece um desenho de pesadelo de uma criança em idade pré-escolar ganhando vida. Seus olhos são disformes, um maior que o outro, e seus lábios nada mais são do que um corte preto no centro do rosto.

O círculo rola e Tesq não se preocupa em persegui-lo. Ele não precisa, porque uma criatura parecida com uma aranha com rosto humano salta sobre ele. Tesq imediatamente esmurra a fera peluda com seu osso.

Mas isso é tudo que vejo. Por agora. As folhas estúpidas do maldito homem-árvore cortam minha visão quando ele se aproxima, pisando em suas raízes.

“Vou sentar em você e absorver até o último pedaço de sangue de suas veias”, ele rosna.

“Sim, nunca ouvi isso antes.” Dou um bocejo falso enquanto dou mais um passo para trás nas sombras. “Tem algum insulto que não tenha mais de um século?”

Foda-se ele. E essa luta estúpida. Precisamos terminar isso rapidamente porque há algo muito pior do que esses Noves enlouquecidos tentando nos enfrentar. Pelo menos... há algo muito pior esperando por *mim* .

Porra.

Merda.

Porra.

Acabei de arrastar todos os meus amigos para isso? É minha culpa que os outros Terroristas estejam envolvidos? Todos pensávamos que Dev era um idiota e por isso ele foi atacado.

Mas eu estava lá...

Achamos que os Oitos e Nove queriam assumir a parte de Em no Reino de Ébano, e então eles o prenderam em um corpo humano. Mas eles pediram que viéssemos. Todos nós.

Sabíamos que se tratava de uma armadilha, mas que tipo de armadilha e quem a armou? Não nos preocupamos em descobrir isso.

Nós deveríamos ter.

Porque se eu estiver certo, tudo isso vai dar terrivelmente errado.

O gelo cristaliza ao longo da minha espinha e o frio percorre meu corpo até cada uma das minhas terminações nervosas.

Um galho de árvore quebra meu nariz em um golpe bem merecido porque eu congelei como um estudante testemunhando seu primeiro assassinato, em vez de um Terror que tem vingança para semear.

Tudo isso está acontecendo porque sou muito mole.

Ele sempre achou que eu era mole demais.

Amigos são fraquezas.

Os aliados devem ser peões. Fantoches.

O propósito é a única coisa que importa.

E o propósito de um monstro?

Para semear o medo.

Para gerar o mal.

FODA-SE!

Eu empurro minhas mãos para frente e abro um portal das sombras bem próximo ao tronco grosso do homem-árvore. Ele foi sugado pelo vórtice, e eu nem me preocupo em pensar em uma frase final engraçada. Estou muito em estado de choque para sequer fingir ser um mínimo do meu eu normal agora.

Não, estou regredindo. Dentro da minha cabeça, todos os pensamentos horríveis de auto-aversão de um jovem monstro se amontoam em cima de mim.

Pisco, mal vendo o quarto. Mal vejo meu próximo atacante até que ele esteja quase em cima de mim.

Uma hiena com dentes de metal e três tentáculos vem correndo em minha direção. Levanto a mão e cego-a com o mesmo tipo de sombras falsas que acabamos de experimentar. Mas eu nem estou realmente olhando para aquele bastardo. Eu não poderia me importar menos se isso arrancasse meu braço agora.

Tenho certeza de que esta desventura não tem nada a ver com alguns Oitos e Noves sedentos de poder. Eles são apenas aliados. Apenas peões.

Acho que estamos lidando com o monstro mais sádico que já existiu.

Examino o armazém, deslizando meu olhar sobre a forma rosa de Mishika, ignorando o pequeno salto de surpresa que sinto quando vejo a serva favorita de Dev – o monstro preto e laranja, Filia – nas fileiras desses bastardos enviados para nos enfraquecer.

Posso dizer quando Dev a reconhece pelo rosnado de raiva que ele emite – como ele decapita o monstro que o ataca com um único golpe de suas garras.

Mesmo assim, não vejo o que procuro. Olho rapidamente para os numerosos slides. Debaixo das guilhotinas, que Tesq está usando atualmente para cortar os tentáculos de uma monstruosa loira rechonchuda.

Então avisto uma porta no outro extremo da sala, bem fechada, mas com uma pequena janela quadrada de vidro no topo.

Pela janela, vejo o impossível.

Tocos de chifre brotando de cachos dourados.

Um sorriso sombrio e depravado.

A cauda de dragão balançando contra o chão.

Meu pai.

ALIANA



ENTRO EM UMA SALA DE REUNIÕES e cinco monstros com tentáculos surgem imediatamente em minha direção – baixos, atarracados e com um tom pútrido de amarelo que evoca lembranças das poucas ressacas que tive.

Lançar um rubi vermelho neles os faz congelar no meio do movimento. O brilho da gema é refletido em seus olhos logo antes do sangue começar a escorrer por todos os orifícios. Observo em um silêncio chocado enquanto a gema flutua no ar e os monstros caem no chão sem que eu tenha que lutar contra eles. Seus tentáculos se agitam como uma dúzia de peixes arrancados do oceano e jogados em terra firme. O amarelo de sua pele agora ficou rosado com o sangue que emana de seus poros.

"Porra, onde você esteve durante toda a minha vida?" — pergunto à joia assim que ela para de brilhar.

Ele cai no chão assim que os monstros morrem, e a luz dentro dele se apaga. Eu olho para seu rosto facetado. Fico tentado a pegá-lo de volta para poder usá-lo novamente, mas não tenho ideia se isso irá reativá-lo, então deixo-o no chão.

De onde diabos veio essa joia? A resistência conseguiu? Não consigo imaginar nenhum monstro criando algo que possa machucá-los.

E por que aquele monstro morto estava com ele em primeiro lugar?

Essas são questões para uma futura Aliana refletir. Não sou de olhar na boca de um cavalo talentoso. Este? Ela vai chutar a bunda de algum monstro.

Esvazio uma sala de descanso, uma sala de reuniões e um escritório de canto usando uma combinação de pedras preciosas, flechas e balas. Um deles – um verde verdejante que quase me lembra esmeraldas escuras – faz uma enorme árvore surgir do chão e engolir os monstros inteiros. O carvalho então desaparece, a gema balançando de um lado para o outro como se os monstros presos dentro dele estivessem lutando para escapar.

Existem algumas línguas aqui, mas a maioria delas é de menor potência, o que me faz pensar por que estão aqui. De que adiantaria uma tonelada de monstros de baixo poder contra os Terrores? Claro, há força nos números, mas estes não são o tipo de números que superariam um Dez.

Mesmo quando esses bastardos pegaram Dev de surpresa em sua casa (havia muito mais monstros naquele ataque), ele acabou vencendo.

Decido que preciso manter um desses filhos da puta vivo por tempo suficiente para fazer algumas perguntas. Duvido que eles saibam de tudo que está acontecendo aqui, mas vale a pena tentar. Talvez eles deixem escapar alguma coisa. Nem todas as línguas são inteligentes. Talvez pelo menos saibam onde Chase está detido.

Decidida, abro a porta para um corredor estreito e sem iluminação (a eletricidade no local é claramente uma coisa do passado), com a luz vermelha do sol pintando linhas nas paredes sujas a partir das inúmeras janelas quebradas. Minhas botas batem constantemente no chão de cerâmica enquanto verifico cada cômodo por onde passo. Os banheiros estão vazios, mas limpá-los deixa meu pulso quente.

Mas o primeiro escritório que encontro depois dos banheiros – uma sala pequena e suja com quatro mesas, uma em cada canto – é onde encontro meu alvo.

“Bingo,” eu sussurro, verificando novamente as munições da minha arma antes de abrir a porta e entrar na sala.

Perto de uma janela coberta por persianas, listrada por faixas de luz solar, está um monstro humanóide cinza com testa alongada e olhos albinos rosa claros.

“O que você está fazendo aqui?” — pergunto enquanto aponto minha arma para ele. Meu tom está cheio de escárnio, esperando poder confundir aquela coisa estúpida e fazê-la se defender. “Meu mestre disse que ninguém deveria estar aqui.”

Eu abraço o conceito idiota de mestre-escravo e tento usá-lo a meu favor. Espero que esse filho da puta presuma que meu grande e assustador mestre está bem atrás de mim.

Os lábios do monstro se abrem, mas nenhuma resposta vem.

Em vez disso, um som agudo, agudo e penetrante ressoa dentro da minha cabeça. Isso embaralha meu cérebro, drena meu sangue, sacode meus ouvidos.

Merda.

Porra.

Imediatamente, eu sei o que é isso, com base nos efeitos.

É um filho da puta. Nunca vi um antes, já que eles costumam fazer ninhos no coração da cidade, mas ouvi falar de seus poderes. Eles são um dos monstros mais temidos pela resistência. Meu tio foi atacado por um, e a coisa o deixou louco a ponto de ele cortar os próprios pulsos.

O barulho horrível dentro da minha cabeça vibra, ficando cada vez mais rápido. Minha pulsação acelera em resposta até que meu coração bate em um ritmo frenético, como se eu tivesse acabado de correr um quilômetro pela floresta. Minha visão treme, como se o som pulsante não permitisse que meus outros sentidos funcionassem adequadamente.

Os olhos do monstro se arregalam de alegria e duas mandíbulas saltam de suas bochechas, rasgando sua pele de uma forma que parece terrivelmente dolorosa. As mandíbulas estalam juntas como se a fera estivesse batendo palmas.

Meu queixo aperta e meus joelhos começam a tremer porque permanecer em pé se tornou uma luta repentina. Sei, instintivamente, que preciso encerrar essa luta rapidamente antes de perder o autocontrole. Enrijecendo todos os músculos do meu corpo, puxo o gatilho.

Bam.

O som interrompe a pulsação contínua na minha cabeça. O toque desaparece por um milésimo de segundo e sinto como se tivesse saído de uma neblina para a luz do sol. Graças a Deus. Mas um segundo depois, o barulho horrível recomeça.

Não!

Eu disparo um segundo tiro.

Bam.

Uma ferida vermelha brilhante aparece na barriga cinzenta do monstro. Ele olha para si mesmo em estado de choque. Ele não deve ter conhecido nenhum ser humano antes e não deve reconhecer o que é uma arma, o que é um triste comentário sobre como restam poucos humanos.

O barulho triplica de intensidade quando o filho da puta me xinga e dá um passo à frente, estendendo os braços.

Tento mergulhar para o lado, mas apenas tropeço. Caio direto em um monte de ovos amarelos gelatinosos – cada um segurando um pequeno filho da

puta com chifres em suas profundezas. Isto é... até que minhas botas passem por eles e os pulverizem.

Puta merda.

Acabei de assassinar os bebês desse monstro.

Se antes eu pensava que o grito mental era alto, estava errado. Torna-se absolutamente vulcânico, explodindo através do meu cérebro com uma intensidade que faz parecer que meu crânio está prestes a desabar.

Deixo cair a arma e minhas mãos automaticamente alcançam meus ouvidos. Eles estão molhados. Puxo minha mão direita para baixo e percebo que ela está coberta de sangue segundos antes de minhas costas arquearem enquanto o som de alguma forma ativa todos os meus receptores de dor.

A sala se aperta e comprime no meu campo de visão e fica emoldurada em vermelho.

Cada respiração ofegante que tomo se torna uma batalha.

É isso.

Puta merda.

É isso.

Meus dedos dos pés ficam terrivelmente frios e minhas mãos parecem pedaços gigantes e pesados de carne em meus braços. Todo o meu sistema nervoso está me dizendo que estou morrendo.

Aqui.

Sozinho.

Falha ao salvar Chase.

Além dos meus monstros.

O arrependimento e o desespero começam a me sufocar. Ou isso é sangue? Eu não posso dizer.

Toda a minha existência está prestes a ser apagada como uma mancha num pedaço de papel.

Não.

Não.

Engolindo o gosto metálico no fundo da boca, cavo fundo, mais fundo do que nunca. Não vou terminar assim – me recuso.

Aproveito a agitação em meu estômago e tento convencer minha mente de que é fúria derretida. Raiva incandescente em vez de medo estremecedor.

De alguma forma, em meio à dor horrível que contamina todo o meu corpo, consigo largar a arma e pegar a bolsa de joias. Meu braço pulsante e trêmulo queima em agonia enquanto forço os músculos a se levantarem. Ofegante pelo esforço, recuo e jogo o saco inteiro no ar. No momento em que sai da ponta dos meus dedos, uma enorme parede de gelo irrompe, congelando as pontas dos meus dedos.

Ele se espalha pelo chão em menos de um segundo, cortando a gosma e os embriões de monstros mortos aos meus pés. Ele sobe em uma parede e começa a se curvar como um arco-íris congelado logo acima da cabeça do filho da puta. A fera tenta se mover para o lado, para desviar da parede de gelo, mas ela se aproxima por todos os lados, cercando-o, encerrando-o.

Ouçõ um estalo quando a parede de gelo atinge o outro lado do chão, completando a jaula que formou. A cúpula congelada aprisiona o monstro solidamente e, no segundo em que isso acontece, a agonia que ferve em minhas veias para, como se seu poder só funcionasse através do ar livre, como se não conseguisse passar pelo líquido congelado.

Todos os meus membros imediatamente cedem de alívio e eu caio no chão, incapaz de permanecer em pé. O ar entra e sai dolorosamente de meus pulmões, bruscamente, enquanto meu corpo tenta recuperar alguma aparência de normalidade.

Não consigo me mover por um minuto enquanto recupero o fôlego. Tudo o que posso fazer é olhar para o monstro que está batendo nas paredes de gelo de sua prisão.

E não consigo deixar de pensar em uma lojinha em que entrei uma vez, em busca de roupas. Encontrei prateleiras de camisetas I Love NY e as trouxe de volta para a resistência. Mas dentro daquela lojinha destruída também havia prateleiras cheias de itens estranhos e inúteis. Estruturas de acrílico com pequenos prédios dentro delas. Cúpulas com o horizonte da cidade cheio de água. Se você os sacudisse, a cidade parecia estar sob uma tempestade de neve.

É disso que minha visão atual me lembra: uma bugiganga ridícula de antigamente.

Eu não posso deixar de rir.

Levantando-me e limpando as mãos cobertas de lodo na camisa, procuro minhas armas. Minha besta e setas ainda estão nas minhas costas. Minha arma foi tão inundada de limo que se tornou inútil.

Mas quando dou um passo à frente e vejo a sacola cheia de joias sobre um ladrilho limpo, inclino a cabeça.

Os cordões ainda estão bem apertados.

A bolsa não está aberta.

Se as joias não congelaram o filho da puta... então o que aconteceu?

ALIANA



EU ENCARO PARA O filho da puta enfurecido batendo contra a cúpula de gelo por um último momento, antes de sair do meu torpor.

“Idiota,” eu me repreendo enquanto coloco a bolsa de pedras preciosas no bolso e me viro para sair, colocando minha besta no lugar. “Provavelmente havia uma joia solta que já havia caído da bolsa. Foco. Objetivo da missão – Chase.”

Empurro a porta e volto para o corredor, mas depois de verificar as últimas portas e encontrá-las vazias, decido que preciso descer.

Com cuidado, e tão silenciosamente quanto posso, abro a porta da escada de emergência. Mantendo minha besta na frente do rosto, pronta para atirar ou usá-la como escudo improvisado, espio cuidadosamente por cima da borda.

A escada desaparece nas sombras. Eles são grossos, escuros e enjoativos. Arrepios imediatamente salpicam minha pele, como se um vento ártico tivesse soprado durante o pouso.

“Fodidamente ótimo. Creep adoraria isso,” eu sussurro para mim mesma enquanto mantenho minhas costas contra a parede, arma em punho, e cuidadosamente desço até que um dos meus sentidos esteja completamente perdido.

Sem visão, o resto do meu corpo fica em alerta máximo. Cada pequeno som faz meu coração pular e os pelos dos meus braços se arrepiam como se alguém estivesse me perseguindo. O ar fica úmido, talvez até quente – e cheira a uma estranha combinação de almíscar masculino e metal.

Chego a um patamar e quase caio de cara, tropeçando quando meus pés esperam que haja outro passo ali, mas não há nenhum. Eu mordo uma maldição enquanto mantenho uma mão segurando minha besta no alto e arrasto a outra mão pela parede de tijolos, procurando... Aí está.

O metal liso de um batente de porta. Isso é para um dos espaços do armazém? Um chão de matança? Não sei. Deixo minha mão varrer

lentamente a porta enquanto meus ouvidos tentam decifrar se há alguém na sala. A alça de metal fria e dura está travada.

Porra.

Eu realmente poderia usar essa arma agora.

Um barulho repentino de raspagem me faz deslizar de volta para o canto, com a besta erguida. Um baque soa, quase como se uma porta se fechasse em algum lugar.

Respiro fundo e prendo o ar, me preparando. Alinho minha besta pelo tato, mesmo que mal consiga ver.

Uma luz pisca na parte inferior da minha visão e inclino a cabeça em direção a ela, concentrando-me nela. Demoro um momento para perceber que está a pelo menos seis metros de distância e bem abaixo dos meus pés, e percebo que estou em um patamar no andar principal, mas o prédio não termina aqui. Há um nível subterrâneo também, com uma escada que leva até ele bem na minha frente.

Engulo em seco enquanto olho para a luz e vejo Filia segurando uma lanterna no alto. Sua pele de ébano quase esconde a luz, mas seus cílios laranja-vivos quase brilham, banhados nela.

Meu coração pula de alegria ao ver o primeiro monstro que me mostrou bondade. Saber que ela está viva. Ileso. Minha boca se abre, o instinto de chamá-la surge.

Mas o que ela está fazendo *aqui* ?

Esse pensamento me faz congelar no lugar.

Ela está com eles? Ela ajudou a trair o Devorador?

Ela não poderia ter feito isso. Não consigo correlacionar o monstro doce e risonho que conheço com alguém que tentaria prejudicar a fera que a protegeu por tantos anos. Filia *adorava* Dev. Pelo menos foi nisso que eu acreditei...

“Vamos acabar logo com isso.” Sua voz me faz pular no ar. “Eu não posso acreditar que ele já não matou aquele maldito Terror e convidou os outros aqui – ele está apenas dominando eles agora. Porra, se masturbando. Se ele demorar muito para ligar, ele perderá a chance. Vou estripar o Homem Vazio em dois segundos, sem arrependimentos.”

O tom de Filia é tão afiado quanto uma lâmina de serra.

“Droga, Fil. Estamos nos sentindo vingativos, não é? Uma voz sem corpo chega até mim e eu olho ao redor, procurando quem fala.

Não vejo nenhuma, até ver uma aranha turquesa de sessenta centímetros de comprimento rastejando pelo teto logo acima da cabeça de Filia.

“Aquele filho da puta vestiu a pele da minha irmã e pulou bem a tempo de ela ser comida por um verme da areia”, responde Filia.

Meu estômago se revira de horror, embora isso pareça o tipo de coisa cruel que o Homem Vazio faria. Mas eles não percebem que a única razão pela qual o Homem Vazio foi capturado é porque ele está preso em um corpo humano? Eles não se importam com a pessoa inocente que ele possui?

Innocent pode ser um pouco exagerado para Chase – ele é um merda arrogante – mas não se parece em nada com o Homem Vazio. Ele pode ter uma mistura de covardia e bravura e muita arrogância. Mas ele não é inútil.

Ele não merece isso.

Ninguém faz.

Morrer pelos pecados de outra pessoa?

Foda-se isso.

“Ele vai ser tão fácil de acabar com a poção da Bruxa do Sino”, diz Filia.

“A pele humana acabou com ele”, canta a aranha alegremente.

Então eles sabem. A determinação fria desce pela minha espinha e se transforma em fúria. Repugnância. Nojo.

“Posso comer os dedos dele pelo menos?” a aranha pergunta.

“Você também pode ficar com o pau dele”, responde Filia.

A dupla ri enquanto continua pelo corredor. Quero correr atrás deles, atirar neles e acabar com a ameaça imediatamente, mas primeiro preciso saber para onde eles estão indo. E se Em e Chase nem estiverem neste prédio?

Desço as escadas com cuidado, tropeçando duas vezes no escuro quando a lanterna se afasta. Quando chego ao fundo, toda a metade inferior das minhas costas está coberta por uma camada de suor nervoso, grudando minha camiseta cinza na pele.

Engulo em seco e começo a andar pelo corredor, uma mão na parede, a outra na besta, como antes. Desta vez, percebo que não há batentes de porta. Não há rachaduras na parede que se ramificam em outros corredores. Este corredor estreito parece levar apenas em uma direção, o que significa que se alguma coisa surgir atrás de mim... estou frito.

Tento respirar continuamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca, tento dizer a mim mesmo para observar pequenos detalhes, como o musgo crescendo em alguns tijolos da parede ou a queda na temperatura.

Devemos ir para a clandestinidade.

Terei que lutar para entrar. E então, se conseguir alcançar Chase, terei que lutar para sair.

Foda-se.

Coloco minha besta no ombro e enfio a mão no bolso. Pego duas joias aleatórias da bolsa e as toco.

Não tenho tempo para brincar.

Vou apenas deixar essas joias fazerem seu trabalho e entrarem e saírem de forma rápida e limpa - como um ferimento de faca afiada. Eles não sentirão a dor até que eu já tenha ido embora.

Inspiro profundamente quando vejo a borda de uma porta aberta na minha frente, a luz da lanterna se espalhando pelas bordas. A tensão aperta minha coluna e de repente preciso fazer xixi.

É isso.

Tenho que deixar de lado as reações idiotas do meu corpo e me concentrar na adrenalina que sempre acompanha aqueles sintomas menos agradáveis antes da luta.

Eu me dou um discurso mental enquanto tento chegar silenciosamente mais perto da porta, cada pé plantado com cuidado e lentidão. Calcanhar para os dedos.

Não jogue imediatamente uma joia neles. Certifique-se de que haja distância entre eles e Chase primeiro.

Plano definido, chego à beirada da porta e a abro.

Filia imediatamente se vira de onde está, bem na frente de um corpo caído. Um olhar é suficiente para ver os cachos dourados de Chase.

“Ei, Fília. Você sabe onde fica o banheiro neste lugar? Eu pergunto, deixando meus olhos arregalados e estúpidos.

Sua boca se abre por um segundo antes que sua amiga aranha turquesa venha se balançando em minha direção, lançando-se do teto usando um pedaço de teia. Só noto que esta aranha tem cabeça de veado quando está quase em cima de mim. A estranha combinação me faz estremecer, mas

essa é minha única reação antes de jogar um peridoto brilhante bem na barriga da aranha.

A joia verde brilha intensamente antes de se transformar em uma teia feita de vinhas. Ele envolve a aranha-cervo contra o teto quase que instantaneamente. E então as veias começam a engrossar, ficando maiores, adicionando espinhos, pressionando contra o corpo da aranha até que um som estridente e estridente de dor escapa. As pernas peludas da aranha pendem pelas fendas das trepadeiras que se entrecruzam.

Filia está congelada em estado de choque.

Isso não é útil.

Eu preciso que ela se mova.

Eu preciso incitá-la à raiva.

Eu estendo a mão e agarro uma das pernas da aranha-veado, arrancando-a e jogando-a para Filia para que ela caia em seus pés.

“Foi você quem quis dedos? Ou foram idiotas?”

Os ombros espetados de Filia estão sempre na altura das orelhas, mas sobem ainda mais em sua fúria.

"Eu vou matar você!" ela grita enquanto suas pernas em forma de garras de pássaro rastejam pelo chão em minha direção.

Viro-me e saio correndo em direção à porta, agindo como se estivesse com medo, como se fugir fosse minha única opção. O calor surge pela minha barriga, pelas minhas bochechas, enquanto meu coração quase explode.

A mão de Filia bate nas minhas costas e eu a sinto roçar minhas armas. Estou sem tempo. Esperançosamente, há distância suficiente de Chase—

Eu me viro rapidamente e enfio a última gema em sua barriga antes de dar a volta e fazê-la tropeçar, fazendo-a cair em cima dela.

Distância. Fique longe! Grito comigo mesmo enquanto corro para trás, meu tornozelo latejando com o impacto de suas garras.

Filia solta um uivo de raiva e começa a se levantar do chão.

Que porra é essa?

Por que a joia não está explodindo?

Foi um fracasso?

Há algo de errado com isso?

Porra.

Porra.

Eu me atrapalho com a bolsa no bolso, tremendo enquanto agarro os fios emaranhados.

Filia se ajoelha e vira a cabeça para me encarar por cima do ombro. A fúria gira intensamente em seus olhos, e posso ver a violência fermentando neles, a promessa de morte.

Eu pego minha besta—

Uma ponta de cristal ônix surge do chão, perfurando a mandíbula de Filia, estilhaçando seu rosto em uma daquelas horríveis pinturas abstratas que Dev tem em sua casa – globos oculares e nariz reorganizados nos lugares errados. O cristal só para de crescer depois de perfurar o topo de seu crânio e ficar ali, como um chapéu feio e manchado de sangue.

Eu bato minha besta no meu peito arfante, tentando controlar meus batimentos cardíacos e fazer minhas têmporas pararem de latejar violentamente. Demora um minuto para que meus sentidos parem de me atacar com seus sinais de perigo e percebam que agora tudo acabou.

Bem, a primeira parte acabou. Encontrei o cavalheiro em perigo. Agora, tenho que resgatá-lo. Assustada com a luta que provavelmente ocorrerá para me tirar desta fortaleza monstruosa, ando lentamente até Chase, que ainda está caído no chão.

Seu cabelo está tão sujo e manchado de sangue que apenas algumas partes são loiras e douradas. Sua pele não está melhor. Eu não acho que ele poderia lidar com mais um hematoma. Parece que todas as suas veias já foram esvaziadas sob a pele.

Deus, o que ele deve ter passado.

Minha garganta fica apertada quando me agacho na frente dele.

"Perseguir?" Pergunto suavemente enquanto olho para seu corpo nu e observo a infinidade de cicatrizes. O dedo perdido. O ferimento de faca em seu abdômen que traz à tona uma onda de empatia daquela em minha própria barriga. "Perseguir? Você ainda está aí, idiota?"

Ele não responde.

“Vamos, seu filho da puta idiota. Acorde para que possamos discutir. Acorde para que possamos lutar como nos velhos tempos.”

Não o vejo respirando.

Caramba, caramba.

Estou muito atrasado?

"Vazio?" Eu pergunto, me perguntando se o poltergeist ainda está aqui.

Olho para a lanterna que Filia colocou no chão depois que ela entrou. Eu olho para ele com expectativa, procurando por uma centelha, por algo que se incendeie ou apague.

Nada acontece.

Um dos meus joelhos afunda no chão. Solto minha besta e meu punho chega à boca. Meus dentes esmagam minha mão e eu reprimo um grito literal que rasga minha garganta e tenta escapar com toda a força de um tornado.

Estou atrasado.

Eu falhei.

Vim até aqui só para falhar.

A miséria enche meus olhos de lágrimas e tento, mas não consigo piscar para contê-las. Eu me movo para levantar minha mão esquerda para afastá-los, mas algo a segura.

O que?

Viro-me para ver a mão de Chase apertando a minha. Meu queixo cai, e todo o ar da sala de repente enche meus pulmões de uma só vez, inflando-os como hélio em um balão.

Seus olhos verdes se abrem e eu caio de joelhos, inclinando-me para frente, segurando seu rosto estupidamente precioso em minhas mãos.

"Você está vivo," eu sussurro.

"Você veio atrás de mim", ele responde com uma voz tão enferrujada quanto todas as máquinas deste lugar.

Começo a rir em meio às lágrimas de puro alívio quando ele sobe e seus lábios quentes pressionam os meus.

O medo, a tensão que estava enrolada dentro de mim, é liberada. Algo estranhamente quente e suave floresce em seu lugar – um tipo de ternura que nunca pensei que seria possível com ele. Ele se desenrola como uma pequena flor, fina e incerta, um botão que ainda não resistiu à geada ou às tempestades – delicado e frágil.

Eu me afasto primeiro enquanto procuro os olhos do homem abaixo de mim.

Quem acabou de me beijar?

Este é Chase... ou o Homem Vazio?

O GROTESCO



EU SABIA QUE ISSO ERA UMA ARMADILHA! Eu sabia disso e os outros também. Eu pedi cautela. Sugeri que esperássemos, reuníssemos informações e mandássemos Fluffy farejar a área.

Mas algum desses idiotas me ouviu?

Não.

Eles insistiram que entrássemos de cabeça na batalha, que somos fortes o suficiente para lutar contra dezenas e dezenas de monstros de baixo escalão, que isso seria um passeio no parque.

Mas será que eles consideraram o medo profundamente enraizado que contamina todas as nossas almas ao pensar em Aliana sozinha em algum lugar deste inferno? Lutando contra monstros? Não, eles não. E se o fizeram, são uns idiotas por concordarem com este plano em primeiro lugar.

Mal consigo me concentrar quando um monstro peludo de sessenta centímetros de altura – que estranhamente se parece com um urso rosa com cara de guaxinim – se lança sobre mim, lançando-se de uma das esteiras transportadoras.

Sua boca feia se abre e posso ver seus dentes longos e serrilhados. Sua mandíbula aperta minha panturrilha, mas eu facilmente chuto o idiota para longe. Sua cabeça bate em uma das gigantescas lâminas semelhantes a uma guilhotina suspensas ao redor da sala, e seu pescoço estala doentivamente.

Porra, eu preciso chegar até Aliana. Preciso ver com meus próprios olhos se ela está bem, ilesa, viva. A ideia de algo acontecer com ela...

Um calafrio sobe e desce pela minha espinha. Estremeço instintivamente só com a perspectiva de encontrar seu corpo morto e quebrado.

Não!

Recuso-me a considerar essa possibilidade. Aliana está viva e está esperando que terminemos isso. Felizmente, ela encontrou o maldito

menino de ouro e foi capaz de libertá-lo.

Então, todos nós nos reuniremos novamente em minha casa segura... e eu me divertirei torturando o Homem Vazio pelo que ele fez ao meu companheiro.

Não sei se é apenas porque meus nervos já estão em frangalhos, meu corpo ondulando de tensão, mas quando fecho os olhos, imagino Aliana no chão, o terror estampado em seu rosto. E eu vejo o idiota loiro andando em direção a ela, aquela lâmina estendida...

Porra!

Pego outro monstro – este da minha altura, mas da largura de um galho, com corpo cinza e viscoso – e rasgo-o ao meio. A criatura emite um som agudo e agudo, embora o ruído seja rapidamente eclipsado pelo rompimento de ossos, tendões e músculos.

As duas metades do monstro parecido com um galho caem no chão aos meus pés, e um cheiro enjoativo de pétalas de rosa enche minhas narinas enquanto seus órgãos se espalham. Por que alguns monstros evoluíram para exalar cheiros bonitos quando mortos é um mistério. Um que não me importo de resolver.

Posso ouvir a batalha acontecendo ao meu redor – Creep e Dev estão no meio dela, os rosnados de Dev são inconfundíveis. Mas os dois podem cuidar de si mesmos.

Aliana precisa de mim.

Ou talvez...

Talvez *eu* precise *dela* .

Meu cérebro está positivamente consumido por pensamentos sobre a linda garota de cabelos pretos e brancos com olhos que parecem penetrar minha alma. Não consigo me concentrar em mais nada, não consigo me concentrar. Ela é um veneno que de alguma forma se infiltrou em minhas veias, mas sei que a morte pelas mãos dela será a dor mais doce que se possa imaginar.

Aliana...onde você está?

Vou para o lado da sala, passando por uma esteira rolante sinuosa e passando por uma máquina gigante e enferrujada. Vejo uma porta. E o alívio corre instantaneamente pelas minhas veias, tão potente e refrescante quanto uma rajada de vento.

Por ali. Preciso passar pela porta e sair daqui para chegar ao meu companheiro. Empurro a enorme porta de metal com força suficiente para que ela ricocheteie na parede, quebrando o gesso. Meu peito se agita enquanto luto para manter minha respiração irregular sob controle.

Eu preciso encontrá-la.

Preciso salvá-la.

Preciso ter certeza de que ela está bem.

Eu sei que Aliana é durona – posso ver a lutadora nela emanando daquele olhar azul penetrante. Ela viveu uma vida difícil, mas isso só me deixa ainda mais desesperado para protegê-la, para banir aquelas sombras que se infiltram logo abaixo de sua fachada atrevida. Uma rainha como ela não deveria conhecer dor, nem angústia, nem medo.

Eu não queria deixá-la ir sozinha mais cedo. E agora estou me arrependendo porque cada segundo me preocupando com ela é pura agonia. Dou um passo à frente.

Os gritos, rosnados e berros se dissipam atrás de mim enquanto as enormes portas de metal se fecham com um barulho retumbante. O silêncio repentino é quase chocante. Tudo o que consigo ouvir são as batidas do meu coração, o sangue escorrendo entre meus ouvidos e minha própria respiração irregular.

Parece que estou em um longo corredor repleto de escritórios. Tudo está dilapidado e degradado, embora eu note um tanto tardiamente que não parece haver poeira, quase como se esta área específica da fábrica tivesse sido usada frequentemente por seus novos habitantes monstruosos. O chão de cimento cinza está surpreendentemente limpo, com apenas algumas manchas de sujeira manchando a superfície.

Meus passos parecem ameaçadoramente altos enquanto ando em frente, procurando em cada cômodo por minha doce companheira.

Onde diabos ela está?

Conheço o plano – sei que ela está em algum lugar deste prédio procurando por Chase e o Homem Vazio – mas não tenho ideia de onde essa caçada a levará. E se ela involuntariamente se encontrar no meio de uma luta que não consegue vencer? Ela é forte... mas será forte o suficiente para enfrentar uma dúzia de monstros, todos determinados a despedaçá-la?

O medo por ela acelera meu ritmo e martela meu coração.

Cada cômodo que olho apenas aumenta meu desconforto.

Por que diabos eles são tão... limpos? Onde estão as janelas quebradas, as paredes pichadas, os pisos sujos, as mesas destruídas?

Monstros, por padrão, não são o grupo mais limpo. Por que diabos nos preocuparíamos com coisas como varrer e esfregar quando o chão ficará manchado de sangue algumas horas depois?

Algo não está certo.

Aquela pontada de ansiedade que senti antes — aquela que gritou comigo e atingiu minha consciência quando entramos pela primeira vez nesta fábrica — retorna com força total. Estou mais desesperado do que nunca para chegar até Aliana. Eu preciso vê-la. Não é apenas um desejo, mas uma *necessidade intrínseca*. Segurá-la em meus braços é tão vital para mim quanto respirar.

Onde você está, menina?

Meu coração bate forte nas costelas, me sentindo distintamente como um carro de corrida de antes, desviando do curso e batendo nas arquibancadas lotadas, quando percebo passos.

Atrás de mim.

E na minha frente.

Um rosnado baixo, que deixaria o Devorador orgulhoso, sobe pela minha garganta quando uma cadela rosa familiar sai de um dos escritórios.

Ouvi de Dev que ele arrancou seus tentáculos, e a visão de seus tocos protuberantes fez com que um sorriso malévolo aparecesse em meus lábios. A raiva e o ódio em seus olhos são inconfundíveis quando ela olha para mim, o nariz inclinado para cima, os lábios curvados em altivo desdém.

“Você é ainda mais horrível de perto”, ela reflete com sua voz estridente e áspera.

Ele arranha meus ouvidos como garras.

A certa altura, posso ter ficado magoado com sua declaração sincera — só um pouco, embora nunca tenha deixado isso transparecer em meu rosto.

No entanto, vi a forma como Aliana olha para mim, a luxúria escurecendo suas íris e expandindo suas pupilas. Eu senti o jeito que ela se transformou em massa em minhas mãos. Seu corpo era dócil e flexível sob meus dedos enormes e monstruosos. Ela não se esquivou nem gritou.

Ela parecia... me querer.

Tudo de mim.

Nada que Mishika diga agora pode mudar isso. Eu não dou a mínima para a opinião dela sobre mim, não quando minha doce companheira olha para meu rosto mascarado como se eu fosse o homem mais bonito do mundo.

“Diz a boceta com braços desmembrados,” eu rosno, apreciando o jeito que ela empalidece com o lembrete.

De onde diabos ela veio? A última vez que a vi, ela estava levando uma surra de Dev e Creep. Ela me seguiu?

“Isso é o máximo que já ouvi você dizer”, ela reflete, reorganizando rapidamente suas feições para parecer perplexa com meu insulto. “Parece que sua linda companheira humana está contagiando você.”

A tensão percorre meu corpo como uma injeção de heroína injetada diretamente na minha corrente sanguínea. Tenho espasmos físicos como se tivesse sido eletrocutado.

Um sorriso frio e calculista surge nos lábios de Mishika. Não devo ter conseguido esconder minha reação rápido o suficiente.

“Temos olhos e ouvidos em todos os lugares, Grotesco. Você não pode confiar em ninguém.” A malícia fria dança em seus olhos enquanto ela dá mais um passo à frente, o fedor de seu perfume lilás quase me fazendo engasgar. “Claro, eu não acho que sua companheira ficará tão bonita quando meus monstros terminarem com ela. Você acha que ainda a amará se ela não tiver pele ou olhos...”

Eu avanço com um grunhido de fúria pura e desenfreada. Pouco antes de minhas garras atingirem o rosto da cadela, uma mão enorme se envolve em mim por trás. Normalmente, eu seria capaz de escapar com facilidade, mas há uma coisa que pode destruir pedras.

Fogo.

E esse monstro?

É um infernal.

Tudo o que consigo ver é um braço formado pelas próprias chamas – vermelhas, laranja, amarelas, todas elas lambendo minha pele. A dor irradia de onde a criatura me toca, provocando um grunhido de pura raiva.

E surpresa, para ser totalmente honesto.

Pensei que todos os infernati tivessem sido exterminados há séculos.

“Pensamos muito sobre isso”, ronrona Mishika. “O que pode matar os Terrores invencíveis? Vocês são poderosos, sim, mas não são invencíveis. Já encontramos uma solução para o Homem Vazio. E Creep e o Devorador?”

Só precisamos de monstros suficientes para dominá-los. Mas você... Você, nós lutamos. O que pode penetrar na pele feita de pedra bruta? O que pode destruir a rocha?” Ela se aproxima como se estivesse compartilhando um segredo comigo. Sua voz é um murmúrio rouco quando ela diz: “Fogo derretido”.

O braço em volta de mim aperta e mais chamas lambem minha pele. É como se eu tivesse sido jogado numa fogueira, num forno, no meio de uma explosão. Embora o calor toque apenas uma parte de mim, a agonia é tão intensa que posso senti-la em todos os lugares, percorrendo meus nervos.

Algo pinga no chão aos meus pés – levo cinco segundos para perceber... que sou eu. Eu estou derretendo. Como a porra da cera de vela.

E embora meu corpo esteja irradiando dor, isso não é nada comparado ao vazio em meu peito, à agonia que lateja em meu cérebro.

Essa puta sabe que Aliana é minha companheira. Se eu tivesse que arriscar um palpite, ela sabe que Aliana também é companheira dos outros Terrores. Eu vi a mão direita de Dev, Filia ou algo assim, na briga com os outros. Não tenho dúvidas de que ela lhes contou tudo o que suspeitava. Traidor desleal e maldito. Dev não a salvou de um aterro sanitário quando ela tinha apenas três anos? Ele não a treinou como evitar vermes da areia? Como domesticá-los?

“Os Terrores não existirão mais”, continua Mishika suavemente. “Um novo reinado de terror está chegando. Barnabé nos levará à grandeza.”

Barnabé?

O nome faz cócegas na minha consciência, evocando imagens de um homem dourado com cauda e chifres dourados. Eu o vi pela última vez... porra, quando foi? Cem anos atrás? Duzentos?

Espere...

O pai do Creep?

Aquele bastardo sádico não está morto?

“E você quer saber com quem o Barnabas vai jogar primeiro? Depois que os Quatro Terrores forem eliminados?” Ela dá mais um passo mais perto até que seus olhos sejam tudo que consigo ver. A repulsa neles é inconfundível. “Seu doce companheiro. Ele está oferecendo riquezas e poder a qualquer um de nós que a capture e a traga para ele.”

Uma fúria como nunca senti antes corre através de mim.

Ninguém – absolutamente ninguém – tem permissão para ameaçar meu companheiro. Vou despedaçá-los membro por membro, arrancar-lhes os baços, cortar-lhes as cabeças dos corpos, esfolá-los vivos. Não há limite para minha depravação se isso significar proteger Aliana.

Mas o monstro de fogo ainda está me agarrando por trás, ainda queimando minha carne rochosa. A fumaça enche minhas narinas e domina meus sentidos quando começo a brilhar em laranja. À medida que começo a amolecer.

Deve. Lutar. Voltar.

Deve. Lutar...

O monstro me agarra por trás, no que quase posso considerar um abraço. Posso sentir cada centímetro de seu corpo pressionado contra o meu.

Agora, meu grito é de agonia enquanto minha pele queima e derrete e queima e derrete.

A escuridão invade os limites da minha visão, curvando-a e distorcendo-a como papel jogado na lareira. A última coisa que percebo é a risada estridente de Mishika antes de ser consumido pelas chamas.

Aliana...

Desculpe.

E então, tudo que sei é fogo.

PRÉ-ENCOMENDA O LIVRO 3 AGORA!

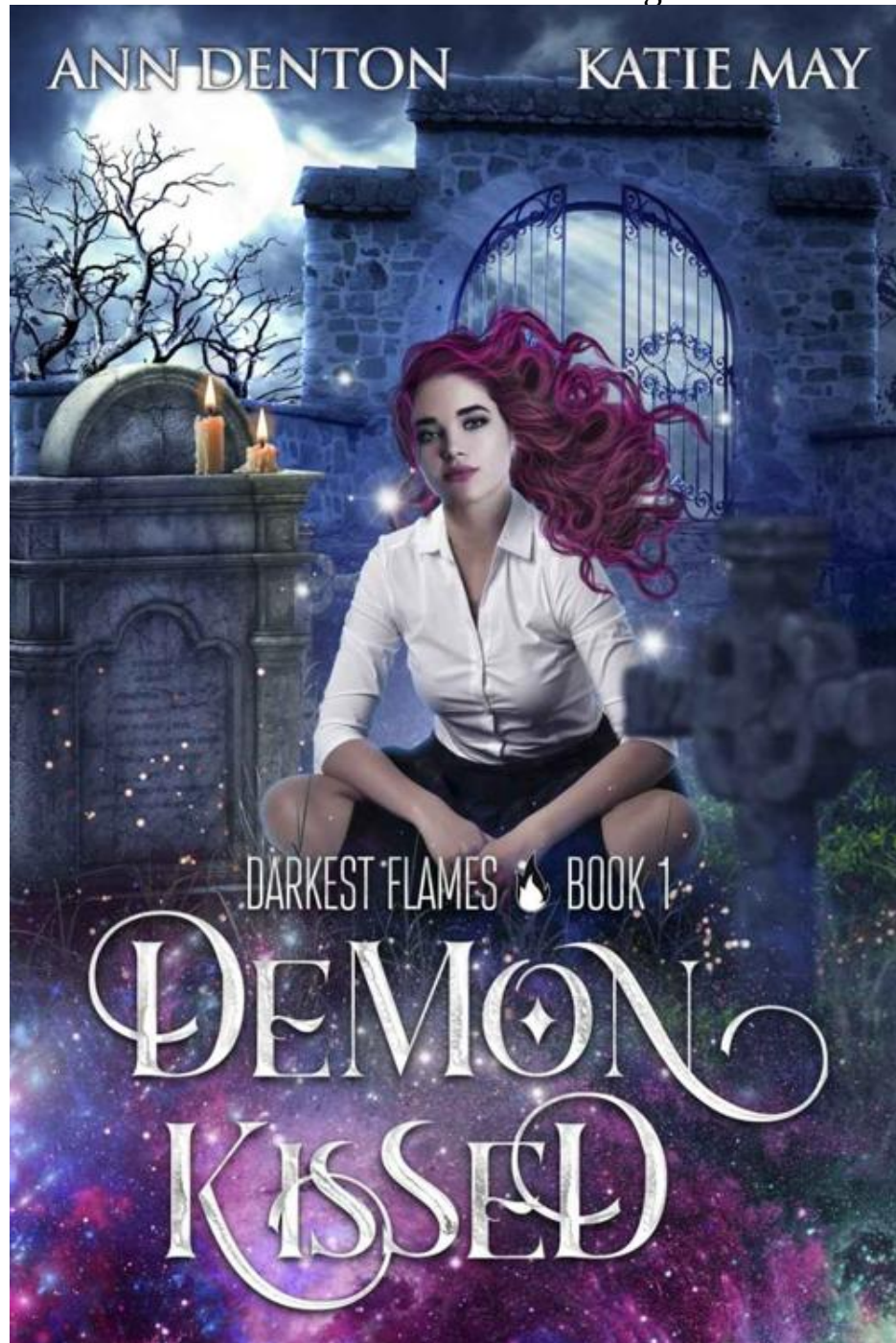
WORSHIPPED *by* MONSTERS

USA TODAY BESTSELLING AUTHORS

KATIE MAY
ANN DENTON

[Encomende o livro 3 agora na Amazon!!!](#)

Quer mais de Katie May e Ann Denton?
Leia a série Darkest Flames agora!



Katrina tenta um feitiço de amor com o cara mais gostoso da escola. Mas opa. É um feitiço de invocação. Agora, cinco demônios fumegantes estão determinados a realizar seus sonhos mais loucos.

Ann Denton

[Inscreva-se no boletim informativo de Ann Denton](#)

[Junte-se ao grupo de leitores do Facebook de Ann Denton](#)



[Inscreva-se no boletim informativo de Katie May.](#)

[Junte-se ao grupo de leitores do Facebook de Katie May.](#)

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a Ashley e Lysanne por nos ajudarem a ajustar as coisas.

Um grande agradecimento a Lindsey Loucks, da Midnight Editing, por nos fazer parecer mais perfeitos do que somos.

E imensa gratidão à talentosa Sanja Balan da Covers by Sanja por esta capa digna de babar.

SOBRE OS AUTORES

Katie e Ann escreveram um zilhão e meio de livros juntas e agora são bastante hábeis em terminar literalmente as frases uma da outra. Um deles é jovem e descolado, enquanto o outro é um velho poltergeist rabugento como o Homem Vazio e apenas se passando por humano. Acontece que ambos pensam que os cães são normalmente melhores que as pessoas e que os namorados dos livros deveriam ser totalmente obsessivos. Obrigado por ler!